

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

DIOGO MARANGON PESSOTTO

**O ESPÍRITO DA EVANGELIZAÇÃO NA *EVANGELII NUNTIANDI* E NA
EVANGELII GAUDIUM: UMA LEITURA PNEUMATOLÓGICA E PASTORAL**

CURITIBA

2017

DIOGO MARANGON PESSOTTO

**O ESPÍRITO DA EVANGELIZAÇÃO NA *EVANGELII NUNTIANDI* E NA
EVANGELII GAUDIUM: UMA LEITURA PNEUMATOLÓGICA E PASTORAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia (Área de Concentração: Teologia Sistemático-Pastoral; Linha de Pesquisa: Teologia e Evangelização na Contemporaneidade), da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

CURITIBA

2017

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

P475e
2017 Pessotto, Diogo Marangon
O Espírito da evangelização na *Evangelii Nuntiandi* e na *Evangelii Gaudium* : uma leitura pneumatológica e pastoral / Diogo Marangon Pessotto ; orientador: Marcial Maçaneiro. – 2017.
187 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2017
Bibliografia: f. 174-187

1. Espírito Santo. 2. Evangelização – Documentos papais. 3. Igreja.
4. Missão da Igreja – Documentos papais. I. Maçaneiro, Marcial. II. Pontifícia
Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia.
III. Título.

CDD 20. ed. – 231.3

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 135
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE
DIOGO MARAGON PESSOTTO

Aos dois dias, do mês de março de dois mil e dezessete, às dez horas reuniu-se na sala de Defesa - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Marcial Maçaneiro, Alex Villas Boas Oliveira Mariano e Geraldo Luiz Borges Hackmann, para examinar a dissertação do candidato Diogo Maragon Pessotto, ingressante no programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e quinze. Linha de pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: O ESPÍRITO DA EVANGELIZAÇÃO NA *EVANGELII NUNTIANDI* E NA *EVANGELII GAUDIUM*: UMA LEITURA PNEUMATOLÓGICA E PASTORAL. O Candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, o Candidato foi aprovado "com louvor" pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 11 h 50 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

MMaçaneiro

Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Alex Villas Boas Oliveira Mariano

Alex

Convidado Interno

Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann

geraldo Luiz Borges Hackmann

Convidado Externo

Agenor

CIENTE

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*

PPGT - PUCPR



Com amor, à minha esposa Andressa
A meus pais, Euclides e Theresinha
Aos evangelizadores de ontem, de hoje e de amanhã

AGRADECIMENTOS

Ao *Deus-Trindade*, princípio e fim de nossas vidas, cujo amor e misericórdia me alcançaram e continuam a me sustentar na vida e na missão. “Porque tudo é dele, por ele e para ele. A ele a glória pelos séculos! Amém” (Rm 11,36).

À *minha esposa Andressa*, que comigo vive a cada dia a vocação ao amor no Amor que é Deus. Minha gratidão por seu apoio incondicional, seu cuidado e sua generosidade. Ajude-nos o Senhor a continuarmos construindo nossa “casa sobre a rocha” (Mt 7,24). Estarei sempre contigo.

À *minha família*, especialmente aos *meus pais*, Euclides e Theresinha, que me ensinaram, muito mais com o exemplo do que com as palavras, que o bem viver implica assumir valores e escolher caminhos, principalmente o da experiência da fé. Minha gratidão para sempre.

Ao *Prof. Dr. Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ*, que me orientou nesta pesquisa. Obrigado por sua disponibilidade, dedicação e amizade. Acolhendo-me como orientando, o senhor contribuiu decisivamente para a realização desta pesquisa e, principalmente, para minha formação teológica. Muito obrigado.

À *PUCPR* e a seu *Programa de Pós-Graduação em Teologia*, na pessoa de seu Coordenador, *Prof. Dr. Pe. Agenor Brighenti*. Agradeço aos Professores, Colaboradores e Alunos do referido Programa pela amizade, convivência e partilha do conhecimento.

A *Dom Francisco Carlos Bach*, Bispo Diocesano de São José dos Pinhais, que me apoiou e encorajou no desenvolvimento desta pesquisa. Muito obrigado.

Ao *Prof. Dr. Mons. Antonio Luiz Catelan Ferreira*, que motivou e colaborou com a elaboração inicial do tema e dos objetivos desta pesquisa e forneceu-me preciosas referências. Obrigado por seu apoio e amizade.

Ao *Prof. Dr. Pe. Antonio José de Almeida*, cujas orientações auxiliaram-me no aprofundamento dos temas eclesiológicos pertinentes à pesquisa.

Ao Prof. Dr. Alex Villas Boas Oliveira Mariano (PUCPR) e ao Prof. Dr. Pe. Geraldo Luiz Borges Hackmann (PUCRS) pela disponibilidade de participação nas bancas de qualificação e defesa e pelas valiosas contribuições à pesquisa.

À Direção do Colégio Marista Paranaense de Curitiba, pelo incentivo e abertura para a realização deste trabalho.

À Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, pela possibilidade de acesso à sua biblioteca e pesquisa em seu acervo. Obrigado.

Ao Instituto Paolo VI de Brescia, na pessoa do Sr. Lino Albertelli, pela acolhida para um período de estudos e disponibilização de significativos materiais para a dissertação.

Ao amigo Osmar Resende, pela parceria nos estudos e na reflexão teológico-pastoral neste período do mestrado. Muito do que partilhamos encontra-se presente nesta escrita.

A todos os amigos e amigas que até aqui contribuíram com a minha formação e mostraram-me as alegrias e os desafios de evangelizar na força do Espírito Santo.

Deus abençoe a todos.

“Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo [...] o Espírito Santo é o agente principal da evangelização: é ele, efetivamente, que impele para anunciar o Evangelho, como é ele que no mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação.”

(PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 75)

“Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo [...] sei que nenhuma motivação será suficiente se não arde nos corações o fogo do Espírito. Em suma, uma evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo, já que Ele é a alma da Igreja evangelizadora.”

(FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 259-260)

RESUMO

A evangelização é um dos temas teológicos centrais do pós-Vaticano II. A eclesiologia conciliar redimensionou a relação entre o ser e o agir da Igreja numa perspectiva trinitária e à luz dos conceitos de *aggiornamento* e diálogo, explicitando a natureza missionária da Igreja, sacramento da salvação, sinal e testemunha da comunhão com a Trindade. O magistério posterior ampliou a reflexão teológico-pastoral sobre a missão eclesial expressa pela noção de evangelização. Destacam-se Paulo VI e Francisco e suas Exortações Apostólicas *Evangelii Nuntiandi* (EN) e *Evangelii Gaudium* (EG), respectivamente. Estas dedicam especial atenção ao espírito da evangelização, que é, em última análise, o Espírito Santo, “agente principal da evangelização” (EN 75) e “alma da Igreja evangelizadora” (EG 261). A primazia do Espírito na missão convida-nos a uma dupla releitura: a dos elementos pneumatológicos evidenciados pelo Concílio e a da experiência do Espírito no contexto da Igreja. Assim, os textos de EN e EG solicitam uma leitura pneumatológica dos magistérios de Paulo VI e Francisco com vistas à compreensão de suas perspectivas para a missão eclesial. Dito isto, a presente pesquisa procura analisar os elementos pneumatológicos referidos na noção de evangelização na EN e na EG, mediante o exame de suas ocorrências explícitas e implícitas ali postas, pontuando ênfases e distinções entre as Exortações. A pesquisa é qualitativa quanto à abordagem, aplicada quanto à natureza e exploratória quanto aos objetivos, preconizando, em sua conclusão, uma análise comparativa das Exortações. Quanto às fontes, a pesquisa é documental e bibliográfica, valendo-se das reflexões de Congar (2010), Galli (2015), Hackmann (1998) e outros autores qualificados. As teologias da evangelização da EN e da EG supõem a complexidade da noção em questão. Todavia, alguns aspectos são valorizados sobremaneira: na EN, a relação Cristo-Igreja-evangelização, a proeminência do anúncio, a transformação interior, o testemunho e o binômio evangelização-promoção humana; na EG, a “saída” missionária da Igreja, a conversão pastoral, o povo de Deus evangelizador, o querigma e a dimensão social da evangelização. Os últimos capítulos das Exortações, eminentemente pneumatológicos, encaminham-nos para o retorno aos seus textos e consequente leitura e análise, em perspectiva pneumatológico-trinitária, dos elementos relativos à evangelização. Auxiliam-nos nessa discussão o corpo textual do Vaticano II relevante ao tema e o magistério do pós-Concílio a partir de alguns princípios pneumatológicos. À primazia do Espírito Santo na evangelização associa-se a necessidade de uma autêntica e dócil abertura dos evangelizadores à ação do mesmo Espírito. Fiel ao mandato de Jesus, a Igreja procura anunciar o Evangelho conformando-se a Ele, pela ação do Espírito Santo, a fim de que a evangelização não prescindia do testemunho da vida. Cristo foi ungido pelo Espírito para o anúncio da Boa-Nova (Lc 4,18). Assim também a Igreja nascente em Pentecostes foi impelida a evangelizar na força e poder do Espírito Santo (At 2). O Espírito da evangelização na EN e na EG, portanto, exprime uma pneumatologia missionária cujos elementos explicitam os nexos entre o Espírito Santo, a Igreja e a missão, reafirmando o Espírito como co-instituente da Igreja e protagonista da missão.

Palavras-chave: Espírito Santo. Evangelização. *Evangelii Nuntiandi*. *Evangelii Gaudium*. Igreja.

ABSTRACT

Evangelization is one of the central theological themes of the post-Vatican II. Conciliar ecclesiology has re-dimensioned the relationship between the Church's being and action in a trinitarian perspective and in the light of the concepts of *aggiornamento* and dialogue, explaining the missionary nature of the Church, the sacrament of salvation, a sign and witness of communion with the Trinity. The later magisterium extended the theological-pastoral reflection on the ecclesial mission expressed by the notion of evangelization. Of particular note are Paul VI and Francis and his Apostolic Exhortations *Evangelii Nuntiandi* (EN) and *Evangelii Gaudium* (EG), respectively. They devote special attention to the spirit of evangelization, which is ultimately the Holy Spirit, "the main agent of evangelization" (EN 75) and "the soul of the evangelizing Church" (EG 261). The primacy of the Spirit in the mission invites us to a double re-reading: that of the pneumatological elements evidenced by the Council and the experience of the Spirit in the context of the Church. Thus, the EN and EG texts request a pneumatological reading of the magisteries of Paul VI and Francis, aiming at understanding their perspectives for the ecclesial mission. That said, the present study seeks to analyze the pneumatological elements referred to in the notion of evangelization in EN and EG, by examining its explicit and implicit occurrences therein, punctuating emphases and discontinuities between the Exhortations. That said, the present study seeks to analyze the pneumatological elements referred to in the notion of evangelization in EN and EG, by examining their explicit and implicit occurrences, punctuating emphases and discontinuities between the Exhortations. The study is qualitative regarding the approach, applied in nature and exploratory regarding the objectives, recommending, in its conclusion, a comparative analysis of the Exhortations. As for the sources, the study is documental and bibliographical, using the reflections of Congar (2010), Galli (2015), Hackmann (1998) and other qualified authors. The theologies regarding the evangelization of EN and EG assume the complexity of the notion in question. However, some aspects are highly valued: in EN, the relationship between Christ-Church-evangelization, the prominence of the proclamation, the inner transformation, the witness and the binomial evangelization-human promotion, and, in EG, the missionary "exit" of the Church, the pastoral conversion, the evangelizing people of God, the kerygma and the social dimension of evangelization. The last chapters of the Exhortations, eminently pneumatological, lead us to the return to their texts and consequent reading and analysis, from a pneumatological-trinitarian perspective, of the elements related to evangelization. The textual body of Vatican II relevant to the theme and the post-Council magisterium are aided by the discussion of certain pneumatological principles. The primacy of the Holy Spirit in evangelization is associated with the need for an authentic and docile openness of the evangelizers to the action of the same Spirit. Faithful to the mandate of Jesus, the Church seeks to proclaim the Gospel by conforming to it, through the action of the Holy Spirit, so that evangelization does not spare the witness of life. Christ was anointed by the Spirit to announce the Good News (Lk 4, 18). So too the Church at Pentecost was impelled to evangelize in the force and power of the Holy Spirit (Acts 2). The Spirit of evangelization in EN and EG, therefore, expresses a missionary pneumatology whose elements explain the nexuses between the Holy Spirit, the Church and the mission, reaffirming the Spirit as a co-institute of the Church and protagonist of the mission.

Keywords: Holy Spirit. Evangelization. *Evangelii Nuntiandi*. *Evangelii Gaudium*. Church.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i>
AAS	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
AG	Decreto <i>Ad Gentes</i>
CAT	<i>Catecismo da Igreja Católica</i>
CD	Decreto <i>Christus Dominus</i>
CTI	Comissão Teológica Internacional
DAp	<i>Documento de Aparecida</i>
DCE	Carta Encíclica <i>Deus Caritas Est</i>
DeV	Carta Encíclica <i>Dominum et Vivificantem</i>
DH	Declaração <i>Dignitatis Humanae</i>
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
ES	Carta Encíclica <i>Ecclesiam Suam</i>
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
MM	Carta Apostólica <i>Misericordia et Misera</i>
PF	Carta Apostólica <i>Porta Fidei</i>
PO	Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i>
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>
SC	Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 EVANGELII NUNTIANDI: EVANGELIZAR SOB A INSPIRAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO.....	21
1.1 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS FUNDAMENTAIS.....	23
1.1.1 O Concílio Vaticano II.....	25
1.1.1.1 O <i>aggiornamento</i> da Igreja.....	26
1.1.1.2 A eclesiologia conciliar.....	28
1.1.2 O Sínodo de 1974.....	31
1.1.2.1 A questão sinodal central.....	32
1.1.2.2 As diferentes tendências.....	34
1.1.3 Giovanni Battista Montini.....	35
1.1.3.1 O pontificado de Paulo VI.....	37
1.2 EVANGELIZAR: GRAÇA, VOCAÇÃO E IDENTIDADE DA IGREJA.....	40
1.2.1 A dimensão cristológico-eclesiológica fundamental.....	41
1.2.1.1 O Cristo evangelizador.....	41
1.2.1.2 A Igreja evangelizadora.....	43
1.2.2 Evangelização: uma realidade complexa.....	45
1.2.2.1 Uma nova humanidade.....	46
1.2.2.2 Evangelização e cultura.....	47
1.2.2.3 O testemunho da vida.....	49
1.2.2.4 O anúncio explícito de Jesus Cristo.....	51
1.2.2.5 Adesão ao Evangelho, comunidade eclesial e apostolado.....	52
1.2.2.6 Evangelização e libertação.....	54
1.2.2.7 O núcleo dinâmico da mensagem evangelizadora.....	56
1.3 O ESPÍRITO SANTO, PRINCIPAL AGENTE DA EVANGELIZAÇÃO.....	58
1.3.1 O Espírito e a missão de Jesus.....	59
1.3.2 O Espírito e a missão da Igreja.....	61
1.3.3 Testemunhas do Evangelho no Espírito Santo.....	63
1.3.4 O Espírito Santo, promotor da unidade da evangelização.....	64
1.3.5 O Espírito e o fervor dos evangelizadores.....	67
1.4 REFLEXÃO CONCLUSIVA.....	67

2	<i>EVANGELII GAUDIUM: EVANGELIZAR COM ESPÍRITO</i>	69
2.1	PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS FUNDAMENTAIS	71
2.1.1	As raízes conciliares	73
2.1.1.1	A relação entre missão e reforma eclesial	73
2.1.2	A Conferência de Aparecida	75
2.1.2.1	Aportes à nova etapa evangelizadora da Igreja	77
2.1.3	O Sínodo de 2012	79
2.1.3.1	A nova evangelização	81
2.1.3.2	As principais proposições	83
2.1.4	Jorge Mario Bergoglio	85
2.1.4.1	O pontificado de Francisco	89
2.2	EVANGELIZAR: A <i>SAÍDA MISSIONÁRIA</i> DA IGREJA	92
2.2.1	A transformação da Igreja é missionária	92
2.2.2	A primazia do anúncio de Jesus Cristo	95
2.2.2.1	O povo de Deus evangelizador	95
2.2.2.2	Os discípulos missionários	96
2.2.2.3	Evangelização e piedade popular	97
2.2.2.4	A proeminência do querigma	98
2.2.3	A dimensão social da evangelização	99
2.2.3.1	Os pobres e a evangelização	100
2.2.3.2	Os <i>quatro princípios</i>	101
2.3	O ESPÍRITO É A ALMA DA IGREJA EVANGELIZADORA	103
2.3.1	O Espírito e a reforma missionária da Igreja	105
2.3.2	Povo de Deus constituído e congregado no Espírito	108
2.3.3	O querigma e o encontro pessoal com Jesus Cristo	111
2.3.4	Os discípulos missionários na força do Espírito Santo	116
2.3.5	Os carismas e a evangelização	118
2.3.6	A missão e a experiência de ser povo	121
2.3.7	O discernimento no Espírito Santo	123
2.4	REFLEXÃO CONCLUSIVA	124
3	O ESPÍRITO DA EVANGELIZAÇÃO NA <i>EVANGELII NUNTIANDI</i> E NA <i>EVANGELII GAUDIUM: UMA PNEUMATOLOGIA MISSIONÁRIA</i>	126
3.1	O ESPÍRITO SANTO, DOM E AMOR DO PAI E DO FILHO	127
3.1.1	O dom do Espírito, santidade e comunhão	127

3.1.2	O Espírito Santo, amor de Deus.....	132
3.1.3	O Espírito nos faz vivenciar e comunicar o amor de Deus.....	136
3.2	O ESPÍRITO SANTO, PROTAGONISTA DA EVANGELIZAÇÃO.....	139
3.2.1	O Espírito é o agente principal da evangelização.....	140
3.2.2	O Espírito é como que a <i>alma</i> da Igreja evangelizadora.....	143
3.2.3	O Espírito de Cristo, Espírito da Missão.....	146
3.3	O ESPÍRITO SANTO E OS EVANGELIZADORES.....	149
3.3.1	O evangelizador é quem testemunha.....	150
3.3.2	O evangelizador é o discípulo missionário.....	153
3.3.3	O evangelizador se deixa conduzir pelo Espírito.....	157
3.4	UMA RENOVAÇÃO ECLESIAL A PARTIR DO ESPÍRITO SANTO.....	158
3.4.1	A vida segundo o Espírito renova a Igreja.....	158
3.4.2	A reforma missionária do Espírito Santo.....	162
3.4.3	A renovação da Igreja é um evento pneumatológico.....	166
3.5	REFLEXÃO CONCLUSIVA.....	167
	CONCLUSÃO.....	169
	REFERÊNCIAS.....	174

INTRODUÇÃO

A *evangelização* é o propósito que tem norteador a atuação pastoral da Igreja a partir do Concílio Vaticano II¹, tornando-se um dos temas prioritários da reflexão teológica contemporânea. Atestam-nos isso os significativos documentos do Magistério recente acerca da missão da Igreja no mundo atual² e a vasta produção teológica sobre o tema³. Nessa perspectiva, Conferências Episcopais, Dioceses, Pastorais, Movimentos e demais Organismos e Instituições eclesiais concentram-se em estabelecer diretrizes para a sua ação evangelizadora, a fim de que esta manifeste a finalidade própria da missão da Igreja e corresponda às exigências do tempo presente. Uma vez que “a Igreja peregrina é por natureza missionária” (AG 2), perguntamo-nos: que elementos e aspectos nos possibilitam compreender adequadamente a realidade da evangelização nos dias de hoje? Quais os fundamentos da ação evangelizadora da Igreja e quais suas consequências para a vida eclesial? Como a Igreja – e os seus evangelizadores – devem anunciar Jesus Cristo e o seu Evangelho aos homens e às mulheres

¹ O Concílio Vaticano II estabelece uma distinção entre *evangelização* e *missão*. No Decreto *Ad Gentes* (AG), *missão* é a categoria geral que se refere à missionariedade da Igreja fundada no desígnio do Pai e na missão do Filho e do Espírito (cf. AG 2). *Missões*, por sua vez, é uma categoria particular que diz das atividades missionárias da Igreja que sai pelo mundo a anunciar o Evangelho àqueles que ainda não creem em Cristo. Por isso, temos na Igreja a missão *ad gentes*. Já a *evangelização* é a finalidade da missão, ou seja, a implantação da Igreja nos povos destinatários desta mesma missão (cf. AG 6). Nesse sentido, o Concílio prefere *missão* à *evangelização* no âmbito da propagação do Evangelho e transmissão da fé cristã por parte da Igreja, e isso especialmente na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) e nos Decretos AG e *Apostolicam Actuositatem* (AA). Ainda que AG e AA utilizem sobremaneira o termo *missão*, é nesses dois Decretos que a expressão *evangelização* é apresentada com maior ênfase, com vinte e uma citações em AG e seis citações em AA. Além destas, o Decreto *Presbyterorum Ordinis* (PO) faz três menções à *evangelização* e o Decreto *Christus Dominus* (CD) e a Constituição GS fazem uma referência cada um. Ainda que haja tal distinção, consideramos o mesmo significado, no contexto de nossa pesquisa, para as expressões e as realidades indicadas por *missão* e *evangelização*, à luz das palavras de Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN): “‘Nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja’ [...] Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN 14).

² Dentre os documentos papais, temos: Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), de Paulo VI (1975), Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (RM), de João Paulo II (1990) e Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), de Francisco (2013). Destaque para a III Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada em 1974, com o tema *A evangelização no mundo moderno*, e para a XIII Assembleia do mesmo Sínodo, realizada em 2012, com o tema *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*. O primeiro Sínodo mencionado precedeu a publicação de EN; já o segundo Sínodo antecedeu EG. Atualmente, na Santa Sé, além da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, há o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, instituído em 2010 pelo Papa Bento XVI. No âmbito das Conferências Episcopais, mais especificamente na América Latina, temos os Documentos Conclusivos de *Medellín* (1968), *Puebla* (1979) e *Aparecida* (DAP) (2007).

³ Não seria possível aqui apresentar uma análise quantitativa e qualitativa das obras teológicas sobre a evangelização no período pós-conciliar. Limitamo-nos, pois, a indicar a tese de doutorado de Walter Insero, na qual o autor se vale da vasta produção teológica sobre o tema em questão para analisar a afirmação conciliar de AG 2 e sua recepção no período posterior ao Vaticano II: INSERO, Walter. *La Chiesa è "missionaria per sua natura" (AG 2): origine e contenuto teológico dell'affermazione conciliare e la sua recezione nel dopo Concilio*. 2007. 545 f. Tese (Doutorado) – Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2007. Ao longo do seu texto, bem como no elenco das referências, visualizamos as muitas obras, estudos, artigos e ensaios sobre a evangelização desde o Concílio até os nossos dias.

para que, por meio desse anúncio, encontrem o sentido para suas vidas? Como a mensagem evangelizadora da Igreja pode ser sempre mais significativa para o mundo em que vivemos? Perguntas como estas motivaram-nos a investigar teologicamente o tema em questão, no intuito de explicitarmos os diversos elementos que o constituem, os quais, nos últimos cinquenta anos, tornaram-se extremamente relevantes para a vida da Igreja a partir dos ideais conciliares.

Nesses termos, nossa investigação sugeria uma amplitude tal que nos seria impossível abordar a questão de modo objetivo. Em primeiro lugar, pela evidente complexidade da noção de evangelização; em segundo lugar, pela incontável bibliografia pertinente ao tema. Desde aí, inspiraram-nos dois documentos papais, ambos Exortações Apostólicas: *Evangelii Nuntiandi*⁴, do Papa Paulo VI, e *Evangelii Gaudium*⁵, do Papa Francisco. Eis alguns motivos dessa inspiração: a) ambas tratam da evangelização (*EN* discorre sobre a evangelização no mundo contemporâneo e *EG* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual⁶); b) ambas foram escritas e publicadas no pós-Vaticano II e a ele fazem referência⁷; c) as duas Exortações foram precedidas por Assembleias Sinodais sobre a evangelização; d) Paulo VI e Francisco tem diante de si um contexto de rápidas e profundas transformações sociais e culturais, muitas delas perniciosas⁸; e) e, por fim, as temáticas presentes em *EN* que são resgatadas pela *EG*⁹. Este último documento foi-nos decisivo para a escolha do tema desta pesquisa. Como considerar o fato de que Francisco, aproximadamente quarenta anos depois, para exortar a Igreja, recupera aspectos já apresentados por Paulo VI na mesma esteira do Concílio Vaticano II? Ele o faz apenas com o objetivo de reforçar tais aspectos ou procura ampliá-los, descobrindo neles outros elementos até então não evidenciados? Não nos esqueçamos de que João Paulo II também entregou à Igreja um documento no qual tratava da validade permanente de seu mandato

⁴ Expressão latina: *O anúncio do Evangelho*.

⁵ Expressão latina: *A alegria do Evangelho*.

⁶ Tais expressões acompanham os títulos das Exortações.

⁷ *EN*, publicada em 1975, evoca o Concílio como uma de suas motivações (*EN* 2) e afirma que os elementos relativos à sua exposição sobre a evangelização situam-se na linha de *LG*, *GS* e *AG* (*EN* 17). *EG*, publicada em 2013, propõe diretrizes para a nova etapa evangelizadora da Igreja com base na doutrina de *LG* (*EG* 17).

⁸ Paulo VI enfatiza o medo, a angústia, a incerteza e a desorientação que assolam o homem de seu tempo (*EN* 1). Já Francisco indica o que “atenta contra o projeto de Deus” (*EG* 51) e, por conseguinte, contra o dinamismo evangelizador da Igreja. A isso denomina “crise do compromisso comunitário” (*EG* 50).

⁹ Dentre as temáticas comuns entre *EN* e *EG*, temos: a evangelização das culturas (*EN* 20) e a inculturação do Evangelho (*EG* 115-118); o anúncio explícito de Jesus Cristo (*EN* 22, *EG* 110); o conteúdo essencial da evangelização (*EN* 26-27) e o querigma (*EG* 163-168); evangelização e promoção humana/libertação (*EN* 30-37) e a dimensão social da evangelização (*EG* 176-258); a pregação/liturgia da Palavra (*EN* 42-43) e a homilia (*EG* 135-159); a força evangelizadora da piedade popular (*EN* 48, *EG* 122-126); as religiões não-cristãs (*EN* 53) e o diálogo inter-religioso (*EG* 250-254); os não-crentes (*EN* 55) e o diálogo num contexto de liberdade religiosa (*EG* 255-258); os agentes da evangelização (*EN* 59-73) e o povo de Deus evangelizador (*EG* 111); o espírito da evangelização (*EN* 74-80) e os evangelizadores com espírito (*EG* 259-283); Maria, estrela da evangelização (*EN* 82) e Maria, a Mãe da evangelização (*EG* 284-288). *EN* é o documento mais citado por *EG*: 8 vezes (*EG* 10, 12, 123, 146, 150, 156, 176, 181).

missionário – a Carta Encíclica *Redemptoris Missio* – que já havia recolhido elementos de *EN*¹⁰ e que Francisco igualmente referência em *EG*¹¹. Dada a singular relevância de *EN* para a Igreja, especialmente para o contexto eclesial da América Latina¹², e conscientes da importância e do significado programático de *EG* para a missão da Igreja de hoje, cinquenta após o encerramento do Concílio, temos que a problemática inicial que engendrou a presente pesquisa pode ser assim formulada: quais as semelhanças e possíveis diferenças quanto às noções de evangelização delineadas por Paulo VI em *EN* e por Francisco em *EG*?

Dissemos inicial porque dentre os elementos pertinentes à noção de evangelização em *EN* e a *EG*, um em especial nos conduziu à delimitação do tema: a *relação entre o Espírito Santo e a evangelização*. O último capítulo da *EN* (capítulo VII) explicita tal relação: “O espírito da evangelização” (EN 74-80). Igualmente, o último capítulo da *EG* (capítulo V) trata da referida relação: “Evangelizadores com espírito” (EG 259-288). Em face dessa coincidência temática e estrutural das Exortações, procuramos focalizar nossa atenção nas ênfases e possíveis diferenciações referentes aos *elementos pneumatológicos da evangelização*, tais como Paulo VI e Francisco os apresentam. Percebemos, pois, as conexões explícitas e implícitas entre *EN* e *EG* quanto ao binômio *Espírito-evangelização*. Mais ainda: constatamos que os dois capítulos não se enquadram no rol linear dos aspectos relativos à evangelização que os Pontífices apresentam em seus textos. Eles são *critérios teológicos* para a leitura e compreensão do sentido global das Exortações. O critério redacional dos documentos corresponde ao tema que abordam e às intenções de Paulo VI e Francisco: a apresentação da noção de evangelização permeada pelas diretrizes papais para toda a Igreja. No entanto, o critério formal, que subjaz teologicamente à totalidade dos textos, é a *Pessoa do Espírito Santo e sua ação* na Igreja evangelizadora e nos evangelizadores. Os próprios textos nos fazem cair na conta dessa relação: “Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo” (EN 75); e “[...] sei que nenhuma motivação será suficiente, se não arde nos corações o fogo do Espírito [...] Ele é

¹⁰ De *EN* João Paulo II reforça a centralidade de Cristo na missão da Igreja (RM 4), o Reino de Deus (RM 12), o protagonismo do Espírito Santo na missão (RM 21), a importância do testemunho evangelizador (RM 42), as comunidades eclesiais de base (RM 51), a evangelização das culturas (RM 52), o diálogo inter-religioso (RM 55), os agentes da missão (RM 61) e a espiritualidade missionária (RM 87). Há vinte e duas citações de *EN* em *RM*.

¹¹ Há quatro citações de *RM* em *EG* (EG 15, 116, 251, 265).

¹² Segundo Silva (2009, p. 64), “podemos dizer que não surgiu documento do magistério pontifício, ao menos nos 30 anos pós-conciliares do Vaticano II, que foi mais relevante e que tenha tido a mais intensa e extensa repercussão na Igreja da América Latina que a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* [...]”. Recorrendo à análise de Klinge (1993, p. 95-146), Silva (2009, p. 65) argumenta sobre tal relevância demonstrando as inúmeras menções que as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano fazem à *EN*. Ênfase ao Documento de *Puebla* (1979), com o maior número de citações à *EN*: mais de 103. Também o Documento de *Santo Domingo* (1992) faz referência à *EN*, com 17 citações, superadas apenas pelas 40 menções ao discurso inaugural do Papa João Paulo II e pelas 20 menções à Carta Encíclica *RM*.

a alma da Igreja evangelizadora” (EG 261). Tudo o que foi dito por Paulo VI em *EN* e por Francisco em *EG* carece de sentido se a ação do Espírito na Igreja e nos cristãos for desconsiderada. Esse posicionamento reflete de maneira categórica, nos âmbitos da teologia e da pastoral da Igreja, a recuperação ou o retorno da pneumatologia a partir do Vaticano II¹³. Sendo assim, consideramos que a abordagem teológica das noções de evangelização contidas em *EN* e *EG* pode e deve contemplar os elementos pneumatológicos explícitos – propriamente aqueles dos últimos capítulos das Exortações e os que a eles fazem referência – e implícitos – os que conferem sentido ao texto sem, contudo, estarem evidenciados no mesmo texto. O resgate da Pessoa do Espírito Santo na vida da Igreja e a notoriedade teológica e pastoral a Ele atribuída por Paulo VI e Francisco motivou-nos à reflexão sobre o *Espírito da evangelização na EN e na EG*.

O tema proposto exprime o *objetivo* de nossa pesquisa: analisar os elementos pneumatológicos referidos na noção de evangelização na *EN* e na *EG*, mediante o exame de suas ocorrências explícitas e implícitas ali postas, pontuando ênfases e distinções entre as Exortações. A delimitação proposta pressupõe o objeto formal do estudo – a relação entre o Espírito e a evangelização – e seus objetos materiais – as Exortações Apostólicas *EN* e *EG*. A novidade da pesquisa consiste na leitura pneumatológica dos dois documentos. As obras e estudos teológicos acerca de *EN* e *EG*, em sua grande maioria, destacam as dimensões cristológica e eclesiológica da evangelização, eminentemente presentes nos textos dos Papas Montini e Bergoglio. Há, entretanto, alguns autores¹⁴ que se debruçaram sobre a dimensão pneumatológica da evangelização presente nas Exortações. Por essa razão, nossa pesquisa

¹³ No pré-Concílio, “quanto à obra atribuída ao Espírito Santo, desenvolveram-se dois aspectos: no que diz respeito à Igreja como tal, o Espírito era visto sobretudo como responsável pela infalibilidade e pela continuidade da Tradição. No que diz respeito aos fiéis, interessava-nos a habitação do Espírito Santo nas almas, e ainda mais os seus sete dons. O tratado da graça mal se ligava ao Espírito Santo: falávamos sempre da graça de Cristo [...] O segundo concílio do Vaticano começou a resgatar a dimensão pneumatológica da Igreja, tanto em si mesma como na sua relação com o cosmo [...] Veja-se, por exemplo, o lugar reconhecido aos carismas, a atenção dada à teologia das Igrejas locais, a admissão ainda que muito discreta da pluralidade dos ministérios, ao que é dito do *sensus fidei* e da ação do Espírito na história do mundo [...] Desde o concílio que a causa do Espírito Santo faz notáveis progressos. Primeiro no que diz respeito às fontes: bíblia, liturgia, padres e magistério. Os estudos teológicos, aproveitando o estímulo e as contribuições do diálogo ecumênico têm se voltado seja para o momento pneumatológico da cristologia, para a retomada da questão da processão do Espírito, para a contemplação de seu mistério e de sua ação, para o desenvolvimento, enfim, de sua relação com a História, com a Escatologia e com o Reino de Deus” (CONGAR, 1982, p. 15).

¹⁴ A título de exemplos: FRANCISCO, Fernando. *O Espírito Santo: nascimento e crescimento da Missão Eclesial à luz do n. 75 da Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi de Paulo VI e do III capítulo da Carta Encíclica Redemptoris Missio de João Paulo II*. Roma: Urbaniana University Press, 2000; LÓPEZ, José Gómez. *Evangelización y Espíritu Santo. Anotaciones sobre el tema a la luz de la "Evangelii nuntiandi"*. Auriensia, Ourense, n. 1, p. 37-70, jan./dez. 1998; MIRANDA, Mário de França. *Uma renovação eclesial que brota do Espírito Santo*. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 75, n. 297, p. 88-104, jan./mar. 2015. AZCUY, Virginia Raquel. *“Evangelización com espíritu” (EG 261): la unidad de la teología, la espiritualidad y la pastoral al servicio del anuncio del evangelio*. Teología, Buenos Aires, n. 114, p. 73-93, ago. 2014.

procura articular as dimensões supracitadas com vistas à uma leitura pneumatológico-trinitária da evangelização na *EN* e na *EG*, explicitando a ação do Espírito na ação evangelizadora da Igreja, cujas raízes estão no Mistério da Trindade¹⁵. Estando a pneumatologia dos documentos vinculada à sua cristologia e à sua eclesiologia, a análise do Espírito da evangelização supõe uma fecunda harmonia entre tais dimensões em prol da missão da Igreja, nascida “segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo” (AG 2).

Desse modo, a presente pesquisa é duplamente relevante. Quanto à sua *relevância teológica*, apresenta-se como contribuição à leitura pneumatológica dos magistérios de Paulo VI e Francisco a partir da noção de evangelização. É evidente que a concepção pneumatológica dos Pontífices não se encontra explicitada apenas nas Exortações em questão ou somente enquanto referida à evangelização. Contudo, se consideramos que tanto *EN* como *EG* reafirmam o ensinamento conciliar de que a missão está na essência da Igreja¹⁶, a pneumatologia das referidas Exortações pode basear uma leitura sistemática de todo o magistério de Paulo VI e Francisco. Não é escopo de nossa pesquisa a sistematização teológica exaustiva destes pontificados à luz da pneumatologia em *EN* e *EG*. Por si só, a leitura pneumatológica de ambas as Exortações já se torna relevante por fazer referência a dois importantes documentos papais da Igreja contemporânea, inscritos que estão no contexto do pós-Concílio e do resgate da Pessoa do Espírito Santo na Igreja. A possibilidade de ampliação da análise na direção dos elementos pneumatológicos presentes na totalidade dos mencionados pontificados decorre justamente da relevância inicial da pesquisa, que é a caracterização das continuidades e dissonâncias pertinentes à relação Espírito-evangelização em *EN* e em *EG*. Quanto à sua *relevância pastoral*, temos que o exposto acima não se trata de uma teologia especulativa acerca da natureza e dos atributos da Terceira Pessoa da Trindade, mas de uma abordagem relativa à ação do Espírito Santo nos sujeitos, nos cristãos, nos evangelizadores, naqueles que levam a termo a missão da Igreja no mundo por meio de sua ação pastoral organizada. Nesse sentido, compreendemos que as consonâncias e as diferenciações da pneumatologia em Paulo VI e em Francisco delineiam perspectivas específicas em face da “palavra programática” (EN 81) de *EN* e do “significado programático” (EG 25) de *EG*. Dito de outro modo, o Espírito da evangelização expresso em cada uma das Exortações indica determinadas perspectivas pastorais. Por essa razão, a elucidação de tais elementos pneumatológicos nos conduz à visualização de alguns aspectos pastorais importantes; em última análise, às intenções pastorais de Paulo VI e Francisco a partir de *EN* e *EG*.

¹⁵ Cf. LG 1-8.

¹⁶ Cf. AG 2.

Metodologicamente, nossa pesquisa é qualitativa, pois visamos à compreensão dos elementos que compõem os objetos do estudo bem como de suas relações entre si e com outros aspectos que lhes são inerentes. Prioritariamente, trabalharemos com sentidos e significados, estes consoantes a uma profícua hermenêutica teológica dada a natureza sistemática da teologia que intentamos aqui realizar. A delimitação do tema permite-nos uma maior familiaridade com o problema e, conseqüentemente, uma análise exploratória orientada mais claramente aos resultados almejados, uma vez que nossos objetos materiais são documentos do Magistério, enraizados e abalizados teologicamente, mas cujo caráter exortativo pressupõe alcances mais amplos. Por fim, nossa pesquisa será documental e bibliográfica. No primeiro caso, por termos diante de nós duas Exortações Apostólicas, as quais privilegiam referências a outros documentos do Magistério. O corpo textual do Concílio Vaticano II pertinente ao tema e alguns documentos do Magistério pós-Conciliar nos auxiliarão a dissertar sobre a questão proposta, em virtude de sua proximidade teológico-pastoral e redacional com os textos de *EN* e *EG*. Quanto às referências documentais, utilizaremos suas traduções brasileiras oficiais, salvo algumas exceções que estarão devidamente indicadas. No segundo caso, nos valeremos das reflexões de alguns autores qualificados, sejam aqueles que nos oferecem significativas contribuições nos âmbitos da evangelização e da pneumatologia e aqueles que refletem teológica e pastoralmente sobre *EN*, *EG* e o magistério de Paulo VI e Francisco. Parte significativa das referências bibliográficas utilizadas compreende obras e artigos escritos em língua italiana e espanhola. As citações diretas e indiretas que a elas fizemos foram por nós traduzidas e encontram-se indicadas nas mesmas citações.

A *estrutura* da dissertação é decorrente de nossas opções quanto à sua linearidade argumentativa em face dos objetivos da pesquisa. Tais opções levaram em conta o fato de termos em mãos dois objetos materiais (*EN* e *EG*) e um objeto formal (os elementos pneumatológicos da evangelização). Os dois primeiros capítulos possuem a mesma estrutura, cada qual tratando de uma das Exortações. O terceiro capítulo difere dos dois primeiros em sua estrutura; porém, recolhe, interpreta e explicita elementos já presentes nos capítulos anteriores.

No *primeiro capítulo*, analisamos a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI. Essa análise é tripartida: o contexto histórico da Exortação, a noção de evangelização nela presente e seus principais elementos pneumatológicos. No que tange ao que denominamos pressupostos históricos fundamentais da *EN*, evidenciamos alguns aspectos relativos aos seguintes eventos: o Concílio Vaticano II – motivado pelo ideal de *aggiornamento* e concluído por Paulo VI; a Assembleia Sinodal de 1974 – que refletiu sobre a evangelização e foi a razão próxima da *EN*; e o pontificado do Papa Paulo VI – à luz de algumas notas biográficas. O

conhecimento de tais aspectos é indispensável para compreendermos a noção de evangelização exposta por Paulo VI em *EN*, pois o Pontífice não só parte de alguns deles ou os reafirma – como no caso do Concílio Vaticano II – como também oferece uma precisa interpretação e uma consequente síntese evangelizadora a partir deles – como no caso das questões assinaladas pelo Sínodo de 1974, de modo que *EN* é uma Exortação Apostólica pós-sinodal. Nota-se isso na segunda seção do primeiro capítulo, na qual discorremos sobre a noção de evangelização da *EN* em uma dupla perspectiva. A primeira é propriamente teológico-doutrinal, a saber, a dimensão cristológico-ecclesiológica fundamental da evangelização (EN 6-16). Destacamos como Paulo VI lança as bases de sua teologia da evangelização, bases assentadas sobre Jesus Cristo, “o primeiro e o maior dos evangelizadores” (EN 7), enviado do Pai para anunciar o Reino de Deus e a salvação. A Igreja participa da missão de Jesus porque por Ele é enviada a anunciar o Evangelho. Somente nessa dinâmica repousa o sentido radical da evangelização. A segunda perspectiva decorre da primeira: a evangelização é uma realidade complexa, porque a missão de Jesus e, por conseguinte, a missão da Igreja se constituem por meio de diferentes e complementares aspectos (EN 17). Nesse momento, apresentamos os principais elementos que, para Paulo VI, estão referidos em sua noção de evangelização. Em sentido estrito, desta seção depreende-se a resposta à pergunta: que é evangelização para a *EN*? A terceira seção do primeiro capítulo introduz a abordagem sobre o Espírito da evangelização, objeto formal de nossa pesquisa. Faz isso a partir do texto de *EN*, salientando os elementos pneumatológicos ali postos e sua relação com a evangelização. Alguns pontos mereceram nossa atenção: o Espírito na missão de Jesus e na missão da Igreja; a ação do Espírito nos evangelizadores; e o Espírito como promotor da unidade da evangelização. O mote que encaminha a argumentação é a afirmação de que o Espírito Santo é o principal agente da evangelização (EN 75). Sendo assim, temos, ao final do primeiro capítulo, uma consideração acerca do Espírito da evangelização na *EN*.

Como dissemos, a mesma estrutura do capítulo primeiro aplicamo-la ao *segundo*, que trata da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco. Os pressupostos históricos fundamentais da *EG* dizem de suas raízes conciliares, da Conferência de Aparecida, da Assembleia Sinodal de 2012 e do pontificado do Papa Francisco. Os elementos do Concílio Vaticano II que realçamos no capítulo anterior – o *aggiornamento* conciliar e sua ecclesiologia – são os mesmos contextos teológicos e pastorais da *EG*, acrescidos da relação entre missão e reforma eclesial, esta também gestada no Vaticano II. A V Conferência de Aparecida, da qual o então Cardeal Bergoglio foi coordenador da Comissão de redação do Documento Conclusivo, é não só citada por Francisco em *EG* como também empresta alguns de seus conceitos que se

tornam centrais para o Pontífice argentino: “estado permanente de missão” (EG 25), “encontro pessoal com Cristo” (EG 3, 264), “discípulos missionários” (EG 119), entre outros. O Sínodo de 2012, sobre a nova evangelização, precedeu a publicação de *EG*, sendo esta igualmente pós-sinodal. As proposições do Sínodo repercutiram na Exortação de Francisco, que afirmou ser o Espírito Santo o espírito da nova evangelização (EG 260), da nova etapa evangelizadora da Igreja. O pontificado de Francisco é relevante historicamente na medida em que seu posicionamento magisterial reflete algumas de suas experiências pessoais e pastorais vivenciadas no decorrer de sua trajetória eclesial. Assim como fizemos com *EN*, passamos a dissertar sobre os elementos e aspectos pertinentes à noção de evangelização em *EG*. Se Paulo VI introduziu sua Exortação pontuando a centralidade da relação Cristo-Igreja-evangelização, Francisco introduz *EG* a partir de sua intenção original: a transformação missionária da Igreja (EG 19). A *saída missionária* é o paradigma da Igreja evangelizadora (cf. EG 20-24). Para que se atualize essa “saída”, faz-se necessário a consecução de um “preciso estilo evangelizador” (EG 18), que por nós é explanado na seção seguinte sob o caráter de anúncio do Evangelho. Este anúncio diz da missão da Igreja Povo de Deus, do núcleo teológico e existencial da evangelização (querigma) e da dimensão social da evangelização. Evangelizar é a “saída” missionária da Igreja em seu concomitante retorno ao coração do Evangelho. Por fim, no segundo capítulo, realizamos o mesmo expediente que fora utilizado no capítulo precedente: uma leitura pneumatológica da *EG*. Os principais elementos pneumatológicos estão referidos no “preciso estilo evangelizador” de Francisco: o Espírito e a transformação missionária da Igreja; o Espírito e a Igreja Povo de Deus, o Espírito e o discípulo missionário; e outros. O Espírito da evangelização em *EG* é a “alma” da Igreja evangelizadora (EG 261), é Ele que primária e fundamentalmente a motiva para a evangelização.

O *terceiro capítulo* assume traços de originalidade no contexto da dissertação. Dado que nosso objetivo geral é o de considerar as ênfases e as distinções entre *EN* e *EG* a partir e no âmbito de seus elementos pneumatológicos referidos à missão, o capítulo em foco procura apresentar quais os elementos pneumatológicos de *EN* e *EG* são nucleares e em que medida convergem ou se aproximam, afastam-se ou destoam. Trata-se, em termos globais, do grande corolário de nossa dissertação: dito como Paulo VI e Francisco concebem a ação do Espírito Santo na evangelização, podemos, agora, estabelecer alguns paralelos que significam propriamente uma *pneumatologia missionária entre a EN e a EG*: o Espírito como dom e amor do Pai e do Filho; o Espírito como protagonista da evangelização; o Espírito e sua ação nos evangelizadores; e o Espírito que é princípio da renovação da Igreja. Assim, concluímos nossa pesquisa oferecendo possíveis respostas às perguntas que mencionamos no início desta

Introdução a partir de uma categoria específica, central e compartilhada por Paulo VI e Francisco em suas Exortações: o *Espírito da evangelização*.

A evangelização com o Espírito Santo é a ação dos homens e mulheres que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus não obstante as limitações humanas e as adversidades temporais. Experimentamos também nós, na condição de evangelizadores, as alegrias e os desafios de anunciar Jesus Cristo e o seu Evangelho. Nesse contexto existencial, a presente pesquisa quer ser não apenas um esboço teórico de espiritualidade missionária, mas efetivamente um convite à abertura do coração e da vida inteira ao Espírito Santo, cuja consequência imediata é o desejo de comunicar aos outros a Pessoa de Jesus Cristo, rosto do amor e da misericórdia do Pai experimentados na fé. Isso para nós é fonte de alegria verdadeira no Espírito. Cremos não ser obra do acaso que o antepenúltimo número de *EN* – “[...] conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar [...]” (EN 80) – esteja contido não apenas no início de *EG* – “a doce e reconfortante alegria de evangelizar” (EG 9) – mas também, e principalmente, em suas palavras iniciais: *Evangelii gaudium*, fruto do Espírito a partir do encontro com Jesus. Resta-nos, com isso, apresentar “*O Espírito da evangelização na Evangelii Nuntiandi e na Evangelii Gaudium: uma leitura pneumatológica e pastoral*”.

1 *EVANGELII NUNTIANDI*: EVANGELIZAR SOB A INSPIRAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Aos 8 de dezembro do Ano Santo de 1975, o Papa Paulo VI entregou à Igreja a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi, sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. Trata-se de uma Exortação pós-sinodal, que sintetizou e ampliou a reflexão teológico-pastoral da III Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada entre 27 de setembro e 26 de outubro de 1974, com o tema “A evangelização no mundo moderno”. “A gênese imprevista da exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* a constitui como um fato singular na história dos textos do magistério eclesiástico” (COLOMBO, 1995, p. 5, trad. nossa). Segundo Colombo (1995, p. 5) *EN* é um texto definitivamente original porque propriamente papal. Os Sínodos anteriores aos de 1974 concluíram-se com documentos próprios, ao passo que os Padres do Sínodo sobre a evangelização “decidiram confiar ao Pastor da Igreja universal [...] o fruto de todo o seu labor” (EN 2), esperando do Pontífice um novo impulso para a evangelização. Ressalta-se, com isso, a unidade de entendimento entre o Sínodo e o Papa no que tange à problemática da evangelização. Por outro lado, evidenciam-se as divergências entre os Padres Sinodais, estas motivadas pelos diferentes contextos da evangelização na velha Europa e nos países emergentes, que não possibilitaram conclusões unânimes. A resposta de Paulo VI às questões discutidas no Sínodo foi *EN*.

Historicamente, o Sínodo de 1974 foi a razão próxima da *EN*. Além desta, duas outras razões históricas concorreram para a redação da Exortação: o Concílio Ecumênico Vaticano II e o pontificado de Paulo VI. O evento conciliar e o magistério do Papa Montini circunscrevem contextos históricos, teológicos e pastorais que lançam luz sobre a noção de evangelização expressa em *EN*. Destacam-se a eclesiologia do Vaticano II, orientada pelo ideal de *aggiornamento*, e a trajetória eclesiástica de Giovanni Battista Montini, especialmente sua atuação no Concílio, passando por sua eleição à Sé de Pedro e conseqüente tarefa de condução e conclusão dos trabalhos conciliares, até seu pontificado no período pós-Vaticano II.

Teologicamente, *EN* enfatiza a dimensão cristológica da evangelização, a missão de Cristo como atividade evangelizadora primeira e por excelência, pois Ele é o “Evangelho de Deus”¹⁷ (EN 7). A realidade expressa pela noção de evangelização encontra-se deslocada e desprovida de seu sentido autêntico e fundamental se se prescinde da referência direta e explícita a Jesus Cristo e à sua missão salvífica.

¹⁷ Cf. Mc 1,1; Rm 1,1-3.

Somente colocando ao centro Jesus Cristo é possível ter juntos todos os aspectos do Evangelho: o evento e a palavra, o anúncio e os sacramentos, a conversão pessoal e a mudança das estruturas sociais, a promoção do homem e a transformação das culturas, a Igreja como testemunho real do Evangelho acolhido e a sua forma extroversa (TETTAMANZI, 2009, p. 332, trad. nossa).

Manifestando-se aos Onze após a ressurreição, Jesus ordenou-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Transmitiu-lhes, com esse mandato, sua própria missão. Da ação evangelizadora de Cristo e dos apóstolos nasceu a Igreja, cuja missão não é outra senão evangelizar. Nessa perspectiva, *EN* confere destaque à dimensão eclesiológica da evangelização, referindo-se aos laços recíprocos entre Cristo, a Igreja e a evangelização (EN 15-16). A ação missionária da Igreja e sua identidade estão imbricadas, uma vez que a Igreja evangeliza a si mesma enquanto cumpre sua missão de anunciar o Evangelho. “[...] esta não somente atesta aos outros o Evangelho, não somente deve deixar-se continuamente evangelizar, mas ela mesma é – na sua mais profunda natureza – o ‘Evangelho acolhido’” (TETTAMANZI, 2009, p. 333, trad. nossa).

À luz do fundamento cristológico-eclesiológico, *EN* analisa a noção de evangelização em seus diversos aspectos pressupondo a complexidade da ação evangelizadora, pois “nenhuma definição parcial e fragmentária [...] chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização [...]” (EN 17). Essa visão de conjunto procura captar igualmente os condicionamentos e as exigências do tempo presente, cujas consequências impactam decisivamente a ação pastoral da Igreja. Ao delinear uma teologia da evangelização e propor caminhos para a missão da Igreja no pós-Vaticano II, *EN* recupera e reposiciona o horizonte da evangelização¹⁸ nos termos de uma compreensão e de uma ação pautadas na integralidade da missão.

O substrato teológico da *EN* – a dimensão cristológico-eclesiológica, que explicita a natureza da evangelização – encaminha-nos para uma leitura trinitária da Exortação: a Igreja, no Espírito Santo, anuncia e dá testemunho do amor do Pai revelado em Jesus Cristo, o Filho de Deus morto e ressuscitado, salvador da humanidade (EN 26-27). Plasmada pela missão que

¹⁸ Segundo López-Gay (1975, p. 161-190), citado por Insero (2007, p. 288), o termo *evangelização* surgiu por volta do século XIX, significando o anúncio da Boa-Nova de Jesus Cristo morto e ressuscitado. *EN* é reconhecida com certa unanimidade pelos especialistas como o documento que inseriu e padronizou a noção de evangelização na linguagem dos documentos da Igreja. Sobre a evolução dessa noção, temos: LÓPEZ-GAY, Jesus. *Evolución histórica del concepto de “Evangelización”*. Documenta Missionalia, Roma, n. 9, p. 161-190, jan./dez. 1975; GRASSO, Domenico. *Evangelizzazione. Senso di un termine*. Documenta Missionalia, Roma, n. 9, p. 21-47, jan./dez. 1975; WOLANIN, Adam. Il concetto di “missione” ed “evangelizzazione”. In: _____. *Teologia della missione*, Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2000. p. 26-49.

lhe fora outorgada por Cristo, enviado do Pai, a Igreja nascente vivenciou “a grande renovada para a evangelização” que “sucedeu na manhã do Pentecostes, sob a inspiração do Espírito” (EN 75). Mistério cujas raízes encontram-se na Trindade (LG 1-4), a Igreja, no transcurso da história, peregrina sobre a terra contemplando e experimentando a ação do Espírito Santo que torna evangelizadores os cristãos. “Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo” (EN 75). O “espírito da evangelização”, expressão que intitula o sétimo capítulo da *EN* (EN 74-80), diz dessa realidade: o Espírito Santo é o protagonista da evangelização. Ao fundamento cristológico-ecclesiológico da evangelização, Paulo VI acrescenta uma dimensão pneumatológica, do mesmo modo basilar para a teologia da evangelização e para o agir pastoral da Igreja. Nesse sentido, a relevância da ação do Espírito na missão, destacada no último capítulo da *EN*, impõe ao leitor um retorno ao texto da Exortação a fim de qualificar a leitura trinitária a que aludimos, sugerida pela própria *EN*, observando os elementos pneumatológicos explícitos e reconhecendo os elementos implícitos, dado que “o Espírito Santo é o agente principal da evangelização” (EN 75).

Também na *EN* a dimensão pneumática da evangelização é enquadrada na dimensão trinitária, salvífica e cristológica. Os planos de salvação do Pai alcançam seu termo por meio de Jesus Cristo e da sua Igreja sob o influxo direto do Espírito Santo. A missão do Espírito é visualizada na pessoa e obra de Jesus, Filho de Deus, enviado do Pai, guiado pelo Espírito. Quando Jesus transmitiu aos Apóstolos a missão, comunicou também o Espírito Santo (BIFET, 1977, p. 483, trad. nossa).

EN preconiza a ação do Espírito nessa perspectiva trinitária, ressaltando que um novo impulso para a evangelização estaria vinculado a uma “Igreja ainda mais arraigada na força e na potência imorredouras do Pentecostes” (EN 2). Imperativo para a evangelização nos tempos atuais, portanto, é a redescoberta do Espírito Santo como o “evangelizador” por excelência, ainda mais pelo fato de que “vivemos na Igreja um momento privilegiado do Espírito” (EN 75). Paulo VI motiva toda a Igreja ao aprofundamento do estudo sobre a ação do Espírito na evangelização (EN 75), pois, não obstante seu papel eminente na vida eclesial, “é na missão evangelizadora da Igreja que ele mais age” (EN 75).

1.1 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS FUNDAMENTAIS

Na Introdução da *EN*, Paulo VI indica três acontecimentos eclesiais que precederam e motivaram sua Exortação Apostólica (EN 2). Tais acontecimentos evidenciam um contexto que fez emergir na Igreja a reflexão sobre sua ação evangelizadora a partir do Concílio Vaticano II.

Sua evocação por Paulo VI não significa que, em sentido estrito, foram causa da *EN*. Antes disso, denotam que *EN* se insere nesse mesmo contexto, como palavra e contribuição do Sucessor de Pedro a todos os esforços empreendidos no anúncio de Cristo. Hoje, há pouco mais de quarenta anos da publicação da *EN*, podemos considerá-la como um quarto acontecimento de singular importância para o período em questão.

O primeiro evento é o Ano Santo de 1975, Jubileu da Reconciliação¹⁹, ocasião propícia para reafirmar a tarefa da Igreja de anunciar Jesus Cristo a toda a humanidade. O segundo é o próprio Concílio Ecumênico Vaticano II, em seu décimo aniversário de encerramento. A *EN* seria uma resposta à intenção conciliar fundamental: “tornar a Igreja do século XX mais apta ainda para anunciar o Evangelho à humanidade do mesmo século XX” (EN 2). Por fim, a III Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, ocorrida em 1974, cujo tema foi a evangelização.

Há, porém, um outro elemento histórico decisivo para a compreensão da *EN*: o pontificado de Paulo VI. Ele mesmo reconhece que o tema da evangelização foi muitas vezes realçado durante o seu pontificado (EN 3). Algumas notas biográficas do Papa Montini, sua atuação como Padre Conciliar e principalmente sua elevação ao Ministério Petriano e consequente trabalho de condução do Vaticano II são fatos extremamente relevantes para o entendimento das opções teológico-pastorais e da noção de evangelização presentes em *EN*²⁰.

¹⁹ Em 9 de maio de 1973, Paulo VI procedeu ao Anúncio do Jubileu de 1975: “[...] nos convencemos de que a celebração do Ano Santo não apenas pode se envolver na coerente linha espiritual do Concílio [...] como pode muito bem corresponder e contribuir também ao esforço infatigável e amoroso que a Igreja oferece às necessidades morais da nossa época [...] É necessário a esta múltipla finalidade colocar em evidência a concessão essencial do Ano Santo, que é a renovação interior do homem [...] É a isso que o Evangelho chama conversão, chama penitência, chama metanóia. É o processo de auto-renascimento [...] como um longo tirocínio pedagógico reformador. É um momento de graça [...] Esta é a ideia geral do próximo Ano Santo, polarizada em uma outra ideia central particular e dirigida para a prática: a reconciliação” (cf. *Acta Apostolicae Sedis* (AAS) 65, 1973, p. 322-325, trad. nossa).

²⁰ Há em *EN* vinte referências diretas ao Concílio Vaticano II. Cinco apontam para suas intenções relativas à missão da Igreja (EN 2, 3, 4, 15, 76), duas mencionam o aniversário de uma década de seu encerramento (EN 2, 82), uma indica os documentos que situam os elementos essenciais da evangelização – as Constituições *LG* e *GS* e o Decreto *AG* (EN 17) – e oito apresentam alguns ensinamentos conciliares pertinentes à evangelização – liturgia (EN 43), relação com as religiões não-cristãs (EN 53) e com os não crentes (EN 55), a missionariedade (EN 59), a hierarquia (EN 67), a família (EN 71), o testemunho (EN 76;80) e a unidade dos cristãos (EN 77). Quanto ao número de citações de documentos do Vaticano II em *EN*, temos: Constituição *LG* (doze), Decreto *AG* (doze), Constituição *GS* (quatro), Decreto *PO* (quatro), Declaração *Dignitatis Humanae* (DH) (duas), Constituição *Dei Verbum* (DV) (uma), Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC) (uma), Decreto *Unitatis Redintegratio* (UR) (uma) e Decreto *AA* (uma). Para Jungos e Liberti (2015, p. 50), de alguma maneira, *EN* oferece respostas às perguntas propostas pelos Cardeais Suenens e Montini numa das aulas conciliares de dezembro de 1963: “*Que é a Igreja?*”; “*Que faz a Igreja?*”.

1.1.1 O Concílio Vaticano II

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) é, sem dúvida, o mais importante acontecimento da história eclesial contemporânea. Ainda que muitas hermenêuticas²¹ reclamem para si o status de autêntica interpretação do Concílio, é certo que houve um “antes”, um “durante” e um “depois” conciliares que modificaram radicalmente a autoconsciência da Igreja e sua atuação no mundo, realidades estas que assinalam um processo complexo sob os pontos de vista teológico, pastoral, religioso, social e cultural. Tal complexidade exprime a finalidade mesma do Concílio, evidenciada nas palavras do Papa João XXIII na abertura dos trabalhos conciliares: “a doutrina certa e imutável, à qual o fiel é chamado a aderir pela fé, deve pois ser investigada e exposta pela razão, de acordo com as exigências da atualidade”²². A intuição que motivou o Papa Roncalli a convocar o Concílio, acolhida como dom do Espírito, apontava para o desafio de fazer valer a vitalidade da Igreja em face da hodierna complexidade cultural e social e suas rápidas e profundas transformações. Se, por um lado, impunha-se à Igreja a tarefa de explicitar a riqueza da fé cristã, e não apenas a de reproduzi-la; por outro, isso deveria ser levado a termo de modo que a mensagem cristã pudesse dar sentido à existência dos homens e mulheres contemporâneos. Nesse sentido, as palavras-chaves concedidas por João XXIII para

²¹ O célebre Discurso do Papa Bento XVI à Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal do ano de 2005 contribuiu para que a discussão sobre a hermenêutica do Concílio Vaticano II viesse a ocupar lugar de destaque nos estudos e debates atuais acerca do Concílio. “[...] qual foi o resultado do Concílio? Foi recebido de modo correto? [...] por que a recepção do Concílio, em grandes partes da Igreja, até agora teve lugar de modo tão difícil? Pois bem, tudo depende da justa interpretação do Concílio ou como diríamos hoje da sua correta hermenêutica, da justa chave de leitura e de aplicação. Os problemas da recepção derivaram do fato de que duas hermenêuticas contrárias se embateram e disputaram entre si. Uma causou confusão, a outra, silenciosamente, mas de modo cada vez mais visível, produziu e produz frutos. Por um lado, existe uma interpretação que gostaria de definir ‘hermenêutica da descontinuidade e da ruptura’ [...] Por outro lado, há a ‘hermenêutica da reforma’, da renovação na continuidade do único sujeito-Igreja, que o Senhor nos concedeu [...]” (BENTO XVI. *Discurso aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal*, 22 de dezembro de 2005). Vale aqui destacar o Sínodo de 1985, cujo tema foi o *XX aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II*. Seu Relatório Final afirmou que a Eclesiologia de comunhão “é a ideia central e fundamental” dos documentos do Concílio Vaticano II (cf. HACKMANN, 2013, p. 178). Sob o ponto de vista da hermenêutica do Concílio, Comblin teceu uma crítica ao Sínodo postulando que o Relatório Final substituiu a eclesiologia do Povo de Deus pela eclesiologia de comunhão. Comblin considerou que para o Sínodo de 1985 o conceito Corpo de Cristo deveria ser o centro da eclesiologia e não o conceito Povo de Deus. Além disso, afirmou que o Sínodo julgava o conceito Povo de Deus a partir de um viés sociológico e marxista. Para Comblin, com isso, o Sínodo retornou à teologia pré-conciliar, valorizando sobremaneira a hierarquia. Por outro lado, a leitura do Relatório Final nos aponta que o Sínodo de 1985, enfatizando o conceito comunhão, procurou resgatar a dimensão mistérica da Igreja e uma eclesiologia integral, que não cedesse a interpretações unilaterais do Concílio, seja a da perspectiva hierárquica seja a da perspectiva sociológica (cf. FONTANA, Ricardo. *Igreja: comunhão ou povo de Deus? Estudo comparativo entre as eclesiologias de Antonio Acerbi e de José Comblin na perspectiva da sacramentalidade da Igreja*. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007, p. 84-88). Reflexão recente e exaustiva sobre as hermenêuticas do Vaticano II pode ser vista em: THEOBALD, Christoph. *La Réception du Concile Vatican II. I. Accéder à la source*. Paris: Cerf, 2009.

²² JOÃO XXIII. *Discurso Gaudet Mater Ecclesia na Abertura Solene do Concílio*, 11 de outubro de 1962.

o Concílio – *aggiornamento* e *diálogo*²³ – referem-se às atitudes fundamentais propostas a toda a Igreja com vistas ao aprofundamento de sua própria natureza e da relação entre os diversos aspectos da Revelação e o mundo atual em face de sua missão de anunciar o Evangelho a todos.

O aceno de Paulo VI ao Concílio Vaticano II no início da *EN* (EN 2) justifica a consideração do acontecimento conciliar como pressuposto fundamental para a compreensão do sentido do texto da referida Exortação Apostólica, que recupera e ressignifica a dupla dinâmica do Concílio em termos evangelizadores. Ou seja, no pós-Concílio, *EN* quer ser uma resposta contundente aos apelos do Espírito à Igreja, especialmente no campo de sua missão evangelizadora. Para tanto, apresentamos a seguir alguns elementos relativos aos contextos eclesial, teológico e pastoral do Vaticano II que certamente Paulo VI assumiu como pilares para exortar os cristãos a estarem cada vez mais aptos a anunciarem o Evangelho à humanidade do século XX (EN 2).

1.1.1.1 O *aggiornamento* da Igreja

O termo em questão foi utilizado por João XXIII para indicar o principal objetivo do Concílio Vaticano II²⁴. As fases antepreparatória e preparatória do Concílio, passando por suas sessões, até sua recepção e posteriores hermenêuticas constituíram-se, e ainda se constituem, pela referência direta ao conceito de *aggiornamento*. A inexistência de tal referência impossibilita a compreensão autêntica do Vaticano II em virtude de sua proeminência no âmbito das motivações que levaram à realização do Concílio. De acordo com Almeida (2015, p. 8), a compreensão do projeto conciliar por parte de João XXIII foi evoluindo desde o anúncio do Concílio, em 25 de janeiro de 1959, até sua abertura, em 11 de outubro de 1962: o *aggiornamento* deveria ser, ao mesmo tempo, pastoral e espiritual. O caráter pastoral do Concílio decorreria do contexto social e histórico daquele período, contexto de mudança de época, um *kairós*, que, na visão de João XXIII, levaria a Igreja a assumir para si o princípio evangélico da reforma²⁵. Já o caráter espiritual do Concílio estaria fundado na necessidade de

²³ Cf. MIRANDA, Mário de França. *A Igreja numa sociedade fragmentada. Escritos eclesiológicos*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 15-18.

²⁴ Segundo Almeida (2015, p. 8), João XXIII utilizou o termo *aggiornamento* pela primeira vez em novembro de 1958, em conversa com Mons. Loris F. Capovilla, então seu secretário particular, afirmando a realidade por ele indicada como necessária à Igreja. Daí, para o Papa Roncalli, a necessidade de um Concílio. Sua primeira utilização em público ocorreu em 25 de janeiro de 1959, diante de um grupo de Cardeais, ocasião na qual João XXIII anunciou o Sínodo romano de 1960, o Concílio Vaticano e a atualização do Código de Direito Canônico. “Desde então, a ideia de *aggiornamento* se colará ao projeto de Concílio concebido por João XXIII, tornando-se, ao lado de ‘pastoralidade’, uma de suas descrições mais eficazes” (ALMEIDA, 2015, p. 8).

²⁵ Cf. UR 6; LG 8.

uma reinterpretação global do mistério cristão para os tempos atuais. A articulação necessária e salutar entre a pastoralidade do Concílio e a renovação espiritual que propunha foi significativamente expressa pela definição de *aggiornamento* de Alberigo (2009, p. 553, trad. nossa):

a indicação sintética da direção na qual o Concílio teria que abrir o caminho para a Igreja. Não uma reforma institucional nem uma modificação doutrinal, mas uma imersão total na tradição visando a um rejuvenescimento da vida cristã e da Igreja. Uma fórmula na qual fidelidade à Tradição e renovação profética eram destinadas a conjugar-se; a leitura dos ‘sinais dos tempos’ devia entrar em sinergia recíproca com o testemunho da mensagem evangélica.

Paulo VI, em 6 de setembro de 1963, durante a Semana de Atualização Pastoral, em Roma, discursou sobre o sentido do termo *aggiornamento*. Para o Pontífice, *aggiornamento* indica a relação entre a verdade cristã e a sua inserção na realidade dinâmica, contingente e mutável da vida humana condicionada pelo elemento histórico. Do ponto de vista eclesial, a ideia de *aggiornamento* supera a concepção de “atualização”, pretensamente vinculada à “modernização” da Igreja ou meramente à sua adequação às exigências atuais. Mais que isso, *aggiornamento* é a condição perene da Igreja de “pôr em dia ou manter em dia” (ALMEIDA, 2015, p. 8) a verdade cristã, que é Jesus Cristo. Em sentido estrito, podemos dizer que o *aggiornamento* conciliar expressa a noção de “dia” (*giorno*), cujo elemento primaz é a “luz”, imagem de Cristo, “luz dos povos” (LG 1). O primeiro número da Constituição Dogmática *LG*, sobre a Igreja, sintetiza essa belíssima realidade: “O Concílio deseja ardentemente iluminar todos os homens com a claridade de Cristo, luz dos povos, que brilha na Igreja, para que o Evangelho seja anunciado a todas as criaturas” (LG 1).

Não menos importante é a consideração pneumática do *aggiornamento* conciliar²⁶. Suplicando ao Espírito que renove em nossa época os prodígios como em um novo Pentecostes²⁷, João XXIII tinha consciência das implicações teológicas dessa afirmação: é o

²⁶ Vale aqui destacarmos alguns aspectos relativos à pneumatologia do Vaticano II. Segundo Congar (1991, p. 196, trad. nossa), os “elementos de verdadeira pneumatologia existentes no Concílio Vaticano II” podem ser considerados da seguinte maneira: 1) a referência cristológica do Concílio condicionou a sua pneumatologia. “O Espírito é o Espírito *de Cristo*; realiza a obra de Cristo, a construção do corpo *de Cristo* [...]” (CONGAR, 1991, p. 196, trad. nossa). 2) O Espírito anima a Igreja: “Quando *Lumen Gentium* retoma a comparação dos aspectos visível e espiritual, humano e divino, da Igreja com a união das duas naturezas em Cristo, o faz para atribuir a função de animação do Espírito Santo [...]” (CONGAR, 1991, p. 196, trad. nossa). O Espírito santifica a Igreja ao modo de participação na união de Cristo, pois é o Espírito de Cristo. 3) A dimensão trinitária da Igreja, seu princípio: “desígnio do Pai, missão do Verbo-Filho, missão do Espírito” (CONGAR, 1991, p. 1997, trad. nossa). A Igreja tem suas raízes na Trindade, sendo o Espírito a renová-la e santificá-la (cf. LG 4), a fim de que possa resplandecer o rosto de Cristo, plena revelação do amor e da misericórdia do Pai.

²⁷ Na Constituição Apostólica *Humanae Salutis* (HS), para a convocação do Concílio, João XXIII recorda as palavras dirigidas na forma de oração aos Cardeais no dia 25 de janeiro de 1959, ocasião na qual fez o anúncio do Concílio: “Digne-se o Espírito de Deus acolher os afetuosos votos que diariamente lhe são feitos em todas as partes

Espírito que faz novas todas as coisas. O *aggiornamento* é a afirmação da centralidade de Cristo na vida da Igreja e em sua relação com o mundo, centralidade que se torna visível num contínuo processo de reforma interior, de retorno a Cristo, pela abertura à ação do Espírito:

O *aggiornamento* não é uma simples adequação aos tempos modernos, mas tem como fim o desejo do bem e como critério a consciência da ação do Espírito que quer vivificar, renovar a Igreja, conduzindo-a à sua origem, que é Cristo, para que possa melhor vivê-lo internamente e testemunhá-lo ao seu exterior, ao mundo [...] Esta é a ação de rejuvenescimento que o Espírito Santo continuamente opera para reconduzir tudo a Cristo! A exigência da reforma ou do *aggiornamento* não nasce de uma simples exigência temporal, mas da recomendação de Cristo mesmo: discernir, vigiar, compreender, tornar-se consciente [...] responsável (SIMONE, 2000, p. 104, trad. nossa).

Com isso, é possível assinalar a relevância do conceito de *aggiornamento* para Paulo VI no âmbito da *EN*, dado seu caráter eminentemente cristológico e pneumatológico e, mais ainda, seu caráter pastoral e espiritual, em consonância com o Concílio, na tentativa de apontar caminhos pelos quais a beleza e a riqueza da mensagem cristã sejam explicitadas e acolhidas pelos homens e mulheres do nosso tempo²⁸.

1.1.1.2 A eclesiologia conciliar

Um dos imperativos do *aggiornamento* conciliar era o de a Igreja assumir para si o princípio evangélico da reforma, como vimos anteriormente, o que lhe exigiria uma renovada autocompreensão. Fato é que os rumos do Vaticano II se constituíram a partir dessa problemática: a Igreja deveria reconhecer sua natureza e missão num movimento de volta às fontes, sem negar a realidade atual, mas assumindo-a como ocasião para novas formulações teológicas e novas práticas pastorais com vistas ao anúncio do Evangelho. À parte disso, o Concílio iria “discutir princípios doutrinários, retomando o que padres e teólogos, antigos e novos, ensinaram, que todos sabemos e está profundamente gravado em nossas mentes”²⁹. Daí porque

do globo: ‘Renova o nosso tempo com tuas maravilhas, como num novo Pentecostes. Concede à santa Igreja que, com Maria, Mãe de Jesus, conduzida por Pedro, prostra-se em oração unânime e perseverante, para que se dilate o Reino do divino Salvador, Reino de verdade e de justiça, Reino de amor e de paz. Amém’ (HS 23).

²⁸ Dentre as referências implícitas ao sentido de *aggiornamento* em *EN*, temos: “Queremos fazer isso, também, neste décimo aniversário de encerramento do Concílio Vaticano II, cujos objetivos se resumem, em última análise, num só intento: tornar a Igreja do século XX mais apta ainda para anunciar o Evangelho à humanidade do mesmo século XX” (EN 2); “O Concílio Ecumênico Vaticano II recordou e depois o Sínodo de 1974 retomou com vigor este mesmo tema: a Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade” (EN 15).

²⁹ JOÃO XXIII. *Discurso Gaudet Mater Ecclesia na Abertura Solene do Concílio*, 11 de outubro de 1962.

Rahner (1969, p. 398, trad. nossa) afirma ser o Vaticano II “um concílio eminentemente eclesiológico”, no qual a Igreja era o sujeito e o objeto das declarações conciliares.

Nas palavras de Philips (1982, p. 19), o arcebispo de Bruxelas, Leo-Jozef Suenens, em 4 de dezembro de 1962, propôs que o Concílio assumisse o tema da Igreja como o núcleo de seus trabalhos. No dia seguinte, o arcebispo de Milão, Giovanni Battista Montini, futuro Papa Paulo VI, apresentou os pontos que considerava os articuladores do trabalho conciliar: “*o que é a Igreja*” e “*o que faz a Igreja*”, fazendo eco às palavras do prelado belga. Ambas as intervenções se deram no contexto da elaboração da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e foram decisivas para o seu esquema final. Ora, o *aggiornamento* desejado por João XXIII motivou uma reflexão teológico-pastoral de princípio: a Igreja que busca anunciar Jesus Cristo a todo ser humano não pode desvincular sua missão de seu perene processo de reforma, mas deve conceber tal relação como “busca de uma renovada inculturação da revelação nas novas culturas” (ALBERIGO, 2009, p. 553, trad. nossa).

LG – uma das quatro Constituições do Vaticano II – é a que expressa mais propriamente, juntamente com a Constituição Pastoral *GS*, a eclesiologia do Concílio. Para Hackmann (2005, p. 662), a eclesiologia da *LG* propõe uma nova consciência eclesial, superando a ideia de uma Igreja autossuficiente. Essa nova consciência tem por fundamento a realidade sacramental da Igreja, sinal e instrumento de salvação para o mundo. O início da *LG* (LG 1-8) apresenta o mistério da Igreja, cuja fonte é a Trindade.

[...] nela está presente o mistério do desígnio salvífico de Deus para a humanidade, como sinal do amor incondicional de Deus pelas pessoas, por ele criadas como um gesto de benevolência de seu dom. Com isso, uma das características da eclesiologia do Vaticano II é a dimensão trinitária da Igreja [...] (HACKMANN, 2005, p. 663).

A Igreja existe a partir de Cristo e em Cristo, e nele participa do mistério de Deus. Por conseguinte, sua missão não é outra senão testemunhá-lo ao mundo. É esse, pois, o vínculo essencial entre o ser e o agir da Igreja, base da nova consciência eclesial apresentada pelo Concílio. Para Hackmann (2005, p. 664), uma das consequências dessa nova consciência é a superação de uma eclesiologia jurídica: a Igreja não é vista mais horizontalmente e a partir de si, mas verticalmente, a partir de Deus, como sacramento e instrumento de Deus no mundo³⁰. A Igreja é um mistério de comunhão, à luz do mistério de comunhão da Trindade, e é sua tarefa conduzir os homens e mulheres a essa comunhão com Deus. Se é pelo anúncio e testemunho

³⁰ Para o aprofundamento da questão: ACERBI, Antonio. *Due ecclesiologie: ecclesiologia giuridica ed ecclesiologia di comunione nella “Lumen Gentium”*. Bologna: EDB, 1975.

da Igreja que todas as pessoas são chamadas e podem vivenciar essa comunhão, temos que a Igreja “se acha vinculada à evangelização naquilo que ela tem de mais íntimo” (EN 15). Sendo assim, o fundamento teológico da Igreja-Comunhão possibilitará a ressignificação do conceito de evangelização a partir do Vaticano II.

Uma outra chave para a compreensão da eclesiologia da *LG* é a Igreja Povo de Deus (LG 9-17), que está na contramão de uma concepção eclesial hierarquizante, na qual apenas os ministros ordenados são propriamente a Igreja e os únicos responsáveis pela evangelização. Em sentido contrário, todos os membros da Igreja constituem o Povo de Deus, todos tem a mesma dignidade pela graça batismal e todos são responsáveis por sua missão evangelizadora, protagonizando-a.

Paulo VI participou ativamente da elaboração da *LG*. Antes do início do Concílio, o então Cardeal Montini, em carta enviada ao Cardeal Cicognani, Secretário de Estado, em 18 de outubro de 1962, referenciada por Colombo (1992, p. 246), afirmou que devia ser a Igreja o tema central do Vaticano II. Contudo, indicou que a correta eclesiologia é aquela cristocêntrica, explicitando a indissociável relação entre Jesus Cristo e a Igreja, fundamento da evangelização descrito na *EN*³¹. Nas demais sessões³², Paulo VI desempenhou papel de conciliador, mediando as reflexões e as divergências oriundas das diversas correntes eclesiológicas presentes no Concílio³³.

A Constituição Pastoral *GS*, igualmente determinante para a eclesiologia do Concílio, trata da relação Igreja-mundo e o faz articulando a doutrina e a pastoral. Segundo Hackmann (2005, p. 668), *GS* tinha como intenção apresentar a doutrina da Igreja como resposta às necessidades do tempo atual. Deveria fazê-lo tendo como horizonte a pastoral, em atitude de diálogo, falando a todos e enfrentando os problemas decorrentes de sua relação com a modernidade. A categoria “*diálogo*” articula e expressa o sentido do texto, reafirmando o caráter pastoral da Constituição e indicando a atitude da Igreja em sua relação com o mundo. A Igreja como Mistério e como Povo de Deus é explicitada pela *GS* em consonância com a *LG* e a *SC*³⁴, estabelecendo uma fecunda articulação entre doutrina e pastoral. Trata-se de uma resposta à pergunta: que diz a natureza da Igreja à sua relação com o mundo? Em segundo lugar, *GS* trata do binômio história humana e história da salvação: a Igreja afirma a autonomia das realidades terrestres e “dá sua contribuição de acordo com a sua finalidade religiosa”

³¹ Cf. EN 6-16.

³² Segunda, Terceira e Quarta Sessões, pois sua eleição ao papado ocorreu entre a Primeira e a Segunda sessões.

³³ Cf. PHILIPS, Gérard. *A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano. História, texto e comentário da Constituição Lumen Gentium*. Tomo I. São Paulo: Herder, 1968.

³⁴ Cf. GS 2, 40, 45.

(HACKMANN, 2005, p. 671). Por fim, “a segunda parte da *GS* propõe um diálogo com o mundo contemporâneo sobre problemas concretos vividos pelos homens e pelas mulheres da época, sob o transfundo, é verdade, de uma nova concepção de Igreja” (HACKMANN, 2005, p. 672).

A *GS* pode ser considerada uma resposta à dimensão da *Ecclesia ad extra*³⁵. Entretanto, adjetivá-la como *pastoral* em sentido estrito seria reduzi-la e esvaziá-la de seu significado original no corpo textual do Vaticano II e de suas implicações para a vida da Igreja.

A Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje consta de duas partes, mas é um todo. Ela é chamada ‘pastoral’ porque, baseada em princípios doutrinários, tem a intenção de exprimir as relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje. Por isso, nem na primeira parte está ausente a intenção pastoral, nem na segunda falta a intenção doutrinária³⁶.

Não há oposição entre o doutrinário e o pastoral, mas sim uma relação que está no núcleo do Concílio: como tornar significativa a mensagem cristã de sempre para os homens e mulheres de hoje? Da evidência e singular importância de tal relação decorre a noção de evangelização em *EN*³⁷.

1.1.2 O Sínodo de 1974³⁸

Segundo Gantin (1998, p. 7), entre os dias 24 e 27 de outubro de 1972, ocorreu no Vaticano a segunda reunião plenária do *Consilium*, na qual foram consideradas as propostas temáticas para o Sínodo de 1974³⁹. Após a aplicação de critérios internos – relativos à relevância

³⁵ Expressão do Cardeal Suenens na 33ª Congregação Geral, em 4 de dezembro de 1962, que designaria a dimensão exterior da vida da Igreja, sua missão.

³⁶ CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1969, p. 143.

³⁷ A totalidade do texto de *EN* exprime uma fecunda harmonia entre a doutrina e a pastoral, de modo que os elementos doutrinários fundantes da ação evangelizadora presentes no capítulo primeiro (EN 6-16) encontram-se permeados pelos aspectos pastorais da missão, e os capítulos posteriores, nos quais predominam os elementos pastorais, referem-se continuamente à doutrina exposta no início da Exortação. Importa, portanto, o sentido global de *EN* para a caracterização da noção de evangelização que deseja apresentar.

³⁸ Preciosa referência sobre a III Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos é o volume de 1.084 páginas do jesuíta Pe. Giovanni Caprile: CAPRILE, Giovanni. *Il Sinodo dei Vescovi 1974*. Roma: Civiltà Cattolica, 1975. Nele, o autor apresenta em detalhes o percurso histórico do Sínodo, o conteúdo das intervenções e as principais conclusões, valendo-se, para isso, de vasta documentação.

³⁹ Os Sínodos que precederam a Assembleia Sinodal de 1974 foram: I Assembleia Geral Ordinária (1967), com o tema “*A preservação e o fortalecimento da fé católica, a sua integridade, o seu vigor, o seu desenvolvimento, a sua coerência doutrinária e histórica*”; I Assembleia Geral Extraordinária (1969), com tema “*Cooperação entre a Santa Sé e as Conferências Episcopais*”; e II Assembleia Geral Ordinária (1971), com o tema “*O sacerdócio ministerial e a justiça no mundo*” (cf. *Sínodo dos Bispos*. Disponível em: <http://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/sinodo_indice_po.html>).

e argumentação sobre os temas propostos – e externos – referentes ao número e às propostas das Conferências Episcopais – chegou-se aos seguintes temas: Família; Fé-Magistério; Justiça; Libertação; Progresso e Evangelização; Juventude; e Igrejas Particulares e Missão.

Ainda de acordo com Gantin (1998, p. 8), Mons. Władisław Rubin, que secretariava os trabalhos, propôs a cada membro do *Consilium* a escolha de seis temas, justificada por escrito. Uma pequena Comissão, composta, entre outros, pelo Cardeal Wojtyła, obteve uma relação de sete temas. Seis foram apresentados ao *Consilium* com novas observações e aprofundamentos conceituais: Evangelização, Família, Fé-Magistério, Igreja particular, Administração eclesial e Juventude. Na última discussão, nove membros optaram pelo tema Família e cinco pelo tema Evangelização. Ambos foram apresentados ao Papa Paulo VI, seguidos pelos demais. Apenas em 23 de fevereiro de 1973 foi divulgado o tema escolhido por Paulo VI para o Sínodo de 1974: *De evangelizatione mundi huius temporis*⁴⁰. Formalizou-se tal comunicação em circular assinada pelo Cardeal Jean-Marie Villot, Secretário de Estado, de 3 de fevereiro de 1973.

A circular assim enumerava os motivos da escolha: este argumento da evangelização toca de perto as graves dificuldades nas quais se encontra a Igreja no cumprimento de sua missão, devido às múltiplas e rápidas mudanças que impregnam a sociedade civil e a mesma Igreja; do que se apresenta a necessidade de consultar-se para ver como, neste novo mundo em transformação e nas circunstâncias presentes, essa deva cumprir a sua missão salvífica de anunciar o Evangelho (CAPRILE, 1975, p. 54, trad. nossa).

Segundo Gantin (1998, p. 9), a Igreja espalhada pelo mundo participou ativamente do processo de preparação da Assembleia Sinodal. Também a colaboração ecumênica foi incluída na fase preparatória. Na etapa de preparação próxima, foram compiladas e organizadas as consultas e respostas obtidas na fase anterior, foi enviado o *Instrumentum Laboris* e foram convocados e definidos os membros do Sínodo e seus participantes: 13 das Igrejas Orientais; 145 de 98 Conferências Episcopais; 10 Superiores Gerais, 17 Cardeais da Cúria Romana, 1 Secretário Geral e 23 participantes de nomeação pontifícia.

1.1.2.1 A questão sinodal central

A III Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos foi realizada entre os dias 27 de setembro e 26 de outubro de 1974, tendo como tema “A evangelização no mundo moderno”. Ao todo, sucederam-se vinte e cinco Congregações Gerais durante os dias de trabalho do

⁴⁰ Expressão latina: *A evangelização no mundo moderno*.

Sínodo. Seus Presidentes delegados foram: Cardeal Franz König, Arcebispo de Viena (Áustria); Cardeal Juan Landázuri Ricketts, O.F.M., Arcebispo de Lima (Peru); e Cardeal Paul Zoungrana, Arcebispo de Ougadougou (Alto Volta). Seu Secretário Geral foi Dom Władisław Rubin, Bispo titular de Serta (Vaticano). Os Relatores Gerais foram: Cardeal Joseph Cordeiro, Arcebispo de Karachi (Paquistão); Dom Roger Etchegaray, Arcebispo de Marseille (França); Dom James D. Sangu, Bispo de Mbeya (Tanzânia); Dom Eduardo Pironio, Bispo de Mar del Plata (Argentina); Dom Joseph Bernardin, Bispo de Cincinnati (Estados Unidos da América); e Cardeal Karol Wojtyła, Arcebispo de Cracóvia (Polônia).

A abertura do Sínodo se deu na Capela Sistina, com Missa presidida pelo Papa Paulo VI. Em sua homilia, o Santo Padre, em forma de oração, suplicou:

Preferimos, portanto, voltarmo-nos antes de tudo a Ti para confirmar em nós esta primeira certeza: que o fato mesmo da evangelização nasce de Ti, Senhor, como um rio, que tem a sua fonte e Tu, Cristo Jesus, é esta fonte. Tu és a causa histórica, Tu és a causa eficiente e transcendente deste prodigioso fenômeno: o apostolado, de Ti, Mestre; de Ti, Salvador; de Ti, princípio e modelo; de Ti, pontífice e anfitrião da salvação da humanidade, é originado, é conferido aos discípulos eleitos, por Ti chamados Apóstolos e dos Apóstolos chega a nós, Bispos, com ininterrupta sucessão. A Tua palavra, como chama que se propaga no tempo e nas estações da história, chega a nós, docíssima e imperativa, sempre viva, sempre nova, sempre atual⁴¹.

Faz-se necessário destacar que o Sínodo de 1974 enfrentou, dentre os diversos problemas que a ele foram referidos, aquele relativo à noção de “evangelização”. Seguindo a reflexão de Martins (1977, p. 60), não é possível, na atualidade, significar univocamente o conceito de evangelização. A gradativa ampliação desse conceito impõe à reflexão teológica a necessidade de articulação entre seus diversos sentidos, que extrapolam a perspectiva reducionista que identifica, em absoluto, evangelização e anúncio da Palavra. Os *Lineamenta* da Assembleia Sinodal expressavam essa diversidade de sentidos teológicos:

O termo ‘evangelização’ pode significar, hoje, mais realidades. Isso pode indicar, antes de tudo, qualquer atividade, com a qual, de qualquer maneira, o mundo é transformado conforme a vontade de Deus criador e redentor; pois sempre exprime a atividade sacerdotal, profética e real, com a qual a Igreja é edificada segundo as intenções de Cristo. Mais frequente é a terceira acepção do termo, com a qual se indica aquela atividade por meio da qual é proclamado e explicado o Evangelho, e é suscitada a fé viva nos não-crentes e alimentada nos cristãos [...] Por último, o significado do termo ‘evangelização’ se restringe a indicar o primeiro anúncio do Evangelho feito aos não-cristãos, com o qual é suscitada a fé⁴².

⁴¹ PAULO VI. Aos Padres Sinodais reunidos na Capela Sistina para a abertura do Sínodo. In: PAOLO VI. *Insegnamenti di Paolo VI*, XII. Roma: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1974, p. 972, trad. nossa.

⁴² SYNODUS EPISCOPORUM. *De evangelizatione mundi huius temporis. Lineamenta*. Roma: E Civitate Vaticana, 1973, p. 5. Referenciado por Martins (1977, p. 61, trad. nossa).

O mesmo Martins (1977, p. 62) afirma que os *Lineamenta* propunham a terceira concepção de evangelização, que diz da atividade com a qual a Igreja proclama o Evangelho para suscitar a fé. Os bispos, entretanto, não aceitaram tal posicionamento do que seria um simples “instrumento de trabalho”. Isso ficou evidente nas “*Responsiones*” enviadas pelos bispos à Secretaria do Sínodo após a consulta realizada. Podemos vincular a isso o fato de que os diferentes contextos implicam diferentes visões de mundo e, por conseguinte, diferentes concepções acerca da atividade evangelizadora da Igreja, ainda que, do ponto de vista teológico, a salvação, a redenção e o mandato missionário de Cristo estejam adequadamente situados. Daí as muitas formas de tratamento do problema por parte das Conferências Episcopais no período pré-sinodal e o rechaço da adoção de um conceito único para os trabalhos Sinodais. Mesmo os órgãos da Cúria Romana divergiam acerca da noção em questão. Entre as Conferências que defendiam um conceito de caráter querigmático, passando pelas que afirmavam a evangelização como proclamação e explicação da Boa-Nova, até as que significavam o conceito como transmissão do depósito da fé pela pregação, pela celebração dos sacramentos e pelo testemunho de vida, temos que a pergunta sobre o significado da evangelização “é uma pergunta recorrente nas Respostas de quase todas as Conferências Episcopais” (MARTINS, 1977, p. 63, trad. nossa). A preferência dos bispos por um conceito mais amplo indicava uma articulação entre os diferentes sentidos, de modo que isso não renegasse o aspecto da mediação salvífica da Igreja.

Com isso, o *Instrumentum Laboris* incorporou o novo conceito de evangelização nos termos de uma atividade com a qual o Povo de Deus suscita e alimenta a fé. Tal noção de evangelização foi plenamente aceita pelos Padres sinodais, sendo possível afirmar sua realidade tridimensional: a pregação da palavra, o testemunho de vida e a celebração dos sacramentos. Paulo VI, em *EN*, retomará a complexidade da noção de evangelização na mesma linha do Sínodo⁴³.

1.1.2.2 As diferentes tendências

Em face dos diferentes contextos em que se encontravam os Padres Sinodais no que tange à ação evangelizadora que levavam a termo em suas Igrejas Particulares, Conferências Episcopais, Congregações e mesmo na Cúria Romana, e diante das múltiplas concepções de

⁴³ Cf. EN 17, 24, 22, 29.

“evangelização” explicitadas na fase preparatória do Sínodo, ao menos duas tendências procuraram fazer valer os acentos que conferiam à noção de “evangelização”. Para Salvini (2000, p. 352), a primeira tendência buscava preservar a evangelização de uma pretensa vinculação a objetivos sociopolíticos; a segunda, ao contrário, tinha a intenção de considerá-la como empenho social e político. O que estava em jogo, portanto, era o conteúdo da evangelização. O mesmo autor reconhece um caráter de simplificação na afirmação de que a primeira tendência era representada pelo episcopado europeu e a segunda pelos bispos latino-americanos, asiáticos e africanos, estes últimos das Igrejas mais “jovens”, em virtude do envolvimento destas na transformação social e política de seus continentes, marcados pela injustiça, pobreza e violência.

Salvini (2000, p. 353) compreende que o problema decorrente da relação entre evangelização e empenho sociopolítico – evidenciado no Sínodo de 1974 – teve sua origem no Sínodo de 1971, do qual um dos temas era “a justiça no mundo”. Naquela Assembleia Sinodal, a problemática se referia à relação entre libertação humana e salvação em Cristo. Enquanto alguns Padres afirmavam a radical separação entre libertação evangélica (redenção) e libertação social, outros defendiam a salvação também vinculada à história e às realidades sociais. “O Sínodo de 1971, no seu documento final, não fez uma clara escolha entre as duas tendências, mas certamente, em muitos pontos, parecia favorecer a segunda” (SALVINI, 2000, p. 354, trad. nossa), indicando a libertação de todo estado de opressão como parte da missão da Igreja. Tal posicionamento foi reafirmado, corrigido ou mesmo atenuado por muitos Padres no Sínodo de 1974. Paulo VI, na *EN*, aborda essa relação de maneira contundente, reposicionando algumas concepções e apontando caminhos novos para a ação pastoral da Igreja.

1.1.3 Giovanni Battista Montini

Giovanni Battista Montini nasceu em 26 de setembro de 1897, em Concesio (Brescia), província da Lombardia, norte da Itália. Seu pai, Giorgio Montini, durante a juventude, participou ativamente da vida social, política e religiosa de Brescia. Foi nomeado diretor do periódico católico “*Il Cittadino di Brescia*” e atuou como membro do Movimento Católico bresciano. Giorgio “deu vida a muitas obras católicas, bibliotecas móveis, sociedade dos trabalhadores católicos, cozinhas econômicas, secretariado do povo, escolas, asilos e o primeiro banco católico da Itália (o Banco San Paolo de Brescia)” (TOSCANI, 2015, p. 18, trad. nossa). Em 1895, Giorgio casou-se com Giuditta Alghisi, que havia estudado em Milão e na França, onde entrou em contato com a cultura e a espiritualidade. Seu encontro com Giorgio teve como

motivação a comum espiritualidade que vivenciavam e as atividades caritativas e militantes. Giuditta era órfã e seu tutor não aprovou sua escolha de casar-se com Giorgio, pois o tinha como adversário político.

Giovanni Battista Montini – cujos irmãos se chamavam Lodovico e Francesco – recebeu uma significativa herança espiritual e religiosa, vivenciando as atividades caritativas e educativas realizadas por sua família e relações respeitadas e amigáveis com os diversos interlocutores da sociedade bresciana. Falando a Jean Guitton, anos depois, Paulo VI afirmou:

A meu pai devo os exemplos de coragem, a urgência de não se render passivamente ao mal, o juramento de não preferir a vida às razões da vida. O seu ensinamento pode ser resumido numa palavra: ser uma testemunha [...] À minha mãe devo o senso de recolhimento, da vida interior, da meditação que é oração, da oração que é meditação [...] o amor de Deus, que encheu os seus corações e os uniu na juventude, traduziu-se em meu pai na ação política e em minha mãe no silêncio (GUITTON, 1967, p. 78, trad. nossa).

Giovanni Montini apresentava uma distinta capacidade intelectual e grande aptidão para os estudos, muito em virtude do ambiente em que vivia. Em 1908, iniciou o curso ginásial junto aos Jesuítas de Brescia. Criança frágil, sua saúde piorou ao longo dos anos, levando-o a interromper sua frequência à escola em 1912, último ano do curso. Até o exame final, em julho de 1913, estudou de maneira privada, em casa. Nesse período, as amizades e as experiências espirituais junto a alguns sacerdotes despertaram-lhe o desejo de consagração a Deus. Em 1916, ingressou no seminário de Brescia para os estudos teológicos. Porém, sua condição de saúde fez com que Mons. Giacinto Gaggia, bispo de Brescia, permitisse a realização de seus estudos em casa, sendo que o jovem Montini deveria comparecer ao seminário apenas para as lições.

Giovanni Battista Montini foi ordenado sacerdote em 29 de maio de 1920, na Catedral de Brescia. Após uma semana, viajou a Roma com seu pai, então deputado do Partido Popular. Nesse momento, uma nova perspectiva lhe fora indicada: a continuação de seus estudos em Roma com vistas à sua inserção no ambiente da Cúria Romana, fato que seria de grande relevância para as relações dos católicos brescianos envolvidos na política com a Santa Sé. A ideia agradou ao bispo de Brescia e, em 10 de novembro de 1920, Pe. Giovanni ingressou na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Gregoriana e na Faculdade de Letras da Universidade La Sapienza. Em 22 de outubro de 1921, o substituto da Secretaria de Estado, Mons. Giuseppe Pizzardo, pede a Montini para ingressar na Pontifícia Academia dos Nobres Eclesiásticos, escola de preparação dos candidatos ao serviço diplomático da Santa Sé. Em 20 de novembro, Montini adentra a referida Academia para iniciar os estudos de Direito Canônico. Em 1923, foi enviado a Varsóvia (Polônia) para trabalhar na Nunciatura Apostólica, mas

retornou a Roma em 1924 devido aos graves efeitos do inverno polonês sobre sua saúde. Nesse período, foi nomeado assistente eclesiástico da Federação Universitária Católica Italiana e atuava na Secretaria de Estado da Santa Sé. Em 1937, foi nomeado substituto para os assuntos comuns da mesma Secretaria, sob a orientação do Cardeal Eugenio Pacelli, Secretário de Estado de Pio XI. No dia 2 de março de 1939, Pacelli foi eleito Papa, assumindo o nome de Pio XII. Com isso, Montini foi reconfirmado no cargo sob o novo Secretário de Estado, Cardeal Luigi Maglione. Durante a Segunda Guerra, Montini teve papel decisivo nos trabalhos da Santa Sé junto aos refugiados políticos.

Em 1954, Mons. Montini foi nomeado arcebispo de Milão, tomando posse de sua nova diocese aos 5 de janeiro de 1955. Revitalizou a diocese, pregando a mensagem social do Evangelho, aproximando-se da classe trabalhadora e promovendo a educação católica em todos os níveis. “A pastoral ordinária de Montini estava organizada sobre três pontos: a liturgia, a pregação e o diálogo” (TOSCANI, 2015, p. 250, trad. nossa). Deu novo ânimo à atividade missionária e fomentou a vitalidade paroquial. Seu impacto apostólico foi tão grande que atraiu a atenção mundial. No conclave de 1958, que elevou ao pontificado o Cardeal Angelo Roncalli, o nome de Montini foi frequentemente mencionado. Ainda em 1958, no mês de dezembro, no início de seu ministério petrino, o Papa João XXIII elevou o bispo Montini ao cardinalato.

Em 26 de janeiro de 1959, a menos de vinte e quatro horas do anúncio, o Cardeal Montini comunicou à sua arquidiocese a notícia da realização do Concílio Vaticano II. Nas fases antepreparatória e preparatória do Concílio, e mesmo nos períodos de intervalo entre as sessões conciliares, proferiu diversos discursos e mensagens sobre o significado do Concílio para os nossos tempos, enfatizando o tema da Igreja como o tema central do Vaticano II. Cardeal Montini foi nomeado e participou ativamente da Comissão Central Preparatória do Concílio, destacando-se igualmente nas Congregações Gerais e nas discussões relativas à redação dos documentos conciliares, especialmente os de cunho estritamente eclesiológicos.

1.1.3.1 O pontificado de Paulo VI

Em 21 de junho de 1963, Cardeal Montini foi eleito Papa no Conclave que contou com a participação de oitenta e dois cardeais, assumindo o nome de Paulo VI. Na manhã seguinte, em sua primeira mensagem, na Capela Sistina, indicou que o primeiro objetivo de seu pontificado seria o de levar a termo o Concílio Vaticano II, gastando todas as energias que o Senhor lhe daria para tal empreendimento. Essa tarefa foi certamente a mais importante imposta a Paulo VI, dado que teria a incumbência de manter-se fiel às intenções de seu predecessor,

João XXIII, conciliando-a com as necessidades daquele momento. Elevado à Sé de Pedro entre a primeira e a segunda sessões conciliares, Paulo VI, em seu discurso na inauguração da segunda sessão do Concílio, discorreu sobre os três objetivos que deveriam orientar o trabalho dos Padres nesse novo período:

Não há dúvida de que a Igreja deseja e até se reconheça obrigada por necessidade intrínseca e por dever a dizer claramente o que pensa de si mesma [...] seu mistério é da ordem das coisas divinas, que sempre poderão ser melhor conhecidas e explicadas [...] outro tema principal do Concílio: a renovação da Igreja, como se diz. A renovação, tal como a entendemos, decorre da consciência que a Igreja tem de estar unida a Cristo. Vê-se como num espelho, reflexo da imagem de Cristo. Assim que percebe alguma sombra ou defeito em sua veste nupcial, procura logo fazer o que é preciso para afastá-los. Busca, assim de tudo, corrigir-se, renovar-se, para se tornar o mais fiel possível a seu modelo divino [...] A terceira razão pela qual foi convocado este Concílio por nosso predecessor João XXIII, talvez a principal, se a encarmos do ponto de vista espiritual, refere-se aos ‘outros cristãos’, que embora creiam em Cristo – constatamo-lo com alegria! – não podem ainda ser contados entre aqueles com quem estamos inteiramente unidos pelo vínculo da caridade perfeita”⁴⁴.

Tais afirmações nos atestam a firme convicção de Paulo VI quanto ao espírito do Vaticano II: um Concílio da Igreja sobre a Igreja, em suas dimensões interior e exterior. Se sob a condução de João XIII a índole eclesiológica do Concílio Vaticano II tinha se mostrado cada vez mais evidente e fecunda, com Paulo VI tornou-se, de fato, o fio condutor dos trabalhos, seja no âmbito das questões a serem discutidas como também, e fundamentalmente aí, nos processos conciliares, dirigidos pelo espírito de comunhão, participação e liberdade.

De acordo com Toscani (2015, p. 361), após sua eleição, Paulo VI procurou retomar com rapidez os trabalhos conciliares. O Regulamento do Concílio foi revisto, a fim de garantir a atenção devida às questões surgidas durante a primeira sessão. Além disso, a tarefa do Conselho de Presidência deveria se limitar a fazer com que o Regulamento fosse cumprido, de modo que a condução dos debates nas Congregações Gerais ficaria a cargo de quatro moderadores e a gestão da assembleia conciliar e da reelaboração dos textos seria feita diretamente com o Papa.

Seguindo a reflexão de Gonçalves (2015, p. 730), Paulo VI preconizou a organicidade do Concílio, tendo como princípios basilares o cristocentrismo e o mistério da Igreja na sua relação direta com a estrutura eclesial interna, com a missão *ad gentes* e com o binômio Igreja-mundo. Uma das discussões que teve de enfrentar foi a que tratou da colegialidade episcopal, cuja problemática se referia à relação entre o Papa e o colégio episcopal⁴⁵. Também foi Paulo

⁴⁴ PAULO VI. *Discurso na Abertura do Segundo Período do Concílio*, 29 de setembro de 1963.

⁴⁵ De acordo com Gonçalves (2015, p. 730), reafirmando a doutrina do primado e da infalibilidade, Paulo VI sancionou e publicou a *nota explicativa prévia*, anexada à *LG*, na qual enfatizava ser o Papa a cabeça da Igreja.

VI que incluiu na mesma Constituição o tratado de mariologia eclesiológica, no qual, da imagem bíblica de Maria e dos dogmas marianos em sua relação com a história da salvação, concluiu que Maria é ícone da Igreja⁴⁶. Destaca-se do mesmo modo o empenho ecumênico do Papa Montini durante o Concílio. Além de impulsionar o trabalho dos Secretariados para os não-cristãos e para os não-crentes, visitou Atenágoras, patriarca de Constantinopla⁴⁷. Em 14 de setembro de 1965, Paulo VI anunciou a criação do Sínodo dos Bispos, solicitado pelos Padres Conciliares⁴⁸.

No dia 6 de agosto de 1964, Paulo VI publicou sua primeira Encíclica: *Ecclesiam Suam* (ES). A questão central do documento referia-se aos caminhos que levariam a Igreja a cumprir hoje o mandato recebido de Cristo. Paulo VI indicou o caminho do diálogo como necessário e prioritário para a Igreja na atualidade. Segundo Toscani (2015, p. 380), há duas considerações importantes sobre a referida Encíclica. Em primeiro lugar, por ser *ES* a primeira Encíclica de Paulo VI, esperava-se nela visualizar as indicações programáticas que orientariam seu pontificado. Em segundo lugar, por se tratar de uma Encíclica sobre a Igreja, considerava-se o seu impacto em meio à realização do Concílio, cujo tema central também era a Igreja. Por um lado, Paulo VI buscava assegurar a necessária liberdade ao Concílio, mas também não podia abdicar da exigência de comunicar seu próprio pensamento sobre a Igreja. Quanto ao conteúdo da Encíclica, fica evidente sua relação direta com o evento conciliar. Paulo VI reafirma em *ES* as prioridades destacadas em seu discurso por ocasião da abertura do segundo período do Concílio: clara autoconsciência eclesial; a renovação da Igreja; o reestabelecimento da unidade entre os cristãos; e o diálogo com o mundo contemporâneo⁴⁹.

Paulo VI foi o primeiro Pontífice a visitar os cinco continentes. Era um homem de pensamento claro, rigoroso e brilhante. Sua grande capacidade de diálogo deixou marcas

⁴⁶ “Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo [...]” (LG 63).

⁴⁷ O encontro entre Paulo VI e Atenágoras ocorreu aos 5 de janeiro de 1964. Em 2014, passados cinquenta anos do mencionado encontro, Francisco e Bartolomeu, seus sucessores, encontraram-se em Jerusalém para a assinatura de uma declaração conjunta em favor da unidade dos cristãos em face dos desafios atuais e futuros.

⁴⁸ Segundo Hackmann (2013, p. 174), “os Sínodos dos bispos, celebrados periodicamente em Roma, são frutos da renovação eclesial e eclesiológica pós-conciliar e estão estreitamente relacionados com a doutrina do primado, da natureza e do ofício pastoral dos bispos e da comunhão hierárquica”. Os Sínodos significam que “a ação dos bispos de todo o mundo católico, em comunhão hierárquica, exprime sua participação nas preocupações da Igreja universal” (CD 5). Sua promulgação se deu através do Motu Proprio *Apostolica Sollicitudo*, por Paulo VI, no início da Quarta Sessão conciliar, em 15 de dezembro de 1965.

⁴⁹ “Não ambicionamos, porém, dizer coisas novas nem completas, para isso está o Concílio Ecumênico; esta nossa despretençiosa conversação epistolar não deve perturbar a sua obra, mas sim honrá-la e dar-lhe novo ânimo [...] Pretendemos assim imprimir vigor renovado ao nosso ministério, contribuir melhor para a celebração frutuosa do Concílio Ecumênico [...]” (ES 2). Os três capítulos de *ES* correspondem aos temas elencados acima: “A consciência” (ES 7); “A renovação” (ES 19); e “O diálogo” (ES 34).

profundas na história recente da Igreja, bem como seu modo de conduzir a conclusão do Vaticano II. Paulo VI morreu em 6 de agosto de 1978. Papa Francisco o beatificou aos 19 de outubro de 2014, na Praça São Pedro. A memória litúrgica do Beato Paulo VI é celebrada em 28 de setembro.

1.2 EVANGELIZAR: GRAÇA, VOCAÇÃO E IDENTIDADE DA IGREJA

EN consta de sete partes⁵⁰ harmoniosamente articuladas, sendo que, demarcadas entre uma Introdução e uma Conclusão, estão, segundo Briancesco (1977, p. 111), “as bases teológico-dogmáticas desde onde inicia a reflexão (relação Cristo-Igreja e relação Espírito-Igreja) [...]”. Abordaremos a segunda relação mais adiante, de modo que as sessões que seguem tratam da relação Cristo-Igreja como o fundamento da evangelização, indicado pelo título do primeiro capítulo de *EN*: “De Cristo evangelizador a uma Igreja evangelizadora” (EN 6). “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar [...]” (EN 14). A fim de apresentarmos os elementos e aspectos que subjazem a essa afirmação de Paulo VI, percorreremos os principais pontos relativos aos três primeiros capítulos de *EN*, certamente aqueles que mais propriamente delineiam a teologia da evangelização exposta pelo Pontífice em sua Exortação.

A dimensão cristológico-eclesiológica, fundamento da evangelização, indica-nos a natureza, o desenvolvimento e os alcances da relação entre Cristo e a Igreja sob o ponto de vista da missão, uma vez que “a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja” (EN 14). Somente uma reta compreensão dessa dimensão fundamental nos possibilita responder à pergunta “O que é evangelizar?” (EN 17), que intitula o segundo capítulo de *EN*. A resposta a tal pergunta, entretanto, não se dá por meio de uma formulação categórica, porque “nenhuma definição parcial e fragmentária [...] chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização [...]” (EN 17). A complexidade da ação evangelizadora é o ponto de partida para uma possível conceituação de evangelização, que, para Paulo VI, contempla diversos elementos interdependentes, tais como: a “renovação da humanidade” (EN 18), a “evangelização das culturas” (EN 20), o testemunho da vida (EN 21), o anúncio explícito de Cristo (EN 22) e a adesão a uma comunidade eclesial (EN 23). Porém,

⁵⁰ *Introdução* (1-5); *De Cristo evangelizador a uma Igreja evangelizadora* (EN 6-16); *O que é evangelizar?* (EN 17-24); *O conteúdo da evangelização* (EN 25-39); *As vias de evangelização* (EN 40-48); *Os destinatários da evangelização* (EN 49-58); *Os agentes da evangelização* (EN 59-73); *O espírito da evangelização* (EN 74-80); *Conclusão* (EN 81-82).

o ato de evangelizar é um ato de relação entre pessoas, entre sujeitos, entre interlocutores. Nesse sentido, a evangelização comporta um conteúdo, situado na base dessa relação, a saber, o núcleo de sentido da mensagem evangelizadora, os elementos primários e proeminentes da evangelização. Esse núcleo é tematizado por Paulo VI no terceiro capítulo de *EN*: “O conteúdo da evangelização” (EN 25). De nossa parte, apresentaremos como Papa Montini concebe o conteúdo central da evangelização. Se “existe, portanto, uma ligação profunda entre Cristo, a Igreja e a evangelização” (EN 16) esta ligação torna-se evidente a partir da análise dos capítulos iniciais de *EN*, análise que expomos a seguir.

1.2.1 A dimensão cristológico-eclesiológica fundamental

No primeiro capítulo da *EN* (EN 6-16), Paulo VI apresenta os fundamentos da evangelização, aquilo que radicalmente lhe confere sentido e estabelece suas finalidades. O título do mencionado capítulo indica a natureza de tais fundamentos: “*De Cristo evangelizador a uma Igreja evangelizadora*”. Da missão evangelizadora de Jesus decorre necessariamente a missão evangelizadora da Igreja. Paulo VI pretende, com isso, explicitar os diversos aspectos da missão de Jesus como os elementos fundantes da evangelização⁵¹: evangelizar não se refere, em primeiro lugar, à ação da Igreja, mas ao agir de Cristo, o primeiro e o maior evangelizador (EN 7). Para Paulo VI, a evangelização não é uma espécie de aplicação prática da doutrina de Cristo. É, em contrapartida, participação na única missão de Jesus. Portanto, a evangelização não se constitui a partir da Igreja visível, em sua intenção de anunciar a todos a Boa Nova; antes disso, está vinculada essencialmente à ação de Cristo, de modo que tal ação é o paradigma para a ação evangelizadora da Igreja. Daí o caráter fundamental da dimensão cristológico-eclesiológica da evangelização.

1.2.1.1 O Cristo evangelizador

EN inicia sua exposição doutrinal abordando a ligação profunda entre Jesus Cristo e a evangelização. Faz desse modo no intuito de recordar aos cristãos e à Igreja as bases sobre as quais se assenta o processo evangelizador: a Pessoa de Jesus Cristo e sua missão. Paulo VI recolhe essa afirmativa dos próprios Evangelhos, evidenciando a evangelização como ação que

⁵¹ “O anúncio do reino de Deus” (EN 8); “o anúncio da salvação libertadora” (EN 9); o convite à conversão (EN 10); a pregação de Jesus (EN 11); e seus sinais e milagres (EN 12).

perpassa todo o ministério de Jesus e, implicitamente, propondo o retorno aos textos evangélicos como a condição *sine qua non* de toda iniciativa evangelizadora.

O testemunho que o Senhor dá de si mesmo e que São Lucas recolheu no seu Evangelho – ‘Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus’ – tem, sem dúvida nenhuma, uma grande importância, porque define, numa frase apenas, toda a missão de Jesus: ‘Para isso é que fui enviado’ [...] E todos os aspectos do seu mistério – a começar da própria encarnação, passando pelos milagres, pela doutrina, pela convocação dos discípulos e pela escolha dos doze, pela cruz, até a ressurreição e à permanência da sua presença no meio dos seus – fazem parte da sua atividade evangelizadora (EN 6).

O Cristo evangelizador se nos apresenta através do seu próprio mistério: enviado pelo Pai e ungido pelo Espírito para anunciar o Reino de Deus e a salvação. Giorgi (1977, p. 93) apresenta três possíveis caminhos para um estudo orgânico da dimensão cristológica da evangelização: a questão histórica; o anúncio do Reino de Deus; e os aspectos do Mistério cristão aos quais se referem diversas perguntas formuladas pelos homens de hoje. Historicamente, “o Jesus terreno é norma e critério da Evangelização e da interpretação cristológica suscitada pelo Espírito da Verdade na comunidade cristã” (Giorgi, 1977, p. 93, trad. nossa). “A evangelização vive do processo de recepção do fato e da pessoa histórica de Jesus de Nazaré” (Giorgi, 1977, p. 100, trad. nossa). No âmbito do anúncio do Reino, este se verifica na pessoa e no agir de Cristo como intervenção de Deus na história humana por meio da salvação. “Como evangelizador, Cristo anuncia em primeiro lugar um reino, o reino de Deus [...] Só o reino, por conseguinte, é absoluto, e faz com que se torne relativo tudo o mais que não se identifica com ele” (EN 8). Quanto às questões existenciais contemporâneas em face do Mistério cristão, destacam-se os processos sociais e políticos em estado de profundas transformações. Temas como o da justiça social, trabalho, ciência, estruturas desumanizantes reclamam superação. “Já a partir desse ponto se pode ver quanto seja decisivo para a EN o motivo da salvação como libertação, na Verdade, que é Jesus, o Filho de Deus em pessoa [...]” (Giorgi, 1977, p. 121, trad. nossa).

Retomando uma das formulações do Sínodo de 1974, Paulo VI afirma: “o próprio Jesus, ‘Evangelho de Deus’, foi o primeiro e o maior dos evangelizadores” (EN 7). Dado que uma síntese acerca da ação evangelizadora de Cristo “jamais será uma coisa perfeitamente acabada” (EN 7), Paulo VI aborda alguns de seus aspectos essenciais. Em primeiro lugar, Jesus anuncia o Reino de Deus, “elemento qualificante e indispensável da evangelização cristã” (INSERO, 2007, p. 321, trad. nossa). O Cristo evangelizador não anuncia a si mesmo, mas o advento do Reino, cuja inauguração se dá em sua Pessoa e em sua obra. Enviado do Pai para anunciar a Boa Nova, Jesus entra na história humana a fim de libertar e salvar a todos. E é justamente a

salvação o “núcleo e centro da sua Boa Nova” (EN 9). Paulo VI identifica salvação e libertação na medida em que esta é libertação do pecado e do maligno, de tudo o que oprime o ser humano. “Este reino e esta salvação todos os homens podem receber como graça e misericórdia [...]” (EN 10), mas também devem conquistá-los por meio de um esforço que leva à conversão, a uma vida conforme o Evangelho. Meios privilegiados para o anúncio do Reino e da salvação foram a pregação e os milagres de Jesus. “As suas palavras desvendavam o segredo de Deus, o seu desígnio e a sua promessa, e modificavam por isso mesmo o coração dos homens e o seu destino” (EN 11). Igualmente destaca Paulo VI a comunidade dos discípulos evangelizados pelo Mestre, sinal eficaz da evangelização de Jesus e expressão da perenidade de sua missão.

Dos aspectos acima mencionados decorre a impostação cristológica da *EN*. O cristocentrismo de Paulo VI, próximo ao do Vaticano II, expressa-se na figura do “Cristo evangelizador”, fundamento da evangelização. Mais ainda, ele mesmo é o “Evangelho de Deus”. Contudo, qual o significado radical dessa afirmação? “No coração da pregação, da ação evangelizadora de Jesus de Nazaré e da fundação cristológica da evangelização, encontramos o mistério pascal de Cristo” (INSERO, 2007, p. 322, trad. nossa). É no Cristo encarnado, morto e ressuscitado que a salvação é oferecida a todos (EN 27). Desse modo, a dimensão cristológica da evangelização para Paulo VI pode ser compreendida numa dupla perspectiva: Cristo é o primeiro e o maior dos evangelizadores porque anuncia o Reino e a salvação, cumprindo a missão que o Pai lhe confiou, missão da qual a Igreja participa por seu mandato missionário; mas não é apenas evangelizador, como se fosse portador do Reino e da salvação: Jesus é o Reino e a salvação; ele é, em si, a Boa Nova, que se doa até a morte de cruz, ressuscita a fim de garantir a todos a salvação e envia o Espírito Santo. Portanto, a cristologia da *EN* afirma a identificação entre o Evangelho e o Evangelizador, Jesus Cristo. Essa é a dimensão cristológica fundamental da evangelização para Paulo VI: Cristo comunica sua missão à Igreja a fim de que esta possa, conformando-se a Ele, anunciar o Evangelho, evangelizar.

1.2.1.2 A Igreja evangelizadora

Como vimos, o mandato missionário de Jesus como continuidade de sua missão tem por fundamento seu próprio agir evangelizador. Assim como Ele anunciou a Boa Nova e a salvação, também a Igreja é chamada e ordenada para tal, sem se esquecer de que, continuamente, ela deve ser evangelizada, ou seja, deve ter diante de si o princípio evangélico da reforma, o ininterrupto retorno a Cristo, o que não apenas confere credibilidade à mensagem que anuncia mas principalmente recorda-lhe seu fundamento.

Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se portanto em nome de Jesus para conjuntamente buscarem o reino, para o edificar e para o viver. Eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora. A ordem dada aos doze – ‘Ide, pregai a Boa Nova’ – continua a ser válida, se bem que de maneira diferente, também para todos os cristãos (EN 13).

Essa é a base da dimensão eclesiológica da evangelização, necessariamente derivada de sua dimensão cristológica. “A Igreja considerada no seu mistério, segundo a opção metodológica inovadora adotada pelos textos do Concílio Vaticano II, é vista à luz do mistério de Cristo, e resulta estreitamente conexa a este” (INSERO, 2007, p. 324, trad. nossa). Nesse sentido, as noções de Igreja “Povo de Deus” e Igreja “Sacramento” são decisivas para a caracterização de uma eclesiologia da evangelização, especialmente no período pós-conciliar. Em *EN*, seguindo as palavras de Insero (2007, p. 325), a evangelização é concebida nesta chave cristológico-eclesiológica, ou seja, no âmbito da comunidade cristã que leva adiante a atividade inaugurada por Cristo.

Como já aludido, o fundamento da evangelização está na missão do Filho de Deus. Ele mesmo, após sua morte e ressurreição, comunica aos apóstolos esta missão, outorgando-lhes a tarefa de anunciar a todos os homens e mulheres a Boa Nova. Paulo VI concebe o mandato de Cristo como o princípio da missão evangelizadora da Igreja já na Introdução de *EN*: “[...] a apresentação da mensagem evangélica não é para a Igreja uma contribuição facultativa: é um dever que lhe incumbe, por mandato do Senhor Jesus, a fim de que todos os homens possam acreditar e ser salvos” (EN 5). Evangelizar, portanto, do ponto de vista eclesiológico, refere-se à participação da Igreja na missão de Cristo. Quis Ele que a salvação pudesse chegar a todos os povos de todos os tempos mediante o anúncio da Igreja. De acordo com Insero (2007, p. 327), a eclesiologia da *EN* explicita a relação teológica existente entre a Igreja e a evangelização a partir da ação evangelizadora de Cristo. Se Cristo foi enviado pelo Pai para inaugurar o Reino de Deus e anunciar a salvação, e se a Igreja brota de Cristo e é sua servidora, “nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja” (EN 14). A fim de aprofundar a relação entre a Igreja e a evangelização, Paulo VI destaca o que considera seus laços recíprocos: “Quem quer que releia no Novo Testamento as origens da Igreja e queira acompanhar passo a passo a sua história e, enfim, a examine em sua vida e ação, verá que ela se acha vinculada à evangelização naquilo que ela tem de mais íntimo” (EN 15).

Paulo VI afirma que “a Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze” (EN 15). Nesse sentido, sua atividade evangelizadora diz de sua própria natureza e essência, de seu “dever fundamental” (AG 35). Evangelizar é sua razão de ser, à luz da missão de Cristo.

Nascida da missão, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus, a Igreja fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e permanência. Ela prolonga-o e continua-o. Ora, é exatamente toda a sua missão e a sua condição de evangelizador, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar (EN 15).

Toda a Igreja, então, é evangelizadora na medida em que recebe a missão de evangelizar. Toda a vida da Igreja adquire sentido pleno quando esta se torna testemunha de Cristo por meio da pregação e do anúncio do Evangelho. Por isso que para Paulo VI “a atividade de cada um é importante para o todo” (EN 15). Contudo “[...] a Igreja começa por se evangelizar a si mesma” (EN 15). Ela deve experimentar em si o amor de Deus revelado em Cristo, a salvação. Condição para o anúncio autêntico e eficaz do Evangelho é que a Igreja sempre retorne a Cristo, ou seja, seja ela continuamente evangelizada. “[...] a Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade” (EN 15). Com a missão de anunciar a Boa Nova ao mundo, a Igreja é depositária desta Boa Nova, não como detentora da salvação, mas como “sacramento”, portadora da mensagem do Evangelho, que é “depósito vivo e precioso” (EN 15) a ser comunicado. Ademais, a Igreja envia evangelizadores, conferindo-lhes o mandato que ela mesma recebeu de Cristo. Ela os envia para pregar “não as suas próprias pessoas ou as suas ideias pessoais, mas sim um Evangelho do qual nem eles e nem ela são senhores e proprietários absolutos [...] mas de que são os ministros para o transmitir com a máxima fidelidade” (EN 15).

A dimensão cristológico-eclesiológica da evangelização – cuja manifestação concreta se dá na “ligação profunda entre Cristo, a Igreja e a evangelização” (EN 15) – insere-nos numa perspectiva mais ampla do que aquela que conferia à missão *ad gentes* o status próprio de atividade evangelizadora. Primeiro, porque a Igreja é, por natureza, missionária, nascida da missão de Cristo, o que nos leva a afirmar que toda ela é evangelizadora. Depois, porque a Igreja é também evangelizada por Cristo, deixando-se conformar a Ele.

1.2.2 Evangelização: uma realidade complexa

A reflexão teológica sobre a noção de “evangelização” é o núcleo da *EN*. Em seu segundo capítulo (EN 17-24) – intitulado “*O que é evangelizar?*” – *EN* apresenta organicamente

os elementos constituintes da ação evangelizadora da Igreja. Para isso, Paulo VI aprofunda a discussão do Sínodo precedente e reconhece sua relação com o Concílio Vaticano II, “sobretudo nas Constituições *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* e no Decreto *Ad Gentes*” (EN 17). O Pontífice constata que há certa tendência em identificar a evangelização apenas com seus aspectos mais importantes, marginalizando os demais, ainda que não na mesma medida. Consciente disso, evidencia o modo pelo qual se aproximará da noção de evangelização:

Nenhuma definição parcial e fragmentária, porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar. É impossível captá-la se não se procurar abranger com uma visão de conjunto todos os seus elementos essenciais (EN 17).

A visão de conjunto proposta por *EN* situa-nos na linha de uma evangelização integral e não tanto de um conceito de evangelização, de uma formulação que abarque a rica complexidade da ação evangelizadora da Igreja.

1.2.2.1 Uma nova humanidade

O primeiro elemento essencial da evangelização é a renovação da humanidade. Evocando o que considera ser a síntese dos objetivos do Vaticano II – “tornar a Igreja do século XX mais apta ainda para anunciar o Evangelho à humanidade do mesmo século XX” (EN 2) – Paulo VI faz referência aos contextos existenciais dos homens e mulheres de hoje, contextos de medo e angústia, de incerteza e desorientação (EN 1). A atividade evangelizadora da Igreja não é comunicação de si mesma, mas comunicação da novidade do Evangelho, a fim de que o ser humano tenha, em Cristo, vida nova⁵². Às pessoas que vivenciam os graves problemas individuais e/ou coletivos, bem como a todas as outras, o Evangelho apresenta um horizonte de sentido para a existência a partir de Jesus Cristo. Paulo VI, no entanto, compreende tal processo de renovação, em primeiro lugar, como iniciativa de Deus e, em segundo lugar, como conversão pessoal e coletiva, rechaçando todo tipo de imposição do Evangelho. “Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (EN 18). É a dinâmica do Evangelho, sua “potência divina” (EN 18), anunciada e testemunhada pela

⁵² Cf. Jo 10,10; Rm 8,1-13.

Igreja, que gera a “mudança interior” (EN 18), supondo a liberdade humana. Nesses termos, Paulo VI concebe uma dimensão antropológica da evangelização, pois

[...] para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade [...] (EN 19).

A renovação da humanidade como finalidade da evangelização se refere às perguntas e às respostas fundamentais da existência humana. Dado que o Evangelho é Jesus Cristo, e nele temos a vida e a salvação, a mensagem evangélica apresenta uma realidade plena e absoluta ao ser humano. A evangelização não comunica um conjunto de ideias e ensinamentos abstratos: comunica a Pessoa de Jesus Cristo. No encontro desta Pessoa com o ser humano livre e consciente acontece a conversão deste último, pois a inteireza de sua vida passa a ter por princípio o Evangelho. O ideal de uma sempre nova humanidade, no âmbito da evangelização, corresponde à centralidade do princípio teológico do *imago Dei*, que afirma o ser humano não somente como criatura de Deus, mas também como seu interlocutor no diálogo da salvação e intérprete da fé, de modo que o “ponto de partida, portanto, para se obter uma renovação da sociedade e das suas estruturas injustas é a conversão do coração do homem” (INSERO, 2007, p. 346, trad. nossa).

1.2.2.2 Evangelização e cultura

O segundo elemento pertinente à noção de evangelização é o da relação entre Evangelho e cultura, expressa no que Paulo VI denomina “evangelização das culturas” (EN 20). *EN* não aprofunda toda a extensão da referida problemática, mas traz à tona sua razão primeira: “A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas” (EN 20). É certo que todos os homens viveram e vivem condicionados pela cultura, assim como a Igreja. Seria, por essa razão, um paradoxo postular a evangelização desvinculada da cultura. Mais que respostas, Paulo VI indica alguns pontos que possibilitam uma compreensão da noção de evangelização em harmonia com a noção de cultura.

O primeiro ponto faz referência ao sentido de cultura.

O ser humano alcança plenamente sua humanidade pelo cultivo dos bens da natureza e dos valores. É a cultura. Natureza e cultura, pois, implicam-se mutuamente, sempre que se trata da vida humana. Num sentido amplo, a palavra ‘cultura’ indica tudo com

que o ser humano desenvolve a aperfeiçoa os seus diferentes dons da alma e do corpo (GS 53).

Paulo VI menciona a evangelização da “cultura” e das “culturas” (EN 20): no primeiro caso, trata-se da dimensão intrínseca do ser humano, antropológica; no segundo caso, trata-se da dimensão histórica, circunscrita aos diversos povos da terra. *EN* reforça esse princípio ao afirmar que tal noção de cultura se dá “a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus” (EN 20). Se a evangelização tem como uma de suas finalidades transformar o homem todo, a partir de dentro, e se a cultura está “radicada essencialmente na natureza do homem” (MALAVER, 2014, p. 31, trad. nossa), não se justifica uma ação evangelizadora que desconsidere a cultura como dimensão e expressão inerentes ao ser humano. “Poder-se-ia exprimir tudo isto dizendo: importa evangelizar – não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes – a cultura e as culturas do homem” (EN 20).

Para Paulo VI, todavia, há uma distinção básica entre Evangelho e cultura: “O Evangelho, e conseqüentemente, a evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas” (EN 20). De acordo com Malaver (2014, p. 39), a diferença entre o Evangelho e a cultura reside na diversidade dos sujeitos que operam tais realidades: Deus, revelado em Cristo, e o homem, como criatura inserida no mundo. A natureza transcendente do Evangelho, no âmbito da Revelação, impõe à Igreja a condição de não estar ligada de maneira exclusiva e indissolúvel a alguma cultura. O princípio da catolicidade da Igreja, sob a ótica da evangelização, leva a mesma Igreja a entrar em comunhão com as diferentes culturas, sem identificar-se com alguma delas e sem assumir um modelo cultural específico. A universalidade da salvação anunciada por Cristo, Evangelho de Deus, impossibilita a identificação entre Evangelho e Cultura; em primeiro lugar, como vimos, pelo ordenamento divino da salvação; e, posteriormente, pela destinação universal da salvação, a todos os homens e mulheres de todas as culturas. Entretanto, a independência entre Evangelho e cultura não significa incompatibilidade entre ambos: “[...] o reino que o Evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da cultura e das culturas humanas” (EN 20)

Dentre os vínculos existentes entre o Evangelho e a cultura, temos, segundo Malaver (2014, p. 40), um primeiro de ordem teológica ou soteriológica: a pedagogia da Revelação. “Revelando-se a seu povo, Deus falou de acordo com a cultura de cada época, até a sua plena manifestação no Filho encarnado” (GS 58). No mistério da Encarnação, a Palavra do Pai se fez carne e veio habitar entre nós, vivendo no contexto de uma cultura concreta. Jesus Cristo,

encarnando-se numa cultura, fez-se fundamento e modelo para a evangelização das culturas. O segundo vínculo, de acordo com Malaver (2014, p. 41), é de ordem antropológica. A cultura, como dimensão essencial da pessoa humana, está inscrita no plano da salvação por meio de Cristo que instaura o seu Reino, que não se constitui apenas como Reino definitivo, numa perspectiva escatológica de plenitude. Ele é o próprio Cristo, encarnado, e a Igreja, por mandato de Cristo, deve continuar a instauração do Reino até que Ele venha. Isso não ocorre à parte da cultura, pois é na cultura que o ser humano vivencia os valores do Reino de Deus. Por fim, há também um vínculo de ordem eclesiológica. Para Malaver (2014, p. 42), esse vínculo permite um enriquecimento recíproco, tanto naquilo que a Igreja aporta à cultura como também no quanto a cultura contribui ao ser e ao agir da Igreja. Nessa linha, a cultura não é uma dimensão passiva da redenção, mas contribui, media e colabora com ela. Em outras palavras, o Evangelho eleva as culturas, pois é capaz de impregnar a todas sem escravizar a nenhuma delas. Os valores culturais eventualmente podem estar na contramão do desenvolvimento humano integral, “em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (EN 19). Dessa forma, a evangelização das culturas “busca renovar o homem desde dentro, protegê-lo e salvá-lo do mal” (MALAVER, 2014, p. 44, trad. nossa). As culturas, por sua vez, com seus valores e práticas, podem explicitar aspectos da Revelação que ainda não foram suficientemente aprofundados. O influxo do Espírito nas culturas possibilita à Igreja descobrir os muitos elementos da infinita riqueza do Evangelho. Não apenas o Evangelho é capaz de purificar e renovar as culturas, mas também as culturas contribuem com o progressivo desenvolvimento do Reino por meio do que misteriosamente Deus ali depositou como sabedoria divina.

1.2.2.3 O testemunho da vida

O terceiro elemento relativo à noção de evangelização é o testemunho da vida, ao qual Paulo VI atribui uma “importância primordial” (EN 21). O Pontífice é convicto da primazia do anúncio na evangelização, mas considera algumas modalidades de anúncio, complementares entre si e igualmente eficazes. Uma dessas modalidades é o testemunho da vida (*testimonium vitae*): “um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valorosa e eficaz da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização” (EN 21). Para Martins (1977, p. 74), a insistência da *EN* no testemunho da vida se deve ao fato de que o crédito de uma ideia decorre de sua materialização. A distância entre o anúncio explícito do Evangelho e a sua vivência nega o fundamento mesmo da evangelização, uma vez que Jesus condenou

severamente a discordância entre a palavra e a vida⁵³. “A palavra do anunciador do Evangelho será ouvida e aceita somente se confirmada pela própria vida. O testemunho é, entre todas, a palavra mais convincente. A mais acessível e inteligível ao homem moderno (MARTINS, 1977, p. 74).

Para Paulo VI, o testemunho da vida pautada no Evangelho tem como primeiro efeito nos destinatários da evangelização uma série de interrogações: “Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é – ou quem é – que os inspira? Por que é que eles estão conosco?” (EN 21). Tais perguntas, num primeiro momento, não afloram no nível do intelecto, mas no coração; ou seja, tocam diretamente os principais sentidos da vida, aqueles que, em última análise, orientam a existência. Paulo VI apresenta o testemunho da vida na *EN* antes de tratar do anúncio explícito de Cristo, e isso para evidenciar o nexo indissolúvel que deve existir entre um e outro, sob pena de mutilação da ação evangelizadora.

Suponhamos um cristão ou um grupo de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes [...] (EN 21).

O testemunho da vida se dá, prioritariamente, no seio da comunidade humana, no mundo, especialmente nos espaços em que o Evangelho ainda não foi acolhido. Hoje, a presença da Igreja nos diversos povos não garante que a Palavra da qual é portadora seja ouvida e vivenciada. Em face do pluralismo cultural e religioso hodierno, a fé cristã é mais uma dentre tantas propostas religiosas⁵⁴. Nesse contexto, o Evangelho não pode ser negligenciado, porque

é a salvação dos homens que está em causa; é a beleza da Revelação que ela representa; depois, ela comporta uma sabedoria que não é deste mundo. Ela é capaz, por si mesma, de suscitar a fé, uma fé que se apóia na potência de Deus. Enfim, ela é a Verdade. Por isso, bem merece que o apóstolo lhe consagre todo o seu tempo, todas as suas energias e lhe sacrifique, se for necessário, a sua própria vida (EN 5).

A Verdade não é uma ideia ou uma formulação, é uma Pessoa, Jesus Cristo. A sede da verdade que interpela e move o homem pós-moderno é saciada no encontro com esta Pessoa.

⁵³ Cf. Mt 23,1-12.

⁵⁴ Para o aprofundamento da questão: LIBÂNIO, João Batista. O Sagrado na Pós-Modernidade. In: *A Sedução do Sagrado. O Fenômeno Religioso na Virada do Milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 61-78; MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995; MIRANDA, Mario de França. *A Igreja numa sociedade fragmentada. Escritos eclesiológicos*. São Paulo: Loyola, 2006.

Daí o caráter essencial do testemunho da vida para a evangelização, uma vez que é pelas obras que se apresenta a força desse encontro e se desperta para a fé.

O mundo reclama e espera de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequeninos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia. Sem esta marca de santidade, dificilmente a nossa palavra fará a sua caminhada até atingir o coração do homem dos nossos tempos; ela corre o risco de permanecer vã e infecunda (EN 76).

O testemunho da vida é meio privilegiado de evangelização⁵⁵, inclusive para a própria Igreja enquanto necessita ela mesma ser evangelizada perenemente, num contínuo retorno a Jesus Cristo, para que se mantenha fiel à missão que lhe foi confiada. *EN* acena para a importância do testemunho na evangelização dos “batizados não praticantes, ou de pessoas que vivem em cristandades, mas segundo princípios que não são nada cristãos” (EN 21).

1.2.2.4 O anúncio explícito de Jesus Cristo

O quarto elemento referido na noção de evangelização da *EN* é propriamente o anúncio explícito de Jesus Cristo. Este anúncio não se constitui de uma retórica sofisticada, mas de expressões simples, claras e transparentes que exprimem a lógica divina. “[...] o mais belo testemunho virá a demonstrar-se, com o andar do tempo, impotente, se ele não vier a ser esclarecido, justificado [...] explicitado por um anúncio claro e inelutável do Senhor Jesus” (EN 22). O anúncio diz da força da Palavra⁵⁶, que é o próprio Jesus. A Palavra anunciada é geradora de vida em todo aquele que a escuta e a acolhe. “Pois a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo” (Rm 10,17). Segundo Martins (1977, p. 66), a razão teológica adotada pela *EN* em favor da necessidade do anúncio da Palavra é o exemplo de Cristo e dos Apóstolos. Jesus dedicou grande parte de sua vida ao anúncio da salvação e à proclamação do Reino de Deus. Os Apóstolos, por sua vez, dedicaram-se intensamente ao ministério da palavra, anunciando Jesus Cristo com intrepidez. “A história da Igreja, a partir da pregação de Pedro na manhã do Pentecostes, identifica-se e confunde-se com a história de tal anúncio” (EN 22).

Paulo VI retoma algumas preocupações históricas da Igreja quando esta se vê impelida a anunciar Jesus Cristo: “Quem enviar a anunciar o mistério de Jesus? Com que linguagem

⁵⁵ “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres – dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos – ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN 41).

⁵⁶ “A Palavra de Deus, seja ela escrita ou pregada, se nos apresenta com uma certa condição ou estrutura sacramental. Ela oferece um sentido e exerce uma eficácia que vai além da materialidade das palavras escritas ou pronunciadas” (CONGAR, 1989, p. 38).

anunciar um tal mistério? Como fazer para que ele ressoe e chegue a todos aqueles que não de ouvi-lo?” (EN 22). Para Martins (1977, p. 67), tais perguntas assinalam que Paulo VI tem diante de si as diversas objeções feitas hoje contra o anúncio do Evangelho, seja pela enorme quantidade de discursos enfadonhos e desprovidos de sentido, pela supervalorização da imagem ou ainda pelo respeito à liberdade religiosa. Entretanto, nenhuma destas objeções justifica uma possível desvalorização da palavra como meio excelente da evangelização.

Sim: a pregação, a proclamação verbal de uma mensagem, permanece sempre como algo indispensável. Nós sabemos bem que o homem moderno, saturado de discursos, se demonstra muitas vezes cansado de ouvir e, pior ainda, como que imunizado contra a palavra. Conhecemos também as opiniões de numerosos psicólogos e sociólogos, que afirmam ter o homem moderno ultrapassado já a civilização da palavra, que se tornou praticamente ineficaz e inútil; e estar vivendo, hoje em dia, na civilização da imagem. Estes fatos deveriam levar-nos, como é óbvio, a pôr em prática na transmissão da mensagem evangélica os meios modernos criados por esta civilização [...] A palavra continua a ser sempre atual, sobretudo quando ela for portadora da força divina (EN 42).

Paulo VI compreende o anúncio como *kerigma*, como pregação ou ainda como catequese, mas não o identifica, em sentido estrito, com a evangelização, dado que o anúncio é um de seus aspectos (EN 22). Nesse sentido, qual é o conteúdo do anúncio? “Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados” (EN 22). Tal conteúdo é o Evangelho autêntico e integral. A Igreja evangelizadora não é detentora do Evangelho, mas sua servidora; não prega a si mesma, mas a Jesus Cristo e seu Mistério Pascal. As diferentes formas de anúncio correspondem à exigência intrínseca da evangelização: “Esta fidelidade a uma mensagem da qual nós somos os servidores, e às pessoas a quem nós a devemos transmitir intacta e vida, constitui o eixo central da evangelização” (EN 4). E ainda: “[...] a evangelização correria o risco de perder a sua força e de se desvanecer se fosse despojada ou fosse deturpada quanto ao seu conteúdo [...]” (EN 63).

1.2.2.5 Adesão ao Evangelho, comunidade eclesial e apostolado

O quinto aspecto da evangelização em *EN* se refere a uma de suas finalidades: a “adesão vital numa comunidade eclesial” (EN 23). A “adesão vital”, para Paulo VI, é a “adesão do coração” (EN 23), ou seja, a adesão da pessoa a Jesus Cristo e ao programa de vida proposto e vivido por Ele. Essa adesão é decorrente da transformação interior, da conversão da consciência, fruto da experiência pessoal com a Boa Nova, com o Evangelho de Jesus, com Ele

mesmo. “[...] adesão, numa palavra, ao reino [...] ao ‘mundo novo’, ao novo estado de coisas, à nova maneira de ser, de viver, de estar junto com os outros, que o Evangelho inaugura” (EN 23). Adesão, portanto, para a *EN*, é o assentimento pleno às exigências e às consequências do Evangelho, aos princípios de vida que ele contém, os quais passam a orientar decisivamente a existência. A adesão da vida, que não é “abstrata e desencarnada” (EN 23), tem como um de seus imperativos uma “entrada visível numa comunidade de fiéis” (EN 23). Esta comunidade é a Igreja, comunidade daqueles que tiveram – e continuamente tem – suas vidas transformadas por Jesus Cristo. Os cristãos, por conseguinte, são, na Igreja, “sinal da transformação e sinal da novidade de vida” (EN 23). Sendo a Igreja sacramento visível da salvação, ou seja, da vida nova em Cristo, cada pessoa que adere ao Evangelho é convidada a tomar parte na comunidade eclesial, de modo que também ela possa comunicar aos outros a vida nova que recebeu. Para Paulo VI, a adesão à Igreja se dá, prioritariamente, pela inserção e participação numa comunidade eclesial, especialmente nas Igrejas particulares, “constituídas concretamente por esta ou aquela porção da humanidade, que fala uma determinada linguagem e é tributária de certa herança cultural, de uma visão do mundo, de um passado histórico e, enfim, de um substrato humano específico” (EN 62). Todavia, tal adesão supera o mero vínculo institucional, que só tem sentido quando compreendido e vivenciado à luz da adesão à missão da Igreja, “sua mais profunda identidade” (EN 14). Sendo assim, chegamos ao sexto aspecto da evangelização: a evangelização como “causa de um novo apostolado” (EN 24).

Finalmente, aquele que foi evangelizado, por sua vez, evangeliza. Está nisso o teste de verdade, a pedra-de-toque da evangelização: não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia essa Palavra (EN 24).

A adesão à comunidade se mostra incompleta e estéril se não motiva, desde dentro, uma disposição e uma atitude missionárias. Comunidades cujos cristãos encontram-se indiferentes à dimensão do apostolado, numa situação de “introversão eclesial”⁵⁷, necessitam de uma sincera e profunda revisão quanto à sua ação evangelizadora, sob pena de a manterem inócua e fragmentada, destinada à manutenção dos processos pastorais já existentes, determinados quase que em absoluto pela observância dos preceitos morais e pela distribuição dos sacramentos e em nada pelo impulso da missão.

⁵⁷ JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Ecclesia in Oceania*, 19.

1.2.2.6 Evangelização e libertação

A tensão escatológica presente na mensagem evangelizadora⁵⁸ explicita “a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens” (EN 29). Sem renegar sua natureza e finalidade religiosas, a evangelização repercute na vida pessoal, social, política, cultural e econômica dos seres humanos. Para Paulo VI, isso se dá em virtude da relação existente entre evangelização e libertação, pois a evangelização compreende uma mensagem de libertação (EN 30), explicitada pelos povos que empreendem seus esforços na luta pela superação dos males que os marginalizam.

A Igreja [...] tem o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos, sendo muitos destes seus filhos espirituais; o dever de ajudar uma tal libertação nos seus começos, de dar testemunho em favor dela e de envidar esforços para que ela chegue a ser total (EN 30).

Assumindo que a libertação das gentes é parte integrante e essencial da ação evangelizadora, Paulo VI procura explicar como ambas se articulam. Primeiramente, explicita os laços profundos que existem entre evangelização e promoção humana (EN 31), identificando esta última com as noções de desenvolvimento e libertação. Esses laços são de três ordens: antropológica, teológica e evangélica. Os de ordem antropológica se referem aos condicionamentos e problemas sociais e econômicos aos quais o ser humano está submetido enquanto é evangelizado. Os de ordem teológica indicam o vínculo essencial entre os planos da criação e da redenção, haja vista que abrangem situações concretas de injustiça. Por fim, os de ordem evangélica expressam a ordem da caridade, o mandamento novo do amor, a Deus e ao próximo, que implica a promoção da justiça, da paz e do desenvolvimento humano.

Entretanto, Paulo VI procura dirimir toda espécie de confusão ou ambiguidade originadas de uma inadequada compreensão da noção de libertação. Para isso, referencia os Padres Sinodais⁵⁹, que, ao tratarem do tema da libertação, “forneceram os princípios

⁵⁸ A propósito, ver: FELLER, Vitor Galdino. *O Deus da revelação: a dialética entre Revelação e libertação na teologia latino-americana, da Evangelii nuntiandi a Libertatis conscientia*. 1987. 227 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Università Gregoriana, Roma, 1987; SILVA, Ricarte de Normandia. *Dimensão Escatológica da Evangelização. Um Estudo Teológico-Pastoral da Escatologia da Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi do Papa Paulo VI*. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

⁵⁹ Segundo Carvalheira et al. (1975, p. 35), os Padres Sinodais tinham como dado assumido no Sínodo o fato de que a libertação do homem é parte integrante da ação evangelizadora da Igreja. As consequências de tal verdade passaram a ser objeto de discussão, uma vez que o dualismo evangelização-libertação estava superado. A ação libertadora, como sinal de Jesus Cristo, deve realizá-la a Igreja junto aos que sofrem. Desse modo, profeticamente, à luz da Palavra, a Igreja julga a si mesma e à sociedade. Visando à renovação da humanidade, ao homem novo em Cristo pelo Espírito, a Igreja, por consequência, fomenta a nova comunidade humana, esta pautada na fraternidade, na solidariedade, na justiça, no amor e na paz.

iluminadores para bem se captar o alcance e o sentido profundo da libertação, conforme ela foi anunciada e realizada por Jesus de Nazaré e conforme a Igreja a apregoa” (EN 31). Muitos cristãos, em seus esforços generosos no sentido de promover uma ação eclesial efetiva perante os problemas humanos, tem sido tentados a reduzir a missão da Igreja a um “projeto simplesmente temporal” (EN 32), pautado em objetivos antropocêntricos, portador de uma salvação que se identifica com o bem-estar material e atualizado unicamente por meio de atividades políticas e sociais. O significado original da Igreja não está aí, afirma Paulo VI. Se assim fosse, a mensagem de libertação estaria à mercê das diversas ideologias e partidarismos políticos. No Discurso de abertura do Sínodo de 1974, disse o Pontífice da

necessidade de ser reafirmada claramente a finalidade especificamente religiosa da evangelização. Esta última perderia a sua razão de ser se se apartasse do eixo religioso que a rege: o reino de Deus, antes de toda e qualquer outra coisa, no seu sentido plenamente teológico (AAS 66, 1974, p. 562).

EN dedica alguns de seus números (33-38) a esclarecer, do ponto de vista teológico, qual a natureza da libertação evangélica e qual a sua relação com a ação evangelizadora da Igreja. Inicialmente (EN 33), afirma que a libertação não é limitada às dimensões econômica, política, social e cultural. A autêntica libertação é a libertação do homem integral, inclusive de sua dimensão transcendente. Logo, a antropologia da *imago Dei* está na base do conceito cristão de libertação, pois sem essa consideração antropológica seria impossível considerar a missão de Cristo e da Igreja como missão libertadora. Sendo assim, libertação humana e salvação em Cristo não se identificam. Atesta-nos a Revelação, a fé e a própria história que parte das diferentes noções de libertação não é compatível com a visão evangélica do homem. Ainda que haja o bem-estar e o desenvolvimento, isso não é garantia e condição da chegada do Reino de Deus. É fato que a libertação cristã, radicalmente evangélica, comporta a construção de estruturas mais humanas e mais justas que respeitem a dignidade da pessoa humana e rechacem a opressão que as escraviza. Porém, tais estruturas se mostrarão insuficientes e alienantes se não concorrerem para a conversão do coração humano e se delas não brotar um novo modo de encarar a realidade. Jesus Cristo sempre vinculou o anúncio do Reino ao convite à conversão⁶⁰. A libertação cristã, segundo Paulo VI (EN 37), exclui todo tipo de violência. A força das armas, a morte de pessoas, a opressão e a escravização não são meios da verdadeira libertação evangélica e cristã.

⁶⁰ “Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galiléia proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho’” (Mc 1,14-15).

“E o que faz ela [a Igreja], então?” (EN 38), pergunta-se Paulo VI. Ela anima os cristãos “libertadores”, encorajando-os a dedicarem seus esforços na libertação dos outros por meio da vivência da fé e do amor fraterno e mediante a apropriação da doutrina social da Igreja, critério para a ação, participação e compromisso dos cristãos no mundo. Não se trata de identificar a luta cristã pela libertação com militância política, mas sim de inserir o trabalho dos cristãos numa perspectiva libertadora fundada no desígnio global da salvação.

Assim, ao pregar a libertação e ao associar-se àqueles que operam e sofrem com o sentido de a favorecer, a Igreja não admite circunscrever a sua missão apenas no campo religioso, como se se desinteressasse dos problemas temporais do homem; mas reafirmando sempre o primado de sua vocação espiritual, ela recusa-se a substituir o anúncio do reino pela proclamação das libertações puramente humanas e afirma mesmo que a sua contribuição para a libertação ficaria incompleta se ela negligenciasse anunciar a salvação em Jesus Cristo (EN 34).

1.2.2.7 O núcleo dinâmico da mensagem evangelizadora

O capítulo terceiro da *EN* apresenta o “conteúdo da evangelização” (EN 25-39). Paulo VI reconhece que há uma parte mutável desse conteúdo, que ele denomina “elementos secundários” (EN 25). Estes dependem das “circunstâncias mutáveis” (EN 25), das culturas nas quais as pessoas vivem. No entanto, há um “conteúdo essencial”, uma “substância viva” (EN 25), que não está condicionada a quaisquer circunstâncias e que, permanecendo sempre a mesma, dinamiza a mensagem da evangelização.

O primeiro elemento que compõe o núcleo dinâmico da mensagem evangelizadora é o testemunho do amor do Pai. Numa simples, mas sempre importante, formulação, temos que “evangelizar é, em primeiro lugar, dar testemunho, de maneira simples e direta, de Deus revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo” (EN 26). Paulo VI novamente situa a ação evangelizadora no Mistério da Trindade, pondo de lado uma concepção instrumental da evangelização. O testemunho da vida, como atitude evangelizadora fundamental (EN 21), é igualmente conteúdo essencial da evangelização na medida em que proporciona, “para muitos talvez, o Deus desconhecido, que eles adoram sem lhe dar um nome, ou que eles procuram por força de um apelo secreto do coração quando fazem a experiência da vacuidade de todos os ídolos” (EN 26). Ou seja, a evangelização, ou os evangelizadores, dão testemunho de uma experiência vital de acolhida do mistério trinitário, cujo centro é o amor de Deus pelos homens e mulheres. Este amor é o conteúdo nuclear da evangelização porque é amor de Pai⁶¹ e não amor de “uma potência anônima e longínqua” (EN 26).

⁶¹ “Vede que manifestação de amor nos deu o Pai: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos!” (1Jo 3,1).

O amor do Pai, todavia, revela-se em Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado. Ele é a expressão máxima do amor de Deus pela humanidade, enviado para inaugurar o Reino e para redimir e salvar a todos. Por isso

a evangelização, há de conter também sempre – ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo – uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus (EN 27).

Conscientes da centralidade de Cristo na ação evangelizadora – pois Ele não é apenas o maior dos evangelizadores, mas é o próprio Evangelho – reconhecemos que a salvação que anuncia e realiza é, de fato, o núcleo dinâmico da mensagem evangelizadora. É na sua encarnação, na sua vida e no seu Mistério Pascal que nos é revelado o amor do Pai, e é pelo seu mandato missionário que nos vem o Espírito Santo da Verdade. Não se trata de um conteúdo prioritariamente intelectual, mas de uma mensagem que toca a existência e é acolhida como graça. A proclamação autêntica da salvação em Cristo suscita a fé e a abertura do coração para a experiência de ser salvo.

Paulo VI explica essa realidade ao dizer que a salvação de Jesus Cristo não é “uma salvação imanente ao mundo, limitada às necessidades materiais ou mesmo espirituais [...]” (EN 27). É uma salvação transcendente, que visa à comunhão plena do ser humano com Deus na eternidade. É a salvação escatológica, que gradativamente o ser humano vai acolhendo como dom e graça à medida que vivencia o Reino inaugurado por Cristo, mas certo de que tal Reino tem por destino e consumação final a vida eterna. Isso não significa que a evangelização proponha uma mensagem desvinculada ou alheia à realidade concreta dos homens e mulheres. A noção de “esperança” acompanha o anúncio da salvação não somente pela referência ao além, “vocação profunda e definitiva do homem” (EN 28), mas pela continuidade que estabelece entre o provisório e o permanente, entre o passageiro e o eterno. É evidente que há descontinuidades nessas relações, isso em virtude da natureza transcendente da salvação. Contudo, o conteúdo da evangelização não prescinde do tempo, da história, das vicissitudes e das contingências do mundo criado:

a pregação do amor de Deus para conosco e do nosso amor a Deus, a pregação do amor fraterno para com todos os homens – capacidade de doação e de perdão, de renúncia e de ajuda aos irmãos – que promana do amor de Deus e que é o núcleo do Evangelho; a pregação do mistério do mal e da busca ativa do bem (EN 28).

A oração, a adoração, a ação de graças e principalmente os sacramentos – com destaque para a Eucaristia – igualmente concorrem para a integridade da mensagem evangelizadora e para o anúncio da salvação, uma vez que exprimem o próprio agir de Cristo na Igreja.

1.3 O ESPÍRITO SANTO, PRINCIPAL AGENTE DA EVANGELIZAÇÃO

No sétimo capítulo da *EN* (EN 74-80), Paulo VI explana aquelas que considera as “disposições interiores que hão de animar os agentes da evangelização” (EN 74). Ao conjunto destas disposições atribui a qualificação de “espírito da evangelização”, mesma expressão que intitula o referido capítulo. “Pulverizadas” em toda a *EN*, essas disposições nos remetem à complexidade da ação evangelizadora pelo fato de estarem associadas aos diversos aspectos da evangelização e ao seu conteúdo. Teologicamente, o Mistério de Cristo é o fundamento da evangelização, sendo a Igreja “sacramento universal da salvação” na perpetuação da missão de Jesus. Esse Mistério, entretanto, tem sua razão última no mistério trinitário, tal como nos apresenta a *LG* (LG 1). O Pai, em sua vontade salvífica e desígnio benevolente, enviou o Filho como anunciador do Reino e salvador do gênero humano. Após a consumação de sua obra, o Espírito Santo foi enviado para a santificação da Igreja e para que todos tivessem acesso ao Pai, por Cristo (LG 1). O mistério da Igreja tem sua fonte e origem na Trindade, a partir do mandato missionário de Jesus. É a acolhida desse mistério que transforma o coração do crente, convertendo-o a Cristo pelo poder do Espírito Santo. A Igreja é a comunidade daqueles que, regenerados e incorporados a Cristo pelo batismo, dispõe-se, pelo influxo do Espírito, a anunciar o Evangelho e a testemunhar a vida nova em Cristo. É a essa experiência que Paulo VI se refere ao destacar as disposições interiores dos evangelizadores: as motivações e as atitudes mais fundamentais que dão sentido à evangelização. Trata-se, pois, do espírito da evangelização.

Como dissemos, essas disposições interiores aparecem de maneira implícita no caminho exortativo da *EN*. O fato de Paulo VI dedicar um capítulo inteiro à explicitação de tais disposições nos revela, ao menos, duas de suas intenções. A primeira, e mais evidente, é a de apresentá-las como elementos essenciais da evangelização, sobrepostos às diferentes “técnicas da evangelização” (EN 75). Sem tais motivações, a ação evangelizadora dos cristãos estaria privada de seu fundamento e de seu horizonte, pois, em última análise, elas se constituem em expressões interiores da própria dimensão cristológico-ecclesiológica da evangelização. Vale salientar que, para Paulo VI, essas disposições não se identificam com estados de ânimo

subjetivos. Antes disso, são efeitos da multiforme graça de Deus⁶² derramada nos corações que acolhem a Palavra e buscam conformar-se a Cristo. A segunda intenção refere-se ao oferecimento de uma chave de leitura de toda a *EN*, que possibilita ao leitor retornar ao texto, procedendo a uma leitura trinitária do documento e descobrindo em sua totalidade os aspectos pertinentes ao espírito da evangelização. Nas palavras do Papa Montini, o espírito da evangelização exprime “as condições que hão de tornar essa evangelização, não apenas possível, mas também ativa e frutuosa” (EN 74). O realce do sétimo capítulo a essas condições se justifica na medida em que serve de aporte para a toda a *EN*, pois é impossível considerar a evangelização em seus diversos aspectos sem levar em conta suas motivações de princípio.

O Espírito Santo é, para Paulo VI, o “agente principal da evangelização” (EN 75) por ser Ele a agir, impulsionar e conduzir toda a Igreja e todos os evangelizadores na missão de anunciar a Boa Nova. Isso não é diferente com Cristo, sobre quem o Espírito desceu sob a forma de pomba e que foi ungido pelo mesmo Espírito para anunciar a salvação. Por essa razão, podemos afirmar que o “espírito” da evangelização na *EN* é o “Espírito Santo”. Todas as motivações interiores da evangelização tem sua origem na ação do Espírito. Os “tempos novos de evangelização” (EN 2) almejados por Paulo VI tem por pressuposto uma “Igreja ainda mais arraigada na força e na potência imorredouras do Pentecostes” (EN 2).

Nas seções que seguem procuraremos apresentar os diferentes aspectos do protagonismo do Espírito Santo na evangelização, identificando no texto da *EN* os elementos explícitos e implícitos do espírito da evangelização, a fim de compreendermos os nexos existentes entre as dimensões cristológica, pneumatológica e eclesiológica da evangelização.

1.3.1 O Espírito e a missão de Jesus

No início de *EN*, Paulo VI reflete teologicamente sobre a Igreja evangelizadora, e sobre a evangelização, sempre a partir do Cristo evangelizador, o “Evangelho de Deus”. Como vimos, essa ligação exprime a dimensão cristológico-eclesiológica fundamental da evangelização, núcleo da teologia montiniana da evangelização. Não há outro princípio que não Jesus Cristo e o seu Evangelho. O cristocentrismo de Paulo VI, portanto, é o ponto de apoio e a chave hermenêutica de sua eclesiologia missionária. Procedimento semelhante ocorre ao final de sua Exortação, mas agora numa dimensão cristológico-pneumatológica, igualmente fundamental no âmbito da evangelização. Enfatizando essa dimensão nos termos de uma pneumatologia da

⁶² Cf. 1Pd 4,10.

missão, *EN* prossegue eficazmente com o movimento de resgate da Pessoa do Espírito Santo, especialmente na sua relação com a missão da Igreja.

Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo. Sobre Jesus de Nazaré, esse Espírito desceu no momento do batismo, ao mesmo tempo em que a voz do Pai – ‘Este é o meu filho no qual ponho as minhas complacências’ – manifestava de maneira sensível a eleição e a missão do mesmo Jesus (EN 75).

O ministério público de Jesus – o anúncio do Reino e da salvação – teve início pela ação do Espírito Santo. Sua missão de anunciador da Boa Nova foi manifestada publicamente na voz do Pai, mas foi o poder do Espírito que o revestiu e o consagrou para a missão. O princípio da vida missionária do Senhor foi o Espírito Santo, a tal ponto que na Galiléia ele afirmou:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18-19).

Paulo VI utiliza esta passagem do Evangelho de Lucas para introduzir a dimensão cristológica da evangelização (EN 6), já acenando para o fato de que o testemunho e a missão de Jesus assumem “significado pleno” (EN 6) à luz da unção do Espírito que recebeu, pois foi esta unção que o impeliu a anunciar a Boa Nova. Nas palavras de João Paulo II, a missão de Jesus – o “Messias” – deu-se na plenitude do Espírito Santo, pois “Messias” significa literalmente “Cristo”, ou seja, “Ungido”, “ungido com o Espírito Santo” (DeV 15). Tendo por pressuposto a essencial relação entre Cristo e o Espírito no âmbito da evangelização, podemos afirmar, na perspectiva lucana, que, sendo Cristo o “Evangelho”, o Espírito é o “evangelizador” por excelência, uma vez que é por sua força e potência que a salvação e o Reino de Deus são atualizados⁶³. E ao final de sua missão terrena, prometeu e enviou o Espírito sobre os apóstolos: “E aos discípulos que estava prestes a enviar, disse: ‘Recebei o Espírito Santo’” (EN 75). Ou seja, toda a vida de Cristo é manifestação de sua união íntima com o Pai no Espírito Santo.

Jesus foi enviado pelo Pai para anunciar o Evangelho. Para este envio foi ungido pelo Espírito Santo em sua vida terrena e todos os aspectos de seu mistério – encarnação, ensinamentos, milagres, chamado e envio dos Doze, morte e ressurreição, continuidade por meio dos seus – formam parte de sua atividade evangelizadora (JIMÉNEZ, 2000, p. 77, trad. nossa).

⁶³ Cf. Lc 4,18-19.

Segundo Congar (2009, p. 33), o Espírito constituiu “santo” e “Filho de Deus” o menino nascido de Maria. Novamente o Espírito agiu no batismo de Jesus, constituindo-o Messias e repousando sobre ele. Pelo Espírito, o Cristo agirá e o mesmo Senhor dará o Espírito, “pois, se ele foi consagrado por ocasião de seu batismo para seu ministério profético, é quando ele for ‘exaltado à direita de Deus’ que ele poderá retomar o Espírito (cf. At 2,33)”. Congar (2009, p. 38) assim continua:

A descida do Espírito sobre Jesus durante o seu batismo é descrita como uma unção: unção profética, unção para uma missão de anúncio [...] São Lucas mostrará a consequência disso nos Atos dos Apóstolos: sendo Pentecostes para a Igreja o que o batismo foi para Jesus, ou seja, pelo dom e pela força do Espírito, a consagração para o ministério, a missão, o testemunho.

Daí a estreita vinculação entre os diversos aspectos da evangelização de Jesus – do Cristo evangelizador – explicitados por Paulo VI no primeiro capítulo da *EN* e a centralidade do Espírito na missão de Jesus: tudo ele o faz no Espírito, a fim de cumprir o mandato do Pai. Assim também os cristãos que se deixam conduzir pelo Espírito participam da missão evangelizadora de Jesus.

1.3.2 O Espírito e a missão da Igreja

No âmbito da evangelização, a dimensão cristológico-pneumatológica nos encaminha para a dimensão pneumatológico-eclesiológica da missão, em perfeita harmonia com a anterior: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG 2). Para Paulo VI, do Cristo evangelizador, ungido e conduzido pelo Espírito, nasce a Igreja, depositária e continuadora de sua missão. Dada a proeminência do Espírito Santo na missão de Jesus, temos que a Igreja é constituída pelo mesmo Espírito. “Realmente, não foi senão depois da vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, que os apóstolos partiram para todas as partes do mundo a fim de começarem a grande obra de evangelização da Igreja [...]” (EN 75). Os Atos dos Apóstolos narram como os apóstolos, cheios do Espírito Santo, testemunharam Jesus Cristo. As primeiras comunidades cristãs, confortadas pelo Espírito, desenvolviam-se e contemplavam os sinais e as maravilhas de Deus operadas através dos apóstolos. A Igreja nascente teve sua missão forjada no poder do Espírito, pois

Ele é a alma desta mesma Igreja. É ele que faz com que os fiéis possam entender os ensinamentos de Jesus e o seu mistério. Ele é aquele que, hoje ainda, como nos inícios

da Igreja, age em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por ele, e põe na sua boca as palavras que ele sozinho não poderia encontrar, ao mesmo tempo que predispõe a alma daqueles que escutam a fim de a tornar aberta e acolhedora para a Boa Nova e para o reino anunciado (EN 75).

De acordo com Jiménez (2000, p. 77), a Igreja é evangelizadora não somente pelo mandato missionário de Jesus, mas também porque é movida, como Cristo, pelo Espírito Santo. Assim, o Espírito é o protagonista da evangelização, pois torna possível a acolhida da palavra da salvação e plenifica a obra evangelizadora da Igreja, guiando-a no decorrer dos tempos. O texto da *EN* é categórico ao afirmar a impotência das diversas técnicas de evangelização se estas forem tidas como critérios e condições primeiras para o êxito da ação evangelizadora. O Espírito, portanto, tem a primazia também na esfera dos meios utilizados para evangelizar.

Paulo VI, situado no contexto pós-conciliar, reconhece que “vivemos na Igreja um momento privilegiado do Espírito” (EN 75). Muitos, segundo o pontífice, procuram estabelecer uma relação pessoal com o Espírito Santo, deixando-se por ele conduzir. Contudo, salienta uma vez mais que “é na missão evangelizadora da mesma Igreja que ele mais age” (EN 75). Paradigma dessa realidade é o Pentecostes, evento da grande renovada para a evangelização a partir da efusão do Espírito Santo. Nesses termos, “pode-se dizer que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização: é ele, efetivamente, que impele para anunciar o Evangelho, como é ele que no mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação” (EN 75; AG 4). O Espírito não é um princípio abstrato, mas é “agente”, atuando na Igreja – nos evangelizadores – e naqueles a quem se destina a evangelização. Sua qualificação como “protagonista da evangelização” fundamenta-se no seu próprio agir divino: é princípio co-instituente da Igreja e de sua missão, torna o evangelizador testemunha de Jesus Cristo e atua nos corações a fim de os tornar abertos à vida nova proposta pelo Evangelho. A Igreja “é impelida pelo Espírito Santo a cooperar para que o desígnio de Deus, que fez de Cristo o princípio de salvação para todo o mundo, se realize totalmente” (LG 17).

Por fim, Paulo VI põe em relevo duas significativas questões relativas à ação do Espírito na Igreja (EN 75). A primeira diz respeito à necessidade de um contínuo estudo e aprofundamento da natureza e dos modos da ação do Espírito Santo na evangelização. E a segunda, tão ou mais importante que a primeira, refere-se à docilidade dos evangelizadores à ação do Espírito, a fim de que, pedindo sem cessar ao Espírito fé e fervor, deixem-se guiar por ele em seus planos e iniciativas e em sua atividade evangelizadora.

1.3.3 Testemunhas do Evangelho no Espírito Santo

No contexto da pneumatologia da *EN*, Paulo VI procede a algumas considerações acerca da pessoa do evangelizador. A principal delas pode ser assim formulada: “Sem esta marca de santidade, dificilmente a nossa palavra fará a sua caminhada até atingir o coração do homem dos nossos tempos; ela corre o risco de permanecer vã e infecunda” (EN 76). Esta marca de santidade a que Paulo VI se refere são os frutos da ação do Espírito na vida do evangelizador: “simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequeninos e pobre, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia” (EN 76). Como protagonista da evangelização, o Espírito continuamente evangeliza aqueles que já acolheram a Palavra e se dedicam ao anúncio e à atualização do Reino de Deus. Em outras palavras, o Espírito nos faz “testemunhas autênticas” (EN 76), assim como aos apóstolos e aos cristãos de todos os tempos. Tal realidade é motivo de preocupação para Paulo VI na medida em que a sede de autenticidade do homem contemporâneo impõe aos cristãos em geral e aos evangelizadores relevantes questões: “Acreditais verdadeiramente naquilo que anunciais? Viveis aquilo que em que acreditais? Pregais realmente aquilo que viveis?” (EN 76). Indicando o “testemunho da vida” como condição essencial para que a nossa pregação seja eficaz, *EN* está, em última análise, assinalando a necessidade de uma vida conforme o Espírito, pois é ele quem nos faz testemunhas de Jesus Cristo. O mesmo Espírito de Jesus habita no evangelizador, de tal modo que ao afirmar que “[...] somos, até certo ponto, responsáveis pelo avanço do Evangelho que nós proclamamos” (EN 76), *EN* ressalta a necessidade da docilidade à ação do Espírito Santo por parte do evangelizador. É obra do Espírito na pessoa humana a autêntica relação entre o crer, o viver e o anunciar. Todavia, ela exige a abertura do coração, a disposição interior para se deixar orientar pelo Espírito. Para João Paulo II (DeV 60), as testemunhas da Verdade, que é Deus, são uma “comprovação viva da ação do Espírito da verdade, presente no coração e na consciência dos fieis”.

Às perguntas mencionadas acima sobrepõem-se outras feitas no interior da própria Igreja quanto ao testemunho por ela oferecido ao mundo:

Testemunha ela a solidariedade para com os homens e, ao mesmo tempo, o Absoluto de Deus? É ela hoje mais ardorosa quanto à contemplação e à adoração, e mais zelosa quanto à ação missionária, caritativa e libertadora? Acha-se ela cada vez mais aplicada nos esforços por procurar a recomposição da unidade plena entre os cristãos, que torna mais eficaz o testemunho comum, a fim de que o mundo creia? Todos somos responsáveis pelas respostas que se possam dar a estas interrogações (EN 76).

Poderíamos nos perguntar: que tem a ver estas perguntas com a dimensão pneumatológica da evangelização ou com o espírito da evangelização? A resposta a essa pergunta reside na própria complexidade da ação evangelizadora da Igreja. Os esforços pela promoção humana, pela libertação das gentes e pela unidade dos cristãos não estão de modo algum desvinculados da experiência de comunhão com a Trindade, supremo mistério de comunhão. Sendo assim, há uma única e complexa ação evangelizadora, cujo principal agente é o Espírito Santo. Se não for o Espírito o principal motivador e promotor das diversas iniciativas evangelizadoras a partir de uma experiência pessoal de acolhida da salvação e de transformação interior, no mesmo Espírito, o testemunho autêntico exigido dos evangelizadores estará seriamente comprometido porque estará fundamentalmente desprovido de sentido.

Esta parece ser a convicção de Paulo VI ao exortar os ministros ordenados, os religiosos e os leigos: “É preciso que o nosso zelo evangelizador brote de uma verdadeira santidade de vida, alimentada pela oração e sobretudo pelo amor à eucaristia, e que, conforme o Concílio nos sugere, a pregação, por sua vez, leve o pregador a crescer em santidade” (EN 76). A vida no Espírito, a santidade, portanto, é condição para o testemunho da vida. São diretamente proporcionais a docilidade e a fidelidade do evangelizador à ação do Espírito e a eficácia da evangelização. O mistério de comunhão do qual participa o impulsiona a evangelizar, ao mesmo tempo em que, evangelizando, reconhece a ação do Espírito em si mesmo. Da “fé feita experiência” (BOFF, 2015, p. 377), na missão, manifestam-se as testemunhas autênticas de Jesus Cristo. Nas palavras de João Paulo II (RM 87), a espiritualidade missionária se exprime, em primeiro lugar, pela docilidade ao Espírito, por meio da qual o mesmo Espírito torna o evangelizador cada vez mais semelhante a Cristo. “Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar a Sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espírito” (RM 87). Paulo VI reconhece, portanto, que o testemunho é uma das principais formas de anúncio quando é expressão de uma vida conduzida pelo Espírito Santo.

1.3.4 O Espírito Santo, promotor da unidade da evangelização

À evidência de que o Evangelho de Jesus é um só sucede o fato de que aqueles que o anunciam o fazem em estado de divisão. Um dos primeiros efeitos dessa divisão entre os cristãos é o enfraquecimento da missão (EN 77). Como atribuir crédito a uma mensagem cujos agentes encontram-se, na maioria das vezes, entrincheirados em seus ambientes religiosos e fechados ao diálogo?

Não residirá nisso uma das grandes adversidades da evangelização nos dias de hoje? Na realidade, se o Evangelho que nós pregamos se apresenta vulnerado por querelas doutrinárias, polarizações ideológicas, ou condenações recíprocas entre cristãos, ao capricho das suas maneiras de ver diferentes acerca de Cristo e acerca da Igreja e mesmo por causa das suas concepções diversas da sociedade e das instituições humanas, como não haveriam aqueles a quem a nossa pregação se dirige vir a encontrar-se perturbados, desorientados, se não escandalizados? (EN 77).

Os destinatários da evangelização impressionam-se negativamente por considerarem que as diversas rupturas e descontinuidades entre os evangelizadores exprimem, em última instância, um Evangelho também ele dividido e fragmentado, motivo de discórdia e pretexto das múltiplas, e por vezes contraditórias, concepções, visões de mundo e normas morais afirmadas pelos cristãos. Maior dos evangelizadores, e enviando os seus seguidores a também anunciar a sua mensagem, Jesus, antes de entregar a sua vida na cruz, ora ao Pai suplicando a unidade daqueles que o seguem. Tal unidade “não somente é prova de que nós somos seus, mas também a prova de que ele foi enviado pelo Pai, critério de credibilidade dos mesmos cristãos e do próprio Cristo” (EN 77). Em Jesus os cristãos tem o seu ponto de unidade⁶⁴. É por Ele que são todos enviados a anunciar a salvação e o Reino de Deus, tal como a Igreja, nascida da missão e do mandato missionário de Cristo. Logo, uma evangelização que se apresenta setorizada e compartimentalizada, anacrônica, mas ainda assim postula a centralidade de Cristo, encontra-se, já de início, debilitada e carente de eficácia plena. O desafio da unidade da evangelização passa necessariamente por

peças amadurecidas na fé, capazes de se encontrar para além de tensões que se verifiquem, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade. Sim, a sorte da evangelização anda sem dúvida ligada ao testemunho de unidade dado pela Igreja. Nisto há de ser vista uma fonte de responsabilidade, como também de reconforto (EN 77).

A unidade da evangelização é, num primeiro momento, uma necessidade que a Igreja e os evangelizadores tem de se manterem fieis à missão recebida de Jesus. Num segundo momento, é fonte de reconforto, porque é possível que se expresse e se atualize pela atuação conjunta dos cristãos na missão, superando as tensões e empreendendo uma procura comum da verdade. Se Cristo é a verdade e foi enviado pelo Pai a fim de anunciar a Boa Nova, outorgando também aos que a acolhem a mesma tarefa, os cristãos darão testemunho de unidade na medida em que se encontrarem na missão, colaborando uns com os outros no anúncio do Evangelho. A divisão, assim, não se alimenta prioritariamente das divergências doutrinárias, mas da

⁶⁴ “[...] até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13).

inexistência do compartilhamento da missão, pois esta é a identidade mais profunda da Igreja. Desse modo, sendo o Espírito Santo o protagonista da evangelização, é Ele, por consequência, o promotor da unidade entre os cristãos e da unidade da evangelização. “Quanto a este ponto, nós quereríamos insistir sobre o sinal da unidade entre todos os cristãos, como via e instrumento da evangelização” (EN 77). Paulo VI reconhece e novamente afirma a exigência da comunhão plena entre aqueles que já acolheram Jesus como Senhor. Nessa perspectiva, a experiência do cristão transformado por Jesus Cristo não é questionada por Paulo VI, mas sim a comunhão na missão de anunciá-lo. Dito de outro modo: ao evangelizarem juntos, os cristãos testemunham a unidade querida por Cristo e manifestam sua comunhão. E isso é obra do Espírito Santo, porque é Ele o artífice da unidade. Nas palavras de Paulo VI:

[...] que se colabore com maior empenho com os irmãos cristãos, com os quais não estamos ainda unidos por uma comunhão perfeita, baseando-se sobre o fundamento do batismo e sobre o patrimônio de fé que é de todos, para dar daqui por diante um mais amplo testemunho comum de Cristo diante do mundo (EN 77).

No batismo somos incorporados a Cristo e enviados pelo Espírito para uma missão comum. Na fé acolhemos o mistério de amor e comunhão da Trindade e a tornamos experiência pela vida no Espírito. Portanto, é a dimensão pneumatológica que nos impele à unidade. No Espírito Santo os cristãos fazem a experiência de sua dignidade e sua missão comuns. No Espírito são conduzidos a Cristo, por quem são enviados ao anúncio da Boa Nova.

O Pentecostes ilustra de maneira paradigmática a unidade da evangelização como obra do Espírito Santo, isso porque a unidade visível, na missão, supõe uma outra unidade, assim expressa nas palavras de Möhler (1937, p. 205), referenciado por Congar (2010, p. 29):

Quando receberam a força e a luz do alto, os chefes e os membros da Igreja nascente não tinha ainda se dispersado para diferentes lugares, mas estavam reunidos em um mesmo lugar e num mesmo coração, formando uma só assembleia de irmãos [...] Assim cada discípulo ficou repleto dos dons do alto na medida em que formasse uma unidade moral com todos os outros discípulos.

Nas palavras de Congar (2010, p. 30), é a unidade de consentimento e de iniciativa, o estar juntos, tudo isso suscitado pelo mesmo Espírito. Na Igreja Corpo de Cristo age o Espírito Santo a fim de que todos permaneçam unidos ao Corpo⁶⁵. Ora, “não é porque há um só corpo que há um só Espírito; é porque há um só Espírito de Cristo que há um só corpo” (CONGAR,

⁶⁵ Cf. 1Cor 12,12-13.

2010, p. 30). O Espírito promove a unidade da evangelização na medida em que constitui a Igreja una a partir da fraterna caridade, por meio da qual continua a agir nela⁶⁶.

1.3.5 O Espírito Santo e o fervor dos evangelizadores

O espírito da evangelização, para Paulo VI, também compreende o fervor presente no evangelizador. A falta deste fervor, para o Pontífice, é obstáculo grave à evangelização porque o fervor procede do interior, do coração, ao passo que um interior encerrado em si mesmo é manifesto no cansaço, na desilusão, a acomodação e no desinteresse do evangelizador. O fervor espiritual é o fervor do Espírito, que faz arder o coração do cristão, impulsionando-o a anunciar o Evangelho com alegria e esperança. É a experiência dos Apóstolos, que da tristeza e apatia após a ressurreição e ascensão do Senhor tornaram-se intrépidos propagadores da Boa-Nova a partir do Pentecostes.

Há efetivamente alguns fatores – aos que Paulo VI denomina “álibis” (EN 80) – que “esfriam” as motivações interiores daquele que evangeliza. “Os mais insidiosos são certamente aqueles para os quais se presume encontrar um apoio neste ou naquele ensinamento do Concílio” (EN 80). Preconizada pelo Vaticano II, a atitude dialogal da Igreja levou a algumas interpretações acerca da validade da evangelização, tais como: a imposição da verdade do Evangelho e da salvação é um atentado à liberdade religiosa; o anúncio do Evangelho é dispensável, uma vez que as pessoas são salvas pela retidão do coração; e ainda, evangelizar torna-se uma ilusão quando tomamos consciência de que as sementes da Palavra já estão aí no mundo e na história. Ora, essas atitudes, quando assumidas na prática pastoral da Igreja, causam o fechamento às surpresas do Espírito, aos apelos que Ele continuamente faz aos cristãos na missão de anunciar a Boa Nova. O fervor, portanto, esvai-se e a missão evangelizadora se reduz a uma mera conveniência, a um acessório eclesial. O evangelizador, por sua vez, torna-se “imune” à ação do Espírito, privando a evangelização de seu espírito próprio.

1.4 REFLEXÃO CONCLUSIVA

Como conclusão parcial referente ao primeiro capítulo desta dissertação temos que *EN* estabelece uma *análise progressiva da ação evangelizadora da Igreja*, desde seus fundamentos

⁶⁶ Cf. Fp 2,1-11. O hino cristológico conclui-se com a profissão de fé essencial do cristianismo: “e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai” (Fp 2,11). Trata-se do anúncio cristão, na ação do Espírito, pois “[...] ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’ a não ser no Espírito Santo” (1Cor 12,3).

até suas *motivações excelentes*. O caminho argumentativo de Paulo VI procura evidenciar e esclarecer à Igreja todas as *dimensões da evangelização* a partir de uma teologia da evangelização fundada na *Pessoa de Jesus Cristo em sua relação com a Igreja*. Esta é a dimensão primeira da ação evangelizadora, que lança luz sobre os demais aspectos pertinentes à noção de evangelização: o ato de evangelizar, o que anunciar e testemunhar, quais os meios para tal e quem deve evangelizar. Trata-se, portanto, de uma análise teológico-pastoral que reproduz a fecunda articulação conciliar *doutrina-pastoral* em termos evangelizadores.

Destaque para o que de fato motiva os evangelizadores a anunciar e testemunhar a Boa Nova: o *Espírito Santo*. O espírito da evangelização é o *Espírito que age na Igreja e nos cristãos a fim de conformá-los a Cristo*, “o primeiro e o maior dos evangelizadores” (EN 7). O Espírito Santo é, assim, o “agente principal da evangelização (EN 75), ou seja, tudo o que foi dito acerca da missão em *EN* refere-se à Terceira Pessoa da Trindade: é a sua ação que impele a evangelizar. Daí ser possível a leitura pneumatológica que empreendemos, pois sem a ação do Espírito não é possível haver evangelização (EN 75). Em suma, os evangelizadores assim o são porque *vivem segundo o Espírito*, que os torna *semelhantes a Jesus*, fundamento da ação evangelizadora da Igreja. Na perspectiva de *EN*, esse é o fio condutor que articula teologicamente o início e o fim da Exortação sob o prisma da missão evangelizadora.

2 EVANGELII GAUDIUM: EVANGELIZAR COM ESPÍRITO

Aos 24 de novembro do ano de 2013, o Papa Francisco entregou à Igreja a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Após a XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada entre 7 e 28 de outubro de 2012, com o tema *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*, Francisco convidou toda a Igreja e todos os cristãos para uma “nova etapa evangelizadora” (EG 1), marcada pela alegria do Evangelho a partir do encontro com Jesus Cristo. “Para Papa Francisco uma coisa é absolutamente clara: a Igreja é chamada a anunciar a alegria do Evangelho, correspondendo à sua natureza missionária” (SPADARO, 2014, p. 151, trad. nossa). *Evangelii Gaudium* recorda-nos de imediato alguns outros documentos do magistério, tais como: *Gaudium et Spes*, *Gaudete in Domino* e *Evangelii Nuntiandi*, estes dois últimos de Paulo VI. O fato é que, nesse contexto, *EG* faz um apelo: “não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização” (EG 83). Trata-se de uma exortação que, segundo Spadaro (2014, p. 152), retoma o apelo de Bento XVI expresso na Carta Apostólica em forma de Motu Proprio *Porta Fidei* (PF):

Por isso, também hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor duma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé [...] Com efeito, a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria (PF 7).

O querigma, elemento central de *EG*, é uma notícia de alegria, que deve ser anunciada com *parresía*, ou seja, com uma alegre coragem e com intrepidez, tal como os apóstolos em Pentecostes. Com isso, *EG* exprime seu pressuposto fundamental: a alegria da Igreja e dos cristãos, que deve aparecer ao mundo como sinal e testemunho do encontro com Jesus Cristo, o Evangelho de Deus, é “uma alegria missionária” (EG 21).

Do ponto de vista histórico, o Sínodo de 2012 foi a razão próxima de *EG*. O Concílio Vaticano II, a Conferência de Aparecida e a trajetória eclesial e pontificado do Papa Bergoglio são do mesmo modo razões históricas que nos possibilitam compreender em alguma medida o sentido do texto da Exortação de Francisco. Assim como em *EN*, a noção conciliar de *aggiornamento* e a eclesiologia do Povo de Deus oferecem-nos elementos para uma leitura de *EG* à luz do Concílio. Ademais, Francisco se insere numa das reflexões teológico-pastorais inauguradas pelo Vaticano II: a relação entre missão e reforma eclesial. Sua atuação pastoral como jesuíta no contexto da América Latina, atrelada ao espírito da Conferência de Aparecida,

da qual participou e da qual extraiu alguns conceitos que utilizou em *EG*, indicam-nos um contexto mais amplo para a compreensão de suas intenções com tal texto exortativo.

O tema teológico nuclear de *EG* é certamente a transformação missionária da Igreja (EG 19). Todo o conteúdo de *EG* converge para a *saída missionária* (EG 20), para a consecução de um “preciso estilo evangelizador” (EG 18) que leve a Igreja a um “estado permanente de missão” (EG 25). Francisco, em primeiro lugar, não tem a intenção de expor sistemática e progressivamente os elementos pertinentes à noção de evangelização. Isso já o fez Paulo VI em *EN*. Pressupondo tais elementos, concentra-se em propor uma renovação da Igreja a partir de sua natureza missionária, que conduz, por sua vez, a uma “conversão missionária” (EG 30), que “possui um significado programático e tem consequências importantes” (EG 25). Assim se constitui a noção de evangelização em *EG*.

Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’ [...] Há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador; de igual modo, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem ‘fidelidade da Igreja à própria vocação’, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo (EG 25-26).

A questão central de *EG*, portanto, é explicitar como a transformação missionária da Igreja se dá a partir de seus fundamentos, radicados na própria natureza da Igreja, e como é posta em ato pelo sujeito eclesial.

A primeira implicação de tal transformação é a necessidade de um “discernimento evangélico” (EG 50) da realidade atual, discernimento que “é o olhar do discípulo missionário que ‘se nutre da luz e da força do Espírito Santo’” (EG 50). Nesse discernimento, conscientizamo-nos das situações, desafios e tentações que paralisam o dinamismo evangelizador da Igreja. Reconhecendo estas possíveis adversidades impostas pela contemporaneidade, Francisco apresenta o anúncio do Evangelho que corresponde ao ideal da reforma missionária da Igreja. Para Spadaro (2014, p. 162), é o tema do anúncio que justifica todo o documento, pois a *saída missionária* é a saída para anunciar Jesus Cristo ao mundo. Destaca *EG* a relação entre o Povo de Deus e a evangelização (EG 111), a homilia (EG 135) e a pregação (EG 145) e a evangelização centrada no querigma (EG 160), que é o aspecto primordial da renovação da Igreja, o que mais propriamente exprime a experiência do encontro com Jesus e a consequente atitude de *saída* para comunicar tal experiência de amor (EG 164).

Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade [...] Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros? (EG 8).

Sobremaneira importante e central na ação evangelizadora da Igreja, o querigma possui “repercussões comunitárias e sociais” (EG 177). Trata-se da “dimensão social da evangelização” (EG 176), que se “não for devidamente explicitada, corre-se sempre o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora” (EG 176). “A inclusão social dos pobres” (EG 186) a partir do Evangelho da misericórdia leva a Igreja *em saída* a reafirmá-los como “os destinatários privilegiados do Evangelho” (EG 48). Critérios para que o Evangelho seja acolhido autenticamente e possa responder às exigências da busca pelo bem comum e da paz são os quatro princípios que Francisco apresenta em *EG*: “o tempo é superior ao espaço” (EG 222); “a unidade prevalece sobre o conflito” (EG 226); “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG 231); e “o todo é superior à parte” (EG 234).

Por fim, Francisco apresenta as “motivações para um renovado impulso missionário” (EG 262). Assim como Paulo VI em *EN*, Francisco dedica o último capítulo de sua Exortação à ação do Espírito da evangelização, que é o fundamento do espírito da evangelização, ou seja, princípio da *saída missionária* da Igreja a partir do paradigma bíblico de Pentecostes. Sendo este o foco do presente trabalho, consideramos que a abordagem de *EG* acerca do Espírito Santo é decisiva para a compreensão da totalidade do texto da Exortação, pois “sei que nenhuma motivação será suficiente, se não arde nos corações o fogo do Espírito” (EG 261). Evangelizar com espírito é evangelizar com o Espírito Santo (EG 261), ao passo que do anúncio que não se dá no Espírito não decorre a Igreja *em saída*. Não se trata, então, de uma espiritualidade missionária em sentido funcional, mas da *ação da Terceira Pessoa da Trindade que impele a Igreja a evangelizar*, transformando a “auto-referencialidade” (EG 8) em atitude de *saída* para a missão. Para tanto, Francisco invoca novamente o Espírito: “peço-Lhe que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar todos os povos” (EG 261).

2.1 PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS FUNDAMENTAIS

Uma adequada compreensão teológica e pastoral de *EG* supõe a consideração de alguns contextos históricos que à Exortação se referem e que, em maior ou menor grau, encontram-se indicados em seu texto. Tal consideração possibilita-nos captar os sentidos e os significados de

muitas expressões e afirmações presentes em *EG*, haja vista seu estilo próprio, que exprime – em termos literários, teológicos e pastorais – o “preciso estilo evangelizador” (EG 18) ao qual Francisco convida e motiva toda a Igreja. Trata-se de uma genealogia da *EG*, pois ficam evidentes em seu texto as múltiplas razões que nos levam a afirmá-la como uma Exortação que é, ao mesmo tempo, pós-sinodal e a *carta magna* do pontificado de Francisco. O “estilo evangelizador” (EG 18) proposto por *EG*, portanto, remete-nos a alguns pressupostos históricos que precedem a realização e a reflexão teológico-pastoral da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização. Se a Assembleia Sinodal é a razão próxima de *EG*, há outras razões mais remotas que se constituem em critérios para a interpretação dos posicionamentos teológicos e pastorais de Francisco em sua Exortação.

No início da *EG*, Francisco acena para o mencionado Sínodo como sua razão histórica próxima, evidenciando os principais âmbitos da nova evangelização⁶⁷ explicitados pelos Padres Sinodais (EG 14). Destaca-se aqui a insistência de Francisco nos aspectos pastorais pertinentes às proposições do Sínodo: as diferentes atitudes dos cristãos e não-cristãos em face do Evangelho e os esforços evangelizadores da Igreja (EG 14). Nesse sentido, o Sínodo sobre a Nova Evangelização é uma das motivações históricas de *EG*, especialmente como evento eclesial do qual Francisco se serve para acentuar e ampliar a reflexão teológico-pastoral sobre a ação evangelizadora da Igreja.

EG também faz referência à Constituição Dogmática *LG*, do Concílio Vaticano II (EG 17). As questões desenvolvidas ao longo da Exortação tem por base, segundo *EG*, a doutrina desta Constituição. Notamos aí uma clara referência ao acontecimento conciliar como razão histórico-teológica de *EG*, dado que a própria estrutura da Exortação se constituiu na esteira de *LG*, um dos principais documentos do Concílio. Assim, em que medida o Concílio é um pressuposto de *EG* na perspectiva de uma hermenêutica da doutrina conciliar em face da evangelização no mundo atual? A nova etapa evangelizadora que Francisco deseja para a Igreja apresenta-se vinculada aos ensinamentos do Vaticano II, sobretudo à sua eclesiologia.

Outro pressuposto histórico fundamental para a compreensão de *EG* é a V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada no ano de 2007, na cidade de Aparecida, no Brasil. O então Cardeal Jorge Mario Bergoglio – Arcebispo de Buenos Aires – coordenou a Comissão que redigiu o Texto Conclusivo da mencionada Conferência. Sendo expressão do momento eclesial da América Latina e tendo algumas de suas expressões e

⁶⁷ O âmbito da *pastoral ordinária*, que se refere à comunidade reunida regularmente para se alimentar da Palavra e da Eucaristia; o âmbito das *pessoas batizadas que não vivem as exigências do Batismo*; e o âmbito do *anúncio do Evangelho aos que não conhecem Jesus ou sempre o recusaram* (EG 14).

afirmações citadas por *EG*, o assim denominado *Documento de Aparecida* torna-se nosso objetivo de análise sob o ponto de vista de sua influência na Exortação de Francisco.

Por fim, a trajetória pessoal e pastoral e o pontificado de Francisco se tornam igualmente pressupostos de *EG*. As principais notas biográficas de Jorge Mario Bergoglio e sua elevação à Sé de Pedro constituem o *lugar* de onde Francisco exorta a Igreja. Aqui poderemos contemplar algumas das experiências pessoais e pastorais que, de algum maneira, influenciaram as escolhas e o pensamento teológico-pastoral de Francisco.

2.1.1 As raízes conciliares⁶⁸

O que expusemos sobre o Concílio Vaticano II nas primeiras sessões do capítulo precedente⁶⁹ vale igualmente para a contextualização teológica de *EG*. Por essa razão, deteremo-nos aqui em um dos muitos pontos explicitados pela reflexão teológica atual acerca da relação entre a Exortação Apostólica de Francisco e o evento conciliar. Para isso, partimos da afirmação do próprio Francisco quanto às opções temáticas e à estrutura de *EG*:

Aqui escolhi propor algumas diretrizes que possam encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, cheia de ardor e dinamismo. Neste quadro e com base na doutrina da Constituição dogmática *Lumen gentium*, decidi, entre outros temas, de me deter amplamente sobre as seguintes questões [...] (EG 17).

2.1.1.1 A relação entre missão e reforma eclesial

Afirma Theobald (2015, p. 4) que *EN* foi a primeira releitura sintética dos textos conciliares. Assim, pergunta-se o autor: “é possível identificar em *Evangelii Gaudium* a mesma pretensão, a mesma tentativa de dotar a Igreja de um princípio de interpretação da obra

⁶⁸ Há na *EG* vinte e uma referências diretas ao Concílio Vaticano II. Uma indica a doutrina de *LG* como base para o quadro das questões tratadas por *EG* (EG 17), uma aponta a reforma permanente da Igreja preconizada pelo Concílio (EG 26), uma salienta o otimismo histórico e eclesial presente no discurso de João XXIII na inauguração do Concílio (EG 84), uma menciona a valorização da piedade popular no pós-Concílio (EG 123) e dezessete apresentam alguns ensinamentos conciliares pertinentes à evangelização – a Igreja encarnada e sua saída para o anúncio (EG 30), as notas da Igreja (EG 30), as conferências episcopais e o sentimento colegial (EG 32), a doutrina da hierarquia de verdades (EG 36), a tarefa dos exegetas e teólogos (EG 40), a Igreja enviada por Cristo como sacramento da salvação (EG 112), a destinação universal da salvação (EG 113), Deus que convoca os seres humanos como povo (EG 113), os povos e suas próprias culturas (EG 115), o Espírito que guia o povo de Deus na verdade e o conduz à salvação (EG 119), os carismas para a renovação e edificação da Igreja (EG 130), a verdadeira beleza e o encontro com o Senhor (EG 167), a Palavra e a catequese (EG 175), o compromisso ecumênico e a comunhão (EG 244), a evangelização e o diálogo inter-religioso (EG 251), o diálogo com o Islão (EG 252) e Maria, Mulher de fé (EG 287). Quanto ao número de citações de documentos do Vaticano II na *EG*, temos: Constituição *LG* (oito), Decreto *UR* (três), Constituição *GS* (duas), Constituição *DV* (duas), Decreto *AG* (duas), Decreto *CD* (uma) e Decreto *Inter Mirifica* (uma).

⁶⁹ *O aggiornamento da Igreja* (p. 26) e *A eclesiologia conciliar* (p. 28).

altamente complexa e diversificada do Vaticano II?”⁷⁰ (THEOBALD, 2015, p. 4). A resposta a essa pergunta é afirmativa na medida em que Francisco indica sua escolha já no início de *EG*, como vimos no parágrafo anterior. Contudo, trata-se de uma resposta complexa, pois há vários elementos teológicos e pastorais presentes em *EG* que se referem, em última análise, ao ensinamento conciliar, este enriquecido pelo magistério e pela reflexão e práxis do pós-Concílio. Dentre tais elementos, aquele relativo à relação entre missão e reforma eclesial parece-nos significativo para estabelecer uma aproximação entre *EG* e o Concílio.

Segundo Theobald (2015, p. 9), só é possível conceber tal relação a partir das *aberturas* existentes no corpo textual do Concílio. *LG* menciona o princípio da renovação perene da Igreja (LG 8) e *UR* acena para a necessidade de sua reforma perene (UR 6). Já a missão é indicada em *LG* (LG 8, 17). “Nenhuma ligação, portanto, nessa Constituição à qual Francisco se refere prioritariamente, entre missão e reforma da Igreja!” (THEOBALD, 2015, p. 10). O reposicionamento da eclesiologia da *LG* numa perspectiva querigmática e missionária se deu amplamente em Congar, como “passagem de uma concepção geográfica para uma concepção relacional e cultural da missão e da evangelização [...]” (THEOBALD, 2015, p. 10). *EN* de Paulo VI, como chave de leitura do texto conciliar, põe no centro de sua discussão a missão.

Priorizando realmente o Evangelho e a evangelização, ele inverte a ordem conciliar que, em 1963, havia feito da Igreja ‘o argumento principal’ do Concílio. Ora, a Igreja passa a ser abordada a partir de sua missão, como apontado pelo primeiro capítulo de *Evangelii Nuntiandi*: ‘De Cristo evangelizador a uma Igreja evangelizadora’ (THEOBALD, 2015, p. 11).

Outra *abertura* que permite à *EG* reposicionar a relação entre missão e reforma em face do Concílio é o *porquê* da missão. *AG* e *EN* quase não se interrogam sobre isso. Nesse sentido,

que se pense em certa concepção da ‘tolerância’, reforçada pelo amálgama corrente entre religião e violência: a opinião pública no Ocidente aceita certamente a pluralidade das ‘comunidades’ ou religiões sobre um mesmo território, assegurando seu tratamento igual pelos poderes públicos, mas, quando elas manifestam a menor pretensão a uma validade ou uma verdade última ou realizam o que consideram como sua ‘missão’ nas sociedades, são facilmente acusadas de ‘proselitismo’. A equação entre ‘missão’ e ‘proselitismo’ está tão integrada na consciência ocidental que a maioria dos próprios cristãos não compreende mais a ligação intrínseca entre o Evangelho e sua difusão ou missão (THEOBALD, 2015, p. 13).

⁷⁰ A propósito, ver: ROUTHIER, Gilles. *Les accents ecclésiologiques du pontificat du pape François. Une mise en oeuvre originale de Lumen gentium*. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, p. 549-563, set./dez. 2016; AURÉLIO, Marlos. *A Igreja do Papa Francisco à luz do Vaticano II*. Aparecida: Santuário, 2016. COLETTI, Raquel Maria de Paola. *A Gaudium et Spes e a Evangelii Gaudium: um estudo comparativo na perspectiva da conversão pastoral*. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

Uma outra dificuldade apontada por Francisco, que se apresenta como uma *abertura* conciliar, é a que se refere à tentativa de autopreservação das instituições eclesiais. Em face disso, há que se “promover um dinamismo evangelizador” (EG 26) capaz de colocar a Igreja “em estado permanente de missão” (EG 25). Para Theobald (2015, p. 14), está é a outra face da reforma perene da Igreja, pregada pelo Vaticano II e retomada por EG.

A relação entre missão e reforma eclesial em EG, portanto, pode ser considerada um critério interpretativo do Concílio na medida em que o evento conciliar não abordou tal relação de maneira explícita, mas forneceu os elementos que, à luz de uma hermenêutica que considera a unidade do *corpus* do Vaticano II, possibilitam uma elaboração teológica e uma prática pastoral que se constituem no âmago dessa relação. EG o faz a partir do princípio da transformação ou reforma missionária da Igreja, pois para Francisco, como intérprete do Vaticano II, não há reforma eclesial que não seja missionária, isso pelo fato de que natureza e missão eclesiais estão imbricadas por essência.

Deve ter ficado claro em qual sentido a decisão inicial da Exortação *Evangelii Gaudium*, que consiste em relacionar intrinsecamente a missão da Igreja com sua conversão ou sua reforma, enxerta-se nas ‘aberturas’ deixadas pelo Vaticano II e já detalhadas pela Exortação ‘mãe’ *Evangelii Nuntiandi*. Igualmente, deve-se ter percebido como essa decisão inicial tenta responder a uma situação duplamente nova, isto é, a uma ameaça de erosão do fervor missionário e ao risco de uma esclerose de nossas instituições. O que o Papa Francisco chama de ‘estilo missionário’ [...] implica também uma conversão, até mesmo uma reforma perene dos atores da transmissão; conversão que se manifesta em sua ‘saída’ efetiva [...] Essa reforma interna e externa não é segunda, ou secundária, em relação ao próprio anúncio do Evangelho, mas faz *intrinsecamente* parte dele como sua condição de credibilidade. Assim como os atos de Jesus estão *intrinsecamente* ligados às suas palavras e inversamente, segundo a bela fórmula de *Dei Verbum*, nº 2 (THEOBALD, 2015, p. 15).

2.1.2 A Conferência de Aparecida

Entre os dias 13 e 31 de maio de 2007, realizou-se a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida, no Brasil. Entre a Conferência de Aparecida e a Conferência que a precedeu – a de Santo Domingo, em 1992 – foi realizada a Assembleia Especial do Sínodo para a América⁷¹. A pauta principal deste Sínodo foram os desafios de evangelizar o Continente Americano em seu conjunto desde as características próprias de seus diversos povos e regiões. A partir dos trabalhos do Sínodo, João Paulo II publicou a Exortação Apostólica *Ecclesia in America*⁷². Nesse contexto e atentos à realidade latino-americana, os

⁷¹ Entre os dias 12 de novembro e 12 de dezembro de 1997, com o tema *Encontro com Jesus Cristo vivo: o caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América*.

⁷² Publicada em 22 de janeiro de 1999.

bispos reunidos na XXVIII reunião ordinária do CELAM, em 2001, decidiram pedir a João Paulo II a convocação da V Conferência do Episcopado da América Latina. O pedido foi aceito pelo Pontífice, que programou a V Conferência para o mês de fevereiro de 2007, em Roma. Com sua morte, Bento XVI confirmou a convocação da Conferência, mas alterou seu local de realização para Aparecida, entre os dias 13 e 31 de maio de 2007⁷³.

Uma pergunta prévia é sobre o motivo desta nova Conferência, em relação às outras anteriores. Medellín, em 1968, quis ser a aplicação do Concílio Ecumênico Vaticano II para a América Latina, enquanto Puebla, em 1979, tentou aplicar a *Evangelii Nuntiandi*. Santo Domingo, em 1992, celebrou os 500 anos da evangelização do Continente. A resposta da pergunta é a situação nova vivida pela Igreja da América Latina e do Caribe, passados quinze anos da última Conferência, pois a Igreja vive realidades novas e enfrenta desafios novos, aos quais ela deve dar uma resposta. Isto porque não apenas aconteceram mudanças em nossa época, mas a época está mudada (HACKMANN, 2007, p. 320).

O processo de preparação da V Conferência foi iniciado pela escolha do tema, proposto pelo CELAM ao Papa, que retocou sua reformulação, explicitando seu caráter cristológico: *Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida*⁷⁴. Em setembro de 2005 foi editado o *Documento de Participação*⁷⁵, que solicitava contribuições e sugestões por parte das conferências episcopais e demais instituições eclesiais. O *Documento de Síntese*⁷⁶ foi redigido a partir destas contribuições. Papa Bento XVI inaugurou a V Conferência presidindo a Missa e discursando na abertura dos trabalhos⁷⁷. Concluídos os depoimentos iniciais, foram constituídas as Comissões para o estudo do tema central. Cada Comissão e Subcomissão deveria desenvolver o tema e apresentar um relatório, que seria a primeira redação do *Documento Conclusivo*. Após revisão feita pela Comissão de Redação, cujo Presidente era o então Cardeal Jorge Mario Bergoglio, uma segunda redação foi levada a termo. À essa nova redação, apresentada no plenário, foram encaminhadas 2.440 emendas. Após análise das emendas e possíveis integrações, a terceira redação foi apresentada à

⁷³ Cf. LIBÂNIO, João Batista. *Conferência de Aparecida*. Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/conferencia-de-aparecida/>>.

⁷⁴ Cf. Jo 14,6.

⁷⁵ CELAM; CNBB. *Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe. Documento de Participação*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005. O mesmo documento se chamou, antes, de *Documento de Consulta*.

⁷⁶ CELAM; CNBB. *Síntese das contribuições recebidas para a V Conferência Geral*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

⁷⁷ “A Igreja tem a grande tarefa de conservar e alimentar a fé do Povo de Deus, e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude do seu batismo, são chamados a ser *discípulos e missionários* de Jesus Cristo. Isto requer segui-lo, viver em intimidade com Ele, imitar o seu exemplo e dar testemunho. Cada batizado recebe de Cristo, como os Apóstolos, o mandato da missão: *‘Ide pelo mundo inteiro e proclamai a Boa Nova a toda a criação. Quem crer e for batizado, será salvo’* (Mc 16, 15). Pois ser discípulo e missionário de Jesus Cristo e buscar a vida ‘nele’ supõe estar profundamente enraizado nele” (BENTO XVI. *Discurso na Sessão Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*, 13 de maio de 2007).

Assembleia em 27 de maio. Novas contribuições poderiam ser apresentadas apenas com a assinatura de sete presidentes de Conferências Episcopais. No dia 30 de maio as novas emendas foram votadas e no dia 31 de maio foi apresentada a quarta redação do *Documento Conclusivo*, que foi aprovada. No dia 11 de junho, o texto foi entregue ao Papa Bento XVI, que o aprovou. Sua publicação ocorreu em 29 de junho de 2007 por meio de carta dirigida ao Episcopado da América Latina e do Caribe. De acordo com Hackmann (2007, p. 322),

as fontes para o conteúdo do documento final foram as seguintes: a) O discurso do Papa Bento XVI, na inauguração da V Assembleia do CELAM, no dia 13 de maio; b) o documento de Síntese, fruto da consulta ampla feita no período de participação em resposta ao documento de consulta; c) as contribuições dadas nos pronunciamentos dos Presidentes das Conferências Episcopais, dos representantes dos organismos do Vaticano e a Síntese dos grupos de trabalho (HACKMANN, 2007, p. 322).

Foram Presidentes da V Conferência os Cardeais Giovanni Battista Re, Prefeito da Sagrada Congregação para os Bispos e Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina; Francisco Javier Errázuriz Ossa, Arcebispo de Santiago (Chile) e Presidente do CELAM; e Geraldo Majella Agnelo, Arcebispo de São Salvador (Brasil) e Primaz do Brasil. Foram Secretários: Dom Andrés Stanovnik, Bispo de Reconquista (Argentina) e Secretário Geral do CELAM; e Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo (Brasil) e Secretário Geral da CNBB. Cardeal Jorge Mario Bergoglio, Arcebispo de Buenos Aires (Argentina), presidiu os trabalhos da Comissão de Redação do Documento Conclusivo da V Conferência.

2.1.2.1 Aportes à nova etapa evangelizadora da Igreja

No *DAP* encontramos diversos temas e elementos que, lidos à luz da nova evangelização, tornam-se fundamentais para o intento de renovação eclesial hodierna. *EG* recupera os principais temas do *DAP* a fim de explicitá-los como pertinentes à transformação missionária da Igreja, caminho de sua renovação. Nesse sentido, a nova etapa evangelizadora proposta por Francisco em *EG* já era uma realidade no *DAP*, de modo que o Papa Bergoglio não apenas evidenciou os referidos temas como também, e principalmente, os ampliou para toda a Igreja⁷⁸.

O primeiro tema diz dos *discípulos missionários*. Para Hackmann (2007, p. 323), tal expressão “sem ‘e’ significa que não são dois aspectos separados, enquanto sem ‘hífen’ significa que não são dois elementos simplesmente iguais”. Preconiza-se com essa expressão o

⁷⁸ Para o aprofundamento da questão, ver: GALLI, Carlos María. *La teología pastoral de Aparecida, una de las raíces latinoamericanas de Evangelii Gaudium*. Gregorianum, Roma, v. 96, n. 1, p. 25-50, jan./mar. 2015.

fato de que o discipulado implica a missionariedade no mesmo caminho de seguimento de Jesus. O segundo tema se refere à *Igreja missionária*. No *DAP* fica evidente a centralidade da pessoa e da obra de Jesus Cristo na ação evangelizadora, pois a Igreja não anuncia a si mesma, mas Cristo. Sendo assim, a evangelização é prioridade para a Igreja e não um acessório⁷⁹. A “Igreja da América Latina e do Caribe deve evangelizar para reverter o quadro de esfriamento da fé e de abandono da vida eclesial e, assim, reavivar o ardor que esteve presente desde os primeiros momentos evangelizadores do nosso Continente [...]” (HACKMANN, 2007, p. 325). Outro tema fundamental é o do *encontro pessoal com Cristo*.

Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. Isso não depende de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu reino, protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseja se reconhecer com a luz e a força do Espírito. (DAP 11).

Em termos gerais, a *Cristologia* do *DAP* exprime a alegria do discípulo missionário que anuncia o Evangelho de Cristo, não obstante os desafios que assolam a humanidade de nosso tempo. A alegria do anúncio está imbricada no seguimento de Jesus Cristo, pois “o discípulo cria uma relação vital com o Mestre, a ponto de Jesus fazer seu familiar o seu seguidor” (HACKMANN, 2007, p. 327). Nessa relação, o discípulo missionário conforma-se a Cristo pela ação do Espírito Santo, assumindo a centralidade do mandamento do amor. O encontro pessoal com Jesus, portanto, é condição para o seguimento de Jesus. Experienciando o amor de Deus, o discípulo missionário é enviado a anunciar e testemunhar tal amor. Quanto à *Eclesiologia* do *DAP*, reitera-se que a Igreja é comunhão no amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Desse modo, os discípulos missionários são chamados a viver em comunhão, que se dá pela pertença a uma comunidade eclesial. A comunhão é igualmente comunhão nos diversos carismas, ministério e serviços suscitados pelo Espírito.

não houve um desejo de oferecer um documento acabado do ponto de vista teológico, porque o intuito pastoral estava em primeira ordem. Não se vai procurar novidade teológica ou impostações teológicas definidas, porque não serão encontradas. A teologia de Aparecida é muito mais implícita do que explícita (HACKMANN, 2007, p. 326).

⁷⁹ Cf. DAP 551.

2.1.3 O Sínodo de 2012

Entre os dias 7 e 28 de outubro de 2012, realizou-se a XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, sob o tema *Nova evangelizatio ad christianam fidem tradendam*⁸⁰. Segundo Catão (2013, p. 11), o Sínodo de 2012 constituiu-se como momento privilegiado no longo processo de renovação ou *aggiornamento* da Igreja iniciado pelo Concílio Vaticano II. Como iniciativa em face da renovação eclesial, o Sínodo se fez sob o signo da Nova Evangelização, “expressão a que João Paulo II atribuiu um valor profético e que Bento XVI quer analisar, nas suas raízes e nas suas aplicações, como a expressão do que Deus espera da Igreja nos nossos dias” (CATÃO, 2013, p. 11).

No dia 24 de outubro de 2010, Bento XVI convocou a XIII Assembleia do Sínodo dos Bispos, que foi precedida por dois momentos importantes. O primeiro faz referência à prática já aprovada de consulta aos 13 Sínodos das Igrejas Orientais Católicas, às 113 Conferências Episcopais, aos 25 Dicastérios da Cúria Romana e à União dos Superiores Gerais, de modo que pudessem apresentar três temas possíveis para a reflexão sinodal. A maioria dos episcopados propôs a transmissão da fé como questão central para o Sínodo vindouro, especialmente em virtude das grandes mudanças sociais, culturais e religiosas dos tempos atuais⁸¹. O segundo foi a criação, por Bento XVI, do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização⁸². Nesse sentido, no tema do Sínodo, “concentram-se a preocupação pastoral sobre a transmissão da fé e a necessidade de uma reflexão acerca da nova evangelização que se impõe, embora de maneiras diferentes, em toda a Igreja”⁸³.

Na sequência, o Conselho Ordinário da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos preparou os *Lineamenta*, cujos capítulos estavam acompanhados de uma série de perguntas, totalizando 71 questões. Os *Lineamenta* estavam divididos em três capítulos: *Tempo de “Nova Evangelização; Proclamar o Evangelho de Jesus Cristo; Iniciação à experiência cristã*. Apresentavam-se ali as razões teológicas e eclesiais do renovado empenho evangelizador inaugurado pelo Vaticano II a partir da reafirmação da natureza missionária da Igreja. Os *Lineamenta* recordavam que o Evangelho é uma pessoa: Jesus Cristo. Os cristãos, numa relação mais estreita com o Senhor, poderão dar a razão da sua esperança com um novo estilo

⁸⁰ *A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*.

⁸¹ Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Apresentação dos “Lineamenta”*, 4 de março de 2011.

⁸² Cf. Motu Proprio *Ubicumque et Semper* (AAS 102, 2010, p. 788).

⁸³ Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Apresentação dos “Lineamenta”*, 4 de março de 2011.

evangelizador, tanto em âmbito pessoal como comunitário. A nova evangelização, para os *Lineamenta*, era um novo cenáculo de Jerusalém, “uma resposta adequada aos sinais dos tempos, às necessidades dos homens e dos povos de hoje, aos novos cenários que desenham a cultura através da qual dizemos a nossa identidade e procuramos o sentido das nossas vidas”⁸⁴. Com o retorno das respostas às questões propostas pelos *Lineamenta*, redigiu-se o *Instrumentum Laboris*, texto mais completo e extenso, cujos capítulos foram: *Jesus Cristo, Evangelho de Deus para o homem; Tempo de nova evangelização; Transmitir a fé; Reavivar a ação pastoral*. De acordo com Galli (2012, p. 107, trad. nossa),

a XIII Assembleia tem uma profunda afinidade com a III Assembleia realizada em 1974, presidida por Paulo VI. Seu tema foi: *De evangelizatione mundi huius temporis* [A evangelização no mundo moderno]. Isso indica um passo num processo de continuidade na mudança e de mudança na continuidade. As semelhanças no objeto de reflexão não descuidam das circunstâncias históricas diversas, como as transformações culturais próprias da era da globalização ou o curso da peregrinação na fé do Povo de Deus durante os pontificados de Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II e Bento XVI, em especial na América Latina.

Nesse sentido, segundo o mesmo autor, a reflexão do Sínodo sobre a Nova Evangelização resultaria num significativo material com vistas à Exortação Apostólica posterior, que poderia atualizar a teologia da evangelização de *EN* nos termos de uma nova evangelização, numa dinâmica de fidelidade criativa. “Em 1974 gestou-se uma primeira síntese pós-conciliar. Poderia outra ser gestada em 2012?” (GALLI, 2012, p. 108, trad. nossa). Colombo (1998, p. 20), a partir de *EN*, afirma que a nova evangelização é o problema fundamental da Igreja conciliar.

Foram Presidentes Delegados do Sínodo: Cardeal John Tong Hon, Bispo de Hong Kong (China); Cardeal Francisco Robles Ortega, Arcebispo de Guadalajara (México); e o Cardeal Laurent Monsengwo Pasinya, Arcebispo de Kinshasa (República Democrática do Congo). Seu Secretário Geral foi Dom Nikola Eterović, do Vaticano; seu Relator Geral foi o Cardeal Donald William Wuerl, Arcebispo de Washington (Estados Unidos da América); e seu Secretário Especial foi Dom Pierre-Marie Carré, Arcebispo de Montpellier.

A abertura do Sínodo se deu com a Santa Missa celebrada pelo Papa Bento XVI na Praça São Pedro.

A Igreja existe para evangelizar. Fiéis ao mandamento do Senhor Jesus Cristo, seus discípulos partiram pelo mundo inteiro para anunciar a Boa Nova, fundando, por toda a parte, comunidades cristãs. Com o passar do tempo, essas comunidades tornaram-se Igrejas bem organizadas, com numerosos fiéis. Em determinados períodos da

⁸⁴ XIII ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Lineamenta*, 23.

história, a Divina Providência suscitou um renovado dinamismo na ação evangelizadora na Igreja [...] Também nos nossos tempos, o Espírito Santo suscitou na Igreja um novo impulso para proclamar a Boa Nova, um dinamismo espiritual e pastoral que encontrou a sua expressão mais universal e o seu impulso mais autorizado no Concílio Ecumênico Vaticano II⁸⁵.

Esteve em jogo no Sínodo de 2012 a reta compreensão da noção de nova evangelização e suas consequências pastorais para a Igreja contemporânea. A lista final de propostas do Sínodo procurou explicitar tais consequências, apresentando ao Papa Bento XVI suas principais conclusões para a posterior redação da Exortação Apostólica pós-Sinodal.

2.1.3.1 A nova evangelização

Foi João Paulo II que utilizou pela primeira vez a expressão nova evangelização. Na homilia que proferiu no Santuário de Santa Cruz, em 9 de junho de 1979, durante sua Viagem Apostólica à Polônia. Disse o Pontífice:

Ali onde se levanta a cruz aparece o sinal de que já lá chegou a Boa Nova da salvação do homem mediante o Amor. Ali onde se levanta a cruz, *está o sinal de que teve início a evangelização*. Outrora, os nossos pais levantaram, em vários lugares da terra polaca, a cruz como sinal de que já ali tinha chegado o Evangelho, que se tinha iniciado a evangelização, a qual devia continuar ininterruptamente até hoje [...] Com ela recebemos *um sinal*, isto é, que nas vésperas do novo milênio – nestes novos tempos, nestas novas condições de vida – volta a ser anunciado o Evangelho. Iniciou *uma nova evangelização*, quase como se se tratasse de um segundo anúncio, embora na realidade seja sempre o mesmo⁸⁶.

Segundo Camargo e Hackmann (2016, p. 626), é no pontificado de João Paulo II que a expressão nova evangelização se consolida, sendo consagrada em seu discurso na Assembleia do Conselho Episcopal Latino-Americano, no Haiti, em 1983, quando faz referência à necessidade de uma nova evangelização para os povos da América Latina:

A comemoração do meio milênio de evangelização terá seu significado pleno se for um compromisso vosso como bispos, junto com vosso presbitério e fieis, compromisso, não de re-evangelização, mas sim de uma evangelização nova. Nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão⁸⁷.

Bento XVI procurou de várias formas dar continuidade ao processo da Nova Evangelização. Como intelectual, preocupado com a situação do homem contemporâneo e do sujeito eclesial, tinha diante de si os riscos do relativismo oriundo da cultura moderna e pós-

⁸⁵ BENTO XVI. *Homilia na Santa Missa para a Abertura do Sínodo dos Bispos*, 7 de outubro de 2012.

⁸⁶ JOÃO PAULO II. *Homilia no Santuário da Santa Cruz*, 9 de junho de 1979.

⁸⁷ JOÃO PAULO II. *Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM*, 9 de março de 1983.

modernas. Papa Ratzinger, contemplando a cultura atual, verificou sua influência nos cristãos e, por conseguinte, na evangelização da Igreja. Neste cenário, para Bento XVI, trata-se de

oferecer respostas adequadas a fim de que a Igreja inteira, deixando-se regenerar pela força do Espírito Santo, se apresente ao mundo contemporâneo com um impulso missionário capaz de promover uma nova evangelização.

Não há Nova Evangelização sem missão. Por isso,

é pelo impulso missionário que a Nova Evangelização, sintonizada com as demandas do mundo contemporâneo, como a cultura local, as demandas e urgências religiosas, antropológicas, sociais, políticas e culturais dos destinatários do anúncio evangelizador, será capaz de tornar Jesus Cristo conhecido e amado, possibilitar um encontro pessoal com o Salvador e, assim, será capaz de realizar transformações por meio da ação do Espírito Santo, agente principal da Nova Evangelização (cf. *Evangelii Nuntiandi*, n. 75) (CAMARGO; HACKMANN, 2016, p. 638).

Francisco, por sua vez, com *EG*, destaca a nova evangelização como ocasião propícia para a nova etapa evangelizadora da Igreja. Exortação Apostólica pós-Sinodal, *EG* faz inúmeras referências à Nova Evangelização, como veremos adiante.

Segundo Catão (2013, p. 18), Nova Evangelização diz da evangelização abalizada pela renovação conciliar, que evidencia a relação com a Palavra, Jesus Cristo, acolhido na fé pela ação do Espírito. O *Instrumentum Laboris* do Sínodo de 2012 afirma

A nova evangelização é o nome que se dá a esta renovação espiritual, a este início de um movimento de conversão que a Igreja pede a si mesma, a todas as suas comunidades, a todos os seus batizados. Assim, é uma realidade que não diz respeito apenas a determinadas regiões bem definidas, mas é a estrada que permite explicar e colocar em prática a herança apostólica para o nosso tempo. Com a nova evangelização, a Igreja deseja introduzir no mundo de hoje, e na hodierna discussão, a sua temática mais originária e específica: ser o lugar onde já se faz a experiência de Deus, onde, sob a orientação do Espírito do Ressuscitado, deixamo-nos transfigurar pelo dom da fé⁸⁸.

A Nova Evangelização não é a retomada de um modelo histórico de evangelização pretensamente perfeito e universal⁸⁹. É, antes disso, a reafirmação da centralidade de Cristo,

⁸⁸ XIII ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Instrumentum Laboris*, 88.

⁸⁹ Central no contexto da Nova Evangelização é a relação entre *evangelização e cultura*. Encontramos em *EN* a seguinte afirmação: “A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas” (EN 20). Na esteira da reflexão sobre a Nova Evangelização no pontificado de João Paulo II, a IV Conferência Geral do Episcopado da América Latina afirmou: “Esta evangelização da cultura, que a invade até seu núcleo dinâmico, manifesta-se no processo de inculturação, que João Paulo II chamou de ‘centro, meio e objetivo da Nova Evangelização’ [...] Os autênticos valores culturais, discernidos e assumidos pela fé, são necessários para encarnar nessa mesma cultura a mensagem evangélica e a reflexão e práxis da Igreja” (Documento de Santo Domingo, 229). “A inculturação do Evangelho é um processo que supõe reconhecimento dos valores evangélicos que se têm mantido mais ou menos puros na atual cultura; e o

Evangelho de Deus, na vida e na missão da Igreja, a fim de que dessa centralidade decorra uma autêntica renovação eclesial a partir da missão, mais propriamente, do impulso missionário, o mesmo da Igreja nascente em Pentecostes. No Espírito Santo, a Igreja da Nova Evangelização é convocada a colocar no centro a missão, pois ela mesma é partícipe da missão de Jesus Cristo, sendo por Ele enviada. A Nova Evangelização não se identifica com uma prática apologética ou com a reafirmação de fórmulas doutrinárias em face do contexto de secularização. No espírito do Concílio, a partir das palavras de João XXIII, a Nova Evangelização quer ser uma resposta à “necessidade de distinguir a verdade de Deus, eterna e imutável, de suas expressões temporais, a serem constantemente renovadas, para se tornar acessível aos humanos de todos os tempos e culturas”⁹⁰.

2.1.3.2 As principais proposições

A *Lista Final de Propostas* do Sínodo da Nova Evangelização foi publicada no Boletim da Sala de Imprensa da Santa Sé por decisão de Bento XVI. Tratava-se de uma versão em língua inglesa, provisória. Traduzida para o português do Brasil pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a referida *Lista* contempla diversos pontos que, posteriormente, Francisco retomou

reconhecimento de novos valores que coincidem com a mensagem de Cristo” (Documento de Santo Domingo, 230). “A ação de Deus, através do seu Espírito, dá-se permanentemente no interior de todas as culturas. Na plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho Jesus Cristo, que assumiu as condições sociais e culturais dos povos e se fez “em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4,15; cf. GS 22). A analogia entre a encarnação e a presença cristã no contexto sócio-cultural e histórico dos povos suscita para nós o problema teológico da inculturação. Esta inculturação é um processo que vai do Evangelho ao coração de cada povo e comunidade com a mediação da linguagem e dos símbolos compreensíveis e apropriados [...]” (Documento de Santo Domingo, 243). Nessa perspectiva, temos em *EG* a seguinte percepção acerca da referida relação: “Ao longo destes dois milénios de cristianismo, uma quantidade inumerável de povos recebeu a graça da fé, fê-la florir na sua vida diária e transmitiu-a segundo as próprias modalidades culturais. Quando uma comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito Santo fecunda a sua cultura com a força transformadora do Evangelho. E assim, como podemos ver na história da Igreja, o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas ‘permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição da Igreja, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar’ [...] Através das manifestações cristãs dum povo evangelizado, o Espírito Santo embeleza a Igreja, mostrando-lhe novos aspectos da Revelação e presenteando-a com um novo rosto [...] porque ‘cada cultura oferece formas e valores positivos que podem enriquecer o modo como o Evangelho é pregado, compreendido e vivido’” (EG 116). “Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico. É verdade que algumas culturas estiveram intimamente ligadas à pregação do Evangelho e ao desenvolvimento do pensamento cristão, mas a mensagem revelada não se identifica com nenhuma delas e possui um conteúdo transcultural. Por isso, na evangelização de novas culturas ou de culturas que não acolheram a pregação cristã, não é indispensável impor uma determinada forma cultural, por mais bela e antiga que seja, juntamente com a proposta do Evangelho. A mensagem, que anunciamos, sempre apresenta alguma roupagem cultural, mas às vezes, na Igreja, caímos na vaidosa sacralização da própria cultura, o que pode mostrar mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador” (EG 117). “É indiscutível que uma única cultura não esgota o mistério da redenção de Cristo” (EG 118).

⁹⁰ JOÃO XXIII. *Discurso Gaudet Mater Ecclesia na Abertura Solene do Concílio*, 11 de outubro de 1962.

em EG. Apresentamos a seguir alguns destes pontos em sua referência à Exortação pós-Sinodal de Francisco⁹¹.

Proposta 4: A Santíssima Trindade, fonte da nova evangelização. Deus nos atraiu por graça para nos unirmos a Ele (EG 112). *Proposta 6: O anúncio do Evangelho.* A destinação universal da salvação que a Igreja anuncia (EG 113). *Proposta 7: A nova evangelização como dimensão missionária permanente da Igreja.* Alusão aos âmbitos da nova evangelização: a pastoral ordinária, as pessoas que se distanciaram da Igreja e a missão *ad gentes* (EG 14). *Proposta 8: Testemunhar em mundo secularizado.* A comunidade testemunha de um modo sempre novo sua pertença evangelizadora (EG 92). *Proposta 9: A nova evangelização e o primeiro anúncio.* O querigma é o anúncio principal (EG 164). *Proposta 11: A nova evangelização e a leitura orante da Sagrada Escritura.* A centralidade da Palavra (EG 175). *Proposta 13: Os desafios de nosso tempo.* Explanação sobre os desafios da evangelização, especialmente os desafios culturais (EG 61). *Proposta 20: A nova evangelização e a via da beleza.* Anunciar Cristo é anunciar a beleza de n'Ele crer (EG 167). *Proposta 25: Cenários urbanos da nova evangelização.* Francisco reafirma as culturas urbanas como lugares privilegiados da nova evangelização (EG 73). *Proposta 27: Educação.* A importância das universidades e das escolas católicas para a evangelização (EG 134). *Proposta 30: Teologia.* A teologia em diálogo com outras ciências e experiências humanas contribuiu para o anúncio do Evangelho nos mais variados contextos (EG 133). *Proposta 36: Dimensão espiritual da nova evangelização.* As motivações para o renovado impulso missionário (EG 262). *Proposta 38: A iniciação cristã e a nova evangelização.* A catequese como iniciação mistagógica (EG 166). *Proposta 41: Nova evangelização e Igreja particular.* Francisco afirma ser a Igreja particular o sujeito primário da evangelização (EG 30). *Proposta 44: Nova evangelização na Paróquia.* EG propõe uma renovação paroquial (EG 28). *Proposta 45: O papel dos fieis leigos na nova evangelização.* Os cristãos e o amor a Deus e ao próximo, especialmente aos pobres (EG 201). *Proposta 52: Diálogo ecumênico.* Contribuição para a unidade da família humana e testemunho cristão (EG 245). *Proposta 53: Diálogo inter-religioso.* O vínculo essencial entre diálogo e anúncio (EG 251). *Proposta 55: O átrio dos gentios.* Incentivo à iniciativa do Átrio dos Gentios⁹² (EG 257). *Proposta 56: Proteção da criação.* A fragilidade do ambiente e a

⁹¹ A propósito, ver: PÉREZ, Roberto Calvo. *Del Sínodo sobre la Nueva Evangelización a Evangelii Gaudium: Un estilo evangelizador en misión.* Misiones Extranjeras, Madrid, n. 260-261, p. 295-317, mai./ago. 2014.

⁹² A Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em consonância com as diretrizes do Pontifício Conselho para a Cultura da Santa Sé, organizaram o *Átrio dos Gentios* nas dependências da PUCPR, na cidade de Curitiba, entre os dias 11 e 13 de abril de 2016.

responsabilidade pessoal e eclesial (EG 215). *Proposta 58: Maria, Estrela da Nova Evangelização*. Maria nos ajuda a todos no anúncio da mensagem de salvação (EG 287).

Destaque para a *Proposta 36*, cujo texto dos Padres Sinodais afirma:

O agente principal da evangelização é o Espírito Santo que abre os corações e os converte a Deus. A experiência do encontro com Jesus Cristo, possibilitada pelo Espírito Santo que nos introduz na vida da Trindade, acolhida em Espírito de adoração, de oração e de louvor, deve ser fundamental em todos os aspectos da nova evangelização.

2.1.4 Jorge Mario Bergoglio

Jorge Mario Bergoglio nasceu aos 17 de dezembro de 1936, em Buenos Aires, capital da Argentina, numa família de imigrantes italianos. Filho de Mario Giuseppe Bergoglio Vasallo e de Regina Maria Sivori Gogna⁹³, Jorge Bergoglio tinha quatro irmãos mais novos: Oscar Adrián, Marta Regina, Alberto Horacio e María Elena, a única viva. Ao longo de sua infância e juventude, manteve uma proximidade especial com sua avó Rosa, mãe de seu pai, que lhe incutiu uma profunda religiosidade. Rosa Margherita Vassallo e Giovanni Bergoglio, avós de Jorge Mario, ambos de origem camponesa, residiam na região do Piemonte, noroeste da Itália, antes de migrarem para a Argentina. No Piemonte nasceu o pai de Jorge Mario, Mario Giuseppe, que em 1926 conseguiu o diploma de contador. Em 1929, a família Bergoglio, migrou para a Argentina, para onde três irmãos de Mário já haviam migrado.

Chegavam a um país distante daquelas conflagrações e tensões, que oferecia a promessa de fontes de trabalho aparentemente inesgotáveis, salários melhores, possibilidade de acesso à educação para todos e grande mobilidade social. Em outras palavras, chegavam a um país de paz e progresso (AMBROGETTI; RUBIN, 2010, p. 26, trad. nossa).

Jorge ingressou no Ensino Médio com quatorze anos, em 1950. Antes do início dos estudos, seu pai o mandou trabalhar, sendo que seu primeiro emprego foi na fábrica de meias da qual seu pai era contador. Iniciando nas tarefas de limpeza, passou a desempenhar, dois anos depois, tarefas administrativas. Em seguida, trabalhou em um laboratório.

Em 21 de setembro de 1953⁹⁴, na festa litúrgica de São Mateus, Bergoglio se preparava para comemorar o Dia do Estudante com seus companheiros. Contudo, antes disso, decidiu ir à

⁹³ Sua mãe era filha de uma piemontesa e de um argentino descendente de genoveses.

⁹⁴ “A vocação religiosa é um chamado de Deus ao coração que o está esperando consciente ou inconscientemente. Sempre me impressionou uma leitura do breviário que diz que Jesus olhou para Mateus com uma atitude que, traduzida, seria algo como ‘misericordioso e elegendo’. Essa foi, precisamente, a maneira como eu senti que Deus me olhou durante aquela confissão. E essa é a maneira com a qual Ele me pede que sempre veja os demais:

paróquia que frequentava: San José de Flores. Encontrou um sacerdote que não conhecia e decidiu confessar-se com ele. Nesta confissão, o jovem Bergoglio vivenciou uma intensa experiência de fé que o fez descobrir sua vocação religiosa.

Foi a surpresa, o estupor do encontro; me dei conta de que me estavam esperando. Essa é a experiência religiosa; o estupor de encontrar-se com alguém que está te esperando. Desde esse momento para mim, Deus é o que ‘primeireia’. Alguém o está buscando, mas Ele te busca primeiro. Alguém quer encontrá-lo, mas Ele nos encontra primeiro (AMBROGETTI; RUBIN, 2010, p. 46, trad. nossa).

No entanto, Bergoglio não ingressou imediatamente no seminário. Continuou seus estudos secundários, diplomou-se como técnico químico e prosseguiu com suas atividades profissionais. Estava seguro de seu chamado e viveu nestes anos uma crise de amadurecimento vocacional na solidão. Segundo Piqué (2014, p. 52), quando Jorge Mario anunciou à sua família o desejo de ser padre, em 1957, as reações foram diversas: seu pai apreciou e aprovou sua decisão, diferentemente de sua mãe, que esperava do filho outra coisa. A mãe não acompanhou o jovem Mário, com 20 anos, em seu ingresso no seminário e durante anos não aceitou sua decisão. No seminário diocesano de Villa Devoto, Bergoglio foi acometido por uma grave pneumonia, que quase o levou à morte, devendo ser submetido a uma ablação na parte superior do pulmão direito. De acordo com Ambrogetti e Rubin (2010, p. 39), Ir. Dolores, a mesma monja que havia preparado Bergoglio para a primeira comunhão, disse ao jovem nesse momento de dor e sofrimento: ‘Tu estás imitando a Jesus’. Esse fato fortaleceu seu discernimento e robusteceu sua fé. Bergoglio afirmou:

a dor não é uma virtude em si mesma, mas pode ser virtuoso o modo com que se a assume. Nossa vocação é a plenitude e a felicidade e, nessa busca, a dor é um limite. Por isso, o sentido da dor, entende-se em plenitude através da dor de Deus em Cristo” (AMBROGETTI; RUBIN, 2010, p. 40, trad. nossa).

Nesse período de convalescença, Jorge Mario sentiu-se atraído pelo espírito da Companhia de Jesus. Com isso, decidiu deixar o seminário diocesano para se tornar jesuíta. Em 11 de março de 1958, ingressou no noviciado jesuíta de Córdoba. Enviado ao Chile em 1960, para estudar humanidades, deparou-se com uma situação que lhe marcou a vida:

Ministro aulas de religião, os rapazes e as moças são muito pobres; alguns até vem descalços à escola. Muitas vezes não tem o que comer. E no inverno sofrem todo o rigor do frio. Você não sabe o que é isso, pois nunca lhe faltou comida, e quando você

com muita misericórdia e como se estivesse elegendo-os para Ele; não excluindo a ninguém, porque todos são escolhidos para o amor de Deus. “Misericordiano e elegendo” [*Miserando atque eligendo*] foi o lema de minha consagração como bispo e é um dos pivôs de minha experiência religiosa: o serviço para a misericórdia e a eleição das pessoas com base em uma proposta” (AMBROGETTI; RUBIN, 2010, p. 49, trad. nossa).

sente frio, aproxima-se de uma lareira. Eu lhe falo isso para você pensar [...] Dia desses, uma velhinha me falava o seguinte: ‘Paizinho, se eu pudesse conseguir um cobertor, que bem me faria! Porque de noite sinto muito frio’. O pior de tudo é que eles nem conhecem Jesus. Não o conhecem porque não há quem lhes ensine⁹⁵.

Após licenciar-se em filosofia pelo Colegio Máximo San José, em San Miguel, Bergoglio tornou-se professor de literatura e psicologia no Colégio de la Inmaculada Concepción, em Santa Fé. Era sério e bem-humorado ao mesmo tempo. Sabia fazer-se respeitar e se dava muito bem com os alunos. No ano de 1965 – ano da conclusão do Concílio Vaticano II e da eleição do Pe. Pedro Arrupe para superior geral da Companhia de Jesus – Pe. Arrupe visitou o Colegio de la Inmaculada e lá conheceu Pe. Jorge Mario, que lhe pediu para ser missionário no Japão, pedido que lhe foi negado por sua frágil saúde. Aos 13 de dezembro de 1969, poucos dias antes de completar 33 anos, Bergoglio foi ordenado padre por Mons. Ramón José Castellano, arcebispo emérito de Córdoba, no Colegio Máximo, tendo sua família presente, com exceção de seu pai, falecido prematuramente. Retornando da última etapa formativa dos jesuítas na Espanha, obteve a licenciatura em Teologia e passou a atuar no Colegio Máximo San José como professor, vice-reitor e instrutor de noviços. Aos 36 anos, em 1973, Bergoglio foi eleito o provincial mais novo da história recente da Companhia de Jesus, que passava por uma forte crise na Argentina e no mundo, com falta de vocações, êxodo de padres e problemas financeiros. A recepção do Vaticano II gerou uma cisão interna entre os que defendiam a cautela doutrinal e pastoral e os mais progressistas.

Em dezembro de 1975, a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI, sobre a evangelização no mundo moderno, assegura que ‘nós devemos reafirmar que a violência não é nem cristã nem evangélica, e que as mudanças bruscas ou violentas das estruturas seriam falácias e ineficazes em si mesmas e, certamente, não condizentes com a dignidade dos povos’. Para Bergoglio, provincial jovem em meio a um vórtice, a *Evangelii Nuntiandi* aparece como um farol (PIQUÉ, 2014, p. 65).

Após o período turbulento como provincial, mas no qual conseguiu harmonizar as diferenças e recobrar o ânimo dos jesuítas na Argentina, Pe. Bergoglio retorna ao Colegio Máximo San José para exercer o cargo de reitor, função que desempenhou de 1979 a 1985. Mantinha abertas as portas do Colégio para as pessoas dos bairros pobres que ficavam ao redor e edificou cinco igrejas. Nos primeiros anos da década de 1980, as vocações aumentaram e o Colegio Máximo encontrava-se lotado. Testemunha o Pe. Humberto Miguel Yáñez⁹⁶:

⁹⁵ Carta à sua irmã María Elena, com data de 5 de maio de 1960, referenciada por Piqué (2014, p. 54).

⁹⁶ Professor e atualmente Diretor do Departamento de Teologia Moral da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

[...] fora esse lado intelectual, insistia em visitar os bairros para ir ao encontro das pessoas, fazer a missão popular, sempre dentro de uma identidade religiosa que almejava a promoção da religiosidade popular. Esse movimento de estudo e práxis popular desembocou no Congresso Internacional sobre a Evangelização da Cultura e a Inculturação do Evangelho, que teve lugar em San Miguel nos finais do reitorado de Bergoglio, em 1985. Na sequência, realizou-se uma grande missão popular aos bairros para comemorar os 450 anos da chegada dos jesuítas à Argentina (PIQUÉ, 2014, p. 83).

Em 1986, Pe. Bergoglio pediu permissão para viajar à Alemanha. Desejava escrever uma tese doutoral sobre o pensamento de Romano Guardini (1885-1968), eminente teólogo do século XX, por quem sentia uma profunda admiração. Chegou, com isso, à Universidade de Filosofia e Teologia jesuíta de Sankt Georgen, em Frankfurt. No entanto, o próprio Bergoglio pediu para retornar à Argentina, pois considerava que devia fazer algo para confrontar a contrarreforma em andamento na Ordem, com a qual não concordava. Retornando, permaneceu no Colegio del Salvador, em Buenos Aires, enquanto continuava a ministrar aulas no Colegio Máximo. Esperava apresentar sua tese na Universidade desse mesmo Colégio, mas isso não aconteceu. No ano de 1990, foi enviado por seus superiores para atuar como confessor na residência jesuíta de Córdoba. Lá permaneceu até o mês de maio de 1992. Nesse momento, surgiu a figura de Mons. Antonio Quarracino, então Cardeal Arcebispo de Buenos Aires e Primaz da Argentina. Desde a eleição de Bergoglio como provincial em 1973, Quarracino nele prestava atenção. Com isso, decidiu que Pe. Jorge Mario, por suas qualidades e competências, devia ser seu colaborador direto em Buenos Aires. Assim, em 20 de maio de 1992, João Paulo II nomeou Pe. Bergoglio bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires. Em 27 de junho de 1992, Pe. Bergoglio foi ordenado bispo na Catedral Metropolitana de Buenos Aires pelo próprio Cardeal Quarracino. Bergoglio foi logo designado como vigário episcopal de Flores, bairro onde nasceu e lugar que conhecia muito bem. Aos 3 de junho de 1997, Bergoglio foi nomeado bispo coadjutor de Buenos Aires, de modo que, após a morte do Cardeal Quarracino, em 28 de fevereiro de 1998, tornou-se o novo arcebispo de Buenos Aires. De estilo simples e austero e com uma capacidade imensa de trabalho, Mons. Bergoglio fomentou uma ação evangelizadora inserida nas mais diversas realidades da grande metrópole.

Bergoglio arcebispo não apenas chama seus padres a irem ao encontro das periferias. Coerente com suas palavras, ele próprio também vai. Estreando um novo estilo missionário, não celebra o tradicional lava-pés de Quinta-Feira Santa na Catedral Metropolitana, mas em hospitais, prisões, maternidades, onde se aproxima de doentes de aids, mães solteiras, presos (PIQUÉ, 2014, p. 106).

Como Arcebispo, Bergoglio escutava muito, refletia, discernia, cruzava informações e mantinha suas decisões. Por um lado, verificava-se sua proximidade com as pessoas; por outro,

sua capacidade de condução, especialmente do clero. Mons. Bergoglio foi presidente da Conferência Episcopal Argentina por dois mandatos (2005-2008 e 2009-2012). Foi objeto de suas preocupações a situação política e social da Argentina, sendo que seu posicionamento era sempre claro e direto ao confrontar as situações que agrediam a dignidade dos argentinos. Em 2002, criou o Instituto de Diálogo Inter-Religioso e demonstrou um frutuoso empenho ecumênico, apoiando e dando seu aval para a formação da CRECES (Comunhão Renovada de Evangélicos e Católicos no Espírito Santo). Fundou o Vicariato da Educação da Arquidiocese de Buenos Aires, presidindo todos os anos a Missa pela Educação. Em 2001, foi criado Cardeal por João Paulo II no Consistório Ordinário Público de 21 de fevereiro, recebendo o título de Cardeal-Presbítero de São Roberto Belarmino. Em 2007, participou da V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe, sendo conduzido à função de Presidente da Comissão que redigiu o texto conclusivo da mencionada Conferência. Para Bergoglio, Aparecida foi a *Evangelii Nuntiandi* da América Latina. Em Buenos Aires, enfim, pensou um projeto missionário centrado na comunhão e na evangelização, com quatro finalidades principais: comunidades abertas e fraternas; protagonismo do laicato; evangelização destinada a cada habitante da cidade; e assistência aos pobres e aos enfermos. Seu objetivo era re-evangelizar Buenos Aires. Em setembro de 2009, lançou a campanha de solidariedade nacional, em vista do bicentenário da independência do país: duzentas obras de caridade até 2016.

Até o início da sede vacante, foi membro das Congregações para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para o Clero, para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; do Pontifício Conselho para a Família e da Pontifícia Comissão para a América Latina⁹⁷.

2.1.4.1 O pontificado de Francisco

Com o anúncio da renúncia do Papa Bento XVI ao ministério petrino, em 11 de fevereiro de 2013, e após sua consecução em 28 de fevereiro, teve início o processo das Congregações Gerais dos Cardeais com vistas ao posterior Conclave. Tais Congregações iniciaram-se no dia 4 de março de 2013 e foram diárias até o dia 11 de março. Em uma das Congregações Gerais, conforme atesta o então Arcebispo de Havana, Cardeal Jaime Ortega y Alamino, Cardeal Jorge

⁹⁷ Cf. FRANCISCO. *Biografia do Santo Padre Francisco*. Disponível em: <w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>.

Mario Bergoglio proferiu um discurso no qual deu a conhecer seu pensamento sobre a missão da Igreja. Eis alguns trechos do discurso:

Evangelizar supõe na Igreja a parresia de sair de si mesma. A Igreja está chamada a sair de si mesma e ir às periferias, não só às geográficas, mas também às periferias existenciais [...] Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar, torna-se auto-referencial e então adoece [...] A Igreja, quando é auto-referencial, sem se dar conta, crê que tem luz própria; deixa de ser o “mysterium lunae” e dá lugar a esse mal tão grave que é a mundanidade espiritual [...] Pensando no próximo Papa: um homem que, a partir da contemplação de Jesus Cristo e da adoração a Jesus Cristo, ajude a Igreja a sair de si rumo às periferias existenciais, que a ajude a ser a mãe fecunda que vive da ‘doce e confortadora alegria de evangelizar’⁹⁸

O Conclave para a eleição do novo Pontífice iniciou no dia 12 de março. Dentre os Cardeais eleitores, 60 eram da Europa, 20 da América do Norte, 13 da América do Sul, 11 da África, 10 da Ásia e 1 da Oceania. Houve duas ausências. Presidiu o Conclave o Cardeal Angelo Sodano, Decano do Colégio Cardinalício.

No início da noite do dia 13 de março, a fumaça branca que saía da chaminé da Capela Sistina comunicou ao mundo que os Cardeais haviam eleito o novo Papa. Coube ao Cardeal Jean-Louis Pierre Tauran, Cardeal Protodiácono, o anúncio *Habemus Papam* à multidão que se aglomerava na Praça São Pedro. O Cardeal Jorge Mario Bergoglio, de 76 anos, havia sido eleito Bispo de Roma e Sucessor de Pedro, assumindo nome *Francisco*. Minutos depois, Papa Bergoglio aparece no balcão central da Basílica de São Pedro para saudar os fieis e dar-lhes a bênção apostólica *Urbi et Orbi*. “Vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos Cardeais tenham ido buscá-lo quase ao fim do mundo... Eis-me aqui!”⁹⁹. No dia seguinte, na Santa Missa com os Cardeais, Francisco afirmou:

Podemos caminhar o que quisermos, podemos edificar um monte de coisas, mas se não confessarmos Jesus Cristo, está errado. Tornar-nos-emos uma ONG sócio-caritativa, mas não a Igreja, Esposa do Senhor. Quando não se caminha, ficamos parados. Quando não se edifica sobre as pedras, que acontece? Acontece o mesmo que às crianças na praia quando fazem castelos de areia: tudo se desmorona, não tem consistência¹⁰⁰.

O pontificado de Francisco tem sido marcado pelo empenho na direção da renovação da Igreja à luz do Concílio Vaticano II. Francisco promulgou e publicou duas Cartas Encíclicas –

⁹⁸ Cf. GALVAN, Kelen. *Discurso do futuro Papa nas Congregações dos Cardeais*. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/discurso-do-futuro-papa-nas-congregacoes-dos-cardeais/>>. O título do Discurso – *A doce e confortadora alegria de evangelizar* – refere-se à EN de Paulo VI (EN 80).

⁹⁹ FRANCISCO. *Primeira Saudação do Papa Francisco*, 13 de março de 2013.

¹⁰⁰ FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco na Santa Missa com os Cardeais*, 14 de março de 2013.

*Lumen Fidei*¹⁰¹ e *Laudato Si*¹⁰² – e duas Exortações Apostólicas – *Evangelii Gaudium*¹⁰³ e *Amoris Laetitia*¹⁰⁴. Proclamou o Jubileu Extraordinário da Misericórdia¹⁰⁵ por meio da Bula *Misericordiae Vultus*¹⁰⁶ e o concluiu com a Carta Apostólica *Misericordia et Misera*. Proclamou igualmente o Ano da Vida Consagrada¹⁰⁷. Fez até o momento 17 viagens apostólicas para fora da Itália e 12 viagens apostólicas no território italiano. Participou de duas Jornadas Mundiais da Juventude: a primeira no Rio de Janeiro (Brasil), em 2013, e a segunda em Cracóvia (Polônia), em 2016. Convocou a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos¹⁰⁸ e a XVI Assembleia Geral Ordinária do mesmo Sínodo¹⁰⁹, ambas sobre o tema da família. Prosseguiu com o processo de reforma da Cúria Romana, auxiliado por um grupo de Cardeais, cujos efeitos já se mostraram visíveis na administração financeira e na reorganização dos Dicastérios da Santa Sé. Nas palavras de Spadaro (2016, p. 19), o pontificado de Francisco é um magistério de discernimento pastoral.

O discernimento é um constante processo de abertura à Palavra de Deus para iluminar a realidade concreta de toda vida: um processo que nos leva a sermos dóceis ao Espírito, que encoraja cada um de nós a agir com amor, na situação concreta e na medida do possível, e nos faz crescer ao melhor (SPADARO, 2016, p. 19, trad. nossa).

Sua preocupação fundamental é a de contextualizar a doutrina a serviço da missão pastoral da Igreja. A doutrina deve ser interpretada sempre em relação ao coração do querigma cristão e à luz do contexto pastoral. Seguindo as palavras do substituto da Secretaria de Estado da Santa Sé, Mons. Angelo Becciu, podemos dizer que a centralidade da missão no âmbito do magistério do Papa Francisco se exprime por meio de quatro palavras-chave: *misericórdia, sinodalidade, pobreza e encontro*¹¹⁰.

¹⁰¹ *Sobre a fé.*

¹⁰² *Sobre o cuidado da casa comum.*

¹⁰³ *Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.*

¹⁰⁴ *Sobre o amor na família.*

¹⁰⁵ De 8 de dezembro de 2015 a 20 de novembro de 2016.

¹⁰⁶ *Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai.*

¹⁰⁷ De novembro de 2014 a fevereiro de 2016.

¹⁰⁸ Realizada entre os dias 5 e 19 de outubro de 2014, com o tema *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização.*

¹⁰⁹ Realizada entre os dias 4 e 25 de outubro de 2015, com o tema *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo.*

¹¹⁰ Cf. BECCIU, Angelo. *Pontificado de Francisco: misericórdia, sinodalidade, pobreza e encontro*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/09/15/francisco_miseric%C3%B3rdia,_sinodalidade,_pobreza_e_encontro/1258422>.

2.2 EVANGELIZAR: A SAÍDA MISSIONÁRIA DA IGREJA

Nas sessões que seguem, procuraremos explicitar os diversos elementos e dimensões que compõem a noção de evangelização em *EG* a partir da centralidade da *saída missionária* da Igreja. Nossa análise privilegiará o modo como Francisco concebe a “transformação missionária da Igreja” (EG 19) e a primazia do anúncio de Jesus Cristo a partir de quatro significativos elementos: o povo de Deus evangelizador (EG 111); os discípulos missionários (EG 119); a relação entre evangelização e piedade popular (EG 122) e a proeminência do querigma (EG 160). A dimensão social da evangelização (EG 176), como repercussão do querigma, será analisada por meio da relação entre os pobres e a evangelização (EG 186) e por meio dos *quatro princípios* (EG 221) apresentados por Francisco. Na perspectiva de *EG*, todos esses aspectos encontram-se conectados em prol de um anúncio renovado, com vistas a tornar significativa a mensagem do Evangelho a todos os homens e mulheres de nosso tempo. Implicam, pois, a *saída missionária* da Igreja na medida em que o Evangelho é destinado a todos, conforme o mandato de Cristo, e igualmente porque, pela ação do Espírito, o Evangelho já está de alguma maneira presente nos povos e nas culturas.

2.2.1 A transformação da Igreja é missionária

Obedecendo ao mandato missionário de Jesus – “Ide e fazei discípulos”¹¹¹ (cf. Mt 28,19-20) – a Igreja encontra-se em constante atitude de “saída” a fim de “pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares” (EG 19). A reafirmação desse “estado permanente de missão”¹¹², evento fundante da Igreja¹¹³, é o que Francisco tem diante de si ao propor que a nova etapa evangelizadora tenha como motivação teológica e pastoral a “transformação missionária da Igreja” (EG 19), ou seja, o resgate da natureza missionária da Igreja¹¹⁴ como elemento central de sua presença no mundo. A “saída missionária” da Igreja não é outra coisa senão a “alegria missionária”, “que enche a vida da comunidade dos discípulos” (EG 21) a partir do Evangelho. Tendo o Mestre por modelo e as comunidades cristãs do Novo Testamento por inspiração, a Igreja é chamada a

¹¹¹ Cf. Mt 28,19-20.

¹¹² Referência direta ao *DAP*: “Procurará colocar a Igreja em estado permanente de missão. Levemos nossos navios mar adentro, com o poderoso sopro do Espírito Santo, sem medo das tormentas, seguros de que a Providência de Deus nos proporcionará grandes surpresas” (*DAP* 551).

¹¹³ Cf. At 2.

¹¹⁴ Cf. AG 2.

sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 20) [...] anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém (EG 23).

A “saída” missionária da Igreja caracteriza-se, para Francisco, por algumas atitudes essenciais (EG 24). Primeirar. Os discípulos missionários tomam a iniciativa, à luz da iniciativa do Senhor que nos amou por primeiro¹¹⁵. A Igreja “em saída” é a Igreja que “primeireia”, que vai ao encontro de todos, especialmente dos mais afastados e excluídos¹¹⁶. Por ter experimentando a misericórdia do Pai, “vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia” (EG 24). Envolver-se. Seguindo o exemplo de Jesus que lavou os pés¹¹⁷, a Igreja é convocada a entrar na vida das pessoas, a encurtar as distâncias e a abaixar-se para ali anunciar o Evangelho, “tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (EG 24). Acompanhar. A Igreja não se encontra nem à frente nem atrás da humanidade, mas acompanha seus processos com paciência e “suportação apostólica” (EG 24). Frutificar. A Igreja missionária vive em meio ao trigo e ao joio e “não tem reações lastimosas ou alarmistas” (EG 24). Das situações concretas pode brotar vida nova mediante a acolhida da Palavra semeada. Por fim, festejar. Cada passo adiante na evangelização é celebrado com alegria pela Igreja por meio da beleza na liturgia, que não apenas evangeliza o povo mas também evangeliza a Igreja mesma.

Para Francisco, a transformação missionária da Igreja é a conversão pastoral e missionária de todas as comunidades evangelizadoras, conversão que reposiciona a ação evangelizadora: de uma “simples administração” a um “estado permanente de missão” (EG 25). A essa experiência o Vaticano II acenou de maneira contundente:

O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: ‘Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma’” (EG 26).

A conversão pastoral não é uma simples renovação das estruturas institucionais. Antes disso, põe em evidência o espírito que anima tais estruturas, a saber, a vida nova do Espírito Santo, que encaminha toda a Igreja para uma vivência autêntica do Evangelho a partir de Jesus

¹¹⁵ Cf. 1Jo 4,19.

¹¹⁶ Cf. Lc 10,25-37. Falando aos Padres de Roma, Francisco afirmou: “Hoje podemos pensar a Igreja como um ‘hospital de campo’. Isto, perdoai-me se repito, porque o vejo assim, porque o sinto assim: um ‘hospital de campo’. É necessário curar as feridas, e elas são numerosas. Há tantas chagas! Existem muitas pessoas feridas por problemas materiais, por escândalos, até na Igreja... Pessoas feridas pelas ilusões do mundo...” (FRANCISCO. *Discurso aos Párocos da Diocese de Roma*, 6 de março de 2014).

¹¹⁷ Cf. Jo 13,1-20.

Cristo, plena manifestação do amor de Deus e salvador de todos. Expressão concreta da conversão pastoral e missionária é uma estrutura eclesial em função da evangelização e não em função de si mesma. Estruturas mais missionárias possibilitam uma evangelização mais ousada e criativa, características do “preciso estilo evangelizador” (EG 18) proposto pela EG.

A pastoral em chave missionária – que qualifica teologicamente a noção de evangelização para Francisco – leva em conta a maneira de comunicar a mensagem evangelizadora (EG 34). Seria um erro, nos dias de hoje, considerarmos que nossos interlocutores possuem o mesmo horizonte de compreensão que nós. Não raras vezes o discurso evangelizador obscurece o núcleo essencial do Evangelho, seu sentido e beleza. A Igreja “em saída” missionária concentra-se no anúncio do que é essencial, necessário e mais atraente: “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG 36). Essa é a verdade segundo a qual podemos compreender e vivenciar todas as demais verdades da fé cristã.

Quando a pregação é fiel ao Evangelho, manifesta-se com clareza a centralidade de algumas verdades e fica claro que a pregação moral cristã não é uma ética estoica, é mais do que uma ascese, não é uma mera filosofia prática nem um catálogo de pecados e erros. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos (EG 39).

Por fim, a transformação missionária da Igreja, que exige a “saída”, exige igualmente a abertura, tal como “a casa aberta do Pai” (EG 46). A escuta, o acompanhamento e a partilha da vida são sinais de uma Igreja sacramento do amor e da misericórdia de Deus¹¹⁸. A pastoral missionária não é uma postura eclesial unilateral, mas dialógica, amorosa, acolhedora, especialmente junto “aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos” (EG 48). A atitude de “saída” coloca a Igreja à margem de suas pretensas “seguranças”, do “fez-se sempre assim” (EG 33), na direção de um anúncio de Jesus Cristo que também a ela transforma e afeta no encontro com as mais diversas, e até mesmo contraditórias, realidades. Daí a afirmação de Francisco que sintetiza as exigências da missão eclesial na contemporaneidade:

[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa

¹¹⁸ Na Carta Apostólica *Misericordia et misera* (MM), por ocasião do encerramento do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Francisco, ao instituir o *Dia Mundial dos Pobres*, afirma: “Além disso este Dia constituirá uma forma genuína de nova evangelização (cf. Mt 11, 5), procurando renovar o rosto da Igreja na sua perene ação de conversão pastoral para ser testemunha da misericórdia” (MM 21).

num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida (EG 49).

A alegria do Evangelho, portanto, é uma experiência de conversão na e para a missão. A eclesiologia da *EG* explicita a conversão pastoral como retorno ao fundamento da evangelização, de modo que a nova etapa evangelizadora da Igreja é o retorno às origens da Igreja, nascida da missão do Filho e do Espírito.

2.2.2 A primazia do anúncio de Jesus Cristo

O anúncio explícito de Jesus como Senhor qualifica essencialmente a evangelização (EG 110). Nesse sentido, Francisco explora os elementos teológicos e pastorais que julga centrais para a reflexão sobre o anúncio do Evangelho nos dias de hoje. Deteremo-nos aqui na primeira e quarta sessões do terceiro capítulo¹¹⁹, “O Anúncio do Evangelho”. A segunda e terceira sessões, referentes à homilia e à preparação da pregação, serão desconsideradas nesse momento a fim de focalizarmos nossa atenção nos aspectos mais gerais do anúncio presentes em *EG*.

2.2.2.1 O povo de Deus evangelizador

O primeiro elemento diz do povo de Deus que anuncia o Evangelho. Dever da Igreja, a evangelização não é uma tarefa restrita à hierarquia, mas missão do “povo que peregrina para Deus” (EG 111). Essa realidade exprime o “mistério que mergulha as raízes na Trindade” (EG 111), numa clara alusão ao mistério da Igreja explicitado pela *LG*¹²⁰. A realização histórica do mistério da Igreja é o povo de Deus, que “transcende toda a necessária expressão institucional” (EG 111). Este povo de Deus é constituído por graça e da parte de Deus lhe é oferecida a salvação. Deus envia o seu Espírito a todos para torná-los filhos capazes de responder a tão grande amor¹²¹. A Igreja é enviada por Cristo como sacramento da salvação, como colaboradora da graça de Deus por meio de sua missão evangelizadora. Sendo assim, o povo de Deus não é uma mera associação, mas sinal da graça da Trindade. Igualmente a salvação é graça que supera

¹¹⁹ Respectivamente, *Todo o povo de Deus anuncia o Evangelho* (EG 111) e *Uma evangelização para o aprofundamento do querigma* (EG 160).

¹²⁰ Cf. *LG* 1-8.

¹²¹ Cf. *Rm* 8,14-16.

todo merecimento humano. Por essa razão, Francisco assinala que “o princípio da primazia da graça deve ser um farol que ilumine constantemente as nossas reflexões sobre a evangelização” (EG 112). Deus quis um povo e o quis como um povo evangelizador, ou seja, a Igreja.

Esta salvação, que Deus realiza e a Igreja jubilosamente anuncia, é para todos, e Deus criou um caminho para Se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos. Escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados. Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus nos atrai, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe. Este povo, que Deus escolheu para Si e convocou, é a Igreja (EG 113).

O povo de Deus, que é a Igreja, não possui características uniformes ou é uma comunidade homogênea. O povo de Deus corresponde aos diversos povos da terra, cada qual com sua cultura. Para a *EG*, as noções de povo e cultura encontram-se intimamente relacionadas, pois não há povo, e muito menos Igreja, sem uma clara referência à cultura em que estão inseridos, da qual, em certa medida, são produtos, e a qual também produzem (EG 115). Como a cultura diz da totalidade da vida de um povo, “a graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe (EG 115). A salvação como graça, no seio dos povos, é acolhida e fecundada pelo Espírito Santo nas diferentes modalidades culturais. Não há, portanto, um único modelo cultural cristão, o que nos leva a afirmar, com Francisco (EG 116), que um povo evangelizado embeleza a Igreja na medida em que apresenta novos aspectos da Revelação até então não explicitados ou ainda não suficientemente conhecidos. Ocorre, pois, um duplo movimento: as culturas enriquecem a compreensão do Evangelho e o Evangelho, por sua vez, purifica e eleva as culturas. O impacto dessa percepção no anúncio do Evangelho é decisivo: não há uma única forma possível de anúncio; não há justificativa para a imposição de um modelo cultural supostamente decorrente da evangelização; e, por fim, também o evangelizador é evangelizado pelos valores positivos das diversas culturas.

Por isso, na evangelização de novas culturas ou de culturas que não acolheram a pregação cristã, não é indispensável impor uma determinada forma cultural, por mais bela e antiga que seja, juntamente com a proposta do Evangelho. A mensagem que anunciamos, sempre apresenta alguma roupagem cultural, mas, às vezes, na Igreja, caímos na vaidosa sacralização da própria cultura, o que se pode mostrar mais fanatismo do que autêntico ardor evangelizador (EG 117).

2.2.2.2 Os discípulos missionários

Todo batizado, para Francisco, é um discípulo missionário (EG 120), resgatando um dos princípios do *DAp*. No discípulo missionário “atua a força santificadora do Espírito que impele

a evangelizar” (EG 119). Nesse contexto, Francisco alude ao *sensus fidei* como instinto da fé dado aos fieis. Este instinto tem sua origem no mistério do amor de Deus pela humanidade, amor que nos faz participantes da vida divina e nos faz discernir acerca da obra de Deus no mundo. O *sensus fidei*, portanto, é a presença santificante do Espírito em cada batizado, presença geradora de comunhão com Deus e com os irmãos e de um impulso evangelizador.

Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados.

Para *EG*, a “saída” missionária da Igreja é a “saída” dos discípulos missionários, daqueles que fazem a experiência do amor de Deus e prontamente saem para anunciá-lo. Para Francisco, a necessária formação e o contínuo aprofundamento de nossa experiência de fé não pode suplantiar o impulso evangelizador recebido por graça. A fraqueza e as limitações humanas não são motivos para a renúncia da missão. Em sentido contrário, o Senhor não olha nossas imperfeições, mas se nos oferece a Si mesmo, conferindo sentido à nossa vida. Importa ao discípulo missionário testemunhar explicitamente o amor salvífico do Senhor (EG 121).

2.2.2.3 Evangelização e piedade popular

Para Francisco (EG 122), os povos evangelizados são também eles “agentes da evangelização”. A inculturação do Evangelho permite sempre novas formas de transmissão da fé a partir das diferentes expressões culturais que permeiam a experiência do dom de Deus¹²². Assim, a piedade popular é considerada “verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus” (EG 122). Francisco cita a *EN* de Paulo VI como documento magisterial que revalorizou sobremaneira a piedade popular (EG 123). Citando igualmente o *Dap*, Francisco recorda as principais características do que os Bispos da América Latina e do Caribe denominaram “espiritualidade popular” ou “mística popular” (*Dap* 262): uma “espiritualidade encarnada na cultura dos simples” (*Dap* 263), cujos conteúdos são expressos muito mais por símbolos do que por formulações racionais; um modo de vivência da fé

¹²² De acordo com Miranda (2001, p. 99), sendo o conhecimento humano sempre um conhecimento interpretado, a fé também o é, e a cultura do mesmo modo é interpretação. Fé cristã e cultura distinguem-se por seus níveis epistemológicos diversos, mas a cultura é “prenhe do teologal” (MIRANDA, 2001, p. 99). Sendo assim, a tematização do teologal se dá sempre numa expressão cultural, que não se limita a uma linguagem determinada. Qualquer linguagem, portanto, pode ser assumida se serve para expressar a referência ao Sentido Último revelado em Cristo, Sentido este pertinente à religião.

vinculado à Igreja; uma graça de missão, um contínuo peregrinar. A piedade popular, para Francisco (EG 125), não é apenas expressão da sede humana de divindade, sede de absoluto. É sim “vida teologal animada pela ação do Espírito Santo [...]” (EG 125). A força evangelizadora da piedade popular é obra do Espírito Santo porque não se encerra em si mesma, mas se expande, comunica-se, partilha-se e é ambiente no qual Deus se revela. Por isso, “as expressões da piedade popular [...] são um lugar teológico” (EG 126) de grande relevância para nova evangelização.

2.2.2.4 A proeminência do querigma¹²³

A evangelização supõe um processo de aprofundamento pessoal e comunitário a partir do primeiro anúncio. Tal processo não se refere unicamente a uma formação doutrinal, mas, como nos aponta Francisco (EG 161), ao crescimento no amor como resposta ao amor de Deus. Também esse caminho de amadurecimento é graça, é dom, que “torna possível essa santificação constante” (EG 162) pela vivência do amor. Em última análise, é a “vida no Espírito” (Rm 8,5), o “deixar-se transformar em Cristo” (EG 162). Porém, Francisco reconsidera o tema do primeiro anúncio – ou querigma – com vistas à reafirmação de sua importância capital para a evangelização, pois

ao designar-se como ‘primeiro’ este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos (EG 164).

O “primeiro” anúncio o é, portanto, em sentido qualitativo e não apenas em sentido cronológico. Ora, se a vocação da Igreja é evangelizar, o anúncio mais importante deve nortear todos os esforços evangelizadores e, por consequência, deve iluminar e dotar de sentido todos

¹²³ “Quando anuncia a mensagem [o arauto] oferece testemunho do que acontece quando se a acolhe; não está informando suas teorias ou filosofias. Como palavra ‘que exprime’ é mediação de comunicação entre um eu-com-fé e um tu-sem-fé que convida a acolher os mesmos frutos do mistério pascal do qual vive o arauto. Daí o caráter expressivo e assertivo do *kerygma*. Para suscitar a fé, portanto, o arauto não somente anuncia fielmente o conteúdo, mas também empenha seu ardor missionário que atravessa o seu ato de comunicação. Vale dizer: no *kerygma* não conta somente *o que se diz*, mas também *como se diz*” (RETAMALES, 2006, p. 25, trad. nossa). “O conteúdo do querigma não é um simples discurso ou uma exortação moral; é a proclamação de um acontecimento de vida e de salvação que se dá agora, no presente dos ouvintes. Este conteúdo proclama uma pessoa, Jesus Cristo, esta proclamação provoca e abre caminhos para uma experiência de encontro pessoal e apaixonado por Ele. Este conteúdo não é a simples explicitação de conceitos. É, antes de tudo, uma experiência que toca a liberdade, reorienta as escolhas e dá sentido verdadeiro à vida” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2009, p. 20).

os demais. Pois bem, é justamente isso que Francisco afirma ao dizer que o querigma “deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial” (EG 164). É sua natureza trinitária a razão fundamental de sua proeminência na evangelização, porque é o fogo do Espírito que nos faz crer em Jesus morto e ressuscitado, que em seu mistério pascal nos comunica o amor e a misericórdia do Pai. Todo o anúncio do Evangelho, em sua complexidade evidente, depende do querigma e a ele sempre retorna, pois tem nele seu firme e seguro alicerce. Francisco indica algumas consequências da centralidade no querigma na ação evangelizadora e catequética da Igreja (EG 165): o anúncio do amor salvífico de Deus como prévio às obrigações morais e religiosas; o apelo à liberdade, ou seja, à adesão livre a Jesus Cristo; a alegria e a vitalidade do anúncio; e uma pregação autenticamente evangélica, que vá na direção do infinito que o ser humano anseia.

2.2.3 A dimensão social da evangelização

A evangelização não se encerra no anúncio. Francisco, assim como Paulo VI, tem diante de si a complexidade da ação evangelizadora da Igreja, e, assim, considera parte significativa da evangelização a sua dimensão social¹²⁴. Dentre as diversas e complementares definições de evangelização que encontramos em *EG*, temos aquela que inicia o capítulo quarto¹²⁵: “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). Sem esta definição, a noção de evangelização estaria privada de seu sentido integral, já que a noção de “Reino de Deus” encontra-se vinculada às questões comunitárias e sociais. Todavia, o ponto de partida é o mesmo: o querigma. “O querigma possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG 177). Passaremos, pois, a uma apresentação panorâmica da dimensão social da evangelização em *EG* a partir dos princípios que orientam a explanação de Francisco.

Para o Papa Bergoglio (EG 178), pela fé, confessamos um Pai que ama infinitamente cada ser humano. Essa confissão nos permite descobrir que, em virtude desse amor, nossa dignidade é também infinita. Sendo assim, a redenção realizada em Cristo, que deu sua vida para a salvação de todos, “tem um sentido social” (EG 178), porque também as relações sociais

¹²⁴ EG 176-258.

¹²⁵ *A dimensão social da evangelização* (EG 176).

entre os homens foram redimidas por Jesus. Ao atuar em todos, o Espírito atua em todos os vínculos sociais, realizando uma ação libertadora.

A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora. A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros (EG 178).

Essa é a marca da dimensão social da evangelização: toda resposta que o ser humano dá a Deus na qual não se verifica o imperativo da caridade, que leva à defesa da dignidade humana e ao trabalho em prol do bem comum, não é uma resposta integral e autêntica. A relação pessoal com Deus, para a EG (EG 180), insere-se numa proposta muito ampla: o Reino de Deus. Amarse a Deus que reina no mundo, ou seja, a vida social também carece de transformação mediante a fraternidade, a justiça e a paz que brotam da experiência de sentir-se amado. As consequências sociais da evangelização são postuladas e desenvolvidas pela Doutrina Social da Igreja¹²⁶.

2.2.3.1 Os pobres e a evangelização

Um segundo aspecto que marca decisivamente a dimensão social da evangelização na EG é a “inclusão social dos pobres” (EG 186). Essa inclusão “deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados”¹²⁷ (EG 186). A libertação dos pobres e sua consequente inclusão na sociedade, para Francisco (EG 188), são os ideais almejados, cuja origem está na obra libertadora da graça que atua em cada um, fazendo ouvir o clamor dos pobres. “A Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças”¹²⁸. A verdadeira e eficaz libertação dos pobres, que leva à sua inclusão social, é a experiência da misericórdia, ou melhor, uma cultura da misericórdia que afirma o pobre como destinatário privilegiado do amor do Pai (EG 48) revelado em Cristo, que quer “vida e vida em abundância” (Jo 10,10). Aqui está a chave para a compreensão da dimensão social da evangelização em EG: a fé cristológica

¹²⁶ Destaque para os princípios da Doutrina Social da Igreja: *dignidade humana, bem comum, destinação universal dos bens, subsidiariedade, participação e solidariedade*. In: PONTÍFICIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

¹²⁷ “Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9)” (BENTO XVI. *Discurso na Sessão Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*, 13 de maio de 2007).

¹²⁸ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Libertatis Nuntius. Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, XI, 1.

implica a libertação dos pobres como experiência de misericórdia que se materializa em atitudes concretas frente às situações de injustiça, indiferença e “descarte”. A escuta do clamor dos pobres e a necessidade de misericórdia para com eles “é uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar” (EG 194). Trata-se de fidelidade ao Evangelho e não de uma mera opção que contempla finalidades exclusivamente sociais, políticas e econômicas. Se assim fosse, certamente a ação evangelizadora da Igreja estaria à mercê de ideologias e pautada em interesses parciais.

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus ‘manifesta a sua misericórdia antes de mais’ a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos [...] Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres [...] É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja (EG 198).

2.2.3.2 Os *quatro princípios*

A dimensão social da evangelização compreende da mesma maneira o bem comum e a paz social (EG 217), para os quais Francisco apresenta quatro princípios que, efetivamente aplicados à evangelização e às sociedades em geral, geram harmonia e possibilitam projetos comuns no seio dos povos¹²⁹. O primeiro princípio: “o tempo é superior ao espaço” (EG 222). Referindo à plenitude, o tempo contrasta com o espaço, que diz do limite, do momento. A vida social ordenada pelos valores evangélicos não está preocupada com “resultados imediatos” ou com “espaços de poder e autoafirmação” (EG 223). Prioriza-se, em contrapartida, o tempo dos processos, que comportam “situações difíceis e hostis” ou “as mudanças de planos” (EG 223).

¹²⁹ Parece existir uma relação próxima entre os princípios indicados por Francisco em *EG* e a teoria da *oposição polar* elaborada pelo filósofo e teólogo Romano Guardini (1885-1968) em sua obra *Der Gegensatz. Versuche zu einer Philosophie des lebendig Konkreten*. Segundo Gibellini (2002, p. 220), na perspectiva de Guardini, “a realidade é complexa e pode ser sempre observada de *dois lados*, opostos entre si, mas não contraditórios. Os contraditórios se elidem de acordo com a lógica aristotélica, ou se reúnem numa síntese superior de acordo com a lógica hegeliana; os opostos, ao invés, permanecem distintos entre si e correlatos, e devem ser mantidos em estado de tensão. A doutrina da oposição polar é uma ‘filosofia do vivente-concreto’, como diz o subtítulo do ensaio de Guardini; e uma espécie de ‘Crítica da razão concreta’ pós-kantiana, na medida em que enuncia as condições que tornam possível o acesso cognitivo à inesgotável riqueza do real”. De acordo com Scannone (2016, p. 599, trad. nossa), ao desejar fazer sua tese doutoral sobre Romano Guardini, Bergoglio “consultou seus arquivos e se dedicou à sua compreensão do dinamismo dialético (não no sentido hegeliano ou marxista!) dos contrários em oposição polar [...], para aplicá-la à práxis e à história, já que sua união se dá plenamente em Cristo (EG 229)”. Sendo assim, nas palavras de Gibellini (2002, p. 221), “a teoria gnosiológica guardiniana da oposição polar, concretizada ao longo de toda a sua obra, torna-se o método de um pensamento vivo, que evita as abstrações, mantendo-se aberto diante das tensões da realidade”. A propósito, ver: IANNASCOLI, Loretta. *Condizione umana e opposizione polare nella filosofia di Romano Guardini. Genesi, fonti e sviluppi di un pensiero*. Roma: Aracne, 2005; MAGISTER, Sandro. *Os quatro ganchos nos quais Bergoglio pendura o seu pensamento*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/555391-os-quatro-ganchos-nos-quais-bergoglio-pendura-o-seu-pensamento>>.

O espaço privilegia o presente, ao passo que o tempo preconiza o futuro. O segundo princípio: “a unidade prevalece sobre o conflito” (EG 226). “Quando paramos na conjuntura conflitual, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade” (EG 226). Propõe o Evangelho a aceitação dos conflitos numa atitude de suportá-los para resolvê-los e transformá-los em um novo processo. A comunhão ou a unidade nas diferenças não é o rechaço destas, mas uma atitude de busca por uma nova vida que contemple a diversidade (EG 228). Fruto desse processo é a paz: “a convicção de que a unidade do Espírito harmoniza todas as diversidades” numa “diversidade reconciliada” (EG 230). Terceiro princípio: “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG 231). Uma polarização no campo das ideias pode ocultar a realidade. Se as ideias não estão a serviço da realidade são meros “idealismos e nominalismos” (EG 232). Para Francisco, esse princípio vincula-se ao Mistério da Encarnação. A centralidade de Jesus Cristo na evangelização recorda à Igreja que a Palavra encarnada é o núcleo da missão evangelizadora: o reconhecimento da história da salvação como história da presença e ação de Deus no mundo e o imperativo da caridade e da justiça. Por fim, o quarto princípio: “o todo é superior à parte” (EG 234). Limites e particularidades reduzem a compreensão da realidade. Ainda que se trabalhe no que está próximo, a visão deve transcender o presente e o imediato. O poliedro é o modelo que exemplifica esse princípio, pois seus pontos se encontram a diferentes distâncias do centro. O todo, portanto, leva em conta a contribuição de cada um e possibilita o sentido integral de uma determinada realidade. Com o Evangelho não é diferente, pois a sua riqueza está na sua integridade e no seu anúncio universal:

O Evangelho possui um critério de totalidade que lhe é intrínseco: não cessa de ser Boa-Nova enquanto não for anunciado a todos, enquanto não fecundar e curar todas as dimensões do homem, enquanto não unir todos os homens à volta da mesa do Reino. O todo é superior à parte (EG 237).

Por fim, Francisco destaca a importância do diálogo como caminho evangelizador. Três são os campos em que a Igreja, nesse momento, atua de maneira dialógica: o diálogo com os Estados, com a sociedade e com os outros crentes. Todos esses espaços de diálogo a Igreja os ocupa a partir da fé, procurando favorecer o encontro e a participação de todos. Porém, para Francisco, a Igreja não oferece soluções para as questões suscitadas nesses diálogos. Ela “acompanha as propostas que melhor correspondam à dignidade da pessoa humana e ao bem comum” (EG 241). *EG* indica alguns dos principais campos de diálogo da Igreja evangelizadora: o diálogo entre a fé a razão e as ciências (EG 242); o diálogo ecumênico (EG 244); o diálogo inter-religioso (EG 247); e o diálogo social (EG 255).

2.3 O ESPÍRITO É A ALMA¹³⁰ DA IGREJA EVANGELIZADORA

De modo semelhante ao que ocorre com a *EN*, de Paulo VI, Francisco dedica o último capítulo da *EG* à relação existente entre a evangelização e o Espírito Santo. Intitulado “*Evangelizadores com Espírito*”, o referido capítulo apresenta aquelas que Francisco considera as principais motivações para um renovado impulso missionário (EG 262-283). O Pontífice torna claro que não tem o objetivo de “oferecer uma síntese da espiritualidade cristã” (EG 260) ou ainda a intenção de explorar os temas da oração, da adoração e da celebração da fé. Importa-lhe, nesse momento, “propor algumas reflexões acerca do espírito da nova evangelização” (EG 260). A nova etapa evangelizadora para a qual Francisco convoca toda a Igreja, pautada num “preciso estilo evangelizador” (EG 18), exige a recordação de alguns princípios e atitudes sem os quais o evangelizador perde o entusiasmo missionário e, por conseguinte, “toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim das contas, carecer de alma” (EG 259). Ao conjunto desses princípios e atitudes – reconhecidos como motivações – Francisco atribui o termo “espírito”, indicando uma “moção interior que impele, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária” (EG 260). Para Francisco, a primeira e mais fundamental motivação, o “espírito” da nova evangelização, não é outra senão o Espírito Santo. Já no início do capítulo encontramos a seguinte afirmação: “Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo” (EG 259). Nesse sentido, podemos dizer que a palavra “espírito” – conforme o sentido lato acima apresentado – pode ser substituída pela palavra “Espírito”, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade sendo que as expressões “evangelizadores com espírito” e “espírito da nova evangelização” dizem, propriamente, de “evangelizadores com Espírito” e “Espírito da nova evangelização”, respectivamente. “[...] sei que nenhuma motivação será suficiente, se não arde nos corações o fogo do Espírito. Em suma, uma evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo, já que Ele é a alma

¹³⁰ “Há uma tradição teológica que emprega a simbologia da relação existente entre a alma e o corpo humano para exprimir a união íntima entre o Espírito Santo e a Igreja. Os Santos Padres usam a expressão de que o Espírito Santo é a alma da Igreja, ou a alma do Corpo de Cristo, para expressar essa união. Essa analogia tem um significado muito profundo, pois indica a sua ação e a sua missão próprias para com ela. O Espírito Santo anima a Igreja, suscitando e distribuindo seus dons [...] Essa alma, à qual se referem os Santos Padres, não é uma alma que constitua um todo substancial com o corpo, pois o Espírito Santo é transcendente à Igreja, apesar de ser, também, imanente a ela, enquanto age nela [...] O Espírito Santo realiza na Igreja a função que a alma exerce no corpo, ao estar presente no Corpo de Cristo, que é a Igreja. O mesmo Espírito está presente, ao mesmo tempo, na cabeça, que é Jesus Cristo, e em seus membros, que são os batizados, os fiéis” (HACKMANN, 2013, p. 86). “O que em nosso corpo é a alma, o Espírito Santo o é no Corpo de Cristo, que é a Igreja” (AGOSTINHO, Sermão 267, 4). “É nela [na Igreja] também que foi depositada a comunhão com o Cristo, isto é, o Espírito Santo, penhor de incorrupção, confirmação da nossa fé e escada para subir a Deus [...] Onde está a Igreja, aí está o Espírito de Deus, e onde está o Espírito de Deus ali está a Igreja e toda a graça” (IRINEU, Contra as Heresias III, 24,1).

da Igreja evangelizadora” (EG 261). As motivações da evangelização que seguem ao longo da exposição de Francisco sempre nos remetem à primazia da ação do Espírito. O paradigma bíblico que Francisco apresenta ao insistir na ação do Espírito Santo como princípio da evangelização é o do Pentecostes (At 2,1-39). É o Espírito que provoca a saída missionária dos Apóstolos após terem recebido a efusão do mesmo Espírito e lhes confere ousadia (*parresia*) para o anúncio intrépido da salvação. Ardorosa, alegre, ousada, corajosa, entusiasta, entre outras, são palavras que Francisco utiliza como qualificantes da ação evangelizadora ocorrida logo após o Pentecostes. E é justamente essa a evangelização sonhada por Francisco: um novo Pentecostes.

Se a ação evangelizadora da Igreja tem por princípio o Espírito Santo, na abertura dos evangelizadores à sua ação, encontramos-nos diante da possibilidade de uma leitura do texto da *EG* que não apenas evidencie os elementos pneumatológicos explícitos – especialmente os contidos no quinto capítulo – como também torne claros os elementos pneumatológicos implícitos ao longo de toda a Exortação Apostólica. Dado que a motivação original da evangelização é o Espírito Santo – “alma da Igreja evangelizadora” (EG 261) – o estilo evangelizador proposto por Francisco em *EG* está fundado na ação do Espírito, que é o princípio gerador da Igreja e princípio de sua unidade, santidade e catolicidade¹³¹. Da saída missionária da Igreja à conversão de suas estruturas pastorais; do contínuo retorno ao Evangelho às tentações dos agentes pastorais; do anúncio do Evangelho à dimensão social da evangelização; todos esses aspectos da evangelização carecem de sentido se lhes falta o princípio pneumatológico. Nesse sentido, assim como a análise a que procedemos no âmbito da *EN* de Paulo VI, propomos um “caminho de volta” no texto da *EG* a partir do quinto capítulo. O texto mesmo desse capítulo nos autoriza a realizar tal procedimento metodológico ao reafirmar a primazia do Espírito na Igreja. Todavia, essa leitura pneumatológica da *EG* não se restringe às motivações da nova evangelização apresentadas por Francisco. O Magistério da Igreja nos auxiliará no trabalho teológico de interpretar e explicitar os elementos pneumatológicos do texto que o capítulo dedicado ao Espírito Santo nos indica, mas também nos possibilitará tornar evidentes outros elementos subjacentes, do mesmo modo importantes e decisivos para a noção de evangelização de Francisco.

¹³¹ Para Congar (1991, p. 209, trad. nossa), “crer no Espírito Santo que faz uma, santa, católica e apostólica a Igreja, é crer na realização e na promessa de Deus na Igreja, nesta realidade concreta e complexa ‘feita de um elemento duplo, o divino e o humano’ [...]”.

2.3.1 O Espírito e a reforma missionária da Igreja

O “preciso estilo evangelizador” (EG 18) e o “significado programático” (EG 25) da *EG* dependem necessariamente do que Francisco denomina “transformação missionária da Igreja” (EG 19). Não é por acaso que o Papa Bergoglio dedica o primeiro capítulo da *EG* a essa urgente necessidade eclesial. Como aludimos anteriormente, a consideração de que o Espírito Santo é “a alma evangelizadora da Igreja” serve como princípio teológico para a interpretação de toda a *EG*. Trata-se de seu critério formal de compreensão, pois seu critério redacional tem como horizonte os múltiplos aspectos relativos à evangelização. No âmbito da transformação missionária da Igreja, a pneumatologia de *EG* ocupa lugar central, não tanto como elemento explícito, mas como fundamento teológico da “saída” missionária. Vejamos, pois, como o Espírito Santo é o princípio da reforma missionária eclesial para Francisco.

O mandato missionário de Jesus contempla um movimento de saída: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações...” (Mt 28,19).

Naquele ‘ide’ de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 20).

Para Francisco, a “saída” missionária não pode prescindir “duma conversão pastoral e missionária” (EG 25). Expressão dessa conversão é uma Igreja “em ‘estado permanente de missão’” (EG 25). A conversão ao Evangelho é obra do Espírito que nos faz confessar Jesus Cristo como Senhor¹³². Contudo, isso poderia parecer uma experiência relativa a estados de ânimo subjetivos ou uma certeza que configuraria uma fé de cunho individualista. Mas, ao contrário disso, a comunhão que brota da conversão é uma “comunhão missionária” (CL 32) e “a intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante” (EG 23). Ora, a primazia do Espírito na missão diz do mesmo modo da primazia do Espírito na conversão pastoral e missionária, pois a conversão é para a missão assim como a Igreja é para a evangelização¹³³. O mandato missionário de Jesus a Igreja o cumpre e realiza pela ação do Espírito. Uma vez que “toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação” (UR 6), tal fidelidade vincula-se à sua missão evangelizadora, da qual o Espírito Santo é a “alma”. A fidelidade da Igreja ao Espírito é a fidelidade da Igreja à sua vocação e, por

¹³² Cf. 1Cor 12,3.

¹³³ A conversão conduz necessariamente à missão, assim como a Igreja, por natureza, é missionária.

consequente, a seu processo de reforma permanente, que nas palavras de Francisco se expressa como “transformação missionária”.

Há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador; de igual modo, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem ‘fidelidade da Igreja à própria vocação’, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo (EG 26).

A vida nova, a reforma permanente da Igreja, sua transformação e “saída” missionárias são a vida no Espírito, autêntica vida evangélica, constituída como graça mas também mediante o esforço de conversão. No Mistério da Igreja, o Espírito a santifica e vivifica, e todos os fieis tem acesso ao Pai, por Cristo, no Espírito (LG 4). Logo, é o Espírito que “pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente” (LG 4). Nesse sentido, o ensinamento conciliar torna evidente que o primeiro e o último critério da vitalidade da Igreja é Jesus Cristo, cuja vida toma forma na Igreja e nos cristãos pela ação do Espírito Santo.

Dito de outra maneira, a missão é a vida da Igreja sob o dinamismo evangelizador do Espírito e não uma tarefa sujeita aos critérios mundanos. Quando isso ocorre, há aí o que Francisco chama de “mundanismo espiritual”¹³⁴ (EG 93). Uma fé subjetivista, na qual “a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos” (EG 94), e a atitude de confiança absoluta nas próprias forças atrelada ao sentimento de superioridade alimentam esse mundanismo. Trata-se de um “imanentismo antropocêntrico” (EG 94). “Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus” (EG 97).

A “saída” missionária da Igreja pressupõe a conversão do coração, a santidade, que “incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fieis” (LG 39). Para Francisco, a santidade da Igreja evangelizadora frutifica na alegria do Evangelho, que é sempre renovada na missão. Em termos pastorais, a conversão do coração se materializa na conversão das estruturas, fazendo com que “todas elas se tornem mais missionárias” (EG 27), ou seja, sempre mais orientadas, motivadas, organizadas e dispostas a partir e no dinamismo do Espírito Santo. Para Congar (2010, p. 85), é o Espírito que “impulsiona para frente a causa do Evangelho”, suscitando iniciativas, missões, obras,... “Ele

¹³⁴ Referência de Francisco à realidade indicada por *Henri de Lubac*, cardeal e teólogo jesuíta, em sua obra *Méditation sur l'Église*.

inspira as reformas necessárias e sabe preservá-las das meras manipulações externas para fazer prevalecer uma reconformidade com o espírito de Jesus”.

A Igreja missionária, na perspectiva da *EG*, anuncia o Evangelho concentrando-se no essencial, no mais importante, necessário e atraente: “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (*EG* 36), ou seja, no querigma, que, sendo de natureza trinitária, “deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial” (*EG* 164).

Paradigma da “saída” da Igreja para Francisco é o evento Pentecostes (*At* 2,1-39), no qual os apóstolos, com intrepidez, anunciaram o Cristo morto e ressuscitado, expressão máxima do amor do Pai, que derramou o Espírito para que nele tivéssemos vida. Ainda que tivessem ouvido do próprio Jesus o mandato de evangelizar, foi apenas no Pentecostes que os corações enclausurados nos medos e inseguranças experimentaram o grande amor do Pai. O critério de verdade quanto ao vínculo essencial existente entre a conversão e a missão é o fato de que logo após a experiência do Espírito os apóstolos “saíram” para anunciar as maravilhas de Deus. O *DAp* nos recorda essa significativa experiência missionária, atualizando-a para o contexto hodierno:

Necessitamos de um novo Pentecostes! Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de “sentido”, de verdade e de amor, de alegria e de esperança! Não podemos ficar tranquilos em espera passiva em nossos templos, mas é imperativo ir em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não tem a última palavra, que o amor é mais forte, que fomos libertos e salvos pela vitória pascal do Senhor da história, que Ele nos convoca na Igreja, e quer multiplicar o número de seus discípulos na construção de seu Reino em nosso Continente! (*DAP* 548).

O *necessitamos sair* do *DAP* parece encontrar correspondência direta na *saída* missionária de *EG*. Fato é que, numa leitura pneumatológica da *EG*, a noção de “saída” como mote da reforma missionária da Igreja não pode ser compreendida à parte do impulso do Espírito em Pentecostes, que certamente se repetiu e continua a acontecer na Igreja de todos os tempos. Podemos afirmar, com isso, que a transformação (ou reforma) missionária da Igreja é um retorno ao Evangelho a partir do Pentecostes, ou seja, na ação do Espírito que faz a Igreja evangelizadora a fim de cumprir o mandato de Jesus.

2.3.2 Povo de Deus constituído e congregado no Espírito

Um segundo elemento pneumatológico depreendido do texto da *EG* diz respeito à natureza e missão da Igreja Povo de Deus. A categoria “povo”, e, por consequência, “povo de Deus”, é muito cara a Francisco. A influência que recebeu da Teologia do Povo¹³⁵ argentina foi responsável pela formação de grande parte de seu pensamento teológico. Em *EG*, o Pontífice retoma diversos princípios da mencionada Teologia, aplicando-os ao anúncio do Evangelho. Não é por acaso que inicia o terceiro capítulo com uma significativa exposição sobre a relação entre o povo de Deus e a evangelização (EG 111). O princípio que dispõe sua argumentação é o de que “todo o povo de Deus anuncia o Evangelho”. Neste estão contidos importantes elementos trinitários e pneumatológicos.

A Igreja, como sujeito da evangelização, “é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus” (EG 111). Francisco faz aqui referência ao mistério da Igreja, cuja raiz, segundo o Concílio Vaticano II, encontra-se na Trindade.

¹³⁵ Segundo Scannone (2015, p. 9), a Teologia do Povo (*Teología del Pueblo*), “também conhecida como *Teologia da Cultura*” (BOAS, 2016, p. 763), surgiu no âmbito da COEPAL (*Comisión Episcopal de Pastoral*), designada pela Conferência Episcopal Argentina para desenvolver um plano nacional de pastoral a partir do Concílio. Lucio Gera (1924-2012) e Rafael Tello (1917-2002) lideraram o grupo de reflexão teológica que lançou as bases da Teologia Argentina do Povo. De acordo com Scannone (2015, p. 15), a Teologia do Povo pode ser considerada uma das correntes da Teologia da Libertação, mas com características próprias, a saber: a importância que confere à cultura e às religiões populares; a proeminência da análise histórico-cultural; mediações científicas em prol de um conhecimento sapiencial e de um discernimento por conaturalidade afetiva; e um distanciamento crítico do método marxista de análise social. “No caso de Gera e da COEPAL, tratou-se de *Povo de Deus* – categoria bíblica privilegiada pelo Concílio para designar a Igreja – e dos povos, em especial, o argentino. Pois para eles não estava em jogo somente ‘a emergência do laicado dentro da Igreja senão também a inserção da Igreja no transcurso histórico dos povos’ enquanto sujeitos de história e de cultura, receptores da evangelização e, se estão já evangelizados, também como evangelizadores” (SCANNONE, 2015, p. 11). Para Boas (2016, p. 781), a partir do fato de que “a graça supõe a cultura” (EG 115), a Teologia do Povo, ou Teologia da Cultura, nos leva a reconhecer os sinais da graça e do Reino nas diversas culturas, pois nestas já age o Espírito. Assim, a inserção da Igreja evangelizadora nas diversas culturas deve ser pautada pelo reconhecimento do que o Espírito nelas já realizou a partir de um reto discernimento. Considerando que age o Espírito nas culturas e povos da terra, a Igreja coloca-se em atitude de saída para neles contemplar a ação da graça. Daí que o Povo de Deus é não apenas destinatário da evangelização, mas igualmente evangelizador (EG 111). O Espírito, portanto, leva-nos às fronteiras e nos faz sair da auto-referencialidade. Aspecto preponderante da Teologia do Povo é a opção pelos pobres, que “não se opõe à opção desta Conferência pela evangelização da cultura e pelas culturas dos povos, senão que de fato coincidem ambas” (SCANNONE, 2015, p. 12). Desse modo, “a teologia da cultura ajuda a dar clareza do discernimento e assim reconhecer para onde apontam os sinais que manifestam a presença de Cristo, humanizadora do humano, sinais que reorientam o desejo narcísico no pedido da graça, pedido que já é, em si, um programa de vida do coração a práxis agápica, mediada pela reflexão teológica da cultura e da sociedade” (BOAS, 2016, p. 782). Para o aprofundamento da questão: SCANNONE, Juan Carlos. *La teología del pueblo y desde el pueblo. Aportes de Lucio Gera*. Medellín, Bogotá, v. 41, n. 162, p. 245-261, mai./ago. 2015; SCANNONE, Juan Carlos. *Papa Francesco e la teologia del popolo*. Civiltà Cattolica, Roma, n. 3930, p. 571-590, 2014; GERA, Lucio. *La religione del popolo. Chiesa, teologia e liberazione in America Latina*. Bologna: EDB, 2015.

Esta nova aliança instituiu-a Cristo, o novo testamento no Seu sangue (cfr. 1 Cor. 11,25), chamando o Seu povo de entre os judeus e os gentios, para formar um todo, não segundo a carne mas no Espírito e tornar-se o Povo de Deus. Com efeito, os que crêem em Cristo, regenerados não pela força de germe corruptível mas incorruptível por meio da Palavra de Deus vivo (cfr. 1 Ped. 1,23), não pela virtude da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cfr. Jo. 3, 5-6), são finalmente constituídos em ‘raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado... que outrora não era povo, mas agora é povo de Deus’ (1 Ped. 2, 9-10) (LG 9).

O povo de Deus, portanto, é imagem da Trindade, constituído pela vontade salvífica do Pai manifestada na missão e na obra do Filho e na missão do Espírito que santifica e vivifica a Igreja. Em termos pneumatológicos, a Igreja foi “manifestada pela efusão do Espírito” (LG 2) em Pentecostes, de modo que o Espírito é co-instituente da Igreja. “Trata-se da Igreja histórica e visível, aquela da qual Jesus é o ‘fundador’ (mas, sempre vivo e ativo, ele é o seu fundamento permanente). O Espírito lhe dá vida e a faz crescer enquanto ela é Corpo *de Cristo*” (CONGAR, 2010, p. 18). Sendo assim, a categoria “Igreja Povo de Deus”, eminentemente trinitária, exprime a realidade de um povo constituído e congregado no Espírito Santo para a comunhão com Deus e para o testemunho dessa comunhão a todas as pessoas. Sob o prisma da evangelização, essa realidade exprime a “primazia da graça” (EG 112), pois é sempre importante saber que a primeira palavra, a iniciativa verdadeira, a atividade verdadeira vem de Deus, e só inserindo-nos nessa iniciativa divina, só implorando essa iniciativa, podemos nos tornar também – com Ele e n’Ele – evangelizadores. A primazia da graça é a primazia do Espírito, cuja ação convocou – e continua a convocar – a todos como povo (LG 9) para a salvação. “Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus nos atrai no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe. Esse povo, que Deus escolheu para si e convocou, é a Igreja” (EG 113).

O povo de Deus, contudo, não é uma realidade homogênea. Encarnando-se nos diversos povos da Terra, cada povo possui uma cultura própria, que se exprime na totalidade de sua vida. “A noção de cultura é um instrumento precioso para compreender as diversas expressões da vida cristã que existem no povo de Deus” (EG 115). Deus age e convoca os seres humanos à salvação e à comunhão com Ele no âmbito dos povos culturalmente situados. “A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe” (EG 115). O primeiro elemento pneumatológico referido ao povo de Deus em *EG* diz da própria natureza da Igreja, constituída no Espírito Santo como “povo com muitos rostos” (EG 115), nos quais o mesmo Espírito age a partir de dentro, a partir de sua realidade misteriosa, de modo que “a comunhão dos fieis e das Igrejas locais do Povo de Deus se sustenta na comunhão com a Trindade” (Dap 155).

Um segundo elemento pneumatológico refere-se à inculturação do Evangelho. Se a própria natureza da Igreja Povo de Deus supõe a heterogeneidade dos povos, também o anúncio do Evangelho a estes supõe que suas experiências de fé e seus modos de transmiti-la tenham em conta seus elementos culturais.

Quando uma comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito Santo fecunda a sua cultura com a força transformadora do seu Evangelho [...] Nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus segundo a própria cultura, a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra ‘a beleza deste rosto pluriforme’. Através das manifestações cristãs de um povo evangelizado, o Espírito Santo embeleza a Igreja, mostrando-lhe novos aspectos da Revelação e presenteando-a com um novo rosto (EG 116).

A ação do Espírito nos diversos povos da terra se dá tanto no acolhimento da salvação como também nas diferentes formas por meio das quais esses povos igualmente evangelizam, dado que, se é o Espírito a fecundar as muitas culturas, também é Ele que, por meio dessas culturas, apresenta à Igreja novos aspectos da Revelação, que certamente não seriam percebidos no caso de uma uniformidade cultural cristã. A diversidade cultural, portanto, no contexto da inculturação do Evangelho, é uma riqueza para a ação evangelizadora da Igreja, pois é na diversidade que se explicita de modo mais evidente a unidade da Igreja, da qual o Espírito Santo é princípio.

É o Espírito Santo, enviado pelo Pai e o Filho, que transforma os nossos corações e nos torna capazes de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, onde tudo encontra a sua unidade. O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia, tal como é vínculo de amor entre o Pai e o Filho. É Ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai. A evangelização reconhece com alegria estas múltiplas riquezas que o Espírito gera na Igreja (EG 117).

Portanto, é o Espírito que transforma os povos em Povo de Deus evangelizador. Acaso evangelizar não é, em sentido estrito, anunciar e testemunhar Jesus Cristo a fim de que todos os homens e mulheres entrem nessa comunhão de amor com Deus? Para Francisco, todo o Povo de Deus evangeliza porque experimenta, cada povo a seu modo, essa comunhão no Espírito, princípio da unidade da Igreja. O *DAP* afirma, citando Puebla: “Todos os batizados e batizadas [...] ‘através do sacerdócio comum do Povo de Deus’, somos chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, pois ‘a evangelização é um chamado à participação da comunhão trinitária’” (*DAP* 157).

2.3.3 O querigma e o encontro pessoal com Jesus Cristo

Ao final do terceiro capítulo da *EG*, Francisco apresenta a temática do “querigma” (EG 160-175) em sua relação direta com a evangelização. Importa-nos, dentre as diversas abordagens elucidadas pelo texto, aquela que se refere à dimensão pneumatológica do querigma, que, em última análise, encaminha-nos para uma leitura trinitária da relação acima mencionada. Francisco acena para o crescimento da fé como implicação do mandato missionário de Jesus e, por conseguinte, da ação evangelizadora da Igreja, continuadora da missão de Jesus. Tanto o primeiro anúncio (querigma) como a evangelização desencadeiam um processo contínuo de crescimento e amadurecimento, pois “cada ser humano precisa sempre mais de Cristo, e a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco” (EG 160). Não se trata, entretanto, de uma formação meramente doutrinal, mas de uma experiência gradativa que possibilita à pessoa responder com amor ao amor recebido de Deus. O mandamento do amor é o princípio e a finalidade do apelo ao aprofundamento da fé, “é o primeiro, o maior, o que melhor nos identifica como discípulos” (EG 161). É um caminho de crescimento no amor: amor recebido que implica o amor a Deus e aos irmãos. Novamente aqui, como já indicado anteriormente, Francisco sinaliza a primazia da graça.

[...] este caminho de resposta e crescimento aparece sempre precedido pelo dom, porque o antecede aquele outro pedido do Senhor: ‘batizai-os em nome...’ (Mt 28,19). A adoção como filhos que o Pai oferece gratuitamente e a iniciativa do dom da sua graça (cf. Ef 2,8-9; 1Cor 4,7) são a condição que torna possível essa santificação constante, que agrada a Deus e Lhe dá glória. É deixar-se transformar em Cristo, vivendo progressivamente ‘segundo o Espírito’ (Rm 8,5) (EG 162).

Aqui percebemos de maneira clara o elemento trinitário como aspecto preponderante do processo de crescimento da fé. O próprio Deus dá a sua graça, dá a si mesmo como dom, para que todos os batizados, conscientes de sua filiação divina, possam percorrer o caminho da santificação, que, em outras palavras, é a vida no Espírito, numa contínua conformação a Cristo. Ora, essa constatação serve de base para que Francisco argumente acerca do querigma, rechaçando concepções reducionistas e enfatizando sua natureza trinitária e caráter perene.

Para Francisco, o querigma “deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial” (EG 164). Como núcleo da evangelização, o querigma é, ao mesmo tempo, o fundamento para o qual a Igreja continuamente deve retornar para se manter fiel à sua natureza e missão. Isso se deve ao fato de que “o querigma é trinitário” (EG 164):

É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai [...] Ao designar-se como ‘primeiro’ este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar [...] Por isso, também ‘o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado’ (EG 164).

Constatamos, pois, que o anúncio querigmático é o “que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano” (EG 165). Apresenta o querigma a Pessoa de Jesus Cristo, que dá sentido pleno à existência humana, e isso como “fogo do Espírito”, que não reduz “a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas” (EG 165). Ao identificar o querigma como elemento central da renovação eclesial, *EG* indica que a nova etapa evangelizadora possui traços eminentemente querigmáticos, pois a renovação da Igreja, na presente Exortação, é primeira e fundamentalmente missionária. Pois bem, em que sentido Francisco compreende o querigma como condição para a renovação da Igreja? A resposta a essa questão encontra-se pulverizada por todo o texto da *EG*, mas é já em seu primeiro número que encontramos a principal marca dessa nova etapa evangelizadora: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1). A realidade teológica que articula o querigma e a reforma missionária da Igreja, para Francisco, é o encontro pessoal com Jesus Cristo, tema proeminente em *EG* e elemento pneumatológico importante.

Desse encontro pessoal brota a vida nova em Cristo, que é a vida no Espírito, da qual a alegria é um de seus principais frutos¹³⁶. *EG* expressa, com isso, uma evangelização cuja fonte “é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado” (EG 2). No encontro com Jesus a vida interior é transformada pela experiência de sentir-se amado. O reconhecimento desse amor e de suas implicações existenciais modifica o fechamento em abertura para o outro. Aí está, pois, o fundamento da alegria cristã, fruto do Espírito, na “certeza pessoal de [...] sermos infinitamente amados” (EG 6). Nessa perspectiva, Francisco recorda as palavras de Bento XVI: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo” (*Deus Caritas Est* (DCE) 1). A alegria do Evangelho, portanto, é fruto de um encontro de amor que orienta perenemente a vida. A cada reencontro com o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo renasce a alegria no coração humano, que sempre de novo recobra o ânimo para a continuidade de seu peregrinar sobre a terra. Para Francisco,

¹³⁶ Cf. Gl 5,22.

a primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele, que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos (EG 264).

A alegria do encontro com Cristo não é uma espécie de experiência intimista. Pela alegria “somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade” (EG 8). Para o Papa Bergoglio, a transformação interior decorrente do encontro com Jesus tem como critério de autenticidade, por assim dizer, a atitude de saída de si mesmo para comunicar aos outros o mesmo amor recebido de Deus (EG 8). “Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros?” (EG 8).

Em *EG*, o encontro com Cristo não é um acessório da evangelização ou ainda um dentre tantos meios da ação evangelizadora da Igreja. É sua experiência fundante.

Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar Tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n'Ele ou não o poder fazer (EG 266).

De acordo com o *DAP* (DAP 246), “o encontro com Cristo, graças à ação invisível do Espírito Santo, realiza-se na fé recebida e vivida na Igreja”. O mesmo Documento afirma ser a Trindade-Amor o fundamento desse encontro (DAP 240). A comunhão de amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo torna o cristão plenamente disponível para o serviço do outro, isto é, para a missão. O encontro com Jesus é participação na comunhão de amor trinitária, que, ao renovar e libertar os homens e mulheres da escravidão do pecado, retira-os do isolamento, transformando-os em missionários. Esse encontro o realiza o Espírito Santo, pois é por sua ação que somos introduzidos no mistério trinitário, tal como nos apresenta a *LG*:

Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cfr. Jo. 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cfr. Ef. 2,18). Ele é o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cfr. Jo. 4,14; 7, 38-39); por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cfr. Rom. 8, 10-11). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cfr. 1 Cor. 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (cfr. Gál. 4,6; Rom. 8, 15-16. 26) (LG 4).

Nesses termos, o encontro com Jesus Cristo se dá pela ação do Espírito Santo no coração humano. É no Espírito que confessamos Jesus como Senhor¹³⁷; é o Espírito que nos recorda tudo quanto disse e realizou Jesus¹³⁸; é pelo Espírito que o amor de Deus foi derramado em nossos corações¹³⁹; é pelo Espírito que somos transformados para a vida nova em Cristo¹⁴⁰; e é a experiência do Espírito que nos faz anunciadores do Reino de Deus e da salvação¹⁴¹. “Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de fazê-lo unicamente com a própria razão. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa” (EG 266). É certo que, em alguma medida, nossos esforços racionais nos possibilitam captar os sentidos do Evangelho e da vida divina e, assim, transmiti-los aos outros. Porém, isso não será evangelização se prescindir da abertura à ação do Espírito, que não apenas torna possível como também renova continuamente o encontro pessoal do evangelizador com Jesus.

se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos implorar a cada dia, pedir a sua graça para que abra o nosso coração frio e sacuda a nossa vida tibia e superficial. Colocados diante d’Ele com o coração aberto, deixando que Ele nos olhe [...] (EG 264).

Que é a graça senão o próprio Deus que, pelo Espírito Santo, age no interior de cada pessoa orientando-a para a comunhão com Ele? Segundo Asolan (2015, p. 18), a ação do Espírito em nós e nossa viva relação com Ele fazem-nos participantes da vida da Trindade, isso porque é o Espírito que estabelece a relação entre a vida de Deus e a vida da Igreja. O encontro pessoal com Jesus Cristo suscita a fé, mediante a qual conhecemos a Deus pela virtude do Espírito, e igualmente suscita a caridade, dom de Deus, experiência de amor, com o qual amamos o mesmo Deus. Segundo o *DAP*, o desafio fundamental da Igreja está na promoção e formação de discípulos e missionários que comuniquem, com alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo (*DAP* 14). Em outras palavras, a relação existente entre a evangelização e o encontro pessoal com Jesus pode ser expressa nos termos de uma experiência de comunhão com Deus que impele o cristão a anunciá-la aos outros a fim de que todos possam experimentar tamanha alegria e sentido de vida. Em perspectiva pneumatológica, *EG* supõe a primazia do Espírito no encontro pessoal com Cristo, pois

¹³⁷ Cf. 1 Cor 12,3.

¹³⁸ Cf. Jo 14,26.

¹³⁹ Cf. Rm 5,5.

¹⁴⁰ Cf. Rm 8,1.

¹⁴¹ Cf. At 2.

não temos outro tesouro a não ser este. Não temos outra felicidade nem outra prioridade senão a de sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos (DAp 14).

Segundo Asolan (2015, p. 19), nossa relação com o Espírito funda-se na oração e se expressa na vida segundo o Espírito¹⁴², ou seja, numa existência cuja integralidade é guiada pelo Espírito Santo, o mesmo que guiou Jesus. A vida no Espírito é, ao mesmo tempo, causa e efeito de nosso renovado encontro com Jesus, fonte da ação evangelizadora da Igreja. Evidenciando a alegria como sinal de um encontro que transforma a existência e motiva a evangelização, Francisco compreende tal alegria como

efeito não tanto de uma posse material (ou melhor, temporal), mas de uma comunhão espiritual, a qual, agindo a partir da alma e sobre a alma, torna participantes um e outro sujeitos espirituais diversos, que livremente reconhecem-se reciprocamente, acolhem-se, amam-se e por isso enriquecem uns a vida dos outros” (ASOLAN, 2015, p. 15, trad. nossa).

A ação do Espírito que conduz ao encontro pessoal com Jesus, segundo o mesmo Asolan (2015, p. 17), não viola a consciência e a liberdade humanas. Ao contrário, o dinamismo do Espírito supõe uma consciência que discerne e decide e uma vontade que, gradativamente, conforma-se à vida de Cristo. O encontro com Cristo que transforma a vida e orienta a existência reclama uma capacidade criativa, livre e responsável, de assimilação do mistério da fé. Não se trata, de uma etapa anterior ao anúncio do Evangelho, ao qual todos os cristãos são chamados em decorrência do encontro realizado. São, em contrapartida, processos concomitantes, porque

esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe dêem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus (EG 120).

Em conclusão, podemos afirmar que o Espírito Santo cumpre duas funções no homem que faz a experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo:

uma função iluminadora: ele ensina a encarnar os traços típicos de Jesus, faz emergir em toda situação a vida e o pensamento de Cristo, ensina a encontrar a via criativa para exprimir Cristo; uma função participativa: a ação do Espírito não se limita a indicar, mas doa a capacidade de realizar, a eficácia própria do Ressuscitado e da sua força. O Espírito realiza como que uma pressão, um estímulo eficaz que nos habilita a praticar, não como uma imposição, mas como uma necessidade do nosso ser, a vida

¹⁴² Cf. Rm 8,1.

de Cristo para tornar legível em nós os traços de sua face: a sua Presença, causa da nossa alegria” (ASOLAN, 2015, p. 18, trad. nossa).

Se o Espírito Santo é a alma da Igreja evangelizadora, há uma estreita relação entre a realidade do encontro pessoal com Jesus Cristo e a ação evangelizadora da Igreja, pois esta tem por fundamento o desejo de comunicar aos outros o amor recebido de Deus em Cristo no Espírito, como participação na comunhão trinitária.

2.3.4 Os discípulos missionários na força do Espírito Santo

Papa Francisco – ainda na condição de Cardeal Arcebispo de Buenos Aires – coordenou os trabalhos da comissão redacional do Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Deve-se a ele, em grande medida, o acento profundamente missionário do Texto aprovado pelos bispos participantes da Conferência. O escopo de nossa pesquisa não prevê um possível paralelo entre *DAP* e a *EG*, seja no que tange às referências que *EG* faz ao *DAP* ou mesmo no que concerne à influência do *DAP* na escrita da *EG*. Basta-nos aqui dizer que uma categoria do *DAP* merece nossa atenção e reflexão teológica quanto à sua relevância para a leitura pneumatológica da Exortação Apostólica de Francisco: “discípulos missionários”. O *DAP* faz orbitar sua abordagem teológico-pastoral em torno dessa categoria¹⁴³, acolhida por Francisco especialmente no terceiro capítulo da *EG*, que trata do anúncio do Evangelho. Já no *DAP* o discípulo missionário é considerado em sua referência ao mistério trinitário; em *EG* não é diferente, insistindo Francisco na graça batismal como seu fundamento ontológico, o que nos permite vislumbrar a ação do Espírito como dom que impele à evangelização.

“Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28,19)” (EG 120). Mandato do próprio Senhor, o “Ide e fazei discípulos...” está condicionado ao “batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”¹⁴⁴. O discipulado, o seguimento de Jesus, tem sua origem na acolhida e participação no mistério de comunhão da Trindade. Unido à pessoa de Jesus, o ser humano experimenta sua obra salvífica que procede do amor do Pai e se completa pela efusão do Espírito. “Em virtude do Batismo e

¹⁴³ “Fizemos isso [a V Conferência] como pastores que querem seguir estimulando a ação evangelizadora da Igreja, chamada a fazer de todos os seus membros discípulos missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nele nossos povos tenham vida” (DAP 1). Os capítulos e sessões do *DAP* abordam as temáticas propostas sempre em referência ao “discípulo missionário”: “A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários” (DAP 101); “A comunhão dos discípulos missionários na Igreja” (DAP 154); “O caminho de formação dos discípulos missionários” (DAP 240).

¹⁴⁴ Cf. Mt 28,19.

da Confirmação, somos chamados a ser discípulos missionários de Jesus Cristo e a entrarmos na comunhão trinitária na Igreja” (DAp 153). Por essência, todo batizado participa da vida e da missão de Cristo, ainda que isso não lhe seja objeto de consciência ou que sua existência não esteja orientada pelo encontro pessoal com Jesus. O cristão é discípulo missionário pela graça sacramental recebida e atuante em seu interior, que lhe permite crer sem poder enganar-se, de tal modo que o *sensus fidei* o ajuda a discernir o que provém de Deus. Nas palavras de Francisco, é a ação do Espírito que mobiliza a fé dos batizados, mesmo que estes não consigam expressá-la adequadamente. Ora, é justamente a fé como encontro experiencial com o amor de Deus revelado em Jesus Cristo a razão primeira da evangelização. Não obstante a impossibilidade de expressão da fé, “em todo os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar” (EG 119). Para Francisco, portanto, é o Espírito Santo, pela unção batismal, que torna os batizados discípulos missionários, pois a sua presença “confere aos cristãos uma certa conaturalidade com as realidades divinas” (EG 119) e o impulso para testemunhar a comunhão da Trindade, da qual todos os seres humanos são chamados a participar.

Pelo influxo do Espírito, “cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização [...]” (EG 120). Se é o Espírito Santo a “alma da Igreja evangelizadora”, e se misteriosamente Ele age nos corações dos batizados fazendo-os missionários, não há como considerar que a evangelização seja uma tarefa reservada aos ministros ordenados. A ação do Espírito recebido no batismo é o fundamento da missionariedade do discípulo de Jesus Cristo. Segundo Francisco (EG 120), a nova evangelização – que deve continuamente reafirmar a primazia do Espírito na ação evangelizadora da Igreja – implica o protagonismo evangelizador de todos os batizados na medida em que a evangelização é iniciativa do Espírito Santo. Na abertura à ação do Espírito, todo batizado poderá encontrar-se com o amor de Deus e, desse modo, sentir-se-á impelido a anunciar aos outros tal realidade. Por isso, “não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’” (EG 120). Segundo Miranda (2015, p. 99),

[...] sendo a Igreja a comunidade dos fieis, cuja finalidade é prolongar a missão de Jesus ao longo da história, cada um de seus membros é, ipso facto, missionário, ‘sujeito ativo da evangelização’. Todo cristão deve testemunhar sua experiência pessoal proporcionada por sua fé, de modo simples e informal, a saber, por sua ‘vida transfigurada pela presença de Deus’. Daí poder-se afirmar: ‘eu sou uma missão, nesta terra, e, para isso, estou neste mundo’.

Em *EG*, assim como no *DAP*, não há separação entre o discipulado e a missão, pois não há ação do Espírito, na referida perspectiva trinitária, que faça, pelo batismo, discípulo e não missionário, sendo também o contrário impossível. Dessa forma, o “evangelizador com espírito”, para Francisco, é o “discípulo missionário”, na unção e comunhão do Espírito Santo.

2.3.5 Os carismas e a evangelização

O Concílio Vaticano II, em sua consideração sobre a Igreja, indicou a importância dos carismas como elementos decorrentes de sua natureza e constituintes de sua missão. O Espírito, princípio da comunhão e da santidade da Igreja, “enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com seus frutos” (LG 4). O mesmo Espírito, que guia o Povo de Deus, “distribui também graças especiais entre os fieis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja [...]” (LG 12). Com isso, o magistério conciliar reafirma, por um lado, o protagonismo de todo batizado no anúncio do Reino e da salvação – pois a iniciativa livre do Espírito concede a quem lhe aprouver dons carismáticos – e, por outro, a harmonia entre carismas e hierarquia com vistas à unidade, à renovação e à edificação da Igreja. Em ambos os casos, verifica-se a primazia do Espírito como dom e como princípio da comunhão e da santidade da Igreja. Em *EG*, Francisco dedica-se a uma breve análise da relação entre os carismas e a evangelização (EG 130-131), tendo como pressuposto o ensinamento conciliar acima apresentado em seu enfoque pneumatológico.

Para Francisco, os carismas não são um “patrimônio fechado, entregue a um grupo para que o guarde” (EG 130). O Espírito age como e quando quer¹⁴⁵, de modo que os carismas que distribui aos cristãos não são “propriedades”, mas graças ordenadas ao bem comum. São também dinâmicos os carismas, à luz da dinamicidade do Espírito, que os dispõe conforme as necessidades da Igreja em cada época. Tanto ao magistério – a quem cabe julgar a autenticidade dos carismas – como aos demais cristãos impõem-se a atitude de não extinguir o Espírito¹⁴⁶ mediante uma sincera abertura e fecunda docilidade à sua ação.

Da definição negativa Francisco passa à definição positiva de carismas: “[...] são presentes do Espírito integrados no corpo eclesial, atraídos para o centro que é Cristo, de onde são canalizados num impulso evangelizador” (EG 130). A integração dos carismas na Igreja tem por razão primeira, como vimos, o próprio Espírito, que distribui tais dons para renovar e

¹⁴⁵ Cf. Jo 3,8.

¹⁴⁶ Cf. 1Tes 5,19.

edificar a Igreja, conferindo-lhes unidade. Para Francisco, na esteira da doutrina conciliar, a eclesialidade de um carisma indica sua autenticidade, ou seja, é um carisma do Espírito aquele que está integrado harmoniosamente à vida do povo de Deus. Não é um carisma do Espírito aquele que se afirma a si mesmo em detrimento de outros carismas (EG 130), o que seria uma tentativa infundada de manipular ou mesmo absolutizar a ação do Espírito na Igreja. Vale destacar o caráter gratuito dos carismas: são “presentes”, graças que o Espírito concede à Igreja com uma finalidade específica, que, vinculada ao critério da integração no corpo eclesial, salienta a natureza trinitária dos carismas: “Quanto mais um carisma dirigir o seu olhar para o coração do Evangelho, tanto mais eclesial será o seu exercício. É na comunhão, mesmo que seja fatigosa, que um carisma se revela autêntica e misteriosamente fecundo” (EG 130). À medida que um carisma, suscitado pelo Espírito, está orientado e orienta para Cristo, sempre mais a Igreja será testemunha da comunhão cuja fonte é a Trindade e a finalidade é a maior glória do Pai que nos ama. A fecundidade de um carisma, segundo a *EG*, não se refere à sua funcionalidade e eficiência para a vida da Igreja. Em última análise, um carisma, como dom do Espírito, está ao serviço da “comunhão evangelizadora” (EG 130), comunhão dos carismas para o anúncio de Jesus Cristo, manifestação plena do amor do Pai: “E assim, mediante o Espírito Santo, que para utilidade comum reparte os carismas como quer, inspira no coração de cada um a vocação missionária” (AG 23). Francisco concebe a comunhão dos carismas como comunhão evangelizadora, tendo por pressuposto a ação do Espírito.

As diferenças entre as pessoas e as comunidades por vezes são incômodas, mas o Espírito Santo, que suscita essa diversidade, de tudo pode tirar algo de bom e transformá-lo em dinamismo evangelizador que atua por atração. A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade (EG 131).

Com a consciência de que os carismas são dons do Espírito à Igreja, Francisco evidencia a necessidade de uma sincera abertura e de uma dócil confiança à ação do Espírito por parte dos sujeitos eclesiais. Não faria sentido que o Espírito dispensasse dons carismáticos diversos para a divisão da Igreja. Em *EG*, a divisão é resultado de particularismos e exclusivismos com pretensão de diversidade; e a uniformidade é resultado de generalizações e atitudes homogêneas com pretensão de unidade. “Isso não ajuda a missão da Igreja” (EG 131). Atesta-nos essa realidade o Concílio Vaticano II:

O Espírito Santo – que opera a santificação do Povo de Deus por meio do ministério e dos sacramentos – concede também aos fiéis, para exercerem este apostolado, dons particulares (cfr. 1 Cor. 12, 7), ‘distribuindo-os por cada um conforme lhe apraz’ (1

Cor. 12, 11), a fim de que ‘cada um ponha ao serviço dos outros a graça que recebeu’ e todos atuem, ‘como bons administradores da multiforme graça de Deus’ (1 Ped. 4, 10), para a edificação, no amor, do corpo todo (cfr. Ef. 4, 1). A recepção destes carismas, mesmo dos mais simples, confere a cada um dos fiéis o direito e o dever de os atuar na Igreja e no mundo, para bem dos homens e edificação da Igreja, na liberdade do Espírito Santo, que ‘sopra onde quer’ (Jo. 3, 8) e, simultaneamente, em comunhão com os outros irmãos em Cristo, sobretudo com os próprios pastores; a estes compete julgar da sua autenticidade e exercício ordenado, não de modo a apagarem o Espírito, mas para que tudo apreciem e retenham o que é bom (cfr. 1 Tess. 5, 12.19.21) (AA 3).

De acordo com Boas (2015, p. 80), a concepção de carisma no Concílio Vaticano II foi ampliada a partir da pneumatologia paulina com vistas à sua inserção na eclesiologia conciliar de comunhão em favor dessa mesma comunhão, que em *EG* assume contornos de “comunhão evangelizadora” (EG 130). Também o *DAP* explicita a realidade dos carismas como dons do Espírito na perspectiva da missionariedade da Igreja, sem a qual, igualmente para o Vaticano II e para Francisco, não é uma possível uma adequada abordagem teológica e pastoral dos carismas:

a partir de Pentecostes, a Igreja experimenta de imediato fecundas irrupções do Espírito, vitalidade divina que se expressa em diversos dons e carismas (cf. 1 Cor 12,1-11) e variados ofícios que edificam a Igreja e servem à evangelização (cf. 1 Cor 12,28-29). Através destes dons, a Igreja propaga o ministério salvífico do Senhor até que Ele de novo se manifeste no final dos tempos (cf. 1 Cor 1,6-7) (*DAP* 150).

Em *EG*, portanto, os carismas são concebidos não como elementos identitários de determinados grupos eclesiais. Os carismas, antes disso, são dons do Espírito para a comunhão evangelizadora da Igreja, pois, ao distribuir tais dons, o Espírito o faz com vistas à unidade da missão, ou seja, ao bem comum da Igreja que existe para evangelizar. Segundo Congar (2010, p. 25), do ponto de vista teológico, a aceitação de uma possível oposição entre os carismas e as realidades institucionais seria uma forma de romper com a unidade da Igreja, pois “alguns pretenderiam manipular e ditar regras a tudo unicamente em nome do poder, sem espiritualidade; outros, anarquicamente, em nome do Espírito”. Nesse caso, “faltaria a necessária dimensão pneumatológica da eclesiologia” (CONGAR, 2010, p. 25), que concebe os carismas e a instituição como realidades ordenadas à mesma finalidade, a saber, a construção da obra de Cristo, sendo complementares. O Espírito Santo distribui os carismas como instrumentos para a evangelização e, por conseguinte, como sinais da unidade da Igreja, pois “é preciso reconhecer para cada tipo de dom e de operação seu lugar na edificação da Igreja” (CONGAR, 2010, p. 25).

2.3.6 A missão e a experiência de ser povo

Significativa para Francisco é a categoria “povo”, tanto em termos eclesiais – a “Igreja Povo de Deus” – como em termos culturais – os diversos povos da terra. Nesse sentido, a pneumatologia da *EG* supõe a proximidade com as pessoas como um de seus elementos constitutivos. “Para ser evangelizadores com espírito é preciso também desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isso se torna fonte de uma alegria superior” (EG 268). A alegria como experiência de sentir-se amado é sempre renovada quando o evangelizador partilha com o povo o amor recebido; porque se a missão é a paixão por Jesus, a paixão pelo povo decorre dela necessariamente quando reconhecemos o amor do Crucificado dirigido a todo o seu povo (EG 268). Cativado por esse olhar, o evangelizador compreende ser instrumento da presença de Jesus junto ao seu povo. Quanto mais a Igreja, “sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus” (LG 1). Conformada a Jesus Cristo pela ação do Espírito Santo, a Igreja é chamada a assumir a “opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo”, a saber, a própria vida de Jesus. “Como nos faz bem vê-Lo perto de todos!” (EG 269).

Ao participar desta missão, o discípulo caminha para a santidade. Vive-la na missão o conduz ao coração do mundo. Por isso, a santidade não é uma fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, muito menos um abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo e, muito menos, uma fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual (DAp 148).

Para Francisco, o Evangelho nos atesta que Jesus sempre esteve disponível ao encontro, partilhando as alegrias e os sofrimentos daqueles que dele se aproximavam ou dos quais ele mesmo se aproximava. Deixar-se conduzir pelo mesmo Espírito que guiou Jesus é atualizar sua missão como Igreja inserida na sociedade, que partilha a vida com todos, que escuta, que se alegra, que chora e que está comprometida com a construção de um mundo novo, sem imposições, mas “lado a lado com os outros” (EG 269).

Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura (EG 270).

Pela afirmação de que esta atitude é a atitude dos evangelizadores com espírito, ou seja, daqueles nos quais arde o fogo do Espírito Santo que impulsiona a evangelizar, compreendemos

mais claramente que a pneumatologia em *EG* implica a dissolução de todo e qualquer posicionamento pautado numa consciência isolada ou na auto-referencialidade. O “prazer espiritual de ser povo” tem seu fundamento no encontro com o amor de Deus que leva a Igreja ao encontro das pessoas, não importando as situações nas quais se encontram e mesmo as consequências desse encontro, a exemplo dos apóstolos e dos primeiros cristãos que deram a vida pelo anúncio do Evangelho. Por isso,

saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças [...] Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida (EG 49).

O espírito da nova evangelização diz da ação do Espírito Santo expressa na experiência de ser povo, povo de Deus. Existindo para evangelizar, a Igreja vive com o povo para partilhar com ele a Boa Nova do Reino e da salvação. Como protagonista da evangelização, o Espírito Santo concede aos evangelizadores experimentar a alegria missionária junto ao povo fiel de Deus; e o mesmo Espírito impele a Igreja a “acender o fogo no coração do mundo” (EG 271). Não é autêntica, então, uma experiência do Espírito – pessoal ou comunitária – que se traduza numa vida espiritual enclausurada no individualismo. A missão no seio do povo é condição indispensável para o crescimento na vida espiritual. “A tarefa da evangelização enriquece a mente e o coração, abre-nos horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis para reconhecer a ação do Espírito, faz-nos sair dos nossos esquemas espirituais limitados” (EG 272). Considerando que a missão, na Igreja, é obra do Espírito Santo, de algum modo, para Francisco, o evangelizador e a missão se identificam, pois esta encontra-se enraizada no mais íntimo do cristão, lá onde habita o Espírito em virtude do batismo. Na condição de filhos pelo Espírito derramado em seus corações¹⁴⁷, os cristãos experimentam o amor do Pai e do Filho; e o mesmo Espírito leva a bom termo a missão da Igreja a partir de cada cristão que é dócil à sua ação. O evangelizador com Espírito não pode renunciar à sua condição de missionário junto ao povo, pois se há algo que o Espírito nele realiza é justamente a saída de si para anunciar Jesus Cristo aos outros. Sendo assim,

a missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu *sou uma*

¹⁴⁷ Cf. Gl 4,6.

missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Nisto uma pessoa se revela enfermeira no espírito, professor no espírito, político no espírito [...] (EG 273).

O Espírito ungiu e enviou Jesus para isso: para anunciar a salvação. Jesus, o enviado do Pai, pelo Espírito Santo, tornou-se o primeiro e o maior dos evangelizadores, tal como nos afirma Paulo VI em *EN*¹⁴⁸. O mesmo faz o Espírito com os cristãos: torna-os missionários, porque a experiência de encontro com Jesus Cristo e de comunhão com a Trindade não se dá e não se compreende desvinculada do impulso para a missão de anunciar e testemunhar o amor de Deus a todo o povo. Para a *EG*, portanto, cada evangelizador vai ao encontro do povo porque seu ser e seu agir missionário não são realidades separadas, mas interdependentes na perspectiva do mistério do qual participa pelo batismo.

2.3.7 O discernimento no Espírito Santo

Francisco propõe em *EG* uma “análise de conjuntura”, intitulando-a “*Na crise do compromisso comunitário*” (EG 50), na qual trata de alguns desafios hodiernos. Contudo, não o faz com “um olhar puramente sociológico” (EG 50), como se esta fosse a abordagem condicionante para a autêntica transformação missionária da Igreja. Ao contrário, faz “um discernimento evangélico” (EG 50), como “olhar do discípulo missionário que ‘se nutre da luz e da força do Espírito Santo’” (EG 50). Tal discernimento, no Espírito, é a contemplação da realidade com os “óculos” do Evangelho. E é justamente o mesmo Espírito Santo que revela os sentidos do Evangelho: “Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito” (Jo 14,26).

Francisco ressalta a importância do discernimento evangélico em virtude da herança espiritual de Inácio de Loyola. Como jesuíta, Francisco foi formado na dinâmica dos *Exercícios Espirituais*, dos quais o discernimento espiritual é eixo fundamental. Este “nos possibilita crescer nos caminhos de Deus e conhecer, no cotidiano, o seu projeto de amor” (RECH, 1998, p. 132). Por conseguinte, é o Espírito que mobiliza a vida interior e orienta os afetos para o entendimento de tal projeto, expresso em plenitude em Cristo, a Boa-Nova do Pai. Se isso vale para o crescimento pessoal, vale também para a vida da Igreja, que, dócil ao Espírito, julga evangelicamente a realidade. Desse modo, ao considerar tal discernimento como condição para a fidelidade da Igreja ao Evangelho e sua atuação pastoral no mundo, Francisco afirma a ação

¹⁴⁸ Cf. EN 7.

do Espírito como necessária e essencial para a compreensão daquilo que o Evangelho diz à Igreja hoje. Portanto, há aqui um elemento pneumatológico indispensável à evangelização: só é possível o discernimento dos contextos nos quais a Igreja exerce sua missão evangelizadora se houver, por parte dos evangelizadores, uma atitude de abertura e docilidade ao Espírito, pois é Ele quem nos comunica a vida de Cristo. Para Miranda (2015, p. 92), a abertura à ação iluminadora do Espírito Santo transforma a mentalidade do cristão e lhe dá o olhar de Jesus.

Para manter vivo o ardor missionário, é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele ‘vem em socorro de nossa fraqueza’ (Rm 8,26). Mas essa confiança generosa tem de ser alimentada e, para isso, precisamos invoca-Lo constantemente. Ele pode curar-nos de tudo o que nos faz esmorecer no compromisso missionário. É verdade que essa confiança no invisível pode causar-nos alguma vertigem: é como mergulhar num mar onde não sabemos o que vamos encontrar [...] não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito [...] (EG 280).

Para Francisco, o discernimento no Espírito é muito mais do que uma iluminação pessoal para a consideração da realidade que nos cerca. O discernimento é transformador e nos impele para a missão, justamente porque nos colocamos numa atitude de confiança e entrega total aos seus desígnios. Ele bem sabe o que é necessário para cada época e para cada tempo (EG 280). “O Espírito Santo trabalha como quer, quando quer e onde quer [...] Sabemos apenas que o dom de nós mesmos é necessário” (EG 279).

2.4 REFLEXÃO CONCLUSIVA

Concluimos, pois, o presente capítulo reafirmando a centralidade da noção de *transformação missionária da Igreja* para Francisco em *EG*. Tanto os elementos pertinentes à noção de evangelização como aqueles relativos ao espírito da evangelização convergem para uma nova atitude eclesial no sentido de um retorno à origem da Igreja, que é Cristo e a ação do Espírito em Pentecostes. A *saída missionária* é o paradigma da Igreja nascente a partir do mandato de Cristo e da vinda do Espírito Santo. Nesse sentido, compreendemos as consequências pastorais de *EG* à luz desse processo de renovação expresso numa “opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação” (EG 27). Depreendemos disso que o *Espírito da missão* não age em projetos ou esquemas pastorais, mas nos *sujeitos da evangelização* que, por sua vez, conferem um novo sentido e uma nova orientação à ação da Igreja. Daí que a *conversão*

pastoral e missionária desejada por Francisco é obra do Espírito Santo, do Espírito da evangelização.

3 O ESPÍRITO DA EVANGELIZAÇÃO NA *EVANGELII NUNTIANDI* E NA *EVANGELII GAUDIUM*: UMA PNEUMATOLOGIA MISSIONÁRIA

Chegamos, pois, à exposição daquilo que consideramos ser a consecução do objetivo geral do presente trabalho: a análise dos elementos que constituem a pneumatologia em *EN* e em *EG* considerando suas ênfases e distinções. Como acenamos ao longo de todo o nosso trabalho, *EN* e *EG* são pronunciamentos magisteriais que tratam da ação evangelizadora da Igreja em nossos dias. Não são Exortações cujo tema central é a pneumatologia ou mesmo a Trindade. Entretanto, a leitura dos textos de Paulo VI e Francisco nos atestam que *o fundamento da evangelização é trinitário*. Sendo assim, propusemo-nos essa leitura trinitária de *EN* e *EG* a fim de verificar como se constitui a relação entre *a Trindade, a Igreja e a Evangelização*. Mais especificamente, focalizamos nossa atenção na *Pessoa do Espírito Santo em sua relação com a missão*, uma vez que tanto *EN* como *EG* dedicam especial atenção ao Espírito no conjunto de sua abordagem teológica e pastoral sobre a evangelização. Daí nosso interesse por uma *leitura pneumatológica das Exortações*.

Se num primeiro momento observamos a relevância que Paulo VI e Francisco atribuem à ação do Espírito na ação evangelizadora da Igreja, num momento posterior podemos nos perguntar: tal relevância é apresentada do mesmo modo em *EN* e *EG*? Em termos cronológicos, Paulo VI apenas reafirma a pneumatologia do Vaticano II e Francisco, por sua vez, apenas reitera o que disse o Papa Montini? Que semelhanças e possíveis diferenças teológicas há entre *EN* e *EG* quanto à relação pneumatologia-missão? Que implicações pastorais a pneumatologia em *EN* e *EG* sugerem e propõem? Tais perguntas nos conduzirão na reflexão que segue.

No intuito de argumentarmos sobre as questões acima levantadas, optamos por organizar nossa exposição em alguns pontos que não só exprimem a pneumatologia presente nas Exortações como também nos permitem esboçar suas características singulares e suas convergências: a) *o Espírito como dom e amor do Pai e do Filho*, que trata propriamente da teologia trinitária de Paulo VI e Francisco; b) *o Espírito como protagonista da ação evangelizadora da Igreja*, que apresenta a prioridade do Espírito Santo na evangelização; c) *o Espírito Santo e os evangelizadores*, que discorre sobre a ação do Espírito nos agentes da evangelização; e d) *a renovação eclesial a partir do Espírito Santo*, na esteira do Concílio Vaticano II e da reforma missionária da Igreja.

3.1 O ESPÍRITO SANTO, DOM E AMOR DO PAI E DO FILHO

Ao afirmar a Igreja como mistério, cujas raízes estão na Trindade¹⁴⁹, o Concílio Vaticano II lançou as bases do fundamento trinitário da evangelização, uma vez que o ser e o agir da Igreja vinculam-se essencialmente¹⁵⁰. A missão, nesse sentido, não é um acessório ou um acidente eclesial. Ao contrário, exprime a própria natureza da Igreja, o mistério de comunhão trinitário do qual participa e ao qual deve levar todos os homens e mulheres como participantes. Por essa razão, salienta-se a fecunda articulação entre a teologia fundamental e a eclesiologia enquanto referida à evangelização. Uma adequada compreensão eclesial decorre necessariamente de uma adequada compreensão da Trindade e da relação de comunhão entre as Três Pessoas. Trata-se de um contínuo processo hermenêutico da Revelação expressa no decorrer da história da salvação, processo este orientado pelo evento Cristo¹⁵¹. Ora, se a evangelização se encontra no âmago da eclesiologia, e esta, por sua vez, funda-se no mistério trinitário, temos que *o princípio da missão eclesial é a mesma Trindade*¹⁵².

Paulo VI em *EN* e Francisco em *EG* partem desse pressuposto fundamental para postular a prioridade do Espírito Santo na evangelização. Os textos de ambas as Exortações tornam claro que os Pontífices fundamentam suas noções de evangelização no mistério trinitário. Sendo a principal intenção de nossa pesquisa apresentar em que medida essas noções se constituem a partir de seus elementos pneumatológicos, explicitaremos, nesse momento, como *EN* e *EG* concebem a Pessoa do Espírito Santo na dinâmica trinitária, de modo que a relação do Espírito com o Pai e o Filho serve de base para a consideração da Terceira Pessoa da Trindade como protagonista da ação evangelizadora da Igreja.

3.1.1 O dom do Espírito, santidade e comunhão

Paulo VI, em *EN*, faz nove referências ao *Pai*, sempre em relação ao Filho e a partir dos Evangelhos: Jesus é o enviado do Pai¹⁵³ (*EN* 6); a voz do Pai no batismo de Jesus¹⁵⁴ (*EN* 75);

¹⁴⁹ Cf. LG 1-8.

¹⁵⁰ “A Igreja peregrina é por natureza missionária. Nasce, segundo o desígnio divino, da própria missão do Filho e do Espírito Santo” (*AG* 2). Explicitam a relação entre o ser (*Ecclesia ad intra*) e o agir (*Ecclesia ad extra*) da Igreja a Constituição *LG* (LG 2-3, 17), a Constituição *GS* (GS 42) e o Decreto *AG* (*AG* 2-4, 7).

¹⁵¹ Segundo Hackmann (2013, p. 93), a perspectiva da Eclesiologia de comunhão une dois aspectos que, via de regra, são entendidos separadamente: o teológico e o pastoral, a comunhão e a missão. A partir do modelo da unidade trinitária, a Igreja vive a comunhão interna (sua essência) e a promove externamente (a missão).

¹⁵² Cf. *AG* 2.

¹⁵³ Cf. Jo 6,29; 12,49; 20,21.

¹⁵⁴ Cf. Mt 3,17.

o amor do Pai manifestado em Cristo¹⁵⁵ (EN 26); a unidade dos fiéis como prova de que Jesus foi enviado pelo Pai¹⁵⁶ (EN 77); Jesus que envia a Igreja, sacramento de sua presença, e volta para o Pai¹⁵⁷ (EN 15). Não nos encontramos diante de um argumento teológico de *per si*, mas certamente diante de algumas indicações que enfatizam o caráter eminentemente cristológico de *EN*. Para Paulo VI, Cristo é o fundamento da ação evangelizadora da Igreja¹⁵⁸: nele o Pai nos é revelado e nele temos acesso ao Pai. Reforça-nos essa percepção o fato de que em *EN* encontramos cento e uma referências a *Jesus Cristo*, referências que constituem essencialmente a cristologia da Exortação e orientam sua eclesiologia e pneumatologia: o Espírito que desceu sobre Jesus e o conduziu¹⁵⁹ (EN 75); o Espírito que ungiu e enviou Jesus¹⁶⁰ (EN 6); Jesus, o primeiro evangelizador (EN 7); Jesus que anuncia o reino e a salvação¹⁶¹ (EN 10); Jesus e o sentido da libertação (EN 31); a Igreja que nasce da ação de Jesus¹⁶² (EN 15); a evangelização como mandato de Jesus¹⁶³ (EN 5); o anúncio explícito de Cristo (EN 22); o Espírito que faz compreender os ensinamentos de Jesus¹⁶⁴ (EN 75). A centralidade da Pessoa de Jesus Cristo em *EN* explicita o mistério trinitário como origem da evangelização da Igreja na medida em que apresenta o Filho em sua relação divina com o Pai e o Espírito Santo. Em outras palavras, Paulo VI não estabelece um *crismonismo*¹⁶⁵ no âmbito da evangelização, mas uma cristologia fundada no mistério da Trindade, pois a missão do Cristo evangelizador “é a missão para a qual Jesus declara ter sido enviado pelo Pai” (EN 6). O testemunho do amor do Pai, que envia Jesus, é o primeiro conteúdo da evangelização (EN 26), pois manifesta ao homem que o Criador não é uma potência anônima e longínqua: ele é Pai (EN 26). Assim também é o Espírito Santo que desce sobre Jesus em seu batismo¹⁶⁶ e o unge para evangelizar¹⁶⁷. Após a ascensão de Jesus, é o Espírito que recorda aos discípulos as palavras de Cristo e confere a elas sentido¹⁶⁸. Ou seja, à concentração cristológica de *EN* subjazem elementos trinitários fundamentais: as referências

¹⁵⁵ Cf. Jo 3,16.

¹⁵⁶ Cf. Jo 17,20-21.

¹⁵⁷ Cf. Mc 16,15.19.

¹⁵⁸ Cf. EN 7, 26-27.

¹⁵⁹ Cf. Mt 3,16; 4,1; Lc 4,14; Jo 20,22.

¹⁶⁰ Cf. Lc 4,18.

¹⁶¹ Cf. Mc 1,14; Jo 3,16.

¹⁶² Cf. Mt 28,19.

¹⁶³ Cf. Mc 16,15.

¹⁶⁴ Cf. Jo 14,26.

¹⁶⁵ Dentre os sentidos atribuídos ao termo, referimo-nos àquele da tendência teológica católica, segundo alguns teólogos ortodoxos (V. Losky e N. Nissiotis), que relaciona a Igreja unilateralmente a Jesus Cristo como seu fundador e princípio, desvalorizando a missão do Espírito Santo em sua animação. Trata-se de um posicionamento eclesiológico no qual a Igreja está ligada somente a Cristo, ao passo que ao Espírito não é reconhecida nenhuma função constitutiva (IAMMARRONE, 2003, p. 161).

¹⁶⁶ Cf. Mt 3,16.

¹⁶⁷ Cf. Lc 4,18.

¹⁶⁸ Cf. At 2.

ao Pai e ao Espírito Santo são princípios qualificantes da totalidade do texto de *EN*, evidenciando o Cristo Evangelizador como paradigma da evangelização. Reflexo disso são as trinta e duas referências ao *Espírito Santo* contidas em *EN*: o Espírito que unge a Jesus¹⁶⁹ (EN 6); o testemunho do amor do Pai revelado em Jesus no Espírito Santo (EN 26); o envio do Espírito da verdade¹⁷⁰ (EN 12); Jesus que envia o Espírito sobre os apóstolos¹⁷¹ (EN 75); a evangelização sob a inspiração do Espírito (EN 75); o Espírito que leva a aceitar a Palavra da salvação¹⁷² e pelo qual o Evangelho penetra nos corações (EN 75); os carismas do Espírito¹⁷³ (EN 74). Como dissemos, os elementos trinitários são pressupostos teológicos de *EN*, e é isso que nos permite argumentar sobre o Espírito da evangelização extrapolando o capítulo específico dedicado ao Espírito Santo¹⁷⁴ por Paulo VI. Nesse sentido, passamos a algumas considerações pertinentes à Pessoa do Espírito Santo em *EN* em sua relação com o Pai e o Filho.

Segundo Juncos e Liberti (2015, p. 52, trad. nossa), na perspectiva de *EN*, “conhecer o Pai, ser conhecido por ele, vê-lo e entregar-se a ele é uma alegria que o Filho anuncia como núcleo e centro de sua Boa Notícia”¹⁷⁵. Descobrir o Pai presente no anúncio do Filho é parte de um processo engendrado a partir do encontro pessoal com Jesus Cristo¹⁷⁶, um *encontro teo-antropológico*. A identidade do Pai é, pois, conhecida em Jesus.

‘Que identidade continua assumindo este Deus Criador, Pai e que nos ama?’ O Papa Paulo VI, em sua Exortação Apostólica, responde-nos que esta identidade se fez visível na doutrina, na vida, nas promessas do Filho de Deus feito homem [...] Aprofundando esta última premissa, Montini ‘descreve’ assim a vida de Cristo a partir da primazia da palavra e dos sinais (JUNCOS; LIBERTI, 2015, p. 52, trad. nossa).

A expressão máxima do amor do Pai se dá no Mistério Pascal do Filho. O Deus próximo e misericordioso em Cristo oferece ao ser humano uma resposta plena e definitiva de seu amor.

¹⁶⁹ Cf. Lc 4,18.

¹⁷⁰ Cf. Jo 14,15-17; 16,13.

¹⁷¹ Cf. Jo 20,22.

¹⁷² Cf. AG 4.

¹⁷³ Cf. Rm 12,4-8; 1Cor 12-14.

¹⁷⁴ Trata-se do capítulo VII: *O espírito da evangelização* (EN 74-80).

¹⁷⁵ Cf. EN 9.

¹⁷⁶ Em *EN*, Paulo VI não utiliza a expressão *encontro pessoal*. Em termos comunitários, compreende a religiosidade popular como “verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo” para as massas populares (EN 48). Noutro momento, menciona a Igreja de Cristo como “sinal visível do encontro com Deus” (EN 28). Expressão que denota a realidade indicada por *encontro pessoal com Jesus Cristo*, em *EN*, é *homens novos*: “No entanto não haverá humanidade nova, se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho” (EN 18). A referida expressão assume outros sentidos no texto da Exortação: “adesão do coração” (EN 23), “santidade” (EN 41, 47, 69, 76) e “experiência de fé”: “[...] haveria uma outra forma melhor de transmitir o Evangelho para além da que consiste em comunicar a outrem a sua própria experiência de fé?” (EN 46). Como veremos adiante, o encontro pessoal com Cristo, para Paulo VI, tem por critério de autenticidade a “vida no Espírito” (Rm 8,1-13), a transformação interior (cf. Ef 4,23-24), a santidade do cristão e, por conseguinte, do evangelizador. Reconhecendo-se amado pelo Pai em Cristo, na ação do Espírito Santo, o homem passa a viver segundo o Espírito, ou seja, segundo o Espírito de Cristo.

A morte e a ressurreição de Jesus são o horizonte definitivo da missão salvadora de Deus e a principal chave da mensagem evangelizadora (JUNCOS; LIBERTI, 2015, p. 54), tal como afirma *EN*:

A evangelização há de conter também sempre – ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo – uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus (EN 27).

Na Exortação de Paulo VI, *o amor do Pai revelado em Cristo é atualizado no Espírito Santo*. Para Juncos e Liberti (2015, p. 55), o encontro entre Deus e o homem, por meio do qual este último descobre o amor do Pai, dá origem a um processo que exige uma renovação constante ao longo da vida de cada pessoa que vivencia essa experiência. A transformação interior, pautada na novidade do Evangelho, é a condição perene para a santidade, para a vida no Espírito¹⁷⁷. Assim, *Paulo VI evidencia a ação do Espírito Santo como ação que vivifica e renova nos homens e mulheres a imagem do Pai manifestada no amor do Filho*. Não é por acaso que o Pontífice se refere ao Espírito como aquele que nos leva a aceitar a salvação e que faz penetrar o Evangelho nos corações (EN 75). É “no Espírito Santo” que damos testemunho “de Deus revelado por Jesus Cristo” (EN 26). Ademais, é o Espírito que permite discernir os sinais dos tempos, sinais de Deus, que a evangelização descobre e valoriza na história (EN 75).

É ele que faz com que os fiéis possam entender os ensinamentos de Jesus e o seu mistério. Ele é aquele que, hoje ainda, como nos inícios da Igreja, age em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por ele, e põe na sua boca as palavras que ele sozinho não poderia encontrar, ao mesmo tempo que predispõe a alma daqueles que escutam a fim de a tornar aberta e acolhedora para a Boa Nova e para o reino anunciado (EN 75).

Parece-nos possível uma aproximação entre os aspectos relativos à Pessoa do Espírito em *EN* e o artigo 8º do Símbolo Niceno-Constantinopolitano¹⁷⁸, que reza: “Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado. Ele que falou pelos profetas”. O Espírito Santo é o doador da vida divina, o Vivificante¹⁷⁹, o Dom do Pai e do Filho para a nossa santificação. Segundo Cantalamessa (2014, p. 173), a vida que é dada pelo Espírito não é outra senão a vida de Cristo, a vida pascal. A vida no Espírito é, portanto, participação na vida de Jesus. Paulo VI apresenta o Espírito Santo em

¹⁷⁷ Cf. Rm 8, 1-17.

¹⁷⁸ Este Símbolo tem origem nos dois primeiros Concílios Ecumênicos: o de Nicéia, em 325, e o de Constantinopla, em 381. O texto do artigo 8º, sobre o Espírito Santo, é atribuído ao Concílio de Constantinopla, contra as novas formas do arianismo, rejeitado no Concílio de Nicéia (KLOPPENBURG, 1998, p. 22).

¹⁷⁹ Cf. Jo 6,63.

EN a partir dessa perspectiva: *o Espírito é o Dom de Deus que nos conforma a Cristo; e sendo Cristo o enviado do Pai, participamos, no Espírito, da sua missão*; e o mesmo Espírito, *renovando-nos e santificando-nos*, faz-nos descobrir o amor salvífico do Pai assim como estabelece a comunhão do Pai e do Filho. Esse duplo movimento do Espírito como dom do Pai e do Filho, perceptível em *EN* – o da santificação e o da comunhão¹⁸⁰ – são expressos sinteticamente por *GS*: “Pelo dom do Espírito Santo, na fé, o ser humano tem acesso ao mistério do desígnio divino, contemplando-o e, de certa maneira, experimentando-o” (*GS* 15).

A articulação entre a pneumatologia e a cristologia presentes em *EN*, que enfatiza o Espírito como dom, pode ser sintetizada à luz da reflexão de Ladaria (2012, p. 329);

[...] em todo caso deve ficar claro que o dom do Espírito é, de uma parte, uma relação interna no crente e, por outra parte, que esse dom, procedente em último termo do Pai, não pode ser visto nunca separado de Jesus. Esses dois aspectos estão inseparavelmente unidos [...] Essa dimensão cristocêntrica nunca será suficientemente destacada. Precisamente porque o Espírito esteve e está em Jesus pode ele habitar nos homens. Jesus é o ungido de Deus, o Messias, aquele a quem o Espírito foi dado, por assim dizer, originariamente, para que por meio dele o recebam os homens.

No contexto de *EN*, preconiza-se *o Espírito como dom porque ele é o Espírito de Cristo*, aquele que o impeliu a anunciar o Evangelho e que igualmente nos impele, pois nos é dado por meio de Jesus. Dessa experiência – do dom do Espírito – decorre a missão da Igreja de anunciar e testemunhar Jesus Cristo à humanidade. Seguindo as palavras de Maçaneiro (2001, p. 72): “O Espírito que anima a evangelização é justamente o Espírito de Deus, Dom do Pai. Além de testemunhar a Cristo como o Filho Unigênito e confirmar em nós a graça da filiação divina, ele assiste a Igreja no discernimento da vontade do Pai, em meio aos sinais dos tempos [...]”.

Sendo assim, a concepção de Espírito que fundamenta o ser e o agir da Igreja evangelizadora em *EN* é a do *Espírito como dom do Pai e do Filho, dom que atua no crente e na Igreja inteira gerando santidade, como vida transformada pela ação do Espírito, e comunhão, pois a Igreja é, em Cristo, participação no mistério de comunhão trinitário*.

¹⁸⁰ Esse duplo movimento do Espírito se dá igualmente na Igreja. Congar apresenta o Espírito Santo como o princípio de comunhão da Igreja (2010, p. 29-40) e como seu princípio de santidade (2010, p. 75-90). Daí os nexos existentes, em termos pneumatológicos, entre Cristo, a Igreja e a evangelização em *EN*: o Espírito gera comunhão, unidade e santidade na Igreja (e nos cristãos) para a missão. “É um fato que o Espírito de Deus tem um lugar eminente em toda a vida da Igreja; mas, é na missão evangelizadora da mesma que ele mais age” (*EN* 75). Para o Papa Montini, não se pode conceber o protagonismo do Espírito Santo na evangelização desvinculado de seu protagonismo na comunhão e na santidade da Igreja, pois, do contrário, o principal conteúdo da evangelização – o testemunho do amor do Pai – estaria privado de sentido, e os evangelizadores não estariam revestidos do “Homem Novo” (Ef 4,24), Jesus Cristo, centro da evangelização.

3.1.2 O Espírito Santo, amor de Deus

Em *EG*, Francisco faz trinta e sete referências ao *Pai*, destacando seu mistério de amor e sua relação com o Filho e o Espírito: a misericórdia do Pai (EG 24), revelada e comunicada por Jesus (EG 164); o abraço batismal do Pai (EG 144); a adoção gratuita do Pai e o dom de sua graça¹⁸¹ (EG 162); o Pai e o Filho que enviam o Espírito (EG 117); o Pai que ama infinitamente cada um (EG 178); o Pai que ouve o clamor dos pobres¹⁸² (EG 187); a glória devida ao Pai (EG 267); a Igreja como casa aberta do Pai (EG 47); a Igreja povo de Deus, projeto de amor do Pai (EG 114). Percebemos, pois, a insistência de Francisco quanto aos atributos do amor e da misericórdia relativos ao Pai. Se, “em última instância, o que procuramos é a glória do Pai” (EG 267), assim como o fez Jesus, e se, por consequência, “evangelizamos para a maior glória do Pai que nos ama” (EG 267), nossa vida tem seu princípio e seu fim no Amor, no Pai. Na perspectiva de *EG*, o Pai é o Amor, cuja expressão plena é a misericórdia. O acento que Francisco confere ao Pai que é amor e misericórdia relaciona-se com o centro de toda a atividade evangelizadora da Igreja: o querigma, como ação do Espírito que nos faz crer em Jesus que nos revela e comunica a misericórdia do Pai (EG 164). A experiência do Pai é, então, a experiência de se descobrir infinitamente amado por Deus.

trata-se de uma experiência profunda e intensa que [...] convida o homem a compartilhar com os outros o amor divino. Desse modo, apresenta-se a ele um desafio de caráter permanente: anunciar, ensinar e testemunhar esse amor que o precedeu e elegeu. Em outras palavras, pede-se ao homem que mostre a todo homem que Deus o ama imensamente [...] (JUNCOS; LIBERTI, 2015, p. 52, trad. nossa).

A *Jesus Cristo* Francisco faz cento e noventa e duas referências, explicitando, dentre tantos aspectos: a alegria do encontro pessoal¹⁸³ com Jesus (EG 1) e com o seu amor que nos salva (EG 264); o Cristo, morto e ressuscitado, que manifesta o amor salvífico de Deus¹⁸⁴ (EG 7, 36); Jesus, o primeiro e o maior evangelizador¹⁸⁵ (EG 12); a evangelização como mandato

¹⁸¹ Cf. Ef 2,8-9; 1Cor 4,7.

¹⁸² Cf. Ex 3,7-8.10; Jz 3,15.

¹⁸³ Cf. DAp 11, 263, 289, 319, 343.

¹⁸⁴ Francisco salienta que esta verdade de fé exprime mais diretamente o coração do Evangelho. Ressalta, com isso, que a missão evangelizadora da Igreja deve manifestar “o coração da mensagem de Jesus Cristo” (EG 34), deve concentrar-se no essencial, “no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” (EG 35). Justifica tal posição a partir do ensinamento conciliar da hierarquia de verdades (UR 11), que afirma os diferentes nexos existentes entre as verdades da doutrina e o fundamento da fé cristã. O amor salvífico de Deus ocupa um lugar proeminente nessa hierarquia. Para o aprofundamento da questão: SCAMPINI, Jorge. *La "jerarquía de verdades" de Unitatis redintegratio a Evangelii gaudium*. Studium. Filosofía y Teología, San Miguel de Tucumán, v. 17, n. 33, p. 137-180, jan./jun. 2014.

¹⁸⁵ Referência à *EN* de Paulo VI (cf. EN 7).

de Jesus¹⁸⁶ (EG 19) e sinal do Reino trazido por Ele (EG 48); Jesus que exulta no Espírito e louva o Pai¹⁸⁷ (EG 21); a Igreja enviada por Jesus como sacramento da salvação¹⁸⁸ (EG 112) e sua reforma por fidelidade a Cristo¹⁸⁹ (EG 26); o anúncio explícito de Jesus como Senhor (EG 110); o amor de Jesus levado aos outros pelo discípulo (EG 127); deixar-se transformar em Cristo¹⁹⁰ (EG 162); o querigma (EG 164); Jesus que instaura o Reino de seu Pai¹⁹¹ (EG 180); Jesus que se identificou com os mais pequenos¹⁹² (EG 209); Jesus que procurou a glória do Pai¹⁹³ (EG 267). Novamente Francisco evidencia o atributo do amor; porém, agora, referindo-o a Jesus. O Filho manifesta o amor salvífico do Pai, porque para isso foi enviado¹⁹⁴. No encontro com o Filho, experimentamos o seu amor, que é, em sentido radical, o amor do Pai. Para *EG*, esse encontro com o amor de Deus – amor do Pai e do Filho – é a “fonte da ação evangelizadora” (EG 8), porque a acolhida deste amor recupera para o ser humano o sentido da vida, e não há como conter o desejo de comunicar essa experiência às outras pessoas (EG 8).

Contemplando a imagem do Pai presente no Filho, caímos na conta do profundo amor de um Deus feito homem que abraçou a proximidade como atitude evangelizadora de cada dia. Este é o rosto vivente, a identidade do amor divino que ilumina a vida do homem a partir de um encontro pessoal e transformador. Por isso, o Papa Bergoglio afirma: ‘Jesus Cristo te ama [...] e agora está vivo a teu lado a cada dia, para iluminar-te, para fortalecer-te, para libertar-te’ (EG 164) (JUNCOS; LIBERTI, 2015, p. 53, trad. nossa).

É no Mistério Pascal de Jesus que o amor do Pai é plenamente revelado. Francisco ressalta inúmeras vezes a ação do Ressuscitado¹⁹⁵ como o horizonte definitivo de sua missão salvadora, de modo que sua Morte e Ressurreição exprimem a totalidade do amor, tal como as palavras de São Paulo aos Gálatas: “Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20).

Ao *Espírito Santo* Francisco faz oitenta e quatro referências, dentre as quais: a vida no Espírito que jorra do coração do Cristo ressuscitado (EG 2); a força do Espírito que nos faz evangelizadores (EG 12); o Espírito que suscita instituições, comunidades e movimentos na

¹⁸⁶ Cf. Mt 28,19-20.

¹⁸⁷ Cf. Lc 10,21.

¹⁸⁸ Cf. LG 1.

¹⁸⁹ Cf. UR 6; LG 8.

¹⁹⁰ Referência à “vida no Espírito” (Rm 8,5), à santificação constante, pois “cada ser humano precisa sempre mais de Cristo” (EG 160).

¹⁹¹ Cf. Lc 4,43.

¹⁹² Cf. Mt 25,40.

¹⁹³ Cf. Jo 15,8.

¹⁹⁴ Cf. Jo 3,16.

¹⁹⁵ Cf. EG 2, 11, 19, 30, 36, 77, 95, 167, 275, 288.

Igreja (EG 29); o amor ao próximo e a graça interior do Espírito¹⁹⁶ (EG 37); o discernimento evangélico¹⁹⁷ (EG 50); o Espírito é a cura para o mundanismo espiritual (EG 97); o Espírito que nos faz filhos de Deus no amor¹⁹⁸ (EG 112); o Espírito que fecunda as culturas com a força do Evangelho (EG 116) e embeleza a Igreja num povo evangelizado (EG 116); o Espírito, vínculo de amor entre o Pai e o Filho, é o princípio da comunhão e da unidade (EG 117); o Espírito que guia o povo de Deus na verdade e o conduz à salvação, conferindo aos cristãos certa conaturalidade com as realidades divinas¹⁹⁹ (EG 119); o Espírito que enriquece, renova e edifica a Igreja com carismas²⁰⁰ (EG 130); o Espírito Santo que age nos evangelizadores²⁰¹ (EG 151); o Espírito que nos conforma a Cristo (EG 162); o querigma, fogo do Espírito (EG 164); a ação libertadora do Espírito²⁰² (EG 178); o Espírito que trabalha como, quando e onde quer²⁰³ (EG 279); a confiança e a docilidade ao Espírito Santo²⁰⁴ (EG 280).

De acordo com Juncos e Liberti (2015, p. 56), o Espírito Santo é a força que encoraja o discípulo missionário a comunicar a experiência do encontro pessoal e transformador que vivenciou com o Deus-Amor. Observamos uma vez mais que *EG* põe em de destaque o amor de Deus, reportando-o, nesse momento, à Pessoa do Espírito Santo.

É o Espírito Santo, enviado pelo Pai e o Filho, que transforma os nossos corações e nos torna capazes de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, onde tudo encontra a sua unidade. O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia, tal como é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho (EG 117).

A experiência do amor do Pai, em Cristo, só é possível pela ação do Espírito Santo.

Razão disso é que o Espírito é o próprio amor do Pai e do Filho. A centralidade do amor de Deus e do encontro pessoal com Cristo como condição para a experiência desse amor em *EG*

¹⁹⁶ “O elemento principal da Nova Lei é a graça do Espírito Santo, que se manifesta através da fé que opera pelo amor” (*Summa Theologica* I-II, q. 108, a. 1.). Citando São Tomás de Aquino, Francisco evidencia a misericórdia como a maior das virtudes no que tange ao agir externo (cf. *Summa Theologica* II-III, q. 30, a. 4) (EG 37).

¹⁹⁷ O discernimento evangélico, para *EG*, “é o olhar do discípulo missionário que ‘se nutre da luz e da força do Espírito Santo’” (EG 50).

¹⁹⁸ Cf. Rm 5,5; 8,14-16; Gl 4,6.

¹⁹⁹ No documento “O *sensus fidei* na vida da Igreja” (2014), da Comissão Teológica Internacional (CTI), temos a seguinte exposição acerca da relação entre o *sensus fidei* e o Espírito Santo: “São Paulo ensina que ‘o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado’ (Rm 5,5). Por consequência, o desenvolvimento do *sensus fidei* no espírito do fiel é particularmente devido à ação do Espírito Santo. Como Espírito de amor, que infunde o amor no coração humano, o Espírito Santo abre aos fiéis a possibilidade de um conhecimento mais profundo e mais íntimo de Cristo Verdade, com base em uma união de caridade: ‘Mostrar a verdade convém propriamente ao Espírito Santo, porque é o amor que revela os segredos’ (CTI, 2014, 57).

²⁰⁰ Cf. LG 12; AA 3.

²⁰¹ Referência à *EN* de Paulo VI (cf. EN 75).

²⁰² “Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permear toda a situação humana e todos os vínculos sociais” (EG 178).

²⁰³ Cf. Jo 3,8.

²⁰⁴ Cf. Rm 8,26.

tem seu ponto de apoio na Pessoa do Espírito Santo, porque é Ele que nos faz participantes da comunhão trinitária. Sendo esta uma comunhão de amor, temos que o Espírito Santo é o Amor, e é assim que Francisco concebe o Espírito em sua Exortação, procedendo de modo semelhante ao que faz com o Pai e o Filho. Deus “envia o seu Espírito aos nossos corações, para nos fazer seus filhos, para nos transformar e tornar capazes de responder com a nossa vida ao seu amor” (EG 112). São Paulo escreve sobre essa realidade aos Romanos: “[...] porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

A “interioridade entre o Espírito e o fiel é amor: provoca união por meio do Pai e do Filho. Ele está presente enquanto comunhão de pessoas [...] Ele é comunhão, o amor que “amorifica”. Por meio de sua presença o fiel pertence a Cristo (Rm 8,9)” (HACKMANN, 2013, p. 303). Para Cantalamessa (2014, p. 213), o Espírito Santo é Aquele de quem fala a Escritura: “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). Em Deus tudo é amor, mas o Espírito Santo, Pessoa Divina, também o é em sentido pessoal. Se o amor “procede de Deus” (1Jo 4,7) é justamente o Espírito que procede de Deus como amor. Se *EG* apresenta a experiência do amor de Deus como o evento fundante da ação evangelizadora da Igreja (EG 8) – experiência que deve ser comunicada a fim de que todos possam vivenciá-la, a evangelização – e se o amor de Deus é o próprio Espírito Santo, concluímos que há uma relação essencial, de consonância absoluta, entre a centralidade do amor de Deus e a afirmação do Espírito como “alma da Igreja evangelizadora” (EG 261). A Igreja e os cristãos encontram-se inseridos nessa comunhão de amor, no Espírito Santo, e, por isso, são impelidos a anunciá-lo.

Isso não significa a inexistência de outras considerações acerca da Terceira Pessoa da Trindade em *EG*. Uma que Francisco põe em relevo é a do Espírito como doador da vida nova em Cristo, a vida no Espírito (EG 275-280). Todavia, mesmo essa consideração corrobora a concepção do Espírito como Amor, dado que são complementares: “As obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito: ‘O elemento principal da Nova Lei é a graça do Espírito Santo, que se manifesta através da fé que opera pelo amor’”²⁰⁵ (EG 37). De acordo com Maçaneiro (2016, p. 647), “o Pai que eternamente comunica seu amor ao Filho no Espírito, decidiu abrir aos homens o diálogo da salvação, derramando sobre nós o mesmo amor comunitário que reinava na intimidade trinitária”, ou seja, derramando o Espírito Santo que é o amor trinitário.

Desse modo, a concepção de Espírito que *EG* enfatiza é a do *Espírito como amor, pois é a experiência do amor de Deus a fonte da ação evangelizadora da Igreja*. A motivação

²⁰⁵ Referência de *EG* à *Summa Theologica* (*Summa Theologica* -II, q. 108, a. 1).

fundamental da evangelização para Francisco é o Espírito Santo (EG 261), especialmente *o Espírito como amor do Pai e do Filho, que nos comunica o amor e a misericórdia de Deus, núcleo da mensagem evangelizadora.*

3.1.3 O Espírito nos faz vivenciar e comunicar o amor de Deus

Apresenta-se o Espírito Santo em *EN* e *EG* como dom e amor do Pai e do Filho. Como dom, o Espírito é enviado aos nossos corações para nos fazer filhos; é Ele que nos torna semelhantes a Cristo, santifica-nos; é Ele que nos concede ser testemunhas do Evangelho; é Ele que torna os cristãos evangelizadores; é Ele, enfim, o princípio da comunhão eclesial.

Tendo presentes as considerações de Montini e Bergoglio, descobre-se a Terceira Pessoa da Trindade como a força que alimenta o discípulo missionário a seguir comunicando a experiência do encontro pessoal e transformador que viveu com o Deus do Amor e da proximidade (JUNCOS; LIBERTI, 2015, p. 56, trad. nossa).

Ao enfatizar o Espírito Santo como dom do Pai e do Filho para a santidade do cristão e sua consequente experiência de comunhão com Deus, *EN* destaca os *elementos pneumatológicos antecedentes* do espírito da evangelização. Isso não em sentido cronológico, mas *kairológico*, na ordem da graça, pois é Deus que “se revela e se doa ao homem”²⁰⁶ por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo como dom para nos conformar a Cristo e para que possamos aderir ao seu programa de vida. O dom de Deus, o Espírito Santo, gera, então, a santidade e a comunhão, que antecedem a disposição para evangelizar nos termos da prioridade da graça. Em outras palavras, o Espírito nos evangeliza para que possamos evangelizar. Nesse sentido, o Espírito é o Espírito de Cristo, Homem perfeito, que vive na plena comunhão com o Pai. A ênfase de *EN* na Pessoa do Espírito com dom decorre da centralidade da cristologia para Paulo VI. Como veremos adiante, a evangelização depende da santidade do evangelizador, ou seja, de sua abertura e acolhida do dom de Deus e de seu esforço de conversão.

EG, por sua vez, enfatiza o Espírito Santo como o amor do Pai e do Filho. Pressupondo o Espírito como dom e sua ação santificante, na esteira de *EN*, *EG* aponta os *elementos pneumatológicos consequentes* do espírito da evangelização. A santidade e a comunhão, na ordem da graça, exprimem a experiência pessoal de sentir-se amado pelo Deus que é amor²⁰⁷, amor de Pai revelado em Cristo no Espírito Santo. Portanto, tal experiência de amor o é pela ação do Espírito Santo (EG 164). A relevância do Espírito como amor em *EG* se deve ao fato

²⁰⁶ Catecismo da Igreja Católica (CAT) 50.

²⁰⁷ Cf. 1Jo 4,8; DCE 1.

de que a fonte da ação evangelizadora é o encontro com o amor de Deus que, devolvendo-nos o sentido da vida, gera em nós um desejo incontido de comunicar esse amor aos outros (EG 8). Ora, se o Espírito Santo é a *alma* da Igreja evangelizadora e se Ele é a motivação excelente da evangelização (EG 261), Francisco concebe o Espírito como o *amor fontal*, amor do Pai e do Filho, de quem procede o mesmo Espírito.

LG assim exprime essa dupla dinâmica do Espírito:

[...] Cristo, filho de Deus, celebrado como o ‘único santo’ [...] uniu-se a ela [à Igreja] como a seu corpo e a santificou, com o *dom do Espírito*, para a glória de Deus. Todos pois, na Igreja [...] são chamados à *santidade* [...] A *santidade* da Igreja se manifesta de direito e de fato nos muitos e variados frutos da graça, que o *Espírito* faz brotar nos fieis, quando tendem para a *perfeição do amor* em suas vidas. A *santidade* da Igreja se manifesta de maneira especial na prática dos conselhos chamados *evangélicos*, assumidos particular ou publicamente por muitos fieis, sob a *moção do Espírito*, os quais dão ao mundo *testemunho* e *exemplo de santidade* (LG 39, grifos nossos).

Pois bem, a santidade como obra do Espírito decorre e nos leva à vivência do amor, que não se restringe unicamente à esfera da comunhão com Deus, mas se torna plena ao ser testemunhada às outras pessoas, tal como *EN* e *EG* compreendem a ação evangelizadora, como testemunho e comunicação alegre da experiência do Espírito que nos concede sentirmo-nos amados por Deus. Em última análise, é o Espírito-Amor, recebido como dom, que nos impele a evangelizar, “porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). O Espírito Santo é penhor e testemunha do amor com que Deus nos ama. No Espírito, amamos nossos irmãos com o mesmo amor com que o Pai ama o Filho. Amar os irmãos, nesse sentido, é comunicar-lhes o Amor, anunciar-lhes o Evangelho, o mesmo que experimentamos existencialmente por obra do Espírito Santo.

Ser santo significa pertencer fundamentalmente a Deus em Jesus Cristo e na sua Igreja, ser batizado e viver a fé no poder do Espírito Santo. A santidade é, de fato, uma participação na vida de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, e ela contém o amor de Deus e o amor ao próximo, obediência à vontade de Deus e o compromisso a favor de cada ser humano (CTI, 2014, 99).

Nesse sentido, podemos afirmar que as concepções relativas à Pessoa do Espírito Santo em *EN* e *EG* estão orientadas às intenções de Paulo VI e Francisco quanto ao espírito da evangelização e, mais amplamente, quanto à ação evangelizadora da Igreja. Enquanto o primeiro salienta o Espírito como dom – como princípio da santidade da Igreja, condição para que se possa evangelizar – o segundo evidencia o Espírito como amor – pois a experiência fundante da evangelização é o encontro com o amor do Pai em Cristo no Espírito. É salutar dizermos que *EN* também alude ao Espírito como amor e que *EG* igualmente menciona o

Espírito como dom²⁰⁸. Tratam-se, pois, de ênfases específicas que se encontram articuladas ao conjunto dos temas e elementos que estruturam cada uma das Exortações. Miranda (1998, p. 166) nos auxilia na compreensão da relação entre o Espírito como dom e o Espírito como amor do Pai e do Filho:

[...] a plenitude da verdade é o amor que é Deus (1 Jo 4,8) e que se revela em Jesus Cristo, sendo o Espírito no seio da Trindade este amor recíproco entre o Pai e o Filho [...] Assim só pode chegar à ‘verdade plena’ que é esta vida, que é este amor de Deus manifesto na História, aquele que, acolhendo o Espírito, passa a viver este amor teologal (de Deus) [...] a ação do Espírito, como Aquele que introduz na e interpreta a verdade que é Jesus Cristo, não se enquadra numa atividade meramente racional. Acolher o Espírito de Cristo (Rm 8,9) implica traduzir na vida o seu dinamismo de amor. Com outras palavras, o seguimento real de Cristo é condição, sem mais, para conhecê-IO. E como este configurar-se com Cristo é obra do Espírito que inspira e capacita nossa liberdade, tanto mais se torna perceptível a atuação do Espírito quanto mais vivermos a existência de Cristo, uma ‘existência no Espírito’ no sentido mais profundo da expressão.

Ênfases distintas em *EN* e *EG* permitem-nos considerar que *o Espírito da evangelização é prioritariamente o Espírito Amor-Dom*²⁰⁹, ou seja, o Espírito dado à Igreja que nos concede experimentar o amor de Deus em Cristo para assumirmos seu programa de vida e comunicarmos tal experiência aos homens e mulheres na missão. Nas palavras de João Paulo II:

Na sua vida íntima Deus ‘é Amor’, amor essencial, comum às três Pessoas divinas: amor pessoal é o Espírito Santo, como Espírito do Pai e do Filho. Por isso ele ‘perscruta as profundezas de Deus’, como Amor-Dom incriado. Pode dizer-se que, no Espírito Santo, a vida íntima de Deus uno e trino se torna totalmente dom, permuta de amor recíproco entre as Pessoas divinas; e ainda, que no Espírito Santo Deus ‘existe’ à maneira de Dom. O Espírito Santo é a expressão pessoal desse doar-se, desse ser-amor. É Pessoa-Amor. É Pessoa-Dom (DeV 10).

Implícita aos textos de *EN* e *EG*, portanto, temos uma significativa teologia trinitária, que reconhece o Espírito como Dom e Amor no seio da Trindade. Dessa forma, para Paulo VI

²⁰⁸ “O papa [Francisco] se coloca na grande via da Tradição, redescobindo o cerne da beleza maior, onde a primazia do amor divino e o dom, que é o Espírito Santo, vêm articulados e revelam o coração de seu pensar teológico” (SILVA, 2016, p. 861).

²⁰⁹ A “vida divina tem como princípio intrínseco e quase-formal, o Espírito, amor que une o Pai e o Filho, e que nos é comunicado, fazendo brotar no cristão uma vida de filhos de Deus, pois é no Espírito que chamamos a Deus de *Abba*. Assim o Espírito se nos manifesta não diretamente como pessoa, mas como amor qualificante, por assim dizer, da vida divina de que participamos, amor que une o Pai ao Filho e o Filho ao Pai, amor divino” (CATÃO, 2009, p. 101). Para o aprofundamento da questão: LADARIA, Luis Francisco. *O Deus vivo e verdadeiro. O mistério da Trindade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012 (Cf. *Segunda Parte, 10*, especialmente *O Espírito Santo como dom e O Espírito Santo como amor do Pai e do Filho*). CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009 (Cf. *Segunda Parte, Destino do tema do Espírito Santo, amor mútuo do Pai e do Filho*). MOLTMANN, Jurgen. *A fonte da vida. O Espírito Santo e a teologia da vida*. Trad. Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2002.

e Francisco, *tais caracterizações do Espírito são as que mais correspondem à natureza missionária da Igreja e aos laços recíprocos entre a Trindade, a Igreja e a evangelização.*

3.2 O ESPÍRITO SANTO, PROTAGONISTA DA EVANGELIZAÇÃO

É no capítulo VII de *EN*²¹⁰ e no capítulo V de *EG*²¹¹ que Paulo VI e Francisco, respectivamente, apresentam, de modo explícito, os elementos pneumatológicos que motivam e conferem sentido à ação evangelizadora da Igreja, esta levada a termo por seus evangelizadores²¹². Tanto Paulo VI como Francisco utilizam expressões semelhantes para designar o referido sentido, sendo que tais expressões denotam uma aparente intenção dos Pontífices em situar a ação do Espírito Santo e sua prioridade na evangelização a partir da pessoa humana, *imago Dei*, que vive na comunidade eclesial, Povo de Deus. Paulo VI afirma: “Não quereríamos concluir este colóquio com os nossos Irmãos e Filhos muito amados, sem um instante apelo, ainda, quanto às *disposições interiores* que hão de animar os obreiros da evangelização” (EN 74, grifo nosso). Francisco, por sua vez, menciona “uma *moção interior*” (EG 261, grifo nosso), “*motivações* para um renovado impulso missionário” (EG 262, grifo nosso). Essas disposições e motivações são propriamente o *espírito da evangelização*, o que “impela, motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária” (EG 261), “as condições que hão de tornar essa evangelização [...] ativa e frutuosa” (EN 74). Isso se dá no interior dos evangelizadores pela ação do Espírito Santo, pela graça. Este princípio teológico encontra eco nas palavras de Francisco: “O princípio da *primazia da graça* deve ser um farol que ilumine constantemente as nossas reflexões sobre a evangelização” (EG 112). *A graça é o Espírito Santo, que, atuando nos cristãos, torna-os participantes e continuadores da missão de Jesus.* Em outras palavras, a Igreja e os cristãos não evangelizam por si mesmos, ou em virtude de uma escolha pessoal ou comunitária, mas o fazem por graça, por iniciativa de Deus. A graça que lança à missão é o Espírito Santo, pois “nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo” (EN 75). O binômio *espírito-Espírito*, presente em *EN* e *EG*²¹³, aponta o espírito humano como o *lugar* da graça, no qual age o Espírito. Constituída como Povo de

²¹⁰ *O espírito da evangelização* (EN 74-80).

²¹¹ *Evangelizadores com espírito* (EG 259-288).

²¹² Paulo VI e Francisco dirigem-se aos “agentes da evangelização” (EN 74) e aos “evangelizadores com espírito” (EG 259-288).

²¹³ Em ambas as Exortações, a expressão *espírito*, enquanto referida à evangelização, diz das motivações interiores mais fundamentais da pessoa, motivações que dão sentido a seu agir evangelizador. A expressão *Espírito* refere-se ao Espírito Santo, Terceira Pessoa da Trindade, que é a motivação fundamental para a evangelização. No contexto de *EN* e *EG*, podemos afirmar, seguindo as palavras de Clodovis Boff (2015, p. 377), que tal binômio indica “a vida do Espírito Santo em nosso espírito. É a nossa vida vivida segundo o Espírito”.

Deus, a Igreja é projetada à missão pelo mesmo Espírito, que santifica e conforma os cristãos a Cristo em prol do anúncio do Reino e da salvação. Os contornos específicos relativos à ação do Espírito como o protagonista da evangelização em *EN* e *EG* nos permitem verificar como Paulo VI e Francisco concebem esse mesmo protagonismo. A análise do Espírito da evangelização se mostra fecunda na medida em que revela a relação existente entre as afirmações sobre a prioridade do Espírito na missão e o conjunto das dimensões e aspectos da evangelização expostos pelos Pontífices.

3.2.1 O Espírito é o agente principal da evangelização

Segundo Bifet (1977, p. 477), o espírito da evangelização condensa em si o significado da pneumatologia em *EN*. Para o mesmo autor, “a espiritualidade missionária está radicada na mesma essência da evangelização” (BIFET, 1977, p. 479, trad. nossa). O espírito que anima a ação evangelizadora – o Espírito Santo – é também seu protagonista. Especialmente vigente no pré-Concílio, a ideia de que o Espírito habita as almas e a elas concede seus setes dons indicava que o Espírito Santo não tinha parte na missão da Igreja, uma vez que a graça era sempre a de Cristo²¹⁴. *EN*, em sentido contrário, apresenta o Espírito como aquele “que impele para anunciar o Evangelho” (EN 75), o que é certamente relevante não apenas para o resgate da pneumatologia no pós-Concílio, como também, e principalmente, para a compreensão da missão da Igreja por ela mesma: não é à hierarquia que compete, em absoluto, a tarefa de evangelizar, mas a todo o Povo de Deus, pois a todos foi dado o Espírito²¹⁵ e todos formam “o povo unido pela unidade mesma do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (LG 4).

Para Paulo VI, o fato de que “nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo” (EN 75) deduz-se da própria vida e ministério de Jesus: o Espírito desce sobre Jesus em seu batismo²¹⁶; o Espírito conduz o Cristo ao deserto²¹⁷; o Espírito o faz retornar à Galiléia a fim de iniciar sua pregação²¹⁸; o Espírito é dado por Jesus aos apóstolos antes de serem enviados²¹⁹. Jesus se deixa guiar e orientar plenamente pelo Espírito Santo; em seus gestos e palavras manifesta sua total fidelidade à ação do Espírito. Nesse sentido, a pneumatologia em *EN* caracteriza-se como uma *crístologia pneumática*: o Espírito Santo é o

²¹⁴ Cf. CONGAR, Yves. Actualité de la Pneumatologie. In: *Credo in Spiritum Sanctum. Atti del Congresso Teologico Internazionale di Pneumatologia*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1982, p. 15-28.

²¹⁵ Cf. Rm 5,5.

²¹⁶ Cf. Mt 3,16.

²¹⁷ Cf. Mt 4,1.

²¹⁸ Cf. Lc 4,14.

²¹⁹ Cf. Jo 20,22.

Espírito de Cristo. O Espírito que ungiu, enviou e conduziu Jesus em sua missão é o mesmo que impulsiona os cristãos a evangelizar. Há um nexos essencial entre a impositão cristológica de *EN* e sua pneumatologia: Cristo é “o primeiro e o maior dos evangelizadores” (EN 7), enviado e conduzido pelo Espírito para o anúncio da salvação. *O protagonismo do Espírito na missão, para Paulo VI, tem sua razão teológica na ação do Espírito em Jesus*. Nas palavras de Bifet (1977, p. 483), a abordagem de *EN* privilegia a dimensão trinitária da missão, assim como o fizeram LG²²⁰ e AG²²¹.

Também na *EN* a dimensão pneumática da evangelização está enquadrada na dimensão trinitária, salvífica e cristológica. Os planos de salvação do Pai são levados a termo por meio de Jesus Cristo e da sua Igreja sob o influxo direto do Espírito Santo. A missão do Espírito é tornada visível na pessoa e obra de Jesus Filho de Deus, enviado do Pai, guiado pelo Espírito. Quando Jesus transmitiu aos Apóstolos a missão, comunicou também o Espírito Santo [...] (BIFET, 1977, p. 483, trad. nossa).

Pedro e Paulo tornaram-se evangelizadores somente após terem recebido o Espírito Santo (EN 75). O primeiro, no dia de Pentecostes; o segundo, após o episódio de sua conversão. Ambos ficaram cheios do Espírito Santo e, por isso, a mensagem evangelizadora, a Pessoa de Jesus Cristo era anunciada e sempre mais pessoas a acolhiam. Porém, o Espírito não só os impelia como também lhes inspirava as palavras que deviam proferir (EN 75). Interpretada à luz da cristologia pneumática de *EN*, tal constatação nos sugere uma leitura da pneumatologia da mesma Exortação que põe em paralelo o Espírito como agente principal da evangelização e sua ação santificante para a missão. A “alma desta mesma Igreja” (EN 75) é o Espírito Santo

[...] que faz com que os fiéis possam entender os ensinamentos de Jesus e o seu mistério. Ele é aquele que, hoje ainda, como nos inícios da Igreja, age em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por ele, e põe na sua boca as palavras que ele sozinho não poderia encontrar, ao mesmo tempo que predispõe a alma daqueles que escutam a fim de a tornar aberta e acolhedora para a Boa Nova e para o reino anunciado (EN 75).

À afirmação de que o Espírito Santo é o “agente principal da evangelização” (EN 75) acrescenta-se uma outra que reforça o elemento de sua ação santificante em estreita relação com a missão:

[...] é ele que nos mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação [...] de fato, somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo, com a unidade na variedade que a mesma evangelização intenta promover na comunidade cristã. Através dele, do Espírito Santo, o Evangelho penetra no coração do mundo, porque é ele que faz discernir os

²²⁰ Cf. LG 2-4.

²²¹ Cf. AG 2-4.

sinais dos tempos, os sinais de Deus, que a evangelização descobre e valoriza no interior da história (EN 75).

De acordo com Simone (2000, p. 116), a contribuição do Papa Montini à reflexão pneumatológica do pós-Concílio se dá na perspectiva de uma experiência dita *cenacular*²²². “A repetida leitura dos documentos montinianos, da juventude até o pós-Concílio, conduz propriamente a esta chave de leitura que se dá a partir do Cenáculo como cifra de compreensão” (SIMONE, 2000, p. 116, trad. nossa). Parece-nos que, para Paulo VI, a experiência do Cenáculo é o evento que mais propriamente nos dá a conhecer o Espírito Santo como principal agente da evangelização, pois, pelo dom do Espírito, os discípulos reunidos em Jerusalém reconheceram o seu Senhor, Jesus Cristo (SIMONE, 2000, p. 116). O Cenáculo foi o momento da descoberta da Verdade, que é Cristo, Verdade sempre nova, que convida à sua busca e contínuo aprofundamento. No âmbito da pneumatologia presente em *EN*, a noção de *experiência cenacular* articula, integra e harmoniza a ação evangelizadora e a ação santificante do Espírito. Não se concebe o grande impulso para a evangelização, inaugurado pelo discurso de Pedro à multidão, sem uma referência direta à experiência do Espírito ao interior do Cenáculo, assim como também é impossível compreender a experiência do Cenáculo desconsiderando seu efeito imediato que foi o anúncio intrépido do Evangelho.

Tudo quanto aconteceu no Cenáculo e as suas consequências são vinculantes para todo cristão: o modo de ser cristão hoje, como pessoa e como Igreja, não pode prescindir do *kairos* do Cenáculo com as suas moções (e emoções) [...] Se no primeiro e originário Pentecostes o homem descobriu a Cristo, neste novo Pentecostes o fiel leigo descobre a consciência da própria vocação, rechaçando o torpor que há muito tempo o oprimia, aprendendo uma moral positiva ainda que humilde, movendo-se do individualismo à comunhão (SIMONE, 2000, p. 116, trad. nossa).

Em *EN*, o Espírito Santo é o protagonista da evangelização porque, assim como em Pentecostes, é Ele que impulsiona a Igreja e os evangelizadores a anunciar Jesus Cristo, a fim de que todas as pessoas possam conhecê-lo e sejam vivificadas no Espírito. Concomitantemente, o evangelizador faz a experiência do Cenáculo, experiência de Cristo no Espírito Santo. Segundo Maçaneiro (2001, p. 72), depreendemos de *EN* que é no poder do Espírito que somos revigorados para anunciar o que ouvimos no e do Evangelho, Jesus Cristo, e viver o que anunciamos, unindo palavra e vida num testemunho eficaz para a salvação da humanidade em Cristo, à glória e louvor de Deus Pai. Assim, *a pneumatologia em EN é eminentemente cristológica*: o Espírito de Cristo dá a conhecer o próprio Jesus – e também o

²²² Alusão à experiência dos apóstolos no Cenáculo de Jerusalém em Pentecostes (cf. At 2,1).

homem, o mundo, a moral – e lança a Igreja na missão. Não há experiência de Cristo, no Espírito, da qual não decorra o anúncio do Evangelho, ao mesmo tempo em que não há evangelização sem a experiência de Cristo, por meio da qual o evangelizador, pela ação do Espírito, torna-se parecido com Jesus, aquele que deve anunciar.

A Igreja tem necessidade de seu perene Pentecostes; tem necessidade de fogo no coração, de palavra nos lábios, de profecia no olhar. A Igreja tem necessidade de ser templo do Espírito Santo [...] tem necessidade de sentir-se novamente na muda vacuidade de nós homens modernos, todos encantados pela vida exterior, sedutora, fascinante [...] de sentir-se, digamos, de sair do profundo de sua íntima personalidade quase um choro, uma poesia, uma oração, um hino, a voz orante que é o Espírito [...] ²²³.

O espírito da evangelização, para EN, é o Espírito de Cristo, o mesmo que Jesus prometeu enviar sobre os discípulos para que pudessem compreender suas palavras e serem suas testemunhas²²⁴. O Espírito é o principal evangelizador porque dá a conhecer Jesus Cristo e porque impele os cristãos, dispostos interiormente por sua ação santificante, a anunciar o Evangelho propondo a experiência com Jesus.

3.2.2 O Espírito é como que a alma da Igreja evangelizadora

Em *EG*, no que tange ao protagonismo do Espírito Santo na evangelização, Francisco, no início do quinto capítulo, apresenta o Pentecostes como o evento paradigmático dos “evangelizadores com espírito” (EG 259). Trata-se da única referência bíblica da qual o Pontífice se vale para introduzir sua reflexão acerca do “espírito da nova evangelização” (EG 260). Há dois aspectos que Francisco salienta ao mencionar o Pentecostes. O primeiro diz do Espírito que transforma os apóstolos em anunciadores das maravilhas de Deus, fazendo-os sair de si mesmos para tal. O segundo diz do Espírito que os faz anunciadores ousados (EG 259). Podemos dizer que estas são as realidades ou os elementos que fundamentam teologicamente a primazia do Espírito na evangelização para Francisco, e isso tanto no capítulo supramencionado como na totalidade do texto de *EG*, de forma implícita e explícita. Questão relevante que subjaz ao pensamento de Francisco é o fato de que é o Espírito Santo que confere a autenticidade, a eficácia e a fecundidade da ação evangelização da Igreja: quanto ao Espírito, “invoquemo-Lo hoje [...] sem o qual toda a ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim das contas, carece de alma” (EG 259). Noutro lugar: “uma evangelização com espírito é muito diferente de um

²²³ PAULO VI. *Audiência Geral. O Espírito Santo animador e santificador da Igreja*, 29 de novembro de 1972.

²²⁴ Cf. At 1,8.

conjunto de tarefas vividas como uma obrigação pesada, que quase não se tolera ou se suporta como algo que contradiz as nossas próprias inclinações e desejos” (EG 261). Sob o prisma do Pentecostes, observamos que só após a vinda do Espírito Santo os Apóstolos compreenderam e experimentaram o amor do Cristo morto e ressuscitado, o Filho de Deus. A insistência de *EG* na evangelização com espírito insere-se nessa perspectiva: os cristãos, e propriamente os evangelizadores, conhecem a Jesus e empreendem a ação evangelizadora da Igreja em seus mais diversos aspectos; contudo, esta não será autêntica e efetiva se lhe faltar a ação e a moção do Espírito, tal como em Pentecostes. Francisco parece reconhecer que o maior perigo ao qual a evangelização está exposta é o de prescindir da ação do Espírito Santo, sem a qual tudo o mais fica desprovido de sentido, ainda que muitas obras sejam realizadas²²⁵. Daí a preocupação de *EG* em apresentar o Espírito Santo como o Espírito da missão. E é este Espírito da missão que suscita as “motivações para um renovado impulso missionário” (EG 262).

Mas sei que nenhuma motivação será suficiente, se não arde nos corações o fogo do Espírito. Em suma, uma evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo, já que Ele é a alma da Igreja evangelizadora. Antes de propor algumas motivações e sugestões espirituais, invoco uma vez mais o Espírito Santo; peço-Lhe que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída para fora de si mesma a fim de evangelizar todos os povos (EG 261).

Assim como ocorreu com os Apóstolos no Pentecostes, à Igreja e aos cristãos é necessária a abertura à novidade do Espírito para que Ele nos confira a audácia da missão. “Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo” (EG 259). Para Pérez (2014, p. 331, trad. nossa),

em uma verdadeira acolhida e recepção do Espírito está a chave de toda a evangelização, reforma ou revolução. Os evangelizadores hão de ter o Espírito. Sem ele, sem o Espírito Santo e sem o espírito interior que anima a vida de cada crente, alma verdadeira das instituições e das estruturas, no fundo tudo permaneceria igual e toda proposta seria letra morta.

É por isso que o Espírito Santo é o princípio da ação evangelizadora da Igreja, sua alma. A evangelização não deve estar submetida a outros critérios e a outras motivações que não as do Espírito, amor do Pai e do Filho. *O primeiro efeito do Espírito naqueles que se abrem à sua*

²²⁵ O mundanismo espiritual “também se pode traduzir em várias formas de se apresentar a si mesmo envolvido numa densa vida social cheia de viagens, reuniões, jantares, recepções. Ou então desdobra-se num funcionalismo empresarial, carregado de estatísticas, planificações e avaliações, onde o principal beneficiário não é o povo de Deus mas a Igreja como organização” (EG 95). “Este mundanismo asfíxiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus” (EG 97).

*ação é o impulso para a missão*²²⁶. Poderíamos afirmar que, no contexto de *EG*, a vida no Espírito é um elemento pressuposto e indissociável da missão impulsionada pelo Espírito: é na missão que o evangelizador progride na vivência da santidade e é esta vida no Espírito que torna sempre mais eficaz a ação missionária. O ardor, a alegria, a generosidade, a ousadia, o amor – todas estas realidades pertinentes à vida no Espírito – estão relacionadas essencialmente com a evangelização (*EG* 261), de tal modo que “Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus” (*EG* 259), com *parresia*²²⁷, “em voz alta e em todo o tempo e lugar” (*EG* 259).

Se é o Espírito a *alma* da Igreja evangelizadora, sem Ele não há missão. A analogia de *alma* presente em *EG* diz prioritariamente daquilo que se deve dar na missão eclesial de cada batizado, de cada evangelizador: a ação do Espírito a qual todos são chamados a abrir-se. Segundo Piè-Ninot (2009, p. 52), a alma em nós, que é o próprio Espírito, é o que define a Igreja quando dizemos *Credo Ecclesiam*: cremos que a Igreja é obra do Espírito e cremos que a Igreja é o espaço vital pneumático no qual professamos nossa fé e vivemos em comunhão, e no qual também, diríamos nós, levamos a termo a missão, que não é outra senão a missão da Igreja enviada por Cristo a fazer discípulos todos povos. Se a Igreja existe para evangelizar, e sua *alma*, aquilo que a constitui como princípio vital a partir de Cristo-Cabeça, é o Espírito Santo, o mesmo Espírito é, por conseguinte, a *alma* da evangelização, seu princípio. Evangelizar com alma, ou com espírito, é realizar o dinamismo próprio e mais fundamental da Igreja, a saber, o mistério da Igreja missionária, que se manifesta na relação entre o Espírito Santo e os batizados, o Povo de Deus evangelizador, que atualiza nas mais diversas culturas o mistério de Cristo, a Boa Nova do Pai. Temos aí a centralidade do Pentecostes e do Espírito da missão para Francisco: o anúncio e o testemunho de Jesus só são possíveis quando o conhecemos, sendo que, para isso, faz-se necessário permitirmos que o Espírito Santo nos abra os olhos e os ouvidos. A Igreja evangelizadora, movida pelo Espírito Santo, evangeliza integralmente, ou seja, em todas as suas dimensões, pelo caminho da santidade, que é amor *para fora*²²⁸. Nesse sentido, evangelizar com o Espírito Santo é encarnar o amor de Deus manifestado no Cristo morto e ressuscitado para além de nós mesmos, exatamente o que verificamos no que seguiu ao Pentecostes.

²²⁶ “[...] se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo” (*EG* 120).

²²⁷ Atitude dos apóstolos após o Pentecostes (cf. At 5,41-42). Trata-se do anúncio com *alegria* e *destemor*: uma *alegria corajosa* ou uma *coragem alegre*.

²²⁸ A integralidade da missão rechaça toda e qualquer forma de auto-referencialidade (*EG* 8).

Em uma de suas homilias nas Missas diárias em Santa Marta, afirmou Francisco acerca do trecho dos Atos dos Apóstolos que trata do encontro entre o Apóstolo Felipe e o etíope: “É Ele que faz as coisas. É o Espírito que faz nascer e crescer a Igreja”²²⁹, de modo que a Igreja nos propõe a docilidade a Ele, que é justamente a atitude do cristão. “[...] esta docilidade faz de modo que o Espírito possa agir e ir avante para construir a Igreja”. Noutra ocasião, reiterou o Pontífice:

Qual é o comportamento que o Senhor nos pede para que o Reino de Deus cresça e seja pão para todos e habitação, também, para todos? A docilidade. O Reino de Deus cresce com a docilidade à força do Espírito Santo [...] O homem e a mulher dóceis ao Espírito Santo crescem e são dom para todos”²³⁰.

O Espírito da missão, para Francisco, é *o Espírito que põe a Igreja numa constante atitude de abertura e disponibilidade para ir e anunciar o Evangelho*²³¹. Assim como a alma dá a vida e confere vitalidade ao corpo, assim também o Espírito não só dá vida à Igreja como a anima e impulsiona para anunciar Jesus Cristo e o chamado universal à comunhão com Deus.

3.2.3 O Espírito de Cristo, Espírito da Missão

Fica evidente que, tanto para Paulo VI em *EN* como para Francisco em *EG*, o Espírito Santo é o princípio da ação evangelizadora da Igreja, é a alma da mesma Igreja, o principal agente da evangelização. Contudo, há alguns contornos específicos que qualificam os modos pelos quais um Pontífice e outro concebem a relação entre o Espírito e a evangelização. Salientamos que tais distinções são acentos que as Exortações conferem a essa relação, o que de modo algum resulta numa contradição ou contraposição teológica. Ambas acenam para os mesmos aspectos da proeminência do Espírito na missão, destacando alguns, entretanto, que servem de base para a pneumatologia que desejam estabelecer dados os contextos, as experiências e as necessidades eclesiais nas quais estão inseridos.

Paulo VI fundamenta o Espírito da evangelização numa *pneumatologia cristológica*. O Espírito da missão é o Espírito de Cristo, é o Espírito que dá a conhecer a Cristo e, por conseguinte, conforma o evangelizador a Cristo. Não é por acaso que insiste em evidenciar, ao longo de *EN*, a relação entre Jesus e o Espírito, como vimos anteriormente, realidade que exprime o que ocorre no interior dos cristãos que são templos do Espírito Santo: o Espírito de

²²⁹ FRANCISCO. *Homilia na Quinta-feira da 3ª Semana da Páscoa*, 14 de abril de 2016.

²³⁰ FRANCISCO. *Homilia na Terça-feira da 30ª Semana do Tempo Comum*, 25 de outubro de 2016.

²³¹ Trata-se da *transformação missionária da Igreja*, da *Igreja em saída*.

Cristo – o Espírito que o guiou em sua vida terrena – é o Espírito que habita os corações e santifica os homens e mulheres. Sendo Cristo o primeiro e maior evangelizador, os cristãos são evangelizadores em Cristo por meio do Espírito. Nesse contexto, auxilia-nos a reflexão de Bordoni (1995, p. 11, trad. nossa):

[...] o aceno à importância da perspectiva pneumática da cristologia solicita-se hoje seja a partir do diálogo com as confissões cristãs, seja a partir do diálogo inter-religioso, seja da situação espiritual hodierna da humanidade que abrem à reflexão cristológica novos horizontes de integração. Enquanto que, na verdade, em um passado recente, a cristologia teve de suportar o confronto com o ateísmo e a secularização como principais motivos de desafio para a fé cristã, hoje se pode dizer que a provocação principal provém, paradoxalmente, propriamente daquela nova condição espiritual-religiosa de vida do homem que, nos limiares do terceiro milênio, define-se como situação pneumática, caracterizada por uma atitude de sede e de busca de experiência do divino. A ‘questão cristológica’ se pode definir, assim, como ‘questão pneumática’.

O apelo contemporâneo à dimensão da espiritualidade – que parece se constituir na contramão do ateísmo e da secularização absoluta – propõe novos caminhos à cristologia, uma vez que a realidade atual parece reclamar uma forma atualizada de compreensão e experiência do evento Cristo. E é justamente aí que se insere a pneumatologia em sua relação com a cristologia. Paulo VI encontra-se nesse contexto. É por isso que no início de *EN* reforça o objetivo de sua Exortação: “o empenho em anunciar o Evangelho aos homens do nosso tempo, animados pela esperança mas ao mesmo tempo torturados muitas vezes pelo medo e pela angústia, é sem dúvida alguma um serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda a humanidade” (EN 1). Para ele, os nossos tempos são de “incerteza e desorientação” (EN 1) e o que parece lhe importar é o modo pelo qual os homens e mulheres de hoje podem conhecer a Cristo de modo autêntico e experiencial, a fim de que essa experiência seja para eles o horizonte de sentido para a vida. Importa, portanto, tratar do Espírito como aquele que conforma o ser humano a Cristo, ou seja, da vida no Espírito²³². Isso encontra eco nas palavras de Paulo VI em *EN: o Espírito Santo*, “é ele, efetivamente, que impele para anunciar o Evangelho [...] Mas pode-se dizer igualmente que ele é o termo da evangelização [...] ele suscita a nova criação, a humanidade nova [...]” (EN 75).

Seguindo a reflexão de Congar (1991, p. 66), o Espírito está completamente relacionado a Cristo. O Espírito faz conhecer, reconhecer e viver Cristo. Não se trata apenas de um princípio doutrinal, mas de uma realidade existencial que provém do dom do Espírito e que compromete

²³² Daí que a primazia do Espírito na evangelização, para Paulo VI, aproxima-se da perspectiva paulina, a saber: “o Espírito como princípio interior de vida nova, como constitutivo da salvação [...] o Espírito não serve somente para anunciar a salvação mas é salvação; não somente enriquece a Igreja de variados dons, mas a faz existir” (CANTALAMESSA, 1998, p. 101).

toda a vida. Em *EN*, o Espírito é o principal agente da evangelização porque impele a evangelizar, mas o é principalmente porque “no mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação” (EN 75), agindo em todos antes mesmo da palavra e do testemunho da Igreja e do evangelizador e, no momento posterior, fecundando essa mesma palavra. As disposições interiores apresentadas por Paulo VI no sétimo capítulo de *EN* corroboram sua ênfase no Espírito da evangelização como o Espírito da santidade, da qual decorre o testemunho: na missão de evangelizar, todos são chamados a ser “testemunha autênticas” (EN 76), “artífices da unidade” (EN 77), “servidores da verdade” (EN 78), “animados pelo amor” (EN 79) e fervorosos como os santos (EN 80). *Todas estas qualificações apontam para a vida no Espírito como condição para a ação evangelizadora da Igreja.*

Francisco, por sua vez, enfatiza o Espírito da evangelização como *força e potência*, como *impulso para a missão*. A Igreja “em saída” (EG 20) o é na força do Espírito, pois é o mesmo Espírito que, à luz do Pentecostes, faz “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20). É o Espírito Santo que realiza a conversão pastoral e missionária, necessária e urgente, colocando a Igreja em “estado permanente de missão” (EG 25). É o Espírito que, impulsionando a Igreja à missão, dissipa concepções e práticas pastorais auto-referenciais. É o Espírito que nos torna discípulos missionários, pois a vida em Cristo não se encontra à parte da atividade missionária. Francisco não utiliza a expressão *agente principal da evangelização*, tal como Paulo VI, mas é certo que em *EG* essa expressão, ainda que implícita, adquire um sentido original, pois, de fato, o Espírito é o que age, o agente que lança a Igreja na missão. A expressão que articula o sentido global de *EG* é a *saída* missionária da Igreja. Para o hoje eclesial, Francisco entende ser esta a atitude fundamental. Ora, se o mesmo Pontífice afirma que o espírito da nova evangelização é o espírito que realiza a *saída* para a missão – o Espírito Santo – a pneumatologia em *EG* enquanto critério teológico para a leitura do documento explicita o Espírito da missão, tal como Lucas apresenta em seu Evangelho e nos Atos dos Apóstolos. De acordo com Lina Boff (1996, p. 21), a concepção de espírito (*pneuma*) no Evangelho de Lucas designa a força de Deus, necessária para a realização de ações específicas²³³. O Espírito Santo é, então, um dom que dá força para uma missão particular, especialmente para o anúncio profético da Palavra de Deus. Jesus é ungido pelo Espírito para o cumprimento de sua função messiânica. O autor dos Atos, o mesmo Lucas, “historia a unção de Jesus com o Espírito na obra que ele inaugurou e na continuidade

²³³ Pelo exposto na sessão anterior, e a partir das constatações que agora fizemos, consideramos que a pneumatologia em *EG* se aproxima da perspectiva lucana. Para o aprofundamento da questão: BOFF, Lina. *Espírito e Missão na obra de Lucas-Atos. Para uma teologia do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1996.

desta mesma obra, através dos homens e das mulheres chamados e enviados em missão” (BOFF, 1996, p. 29). É nessa perspectiva que Francisco concebe o Espírito da evangelização: força de Deus para a missão da Igreja. É fato que em vários números de sua Exortação salienta a vida no Espírito como elemento que antecede a evangelização na ordem da graça, mas seu destaque é certamente para o Espírito que faz a Igreja cumprir sua vocação radicada em sua própria natureza: a missão.

Se é verdade que o Espírito impele a Igreja para as mesmas coisas para as quais impele Jesus, então a Igreja deve repetir agora, na primeira pessoa, aquelas solenes palavras pronunciadas na sinagoga de Nazaré: O Espírito do Senhor está sobre mim...; ele me consagrou com a unção e me enviou para anunciar aos pobres uma alegre mensagem! (CANTALAMESSA, 2011, p. 38).

Nesse sentido, concluímos que Paulo VI e Francisco concebem o Espírito Santo como protagonista da missão da Igreja a partir de acentos diversos. Papa Montini tem diante de si o *horizonte cristológico*, pois *o Espírito da evangelização é o Espírito de Cristo que santifica para a missão*, condição *sine qua non* para a ação evangelizadora da Igreja. Papa Bergoglio, por sua vez, concebe *o Espírito da evangelização como força que impulsiona a Igreja a evangelizar, saindo de si mesma para anunciar o Evangelho*. As motivações das quais o Espírito é princípio nos evangelizadores – o encontro pessoal com Cristo (EG 264), a missão como paixão pelo povo (EG 268) e a ação do Ressuscitado e do seu Espírito (EG 275) – atestam-nos que para *EG* o Espírito Santo é prioritariamente o Espírito que age em prol da missão. Já a centralidade de Cristo e a perene necessidade de santidade preconizadas por *EN* no âmbito da evangelização indicam-nos que o Espírito Santo é o protagonista da missão porque age em todos para conformar a Cristo, o Evangelho de Deus.

3.3 O ESPÍRITO SANTO E OS EVANGELIZADORES

A pessoa do evangelizador é um dos temas relativos à evangelização abordador por *EN* e *EG*. Razão disso é o fato de que a missão eclesial é colocada em ato pelos batizados e batizadas que anunciam Jesus Cristo e seu Evangelho à humanidade. Em sua realidade mistérica, a Igreja é constituída como Povo de Deus, que se encarna nos diversos povos da terra, o que nos remete à participação efetiva de todos quantos são conscientes de sua pertença a este Povo na missão evangelizadora da Igreja. Desse modo, *EN* e *EG* consideram todos os batizados sujeitos ativos da evangelização, excluindo um possível reducionismo que considerasse apenas os ministros ordenados os únicos responsáveis e encarregados pelo anúncio do Evangelho. Feita essa

consideração preliminar, e de fundamental importância, dirigimos nosso olhar para a articulação teológica que Paulo VI e Francisco realizam entre o Espírito da evangelização e os agentes da missão. Nos termos de uma problemática: se o Espírito é a *alma* da Igreja evangelizadora e se a missão acontece em virtude da ação dos evangelizadores, como *EN* e *EG* compreendem a ação do Espírito nestes últimos em vista da missão? Temos aqui uma questão de natureza *ântropo-pneumatológica*, cujo escopo não contempla uma análise exaustiva da ação do Espírito na vida de cada pessoa, mas sim uma análise pontual acerca do espírito dos evangelizadores, que é, segundo Paulo VI e Francisco, o próprio Espírito Santo e sua ação.

3.3.1 O evangelizador é quem testemunha

Ao afirmar “a Igreja toda missionária” (EN 59), Paulo VI depreende dessa afirmação que os homens que proclamam no mundo o Evangelho o fazem por ordem, em nome e com a graça de Cristo (EN 59). Para isso, entretanto, devem ser enviados: “E como hão de pregar, se não forem enviados?” (Rm 10,15). Desde aqui observamos um elemento implícito significativo: Cristo, pela ação do Espírito, envia-nos a evangelizar. O mesmo Cristo proferiu publicamente sua unção e envio pelo Espírito Santo²³⁴ e antes de sua ascensão prometeu o Espírito aos Apóstolos a fim de que fossem suas testemunhas até os confins da terra²³⁵. A evangelização não é uma iniciativa humana, mas um ato eclesial constituído pela graça de Cristo que nos envia pela ação do Espírito, assim como Ele foi enviado pelo Pai por obra do mesmo Espírito. Assim, “evangelizar não é para quem quer que seja um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial” (EN 60), que não se reduz às relações institucionais, pois está vinculado à atividade evangelizadora de toda a Igreja na ordem da graça. Sendo assim, a Igreja é o sujeito da evangelização e nela todos os demais sujeitos participam da missão de Jesus enviados e impulsionados pela força do Espírito Santo. Nessa perspectiva, podemos dizer que os laços recíprocos entre Cristo, a Igreja e a evangelização tem sua fonte e eficácia na graça do Espírito de Jesus, aquele que igualmente é co-instituente da Igreja e principal agente da evangelização. Segundo Paulo VI, os evangelizadores se inserem na perspectiva da Igreja que existe para evangelizar por mandato e graça de Cristo. À luz do que *EN* afirma sobre o Espírito Santo e a missão, dizemos que *todos os sujeitos da missão o são pelo Espírito Santo*, pois é Ele quem envia e torna os evangelizadores testemunhas de Jesus por uma vida conforme à vida do Filho de Deus.

²³⁴ Cf. Lc 4,18.

²³⁵ Cf. At 1,8.

A partir dessa exposição, passamos ao que *EN* apresenta como a principal ação do Espírito nos evangelizadores, ainda que não com essa nomenclatura: *uma vida segundo o Espírito*. Esta vida no Espírito exprime o conjunto das “disposições interiores que hão de animar os agentes da evangelização” (EN 74).

Em nome do próprio Senhor Jesus Cristo, em nome dos apóstolos Pedro e Paulo, nós exortamos todos aqueles que, graças aos carismas do Espírito Santo e ao mandato da Igreja, são verdadeiros evangelizadores, a demonstrarem-se dignos da própria vocação, a exercitarem-na sem reticências nascidas de dúvidas ou do medo e a não descurarem as condições que hão de tornar essa evangelização, não apenas possível, mas também ativa e frutuosa. Passamos a apontar, entre muitas outras, as condições que reputamos fundamentais e que queremos pôr em realce (EN 74).

Paulo VI concentra sua atenção nas condições relativas à evangelização, condições estas pertinentes à pessoa do evangelizador. Para o Papa Montini, o Espírito da evangelização é o Espírito que evangeliza, em primeiro lugar, aqueles que se dispõem a anunciar o Evangelho de Jesus. Por isso o destaque à ação do Espírito no interior dos evangelizadores, ao passo que a efetividade de toda a atividade evangelizadora da Igreja depende dessas disposições interiores. É o Espírito que, “hoje ainda, como nos inícios da Igreja, age em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por ele, e põe na sua boca as palavras que ele sozinho não poderia encontrar [...]” (EN 75). O evangelizador é chamado a uma vida de santidade, realidade concomitante à missão para Paulo VI e que ocupa grande parte de seu pensamento expresso em *EN*. A “humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo” (EN 75) parece ser a razão pela qual Paulo VI insiste na vida nova que o Espírito traz ao evangelizador, a vida no Espírito. Essa humanidade nova é a humanidade transformada por Cristo, que vive como Ele. E é justamente isso que faz o Espírito: conforma os homens e mulheres a Cristo²³⁶.

De acordo com Miranda (1998, p. 171),

a totalidade da vida de Cristo representa [...] a expressão perfeita da experiência da atuação do Espírito. Daí podermos e devermos afirmar que toda experiência autêntica desta atuação é constitutivamente cristológica. Pois sua vida, enquanto realidade perceptível e histórica, resultante da fidelidade a esta atuação do Espírito, nos torna acessível a verdadeira concretização histórica desta ação transcendente. Neste sentido Jesus Cristo, vida e palavras, será sempre mediação de nossa experiência do Espírito. Nesta não podemos prescindir da figura histórica de Jesus Cristo. Pois toda a ação do Espírito é de nos levar a confessar Jesus como Senhor (1 Cor 12,3) e de nos configurar a Ele (Gl 4,6; Rm 8,15) [...] Se o Espírito é o hermeneuta da pessoa de Jesus Cristo, Este por sua vez é a expressão histórica definitiva da atuação deste mesmo Espírito e marco último de sua verdade.

²³⁶ “Lei do amor derramado sobre o mundo e a história, a unção do Espírito Santo cristifica o homem, transformando-o num instrumento unido a Deus, que se deixa reger de sua divina mão para realizar e operar o maior serviço divino” (BINGEMER, 1990, p. 115).

Assim, devem ser os evangelizadores, em primeiro lugar, a encarnar a humanidade nova em suas vidas, pois só assim darão pleno e autêntico testemunho de Cristo aos outros. Em *EN*, a vida no Espírito precede a missão, não em sentido cronológico, mas teológico: não há autêntica evangelização se o evangelizador não experimentar em si aquilo que busca a evangelização: a conversão e a adesão a Jesus Cristo. “Mais do que nunca, portanto, o testemunho da vida tornou-se uma condição essencial para a eficácia profunda da pregação. Sob este ângulo, somos, até certo ponto, responsáveis pelo avanço do Evangelho que nós proclamamos” (EN 76). Exortando a todos os evangelizadores, afirma Paulo VI:

[...] É preciso que o nosso zelo evangelizador brote de uma verdadeira santidade de vida, alimentada pela oração e sobretudo pelo amor à eucaristia, e que, conforme o Concílio nos sugere, a pregação, por sua vez, leve o pregador a crescer em santidade [...] o mundo reclama evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar como se eles vissem o invisível [...] Sem esta marca de santidade, dificilmente a nossa palavra fará a sua caminhada até atingir o coração do homem dos nossos tempos; ela corre o risco de permanecer vã e infecunda (EN 76).

Segundo Briancesco (1977, p. 121), *EN* trata da pessoa do evangelizador deixando-nos compreender que o influxo do Espírito Santo atua no seu espírito, ou seja, naquilo que confere sentido à totalidade de suas atividades. Os aspectos salientados por Paulo VI – busca da unidade (EN 77), serviço da verdade (EN 78) e animação pelo amor (EN 79), que culminam no perene fervor (EN 80) – parecem constituir, na visão do Pontífice, “a imagem do cristão como homem evangelicamente livre, dinâmico, autêntico, espontâneo, alegre” (BRIANCESCO, 1977, p. 121, trad. nossa). *EN* recorda que a evangelização está unida a uma antropologia irrenunciável (EN 33). Perguntamo-nos: não seria a vida no espírito, a vida de santidade, o homem livre pelo Evangelho de Cristo expressões dessa antropologia, com traços de uma antropologia pneumática, como aludimos no início dessa seção? É muito provável que possamos estabelecer essa relação, pois

à luz de tal hipótese poderia se deduzir que o ensinamento pedagógico do atual Papa implica *in actu exercito* uma antropologia, ou seja, uma doutrina sobre o homem à luz da fé cristã. Ao desenvolver as exigências dessa pedagogia, desvenda-se igualmente uma determinada imagem cristã do homem (BRIANCESCO, 1977, p. 121, trad. nossa).

O Espírito da evangelização, em *EN*, possibilita a Paulo VI apresentar alguns aspectos da antropologia cristã que servem de base para a teologia da evangelização. Tais aspectos são eminentemente, como vimos, pneumatológicos, pois dizem da ação do Espírito Santo na vida do evangelizador. Nesse sentido, *EN* contribui decisivamente para uma análise da *dimensão antropológica da evangelização*, tendo por seu fundamento a *dimensão pneumatológica da*

missão. O evangelizador, portanto, é a pessoa conduzida pelo Espírito, que em virtude de sua entrega e fidelidade à ação do Espírito em seu interior torna-se testemunha de Jesus Cristo aos outros porque encontra-se continuamente num processo de conformidade com Jesus. O fim da atividade evangelizadora da Igreja encontra-se já no início dela, por graça do Espírito. Nas palavras de Paulo VI, “pode-se dizer igualmente que ele [o Espírito Santo] é o termo da evangelização: de fato, somente ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo [...]”. Evangelizadores que vivenciam a vida nova do Espírito discernem os sinais dos tempos, que são sinais de Deus, de tal modo que a evangelização os descobre e valoriza no interior da história (EN 75).

O Concílio Vaticano II, ao tratar do testemunho cristão, tema caro a Paulo VI em *EN*, evidencia três aspectos: o exemplo de vida, o anúncio da palavra e a força do Espírito Santo (AG 11). Neste ensinamento conciliar visualizamos a articulação entre a vida no Espírito e a evangelização, sintetizadas na realidade do testemunho. *EN* tem a intenção de explicitar essa articulação, ressaltando a centralidade do testemunho na evangelização, testemunho que só é possível a partir de uma vida segundo o Espírito Santo. De acordo com Bifet (1977, p. 487), o testemunho cristão é a apresentação de uma experiência do Deus Amor, experiência que se denomina *vida teologal*, que não é uma espécie de posse embrionária da fé, da esperança e da caridade, mas uma santidade que manifesta, por si só, a profundidade e a riqueza dessa experiência do Deus Amor, do mistério de Cristo Salvador. Em *EN*, *a santidade manifestada como testemunho ao mundo é a ação do Espírito da evangelização nos evangelizadores*.

3.3.2 O evangelizador é o discípulo missionário

Assim como Paulo VI em *EN*, Francisco, em *EG*, aborda a pessoa do evangelizador a partir do que denomina “motivações para um renovado impulso missionário” (EG 262). O título do quinto capítulo da *EG* nos acena para essas motivações porque indica quais evangelizadores correspondem à nova etapa evangelizadora da Igreja: “Evangelizadores com espírito” (EG 259). Em outras palavras, Francisco trata das motivações que o Espírito Santo suscita nos evangelizadores, de modo que tais motivações serão as referências para a leitura do texto de *EG* no que tange aos sujeitos eclesiais que atualizam a ação evangelizadora. Há muitas referências aos evangelizadores ao longo do texto de *EG*²³⁷, mas todas podem ser consideradas à luz das motivações mencionadas, centrais para a pneumatologia em *EG*.

²³⁷ Cf. EG 10, 24, 78, 112, 121, 150, 151, 167, 259, 262, 268, 287.

“Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus” (EG 259). A evangelização não é um momento específico da vida do evangelizador ou uma forma de discurso religioso eloquente e persuasivo. A evangelização é o testemunho vital de quem fez a experiência do amor de Deus manifestado em Cristo no Espírito Santo²³⁸. Daí o acento que Francisco confere às motivações da nova evangelização, pois do contrário bastariam os conhecimentos relativos às verdades da fé somados a boas técnicas de oratória.

A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impede a amá-Lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de a apresentar, de a tornar conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para Lhe pedir que volte a cativar-nos (EG 264).

O evangelizador é aquele que renova continuamente sua experiência com o Deus Amor revelado em Jesus, aquele que alimenta cotidianamente seu encontro pessoal com Cristo por meio da oração e da contemplação. É no encontro com a Boa Nova do Pai, Jesus Cristo, Evangelho de Deus, que encontramos as respostas para nossas necessidades mais profundas e somos motivados pelo Espírito a comunicar o amor de Deus aos outros, amor que dá sentido à vida.

Para *EG*, este evangelizador é o *discípulo missionário*. “Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar” (EG 119). Pelo batismo recebido, cada membro do povo de Deus torna-se discípulo missionário. Todos os batizados, portanto, sendo discípulos missionários, são evangelizadores, sujeitos ativos da evangelização (EG 120). O discípulo missionário é o evangelizador da nova evangelização, de modo que isso significa dizer que todos os batizados devem assumir seu protagonismo na ação evangelizadora da Igreja.

Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe deem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’²³⁹ (EG 120).

²³⁸ Cf. EG 164.

²³⁹ “Sem ‘e’ significa que não são dois aspectos separados, enquanto sem ‘hífen’ significa que não são dois elementos simplesmente iguais. São, sim, as duas caras da mesma moeda: um verdadeiro discípulo é missionário e o verdadeiro missionário é discípulo. Nesse sentido, se aprofundou a compreensão do discipulado, que implica, necessariamente, a missionariedade, indicando que ambos os elementos fazem parte do mesmo processo de seguimento de Jesus, fruto da conversão” (HACKMANN, 2007, p. 323).

O encontro com Jesus é obra do Espírito Santo²⁴⁰. Pelo Espírito estabelecemos uma relação pessoal com o Senhor que nos ama. Ora, se esta é a fonte do protagonismo evangelizador dos batizados, temos que *o discípulo missionário é plasmado pelo Espírito*, pois o Deus que nos amou por primeiro²⁴¹ nos convida a anunciar e testemunhar aos outros a maravilha de sentir-se amado com amor de Pai, no Filho, pelo Espírito. Assim, “é sempre importante saber que a primeira palavra, a iniciativa verdadeira, a atividade verdadeira vem de Deus e só inserindo-nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, nos podemos tornar também – com Ele e n’Ele – evangelizadores” (EG 112). O próprio Deus é, em sentido próprio, o protagonista da evangelização pela ação do Espírito Santo, pois a primazia da graça não é outra senão a primazia do Espírito. Dito de outro modo, *o discípulo missionário é todo batizado que realiza seu encontro pessoal com Cristo por obra do Espírito Santo e desde aí se sente impelido a evangelizar*. Não se trata meramente de uma decisão pessoal, mas da ação do Espírito que nos faz participantes da missão de Jesus, tal como em Pentecostes.

Esta realidade se faz presente em nossa vida por obra do Espírito Santo que também, através dos sacramentos, nos ilumina e vivifica. Em virtude do Batismo e da Confirmação somos chamados a ser discípulos missionários de Jesus Cristo e entramos na comunhão trinitária na Igreja²⁴² (DAP 153).

Ao paradigma da Igreja *em saída* refere-se a ação evangelizadora dos discípulos missionários, porque a Igreja *em saída* é a comunidade dos discípulos missionários que “primeireiam”, envolvem-se, acompanha, frutificam e celebram (EG 24). A *saída* missionária da Igreja, marcada por tais atitudes fundamentais, é o impulso do Espírito para a missão. Ademais, o discípulo missionário reconhece os contextos da evangelização, não por “um olhar puramente sociológico”, mas com “o olhar do discípulo missionário que ‘se nutre da luz e da força do Espírito Santo’” (EG 50). Ser discípulo missionário, portanto, “significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho” (EG 127).

Na perspectiva de *EG*, a relação entre o Espírito Santo e os evangelizadores adquire seu sentido fundamental no âmbito das motivações do impulso missionário a que aludimos no início da presente sessão. Elas não apenas recapitulam o que o texto da Exortação indica como as marcas características do discípulo missionário sob a primazia da graça como também põem

²⁴⁰ Cf. XIII ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Proposta 36*; DAP 240-242.

²⁴¹ Cf. 1Jo 4,19.

²⁴² O capítulo V de *EG* nos recorda a espiritualidade que acompanha os discípulos missionários em Aparecida (FERNÁNDEZ, 2013, p. 128).

em destaque a ação do Espírito nos evangelizadores em prol da transformação missionária da Igreja.

Em primeiro lugar, os evangelizadores com espírito são os evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo (EG 259). Abrir-se à ação do Espírito é sentir em si “o fogo do Espírito” (EG 261) que impele a evangelizar, o mesmo fogo que Francisco atribui ao querigma: “é o fogo do Espírito” (EG 164). Os evangelizadores, os discípulos missionários, “rezam e trabalham” (EG 262). Propostas parciais mutilam o Evangelho porque não transformam o coração do evangelizador. Tratam-se de falas espiritualidades, porque rejeitam a ação do Espírito que “constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus” (EG 2117).

Cada vez foi tomando mais força a preocupação por não separar o discipulado da missão. A inquietude por uni-los estreitamente terminou provocando um uso generalizado da expressão ‘discípulos missionários’. A vontade de integração que triunfou em Aparecida expressa-se ao longo de todo o documento propondo uma espiritualidade que não se reduza aos espaços privados de oração senão que impregne toda a existência pessoal e comunitária (FERNÁNDEZ, 2013, p. 121).

A segunda motivação é “o encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva” (EG 64). O discípulo missionário é aquele que constantemente renova seu encontro pessoal²⁴³ com Cristo, porque o ardor da evangelização está diretamente vinculado à experiência de ter conhecido Jesus e de tê-lo como amigo (EG 266). Tal experiência é igualmente eclesial na medida em que “o mistério da Igreja missionária está vinculado à relação existente entre o Espírito Santo e os batizados, como ‘personalização’ ou ‘apropriação subjetiva’ do mistério de Cristo” (AZCUY, 2014, p. 421).

O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária. Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar segura do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém (EG 266).

A terceira motivação é “o prazer espiritual de ser povo”. Os discípulos missionários são povo de Deus. Sua pertença evangelizadora é a este povo, que é a Igreja. O mesmo Espírito que

²⁴³ “Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. Isso não depende de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu reino, protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseje se reconhecer com a luz e a força do Espírito” (DAp 11).

age por iniciativa de Deus em seu povo para constituir evangelizadores faz com que estes assumam sua missão no e como povo.

A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. *Eu sou uma missão* nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Nisto uma pessoa se revela enfermeira no espírito, professor no espírito, político no espírito..., ou seja, pessoas que decidiram, no mais íntimo de si mesmas, estar com os outros e ser para os outros (EG 273).

O individualismo, a crise de identidade e o declínio do fervor dos evangelizadores (EG 78) são males cujos antídotos são justamente as motivações que o Espírito suscita nos corações daqueles que se abrem à sua ação, que podem ser assim sintetizadas do ponto de vista do discípulo missionário: aquele que se sente amado por Deus e que, por isso, é impelido pelo Espírito a anunciar e testemunhar aos outros esse amor, vivenciando-o também no seio do povo de Deus. A marca do discípulo missionário, então, é a alegria, a alegria missionária (EG 21).

3.3.3 O evangelizador se deixa conduzir pelo Espírito

Francisco parece pressupor a santidade do evangelizador preconizada por Paulo VI em *EN* para apresentar a pessoa do evangelizador como discípulo missionário. Novamente aqui nos deparamos com uma alternância entre os elementos pneumatológicos antecedentes e consequentes da evangelização, mas agora referidos aos agentes da evangelização. *EN* enfatiza o evangelizador que dá um testemunho credível do amor do Pai revelado em Jesus no Espírito Santo. Sua credibilidade reside na sua santidade, na ação do Espírito que o cristifica, que o faz viver o que prega, o que é uma das formas mais eficazes de evangelização na perspectiva de *EN*. Já Francisco, pressupondo a abertura do evangelizador à ação do Espírito, concentra sua atenção nas motivações que levam o discípulo missionário a ser o agente da *saída* missionária da Igreja, pois o Espírito age nas pessoas e não em programas ou esquemas pastorais. Nesse sentido, *EG* procura delinear o evangelizador a partir de sua experiência de encontro pessoal com o amor de Jesus que o levará a evangelizar, saindo de si mesmo. Ao falarmos de elementos antecedentes e consequentes reportamo-nos ao título da presente sessão, pois o evangelizador de *EN* e de *EG* é aquele que se deixa conduzir pelo Espírito, princípio da santidade pessoal e do impulso para a missão.

As palavras de Azcuy (2014, p. 421) exprimem essa articulação entre a santidade e o impulso missionário do evangelizador na perspectiva de Francisco, que supõe a mesma santidade como motivação do Espírito para a missão.

Entre os matizes próprios de Francisco, destaca-se que uma nova evangelização, realmente efetiva, começa pela reforma da mesma Igreja. Esta reforma deve se refletir na busca de santidade de todos os batizados, incluindo o ardor místico e a santidade de seus pastores [...] Esta santidade integra amor a Deus e amor ao povo, em uma nova e sugestiva expressão da unidade do amor a Deus e ao próximo.

3.4 UMA RENOVAÇÃO ECLESIAL A PARTIR DO ESPÍRITO SANTO²⁴⁴

EN e *EG*, na qualidade de Exortações Apostólicas, propõem caminhos para a renovação da Igreja, caminhos que seguem o expediente do Concílio enquanto volta às fontes bíblicas e patrísticas para que, à sua luz, a Igreja explicita a novidade e o frescor do Evangelho no contexto da contemporaneidade. Nesse sentido, a evangelização, tal como Paulo VI e Francisco a concebem, é o caminho por excelência para a renovação da Igreja, pois a mesma “Igreja existe para evangelizar”²⁴⁵. O contínuo retorno à sua identidade e vocação mais profundas é o que dá à Igreja a possibilidade de renovar-se sem ceder à tentação de uma estagnação ou paralisia, pois sendo o Evangelho destinado a todos os homens e mulheres de todos os tempos, a Igreja, por mandato de Cristo, deve se encontrar sempre mais em condições de anunciar e testemunhar a Boa Nova em todo tempo e lugar. Considerando que o Espírito Santo é o princípio e o protagonista da ação evangelizadora, encontramos nos textos de *EN* e *EG* diversos elementos que nos indicam ser o Espírito igualmente o princípio da renovação da Igreja na medida em que a santifica e a impele para a missão. Por isso, ponderamos a seguir sobre a relação entre a evangelização, o Espírito Santo e a renovação da Igreja a partir das Exortações de Paulo VI e Francisco.

3.4.1 A vida segundo o Espírito renova a Igreja

Ao evocar o Concílio Vaticano II, no início de *EN*, Paulo VI propõe uma síntese de seus objetivos: “tornar a Igreja do século XX mais apta ainda para anunciar o Evangelho à humanidade do mesmo século XX” (*EN* 2). Redigindo *EN* abalizado nos ensinamentos

²⁴⁴ “Pela força do Evangelho [o Espírito Santo] rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo” (LG 4).

²⁴⁵ BENTO XVI. *Homilia na Santa Missa para a Abertura do Sínodo dos Bispos e Proclamação de São João de Ávila e de Santa Hildegard de Bingen ‘Doutores da Igreja’*, 7 de outubro de 2012.

conciliares, Paulo VI evidencia sua intenção de renovação²⁴⁶ da Igreja. Se, em última análise, o Concílio foi pautado por essa aspiração fundamental²⁴⁷, suas consequências para a vida e a missão da Igreja deveriam preconizar um perene movimento de retorno a Jesus Cristo com vistas ao seu anúncio, uma perene conversão eclesial a fim de que todos os homens e mulheres possam contemplar Jesus na Igreja. Seguindo tal intento, Paulo VI se refere ao pedido que lhe foi feito pela III Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos:

Efetivamente, ao concluir-se essa memorável Assembleia, eles [Padres Conciliares] decidiram confiar ao Pastor da Igreja universal, com grande confiança e simplicidade, o fruto de todo o seu labor, declarando que esperavam do Papa um impulso novo, capaz de suscitar, numa Igreja ainda mais arraigada na força e na potência imorredouras do Pentecostes, tempos novos de evangelização (EN 2).

Na linha do espírito do Vaticano II, a Igreja sente a necessidade de tempos novos de evangelização, expressões de um impulso novo, cuja origem está na força e na potência de Pentecostes, ou seja, do Espírito Santo, o mesmo que fora enviado aos Apóstolos. Percebemos, pois, uma confluência de intenções, que a partir do Concílio se estabelece como o grande mote para a renovação da Igreja: uma evangelização cujo paradigma é o da Igreja nascente em Pentecostes. Resulta disso o fato de que, sendo Jesus Cristo o mesmo ontem, hoje e sempre, e sendo o mesmo Evangelho, não há como a Igreja contemporânea engendrar tempos novos de evangelização se lhe faltar a abertura, a docilidade e a fidelidade ao Espírito que concede aos fieis conhecer, experienciar, vivenciar, testemunhar a anunciar Jesus Cristo. Os apóstolos que acompanharam Jesus por três anos pareciam não tê-lo conhecido e experienciado em profundidade após sua morte e ressurreição. Isso só ocorreu no Cenáculo de Jerusalém, do qual consequência primeira e imediata foi o testemunho de Jesus Cristo e a missão, com ousadia e intrepidez. Pelo exposto, visualizamos que já no início de *EN* Paulo VI demonstra a principal intenção de sua Exortação, que, passando pelo fundamento teológico da evangelização e pelas práticas adequadas à renovação da Igreja evangelizadora, culmina não apenas na finalidade da evangelização – a vida nova no Espírito Santo – mas na sua origem e fonte de seu dinamismo, que é, por conseguinte, fonte do dinamismo da Igreja: a ação do Espírito Santo (EN 75).

²⁴⁶ De acordo com Simone (2000, p. 108), Paulo VI, em *ES*, não estabelece diferença entre *aggiornamento*, renovação e reforma da Igreja. Contudo, em geral, utiliza *reforma* para a Igreja em si, *renovação* para a reforma da Igreja na sua inteireza e *aggiornamento* para aquilo que se refere à relação da Igreja com o mundo. Nesse sentido, *renovação* articula as duas outras noções, ainda que não se identifique com elas, em sentido estrito, dado sua maior extensão conceitual.

²⁴⁷ “Missão da Igreja, sobretudo no pós-Concílio, é também empenhar-se constantemente na obra de renovação e de *aggiornamento*. Esta foi sobretudo a grande herança que Paulo VI fez sua com o espírito de levar avante a obra empreendida por seu predecessor João XXIII, que [...] deixou uma Igreja chamada e reunida em Concílio para renovar-se e confrontar-se ‘com os sinais dos tempos’ (Mt 16,4)” (MARZAROLI, 1998, p. 362, trad. nossa).

Nessa perspectiva, Paulo VI apresenta alguns aspectos da renovação da Igreja²⁴⁸ que vinculam-se diretamente ao Espírito da evangelização a partir de duas noções centrais: *santidade e testemunho*.

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade [...] No entanto não haverá humanidade nova, se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho. A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior [...] (EN 18).

A humanidade nova a que a evangelização aspira pressupõe uma mudança interior, uma transformação de mentalidade expressa em atitudes novas. Tais atitudes não são outras senão as de Cristo, pois é o Evangelho que nos fornece os critérios para a constituição da nova humanidade²⁴⁹. Para Paulo VI, portanto, os homens novos, transformados interiormente, são os homens que vivem segundo o Evangelho, homens que vivem segundo o Espírito de Cristo, pois “é preciso que o nosso zelo evangelizador brote de uma verdadeira santidade de vida” (EN 76). A vida no Espírito é a vida pautada nas bem-aventuranças do Evangelho, vida que descobriu seu sentido primeiro e último em Deus que no seu Filho amou o mundo (EN 26). Para EN, a *santidade*²⁵⁰, a *vida segundo o Espírito*, é o *elemento primordial da renovação da Igreja porque é condição da evangelização*, ou seja, condição para que a Igreja cumpra com eficácia e credibilidade sua missão que está radicada em sua própria natureza. O retorno a Cristo, a que aludimos anteriormente, é a contínua adesão ao seu projeto e a seu programa de vida, que só é possível no Espírito Santo, assim como no Cenáculo de Jerusalém. “A Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade” (EN 15). A humanidade não dará crédito ao anúncio da Igreja se esta não viver aquilo que prega. A santidade, para Paulo VI, renova a Igreja porque a torna parecida com Cristo e isso é evangelização na medida em que é testemunho ao mundo. Subjaz a esse posicionamento o fato de que a vida no Espírito pressupõe Jesus Cristo como normativo, como norma de vida, como critério fundamental para a vida da Igreja e dos cristãos. Ação do Espírito

²⁴⁸ A expressão *renovação*, e seus correlatos, aparecem seis vezes em EN: a renovação constante da Igreja (EN 15), a renovação da humanidade como finalidade da evangelização (EN 18, 24), a renovação da liturgia (EN 43) e a renovação da evangelização (EN 82)

²⁴⁹ Cf. Mt 5,1-11.

²⁵⁰ Segundo Marzaroli (1998, p. 366), a obra de *aggiornamento* e de reforma da Igreja, para Paulo VI, era sustentada e acompanhada, antes de tudo, por uma necessidade de renovação interior, na convicção de que apenas uma Igreja santa, fundada na fé, na esperança e na caridade, pode ser ao mundo testemunha autêntica de Jesus Cristo. Na perspectiva de que a renovação e a reforma da Igreja estão condicionadas à santidade como retorno à sua origem que é Cristo, afirma Paulo VI: “o Concílio tende a dar à Igreja ou a aumentar-lhe aquela beleza de perfeição e santidade, que só a imitação de Cristo, e a união mística com Ele no Espírito Santo, lhe podem conferir” (PAULO VI. *Discurso na Solene Inauguração da 2ª Sessão do Concílio Vaticano II*, 29 de setembro de 1963).

é, portanto, cristificar, plasmar a norma que é Cristo nos cristãos. Para *EN*, *Cristo renova a Igreja no Espírito Santo*. De acordo com Simone (2000, p. 101), o Espírito não apenas confere a graça sacramental, mas ilumina e guia o nosso agir. Invocamos e nos abrimos ao Espírito para nos tornarmos sempre mais conformes a Cristo, para mantermos a fidelidade na missão, da qual somos atores principais. Enfim, tudo isso concorre para testemunharmos o amor do Pai.

E esta Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os veem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão conosco? (EN 21).

A resposta a essas perguntas é a ação do Espírito naqueles que se deixam por Ele conduzir para, assim, evangelizar. Realidade que Paulo VI relaciona à vida no Espírito é o *testemunho*. Só se dá testemunho daquilo que se viu, ouviu ou se experimentou. Efeito da santidade, portanto, é o testemunho, pois se manifesta às pessoas a vida pautada nos princípios do Evangelho.

Será pois, pelo seu comportamento, pela sua vida, que a Igreja há de, antes de mais nada, evangelizar este mundo; ou seja, pelo seu testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo; numa palavra, testemunho de santidade (EN 41).

O mundo que, apesar dos inumeráveis sinais de rejeição de Deus, paradoxalmente, o procura entretanto por caminhos insuspeitados e que dele sente bem dolorosamente a necessidade, o mundo reclama evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar como se eles vissem o invisível. O mundo reclama e espera de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequeninos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia. Sem esta marca de santidade, dificilmente a nossa palavra fará a sua caminhada até atingir o coração do homem dos nossos tempos; ela corre o risco de permanecer vã e infecunda (EN 76).

Na Carta Encíclica *ES* – documento programático de seu pontificado – Paulo VI torna claro sua concepção acerca da renovação da Igreja, posteriormente retomada por Francisco em *EG*²⁵¹:

A Igreja deve aprofundar a consciência de si mesma, meditar sobre o seu próprio mistério [...] Desta consciência esclarecida e operante deriva espontaneamente um

²⁵¹ Cf. EG 26.

desejo de comparar a imagem ideal da Igreja, tal como Cristo a viu, quis e amou, ou seja, como sua Esposa santa e imaculada (Ef 5,27), com o rosto real que a Igreja apresenta hoje [...] Em consequência disso, surge uma necessidade generosa e quase impaciente de renovação, isto é, de emenda dos defeitos, que aquela consciência denuncia e rejeita, como se fosse um exame interior ao espelho do modelo que Cristo nos deixou de Si mesmo (ES 10-12).

“Esta é a ação de rejuvenescimento” (SIMONE, 2000, p. 105, trad. nossa) que o Espírito Santo realiza para reconduzir tudo a Cristo, inserindo a Igreja e os cristãos num movimento de retorno às fontes: o Evangelho mesmo. Esse é o “verdadeiro e próprio trabalho do Espírito” (SIMONE, 2000, p. 110), que *EN* compreende como trabalho de renovação da Igreja atualizado na santidade e no testemunho dos cristãos. O Espírito Santo é, portanto, o principal operador da renovação eclesial ao nos reconduzir a Cristo. Santidade e testemunho são as disposições interiores por excelência que o Espírito suscita na Igreja e nos evangelizadores para os renovar.

3.4.2 A reforma missionária no Espírito Santo

No primeiro número de *EG*, Francisco acena para o primordial propósito de sua Exortação: “Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos (EG 1)”. A nova etapa evangelizadora a que Francisco faz referência é não só a principal motivação como é também, e prioritariamente, a primeira e mais urgente necessidade da Igreja contemporânea com vistas à sua renovação²⁵². Tal necessidade, para o Pontífice, possui um “significado programático” e “consequências importantes” (EG 25), de modo que os caminhos que Francisco indica para a Igreja vindoura são imperiosos para a proposta de renovação eclesial expressa em *EG*. Todos os temas, dimensões e elementos pertinentes à evangelização em *EG* constituem “um preciso estilo evangelizador” (EG 18), consecução da nova etapa evangelizadora da Igreja e princípio norteador de toda atividade eclesial. Com essa expressão, e suas consequências práticas, Francisco procura oferecer uma resposta ao anseio de renovação da Igreja proposto pelo Concílio Vaticano II. Para o Papa

²⁵² A expressão *renovação*, e seus correlatos, aparecem trinta e uma vezes em *EG*: a alegria que se renova (EG 1), a renovação do encontro pessoal com Cristo (EG 3), a renovação da aliança com Cristo (EG 3), Deus que nos renova pelo amor (EG 4), a misericórdia do Senhor que se renova (EG 6), o anúncio renovado (EG 11), os fiéis e a comunidade renovados (EG 11), a força renovadora da Palavra (EG 24), a liturgia que é fonte de um renovado impulso missionário (EG 24, 166), a renovação da Igreja (EG 26, 27, 164), a renovação paroquial (EG 27), as instituições eclesiais que renovam a Igreja (EG 29), a renovação missionária (EG 41, 51, 127), os carismas que renovam a Igreja (EG 130), as categorias científicas acolhidas no anúncio renovam o mundo (EG 132), a renovação pela Palavra pregada (EG 135, 149), a renovação mistagógica (EG 166), a Igreja pobre e para os pobres como uma renovada proposta (EG 201), o Espírito Santo que renova a Igreja (EG 261) e as motivações para o renovado impulso missionário (EG 262).

Bergoglio, o Vaticano II compreende a renovação da Igreja como um processo permanente de conversão eclesial por fidelidade a Jesus Cristo (EG 25). Citando UR 6, Francisco afirma: “Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação [...] A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma” (EG 26). Dado que a vocação da Igreja é eminentemente missionária, Francisco admite (EG 27), seguindo as palavras de João Paulo II, que “toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial”²⁵³. Sendo assim, *EG* concentra-se no processo de renovação eclesial a partir da “transformação missionária da Igreja” (EG 19), ou seja, da fidelidade à sua vocação fundamental, que exige, por sua vez, uma contínua conversão e uma contínua reforma, cujos efeitos se dão na própria atividade evangelizadora da Igreja. Sendo o Espírito Santo o protagonista da evangelização, o “preciso estilo evangelizador” (EG 18) delineado por *EG* tem por protagonista o mesmo Espírito. No âmbito da renovação eclesial, não há fidelidade da Igreja à sua vocação e, por consequência, não há conversão missionária se se prescindir da ação do Espírito Santo. Para *EG*, portanto, é evidente que a renovação da Igreja é obra do Espírito Santo, do Espírito da missão. Eis alguns aspectos concernentes à renovação da Igreja operada pelo Espírito Santo segundo *EG*.

O primeiro, e certamente o mais importante, assim como afirma Francisco, é o querigma, “que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial” (EG 164). O querigma é o fundamento do “preciso estilo evangelizador” proposto por *EG* e, por conseguinte, o princípio de toda a renovação eclesial, não apenas cronológico, mas fundamentalmente teológico.

Ao designar-se como ‘primeiro’ este anúncio não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, duma forma ou doutra (EG 164).

O querigma “é o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai” (EG 164). Do querigma derivam todos os demais aspectos propostos por Francisco para a renovação da Igreja. Destes, aspecto importante é o do anúncio renovado (EG 11), que, fundado no querigma, tem por consequência uma fecundidade evangelizadora que torna os fieis sempre novos (EG 11). Trata-se da verdade de sempre – o Deus que nos amou infinita e

²⁵³ JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Ecclesia in Oceania*, 19.

incondicionalmente no Cristo morto e ressuscitado – em sua relação com o “hoje” da Igreja. Quando a Igreja tem deslocado este referencial, passa a anunciar uma mensagem condicionada a um tempo e a um espaço, que pode responder a determinados contextos históricos, culturais e eclesiais e a outros não. A força renovadora do querigma reside no fato de que não é uma mensagem de ontem, mas realidade que se atualiza hoje: hoje Deus nos ama em Cristo, hoje comunica-nos a sua misericórdia. E não há como compreender a experiência do querigma à parte da ação do Espírito, pois é Ele que nos faz crer no Cristo que revela o amor do Pai. A perenidade do querigma tem sua razão de ser na ação do Espírito que transcende a temporalidade para nos comunicar a mesma graça que os apóstolos receberam no Pentecostes, graça que os conduziu imediatamente ao anúncio querigmático. O querigma, portanto, renova a Igreja fazendo-a experimentar sempre de novo a realidade da Igreja nascente em Pentecostes, ou seja, a faz fiel à sua própria vocação.

O segundo aspecto, não menos importante, é o encontro pessoal com Jesus Cristo²⁵⁴, que é o principal efeito do querigma. Diz Francisco: “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar” (EG 3)²⁵⁵. Nossa relação com Cristo é pessoal, experiencial, existencial. O encontro com Cristo se dá quando descobrimos que somos amados com o amor do Pai revelado em Jesus. Este amor, então, confere um novo sentido à vida e redimensiona nossa relação com Deus, tornando-a próxima e pessoal.

Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros? (EG 8)

No Pentecostes, os apóstolos vivenciaram a experiência do encontro pessoal com Cristo e, logo em seguida, saíram para anunciá-lo. O Cristo que haviam conhecido e com quem haviam

²⁵⁴ “É em uma audiência geral de junho de 1968 [...] que o tema do encontro surge mais explicitado. Ali, podemos ouvir Paulo VI dizer: ‘A fé tem o seu ponto focal em Jesus Cristo (cf. Ef 3, 17; ST II-II, 16, 1, 1; III, 62, 6); ela é um encontro, poderíamos dizer, pessoal com Ele’. Pelo próprio modo como o papa constrói sua frase, parece de fato a primeira vez em que a expressão ‘encontro pessoal com Jesus Cristo’ aparece no magistério pontifício” (KOLLER, 2017, p. 29). Análise singular da expressão *encontro com Cristo* pode ser acessada em KOLLER, Felipe Sérgio. *A fé como experiência de encontro com Cristo nos Papas do pós-Concílio*. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

²⁵⁵ “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 1).

caminhado, foi-lhes revelado de um modo novo, como manifestação plena do amor de Deus. Ora, foi o Espírito Santo que os fez experimentar o amor do qual eram destinatários mas que ainda não haviam reconhecido como o sentido fundamental de suas vidas. Se o encontro pessoal com Cristo é a fonte da ação evangelizadora da Igreja, que é missionária por natureza, a renovação eclesial proposta por *EG* não pode ser compreendida se a experiência do encontro com Cristo não levar a Igreja e os cristãos à *saída* missionária, exigência do amor experienciado pela ação do Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho. “Um novo Pentecostes é uma fecunda irrupção do Espírito que suscita uma nova vitalidade missionária para compartilhar o dom do encontro com Cristo. O Espírito Santo é a força que impulsiona a missão essencial da comunidade eclesial” (GALLI, 2016, p. 546, trad. nossa), e é nessa missão que a Igreja se renova pois continuamente retorna à sua razão de ser²⁵⁶.

A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida, que amor seria? (EG 264)

Não é por acaso que Francisco inscreve “o encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva” (EG 264) no rol das motivações que orientam o renovado impulso missionário, motivações estas que exprimem o espírito da evangelização, o Espírito Santo. Em outras palavras, é o Espírito Santo que nos faz encontrar o Senhor.

Esta convicção, porém, é sustentada com a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a sua amizade e a sua mensagem. Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo descansar n’Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de fazê-lo unicamente com a própria razão (EG 266).

O querigma como núcleo do processo de renovação eclesial vinculado à experiência do encontro pessoal com Cristo, que impele a sair para comunicar o amor que se experimentou, engendra uma pastoral que se alimenta do “frescor original do Evangelho” (EG 11), que aponta sempre novos caminhos, novos métodos, novas formas de expressão e novas palavras que se traduzem em sinais para a renovação do mundo e não só da Igreja. Sendo assim, “toda a ação

²⁵⁶ “O projeto de Francisco se pode resumir assim: *a Igreja se reforma pela conversão missionária; a conversão e a missão renovam a Igreja. A Ecclesia semper reformanda é uma Ecclesia in statu conversionis e uma Ecclesia in statu missionis* (GALLI, 2014, p. 39, trad. nossa).

evangelizadora autêntica é sempre ‘nova’” (EG 11), pois o Evangelho é sempre novo²⁵⁷, é o amor salvífico do Pai em Cristo no Espírito Santo, resposta plena para as contingências da existência humana.

Toda renovação eclesial implica um retorno ao mais nuclear da fé cristã, à vivência cristã das primeiras comunidades, talvez encobertas pelas doutrinas, normas, regulamentações, tradições que se lhes agregaram ao longo da história, certamente para explicitar e salvaguardar este núcleo evangélico, mas que não deixaram de obscurecê-lo por ocuparem um lugar central que não é o seu (MIRANDA, 2014, p. 412).

Desse modo, se é pelo Espírito que experimentamos o amor de Deus e se toda a evangelização é, por isso, sempre nova, é o Espírito que renova a ação pastoral da Igreja, é Ele o fundamento da conversão pastoral e missionária (EG 25), que transforma tudo (EG 27), na contramão da auto-referencialidade (EG 27). O “fez-se sempre assim” (EG 33) está vinculado às concepções parciais e aos condicionamentos histórico-pastorais da Igreja, ao passo que a experiência do querigma e do encontro pessoal com Cristo é a de “se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulse para onde Ele quiser. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento” (EG 280). *O Espírito da missão é não só o propulsor como o protagonista da renovação da Igreja.*

Sob o prisma da ação evangelizadora, todos os recursos humanos e técnicos devem estar subordinados à ação do Espírito. A proposta renovadora de *EG* compreende-se em grande parte a partir desse ponto. De acordo com Fernández (2016, p. 584), a abertura à ação do Espírito faz retornar à objetividade do Evangelho, orienta ao essencial e reforma as estruturas obsoletas, purificando-as. “O Espírito Santo não é um Espírito de inovação, mas de incessante renovação da força de origem, isto é, do Evangelho de Jesus Cristo, [porque] a tarefa do Espírito Santo é continuar a tornar presente Jesus Cristo na sua novidade” (KASPER, 1989, p. 30, trad. nossa).

3.4.3 A renovação da Igreja é um evento pneumatológico

Quanto às concepções e características de uma renovação eclesial a partir do Espírito Santo, *EN* e *EG* convergem nos seguintes termos: é o Espírito que nos faz crer e experienciar o

²⁵⁷ “O objetivo desta reflexão é fazer emergir a intenção de fundo que move e justifica os pronunciamentos e as decisões deste papa. Porque não se trata somente de reformar a Cúria romana, de solucionar a questão dos recasados e dos homossexuais na Igreja, de incutir certa sobriedade e maior espírito de serviço no clero e mesmo na instituição eclesial. Julgamos que a força motriz de Francisco esteja num nível mais profundo, mais espiritual e, simplesmente, mais evangélico” (MIRANDA, 2015, p. 89).

amor salvífico do Pai revelado no Cristo morto e ressuscitado e é o mesmo Espírito que nos faz testemunhar ao mundo o Evangelho acolhido. Essa dupla dinâmica diz, em primeiro lugar, do fundamento da ação evangelizadora – a experiência do amor e do encontro – e, em segundo lugar, da comunicação desta experiência como elemento prioritário da evangelização. Uma vez que a Igreja é mistério fundado na comunhão trinitária e, por essência, é missionária, deve testemunhar ao mundo a comunhão que vivencia. Com isso, Paulo VI e Francisco delineiam o que está na raiz da Igreja evangelizadora, sendo, por isso, caminho de renovação eclesial, para tornar a Igreja nova a partir de sua própria razão de ser.

Em *EG*, a renovação eclesial pode ser concebida como conversão pastoral e missionária, pois o querigma e o encontro pessoal com Cristo são os modos pelos quais o Espírito impele, motiva e projeta a Igreja em sua *saída* missionária, grande paradigma da Igreja nascente em Pentecostes. Em *EN*, a renovação eclesial é obra do Espírito na medida em que este fecunda o Evangelho nos corações dos fieis para que possam, por uma vida segundo o mesmo Espírito, testemunhar Jesus Cristo, de modo que isso é passível de credibilidade e é, de fato, o que torna a Igreja mais apta para anunciar o Evangelho nos dias de hoje. Em síntese, a renovação eclesial em *EG* é a renovação na missão a partir do encontro pessoal com Cristo; a renovação eclesial em *EN* é a renovação na santidade e no testemunho. Podemos dizer que se tratam de realidades convergentes, complementares e até certo ponto semelhantes, ao passo que Paulo VI enfatiza os elementos teológicos antecedentes da renovação eclesial no Espírito e Francisco salienta os elementos teológicos consequentes do mesmo processo de renovação da Igreja.

3.5 REFLEXÃO CONCLUSIVA

Concluimos o terceiro capítulo da presente dissertação numa expressão: *pneumatologia missionária*. A pneumatologia presente em *EN* e a pneumatologia presente em *EG*, articuladas a partir de suas ênfases e distinções, oferecem-nos uma síntese extremamente relevante sob o ponto de vista da *relação Espírito-Igreja-Missão*. Em termos sistemáticos, seria possível considerarmos a *pneumatologia missionária* resultante dessa articulação como uma unidade teológica relativa à mencionada relação no contexto do pós-Concílio. O capítulo em questão é, por si só, o grande corolário de nossa pesquisa, pois recolhe as noções de evangelização presentes em *EN* e *EG* e as relaciona a partir do enfoque pneumatológico. Com isso, ficam evidentes as consonâncias e dissonâncias entre as Exortações quanto aos elementos pertinentes ao Espírito da evangelização. Enquanto Paulo VI enfatiza os elementos ditos *antecedentes*, Francisco explicita os elementos *consequentes*. *EN* preconiza a *ação santificante do Espírito*

que leva ao testemunho; já EG valoriza sobremaneira a força e a potência do Espírito que impele a Igreja a sair de si mesma para evangelizar. Podemos afirmar que Francisco não só pressupõe como também reforça a pneumatologia presente em *EN*. Contudo, torna claros os elementos teológicos e pastorais que decorrem da referida pneumatologia nos termos de uma reforma missionária da Igreja. Os *quatro grandes temas pneumatológicos*, por assim dizer, que articulam *EN* e *EG*, refletem essa perspectiva complementar: Paulo VI e Francisco concebem o *Espírito Santo* como o *protagonista da missão*, de modo que enquanto o primeiro Pontífice enfatiza a *ação do Espírito como condição para a credibilidade da missão*, o segundo apresenta a mesma *ação como força na e para a missão*.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos o presente trabalho, acenamos para o fato de que o itinerário argumentativo apresentado nos encaminha para a indicação de alguns pontos que não só explicitam as ênfases e dissonâncias quanto à análise do Espírito da evangelização em *EN* e *EG* como também possibilitam a elaboração de uma síntese a partir das pneumatologias presentes em ambas as Exortações. Trata-se, em última análise, de uma síntese que se configura como uma *pneumatologia missionária*: um conjunto de elementos pneumatológicos que se articulam organicamente com vistas à compreensão da relação entre Espírito e missão no período pós-conciliar. Convergências tornam-se pressupostos e distinções apresentam-se como elementos complementares e progressivos, dado que Paulo VI e Francisco dirigem-se à Igreja e ao mundo, por meio de *EN* e *EG*, situados em contextos e necessidades eclesiais diversas.

Em primeiro lugar, a complexidade da ação evangelizadora da Igreja é o ponto de partida para a constituição das noções de evangelização de *EN* e *EG*. Paulo VI e Francisco rechaçam todo e qualquer tipo de reducionismo ou mesmo radicalismo ao tratarem de tal noção. Não é possível, na perspectiva das duas Exortações, afirmar a evangelização apenas como anúncio, testemunho ou somente como empenho em prol da libertação humana. Se consideramos o âmbito pastoral da Igreja como a instância de sua ação planejada e organizada, também não é possível identificá-la, em sentido estrito, com a evangelização. Há diversos elementos que compõem a noção e a realidade referida pela noção de evangelização. Ficou evidente, ao longo de nosso trabalho, que cada Pontífice realça os elementos que considera mais relevantes para a ação evangelizadora. Contudo, tais realces corroboram o elemento comum que se depreende do caráter complexo da evangelização, a saber, o elemento eclesial: *a missão é a missão da Igreja*. A evangelização em *EN* e em *EG*, portanto, não se refere, primeiramente, a esquemas pastorais, planos de ação e diretrizes práticas para a missão, mas a seu próprio fundamento, à Igreja cuja natureza é missionária a partir do desígnio salvífico do Pai e da missão do Filho e do Espírito Santo²⁵⁸. A Igreja, Povo de Deus congregado pela Trindade, é o *lugar* da missão. Nesse sentido, a apresentação dos elementos pertinentes à evangelização em *EN* e *EG* partem do sentido e significado fundamentais da missão. O estilo pastoral das Exortações não se deve a outro motivo senão este: dos paradigmas bíblicos, das fontes cristãs e do magistério conciliar decorrem o conjunto dos aspectos que constituem a evangelização da Igreja, que, por

²⁵⁸ Cf. AG 2.

sua vez, possui consequências pastorais, atitudes e práticas decorrentes da natureza missionária da mesma Igreja para a renovação da mesma Igreja na missão.

Em segundo lugar, temos que *EN* e *EG* foram redigidas e publicadas em contextos diversos, isso ficando evidente nas intenções exortativas de Paulo VI e Francisco bem como nas estruturas temáticas de *EN* e *EG*. Se a Igreja é o espaço prioritário da missão, a Igreja de Paulo VI tinha a necessidade de compreender a essência, a dimensão e os meios da evangelização; já a Igreja de Francisco tem a necessidade de pôr em ato todas as consequências da consciência evangelizadora inaugurada por Paulo VI. Daí porque *EN* é o documento eclesial mais citado por Francisco em *EG* e porque, ao mesmo tempo, a estrutura temática da Exortação de Francisco é diferente da de Paulo VI. Partindo da “suave e reconfortante alegria de evangelizar”²⁵⁹ (*EN* 80), de Paulo VI, Francisco deseja que a consciência da missão progrida na direção da “transformação missionária da Igreja” (*EG* 19). A Igreja *em saída* era a consequência natural de *EN* e alguns espaços eclesiais assim a assumiram. Todavia, não se trata novamente de um programa pastoral, mas de um imperativo radicado na natureza da Igreja, motor de sua reforma missionária. Sendo assim, Francisco propõe tal reforma a toda a Igreja, convocando-a a uma nova etapa evangelizadora marcada por um “preciso estilo evangelizador” (*EG* 18) que já estava, de alguma maneira, delineado em *EN*²⁶⁰. Sendo assim, à consideração de que a evangelização tem como *lugar* a Igreja acrescenta-se a afirmação de que a renovação eclesial, na esteira do pós-Vaticano II, só se dá como renovação missionária, com todos os seus elementos antecedentes e consequentes.

Por fim, temos que, não obstante as diferenças de contexto, de intenção e de estrutura, *EN* e *EG* realizam um mesmo expediente: tratam do espírito da evangelização, ambas em seus últimos capítulos. Ponto focal de nosso trabalho, *o espírito da evangelização é o Espírito Santo*. Por que Paulo VI e Francisco dedicam um capítulo – o último de suas Exortações – à Pessoa do Espírito Santo em sua relação com a evangelização? Porque o Espírito Santo é o ator principal da evangelização e tudo que é dito em *EN* e *EG* – dos elementos da evangelização à reforma missionária da Igreja – não adquire seu sentido último se a ação evangelizadora despreza a ação do Espírito. Dado esse pressuposto, poderíamos questionar por que Paulo VI e Francisco não iniciaram suas Exortações com o referido tema, uma vez que é o critério teológico-formal para a interpretação de seus textos. Ao que nos parece, assim o fizeram por duas razões: a primeira, para que a leitura do texto exortativo fosse concluída recordando o fundamento da evangelização; a segunda, para que o leitor se sentisse motivado a retornar ao

²⁵⁹ Cf. *EG* 2, 9.

²⁶⁰ Cf. *EN* 2.

texto para uma releitura a partir do Espírito da evangelização. Foi isso que fizemos, e nesse processo de releitura pneumatológico-pastoral pudemos observar as ênfases e as distinções quanto aos elementos pneumatológicos de *EN* e *EG* salvaguardados os seus contextos. Disso resultou o que denominamos uma *pneumatologia missionária* de *EN* e *EG*. Ou seja, à análise da noção de evangelização, à qual subjaz como fundamento a Igreja, acrescentamos a análise do Espírito da evangelização, alma da Igreja evangelizadora.

Esta *pneumatologia missionária* articula elementos convergentes e dissonantes numa totalidade que, a nosso ver, caracteriza a *relação entre Espírito, Igreja e Missão* a partir do Concílio Vaticano II. Nosso trabalho, com esta dissertação, foi o de sistematizar tais elementos de modo que pudéssemos, ao final da pesquisa, verificar a possibilidade, ou não, de uma unidade temática acerca da referida relação, pressupondo continuidades e diferenciações. Ponderamos que tal intento foi realizado na medida em que analisamos sistematicamente e estabelecemos paralelos entre os elementos pneumatológicos explícitos e implícitos presentes em *EN* e *EG*. É fato que nosso foco era aquele relativo ao Espírito da evangelização, o que nos obrigou a algumas opções que descartaram outras possíveis abordagens igualmente válidas. Contudo, a *pneumatologia missionária* depreendida de *EN* e *EG* se constitui como um significativo resgate da Pessoa do Espírito Santo e sua ação na Igreja, coadunado com a afirmação conciliar de que a natureza da mesma Igreja é missionária. Dito de outro modo, a *pneumatologia missionária* de *EN* e *EG* reflete duas das mais importantes temáticas teológicas do período posterior ao Concílio, as quais impactam decisivamente a ação evangelizadora da Igreja e os evangelizadores.

A *pneumatologia missionária* de *EN* e *EG*, em linhas gerais, postula:

Em termos de uma *teologia trinitária*, uma consideração da *Pessoa do Espírito Santo* como *dom* dado à Igreja para que esta possa, por Ele, vivenciar em si o *amor do Pai e do Filho*, fonte da ação evangelizadora.

Em termos de uma *eclesiologia pneumatológica*, o *Espírito* como *protagonista da missão*, à luz do Pentecostes, pois é o Espírito que impulsiona a Igreja e os cristãos a evangelizar, evangeliza a mesma Igreja e os evangelizadores e já está presente no mundo antes mesmo da evangelização da Igreja, inculturando o Evangelho nos mais diversos povos e culturas.

Em termos de uma *antropologia pneumática*, o fato de que os evangelizadores assim se constituem na dinâmica do Espírito: *santidade* como condição para o *testemunho* que, em última análise, não separa o discipulado da missão na pessoa do *discípulo missionário*.

Em termos *eclesiológicos*, é o *Espírito que renova a Igreja, fazendo-a retornar a Cristo*, seu fundamento, cristificando os evangelizadores. Com isso, o Espírito da evangelização é prioritariamente o Espírito da reforma missionária da Igreja. Ou seja, o Espírito renova a Igreja na missão, sendo que a santidade e a conversão dos sujeitos eclesiais estão orientadas para a evangelização.

Enfim, a *pneumatologia missionária* de *EN* e *EG* pode ser concebida como unidade teológica a partir de seus termos e das relações essenciais que estabelecem entre si, não sendo possível considerá-los de outra forma: *a missão é com Espírito e o Espírito não faz outra coisa senão impulsionar para a missão*. Tal articulação teológica e pastoral se dá na *Igreja*, que é, ao mesmo tempo, *meio* pelo qual o Espírito age em prol da missão e o *sujeito prioritário da missão*, Igreja evangelizada e evangelizadora.

O *aspecto pastoral* relativo a essa relação se dá a partir de diversas prioridades pastorais que respondem aos diversos contextos e necessidades eclesiais e temporais. Atualmente, destacamos a ação do Espírito na Igreja que suscita *novos métodos* evangelizadores; uma intensa atuação no âmbito da *pastoral urbana*²⁶¹; o necessário *discernimento*²⁶², à escuta do Espírito, em face das questões morais; o *imperativo evangélico da misericórdia*²⁶³, núcleo do Evangelho, e a consequente configuração eclesial como *Igreja pobre e para os pobres*²⁶⁴; o desenvolvimento de uma *cultura de Pentecostes*²⁶⁵ pautada na comunhão e na missão; e a relevância da *reflexão teológica*²⁶⁶ orientada para a consecução da missão da Igreja.

²⁶¹ Cf. GALLI, Carlos María. *Dio vive in città. Verso una nuova pastorale urbana*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2014.

²⁶² Cf. SPADARO, Antonio. *Discernimento e misericórdia marcam Pontificado de Francisco*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/12/29/pe_spadaro_papa_discernimento_e_miseric%C3%B3rdia/1282496>; CAMELI, Louis; SPADARO, Antonio. *La sfida del discernimento in "Amoris Laetitia"*. La Civiltà Cattolica, Roma, n. 3985, p. 3-16, 2016; MIRANDA, Mario de França. *A Alegria do Evangelho em ótica inaciana*. Revista de Espiritualidade Inaciana, Itaici, n. 20, p. 19, 2014.

²⁶³ Cf. Bula *Misericordiae Vultus* e Carta Apostólica *Misericordia et Misera*; KASPER, Walter. *Misericordia. Concetto fondamentale del Vangelo – Chiave della vita Cristiana*. Brescia: Queriniana, 2015.

²⁶⁴ Cf. EG 199-201; GALLI, Carlos María. *Las novedades de la evangelización y la opción por los pobres en "Evangelii gaudium". Una lectura desde la Iglesia latinoamericana*. Corintios XIII, Madrid, n. 149, p. 79-109, jan./mar. 2014.

²⁶⁵ “No nosso tempo, ávido de esperança, fazei com que o Espírito Santo seja conhecido e amado. Assim, ajudareis a fazer que tome forma aquela ‘cultura do Pentecostes’, a única que pode fecundar a civilização do amor e da convivência entre os povos. Com insistência fervorosa, não vos canseis de invocar: ‘Vem, ó Espírito Santo! Vem! Vem!’” (JOÃO PAULO II. *Discurso a uma Delegação Italiana da “Renovação no Espírito Santo”*, 14 de março de 2002).

²⁶⁶ “Sem misericórdia, nossa teologia, nosso direito, nossa pastoral correm o risco de cair numa mesquinhez burocrática ou na ideologia, que por sua própria natureza quer domesticar o mistério. Compreender a teologia é compreender a Deus, que é Amor” (FRANCISCO. *Carta na ocasião da Celebração do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina*, 3 de março de 2015). Cf. SILVA, Sergio. *La Exhortación Apostólica del papa Francisco como desafío a los teólogos*. Teología y Vida, Santiago, v. 55, n. 3, p. 549-570, jul./set. 2014; BOFF, Clodovis. *Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração*. Pistis e Praxis, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 112-141, jan./abr. 2015.

Portanto, a *pneumatologia missionária* resultante de nossa pesquisa, a partir de *EN* e *EG*, visa a colocar a Igreja num *estado permanente de missão*, na fidelidade à sua própria natureza e vocação. Somente o Espírito Santo poderá levar a Igreja a esse contínuo processo de renovação na missão a partir de Jesus Cristo e da abertura dos cristãos à sua ação, porque *Ele é o protagonista da missão*.

REFERÊNCIAS

AA.VV. *Evangelii Gaudium: una lettura teologico-pastorale*. Roma: Lateran University Press, 2015.

AA.VV. *L'annuncio del Vangelo oggi: commento all'Esortazione Apostolica di Paolo VI Evangelii nuntiandi*. Roma: Pontificia Università Urbaniana, 1977.

AA.VV. *O Sínodo de 1974: a evangelização no mundo de hoje – reflexões teológico-pastorais*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1975.

ACERBI, Antonio. *Due ecclesie: ecclesiologia giuridica ed ecclesiologia di comunione nella "Lumen Gentium"*. Bologna: EDB, 1975.

ALBERIGO, Giuseppe. *Transizione epocale: studi sul Concilio Vaticano II*. Bologna: Il Mulino, 2009.

ALMEIDA, Antonio José de. Atualização. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 8-9.

AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2014.

AMBROGETTI, Francesca; RUBIN, Sergio. *El Jesuita. Conversaciones con el cardenal Jorge Bergoglio, sj*. Buenos Aires: Javier Vergara, 2010.

ASOLAN, Paolo. Una pastorale della gioia? In: AA.VV. *Evangelii Gaudium: una lettura teologico-pastorale*. Roma: Lateran University Press, 2015, p. 9-26.

AURÉLIO, Marlos. *A Igreja do Papa Francisco à luz do Vaticano II*. Aparecida: Santuário, 2016.

AZCUY, Virginia Raquel. "Evangelización com espírito" (EG 261): la unidad de la teología, la espiritualidad y la pastoral al servicio del anuncio del evangelio. *Teología*, Buenos Aires, n. 114, p. 73-93, ago. 2014.

_____. *La "trama interna" de Evangelii Gaudium. Ensayo sobre la fuerza de la espiritualidad evangelizadora*. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 46, n. 130, p. 407-432, set./dez. 2014.

BECCIU, Angelo. *Pontificado de Francisco: misericórdia, sinodalidade, pobreza e encontro*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/09/15/francisco_miseric%C3%B3rdia,_sinodalidade,_pobreza_e_encontro/1258422>. Acesso em: 5 dez 2016.

BENTO XVI. *Carta Apostólica em forma de Motu Proprio Ubicumque et Semper*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper.html>. Acesso em: 26 dez 2016.

_____. *Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio Porta Fidei com a qual se proclama o Ano da Fé*. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. *Carta Encíclica Deus Caritas Est sobre o amor cristão*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *Discurso aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal*. Disponível em: <w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia.html>. Acesso em: 17 set 2016.

_____. *Discurso na Sessão Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html>. Acesso em: 19 set 2016.

_____. *Homilia na Santa Missa para a Abertura do Sínodo dos Bispos e Proclamação de São João de Ávila e de Santa Hildegard de Bingen 'Doutores da Igreja'*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo.html>. Acesso em: 23 out 2016.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BIFET, Juan Esquerda. *Lo Spirito dell'Evangelizzazione*. In: AA.VV. *L'annuncio del Vangelo oggi. Commento all'Esortazione Apostolica di Paolo VI "Evangelii Nuntiandi"*. Roma: Urbaniana University Press, 1977. p. 477-497.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Em tudo amar e servir. Mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 1990.

BOAS, Alex Villas. *Carisma*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 78-80.

_____. *Francisco e a Teologia da Cultura*. Pistis e Praxis. Teologia Pastoral, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 761-788, set./dez. 2016.

BOFF, Clodovis Maria. *Espiritualidade e Pastoral. Sugestões para a pastoral da educação*. Revista Eclesiástica Brasileira, Perópolis, v. 75, n. 298, p. 369-389, abr./jun. 2015.

_____. *Teologia e espiritualidade: por uma teologia que ilumine a mente e inflame o coração*. Pistis e Praxis. Teologia Pastoral, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 112-141, jan./abr. 2015.

BOFF, Lina. *Espírito e Missão na obra de Lucas-Atos. Para uma teologia do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1996.

BORDONI, Marcello. *La cristologia nell'orizzonte dello Spirito*. Brescia: Queriniana, 1995.

BRIANCESCO, Eduardo. *En torno a la "Evangelii Nuntiandi". Apuntes para una teología de la evangelización*. Teología, Buenos Aires, n. 30, p. 101-134, 1977.

CAMARGO, Tiago Ávila; HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A expressão “nova evangelização” e seu desenvolvimento: do pontificado de João XXIII a Francisco*. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, p. 623-643, set./dez. 2016.

CAMELI, Louis; SPADARO, Antonio. *La sfida del discernimento in “Amoris Laetitia”*. *La Civiltà Cattolica*, Roma, n. 3985, p. 3-16, 2016.

CANTALAMESSA, Raniero. *O Espírito Santo na vida de Jesus*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. *O Mistério de Pentecostes*. Aparecida: Santuário, 1998.

_____. *Vem, Espírito Criador. Meditações sobre o Veni creator*. São Paulo: Canção Nova, 2014.

CAPRILE, Giovanni. *Il Sinodo dei Vescovi 1974*. Roma: Civiltà Cattolica, 1975.

CATÃO, Francisco. *A Nova Evangelização: documentos pré-sinodais e Ano da Fé*. Curitiba: Champagnat, 2013.

_____. *A Teologia do Espírito Santo: novas perspectivas*. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 17, n. 66, p. 93-112, jan./mar. 2009.

CELAM; CNBB. *Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe. Documento de Participação*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2005.

_____. *Síntese das contribuições recebidas para a V Conferência Geral*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

COLETTI, Raquel Maria de Paola. *A Gaudium et Spes e a Evangelii Gaudium: um estudo comparativo na perspectiva da conversão pastoral*. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

COLOMBO, Giuseppe. “Prefazione” e “Postfazione” a Evangelii Nuntiandi. In: ISTITUTO PAOLO VI. *Paolo VI. L’evangelizzazione. Discorsi e interventi*. Roma: Studium, 1995. p. 5-21.

_____. I “Colloqui” dell’Istituto Paolo VI. In: ISTITUTO PAOLO VI. *L’esortazione apostolica di Paolo VI “Evangelii Nuntiandi”*. *Storia, contenuti, ricezione*. Brescia: Istituto Paolo VI, 1998, p. 19-22.

_____. Paolo VI e il senso della Chiesa. In: VERGOTTINI, Marco (ed.). *Giuseppe Colombo. Paolo VI e il Concilio Vaticano II. Per un incontro fra teologia e pastorale*. Roma: Studium, 2015, p. 245-255.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O sensus fidei na vida da Igreja*. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html>. Acesso em: 15 out 2016.

CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 345-358.

_____. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 185-247.

_____. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 470-549.

_____. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 141-175.

_____. Declaração *Dignitatis Humanae*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 387-399

_____. Decreto *Ad Gentes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 400-439.

_____. Decreto *Apostolicam Actuositatem*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 359-386.

_____. Decreto *Christus Dominus*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 277-300.

_____. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 440-469.

_____. Decreto *Unitatis Redintegratio*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 259-300.

_____. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Trad. Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 7. ed. São Paulo: Paulinas; Paulus; Brasília: CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA. *Documento de Santo Domingo*. Disponível em: <http://www.celam.org/doc_conferencias/Documento_Conclusivo_Santo_Domingo.pdf>. Acesso em: 15 jan 2017.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental*. Brasília: CNBB, 2009.

CONGAR, Yves. *“Ele é o Senhor e dá a vida”*. 2. ed. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *A Palavra e o Espírito*. Trad. Luiz J. Baraúna. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. Atualidade da Pneumatologia. Trad. Francisco Catão In: *Credo in Spiritum Sactum. Atti del Congresso Teológico Internazionale de Pneumatologia*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1982, p. 15-28.

_____. *El Espíritu Santo*. Barcelona: Herder, 1991.

_____. *Revelação e experiência do Espírito*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Trad. José Marino e Johan Konings. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2007.

FALCIOLA, Pier Giorgio. *L'evangelizzazione nel pensiero di Paolo VI*. Roma: Pontificia Unione Missionaria, 1980.

FELLER, Vitor Galdino. *O Deus da revelação: a dialética entre Revelação e libertação na teologia latino-americana, da Evangelii nuntiandi a Libertatis conscientia*. 1987. 227 f. Tese (Doutorado) – Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1987.

FERNÁNDES, Víctor Manuel; RODARI, Paolo. *La Iglesia del Papa Francisco. Los desafíos desde Evangelii Gaudium*. Madrid: San Pablo, 2014.

_____. “La espiritualidad integradora que propone Aparecida”. In: AA.VV. *De la Misión Continental a la Misión Universal*. Buenos Aires: Docencia, 2013, p. 121-136.

_____. Il Vangelo, lo Spirito e la riforma ecclesiale alla luce del pensiero di Francesco. In: GALLI, Carlos María; SPADARO, Antonio (orgs.). *La riforma e le riforme nella Chiesa*. Brescia: Queriniana, 2016, p. 582-589.

FONTANA, Ricardo. *Igreja: comunhão ou povo de Deus? Estudo comparativo entre as eclesiologias de Antonio Acerbi e de José Comblin na perspectiva da sacramentalidade da Igreja*. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FRANCISCO, Fernando. *O Espírito Santo: nascimento e crescimento da Missão Eclesial à luz do n. 75 da Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi de Paulo VI e do III capítulo da Carta Encíclica Redemptoris Missio de João Paulo II*. Roma: Urbaniana University Press, 2000.

FRANCISCO. *Biografia do Santo Padre Francisco*. Disponível em: <w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>. Acesso: 15 dez 2015.

_____. *Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *Carta Apostólica Misericordia et Misera no termo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. *Carta na ocasião da Celebração do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html>. Acesso em: 9 nov 2016.

_____. *Discurso aos Párocos da Diocese de Roma*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140306_clero-diocesi-roma.html>. Acesso em: 20 out 2016.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Homilia na Quinta-feira da 3ª Semana da Páscoa*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/04/14/papa_a_docilidade_ao_esp%C3%ADrito_leva_a_vante_a_igreja/1222655>. Acesso em: 10 out 2016.

_____. *Homilia na Quinta-feira da 3ª Semana da Páscoa*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/04/14/papa_a_docilidade_ao_esp%C3%ADrito_leva_a_vante_a_igreja/1222655>. Acesso em: 25 jul 2016.

_____. *Homilia na Santa Missa com os Cardeais*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130314_omelia-cardinali.html>. Acesso em: 27 jun 2016.

_____. *Homilia na Terça-feira da 30ª Semana do Tempo Comum*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/10/25/papa_o_reino_de_deus_cresce_com_a_docilidade/1267569>. Acesso: 10 dez 2016.

_____. *Primeira Saudação*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html>. Acesso em: 27 jun 2016.

GALLI, Carlos María. *Dio vive in città. Verso una nuova pastorale urbana*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2014.

_____. *En la Iglesia sopla un viento del sur. La novedad de América Latina en la nueva evangelización. Diálogo con el Instrumentum laboris para el Sínodo de 2012*. Teología, Buenos Aires, n. 108, p. 101-172, ago. 2012.

_____. *La fuerza evangelizadora de la piedad católica popular en Exhortación "Evangelii gaudium"*. Phase, Barcelona, n. 321, p. 269-298, mai./jun. 2014.

_____. *La teología pastoral de Aparecida, una de las raíces latinoamericanas de Evangelii Gaudium*. Gregorianum, Roma, v. 96, n. 1, p. 25-50, jan./mar. 2015.

_____. *La teología pastoral de Evangelii Gaudium en el proyecto misionero de Francisco*. Teología, Buenos Aires, n. 114, p. 23-59, ago. 2014.

_____. Las novedades de la evangelización y la opción por los pobres en "Evangelii gaudium". Una lectura desde la Iglesia latinoamericana. Corintios XIII, Madrid, n. 149, p. 79-109, jan./mar. 2014.

_____; SPADARO, Antonio (orgs.). *La riforma e le riforme nella Chiesa*. Brescia: Queriniana, 2016.

GALVAN, Kelen. *Discurso do futuro Papa nas Congregações dos Cardeais*. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/discurso-do-futuro-papa-nas-congregacoes-dos-cardeais/>>. Acesso: 20 dez 2016.

GANTIN, Bernardin. L'esortazione apostolica di Paolo VI "Evangelii Nuntiandi". Storia, contenuti, ricezione. In: ISTITUTO PAOLO VI. *L'esortazione apostolica di Paolo VI "Evangelii Nuntiandi"*. Storia, contenuti, ricezione. Brescia: Istituto Paolo VI, 1998.

GERA, Lucio. *La religione del popolo. Chiesa, teologia e liberazione in America Latina*. Bologna: EDB, 2015.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. Trad. João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 2002.

GIORGI, Sante di. Dimensione cristologica dell'evangelizzazione. In: AA.VV. *L'annuncio del Vangelo oggi: commento all'Esortazione Apostolica di Paolo VI Evangelii nuntiandi*. Roma: Pontificia Università Urbaniana, 1977, p. 89-122.

GONÇALVES, Paulo Sérgio. Paulo VI. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 729-731.

GRASSO, Domenico. *Evangelizzazione. Senso di un termine*. Documenta Missionalia, Roma, n. 9, p. 21-47, 1975.

GUARDINI, Romano. *Der Gegensatz. Versuche zu einer Philosophie des lebendig Konkreten*. Mainz: Mathias Grünewald, 1955.

GUITTON, Jean. *Dialoghi con Paolo VI*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1967.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges (org.). *O Espírito Santo e a Teologia hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. *A Amada Igreja de Jesus Cristo. Manual de Ecclesiologia como Comunhão Orgânica*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

_____. *A Igreja da Lumen Gentium e a Igreja da Gaudium et Spes*. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 35, n. 150, p. 657-676, dez. 2005.

_____. *O referencial teológico do Documento de Aparecida*. Teocomunicação, v. 37, n. 157, p. 319-336, set. 2007.

IAMMARRONE, Giovanni. Cristomonismo. In: AA.VV. *Lexicon. Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 161-162.

IANNASCOLI, Loretta. *Condizione umana e opposizione polare nella filosofia di Romano Guardini. Genesi, fonti e sviluppi di un pensiero*. Roma: Aracne, 2005.

IGREJA CATÓLICA. *Acta Apostolicae Sedis*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/aas/index_sp.htm>.

_____. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 1999.

INSERO, Walter. *La Chiesa è "missionaria per sua natura" (Ag 2): origine e contenuto dell'affermazione conciliare e la sua ricezione nel dopo Concilio*. 2007. 545 f. Tese (Doutorado) – Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2007.

IRINEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2016.

JIMÉNEZ, Antonio Velasco. *La Iglesia misterio di comunión en la misión, de la "Evangelii nuntiandi" a la "Tertio millennio adveniente"*. 2000. 273 p. Tese (Doutorado) – Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2000

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html>.

_____. *Carta Encíclica Redemptoris Missio sobre a validade permanente do mandato missionário*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html>.

_____. *Discurso a uma Delegação Italiana da "Renovação no Espírito Santo"*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2002/march/documents/hf_jp-ii_spe_20020314_rinnovamento-spirito-santo.html>. Acesso em: 22 ago 2016.

_____. *Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html>. Acesso: 27 out 2016.

_____. *Exortação Apostólica Ecclesia in Oceania*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20011122_ecclesia-in-oceania.html>. Acesso: 18 out 2016.

_____. *Exortação Apostólica Ecclesia in Oceania*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20011122_ecclesia-in-oceania.html>. Acesso em: 15 set 2016.

_____. *Homilia no Santuário da Santa Cruz*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790609_polonia-mogila-nowa-huta_po.html>. Acesso em: 10 ago 2016.

JOÃO XXIII. Constituição Apostólica *Humanae Salutis*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. Trad. Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 11-18.

_____. Discurso *Gaudet Mater Ecclesia* na Abertura Solene do Concílio. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 27-35.

JUNCOS, Daniel; LIBERTI, Luis Oscar. *Evangelii nuntiandi y Evangelii gaudium: ¿El mismo paradigma misionero? Continuidades, novedades y desafios*. Teología, Buenos Aires, n. 116, p. 49-71, abr. 2015.

KASPER, Walter. *Lo Spirito Santo dà la vita. Meditazione teológica sullo Spirito Santo*. Piemme: Casale Monferrato, 1989.

_____. *Misericordia. Concetto fondamentale del Vangelo – Chiave della vita Cristiana*. Brescia: Queriniana, 2015.

_____. *Papa Francesco. La rivoluzione della tenerezza e dell'amore. Radici teologiche e prospettive pastorali*. Brescia: Queriniana, 2015.

KLINGE, Germán Doig. *De Rio a Santo Domingo*. Lima: Vida y Espiritualidad, 1993.

KLOPPENBURG, Boaventura. O Espírito Santo no Magistério. In: HACKMANN, Geraldo Luiz Borges (org.). *O Espírito Santo e a Teologia hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 19-39.

KOLLER, Felipe Sérgio. *A fé como experiência de encontro com Cristo nos Papas do pós-Concílio*. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

LADARIA, Luis Francisco. *O Deus vivo e verdadeiro. O mistério da Trindade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

LEUZZI, Lorenzo. *Dall'Evangelii Nuntiandi all'Evangelii Gaudium. Il coraggio della modernità*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2014.

LIBÂNIO, João Batista. *Conferência de Aparecida*. Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/documentos-e-concilios/conferencia-de-aparecida/>>. Acesso em: 22 jan 2017.

_____. O Sagrado na Pós-Modernidade. In: *A Sedução do Sagrado. O Fenômeno Religioso na Virada do Milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 61-78.

LÓPEZ, José Gómez. *Evangelización y Espíritu Santo. Anotaciones sobre el tema a la luz de la "Evangelii nuntiandi"*. Auriensia, Ourense, n. 1, p. 37-70, jan./dez. 1998.

LÓPEZ-GAY, Jesus. *Evolución histórica del concepto de “Evangelización”*. Documenta Missionalia, Roma, n. 9, p. 161-190, 1975.

MAÇANEIRO, Marcial. *Deus Pai e seu amor salvífico em alguns documentos de Paulo VI e João Paulo II: leitura teológica de textos seletos*. 2001. 129 f. Tese (Doutorado) – Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2001.

_____. *Paternidade de Deus e mistério trinitário no ensino de Paulo VI e João Paulo II*. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, p. 644-663, set./dez. 2016.

MAGISTER, Sandro. *Os quatro ganchos nos quais Bergoglio pendura o seu pensamento*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/555391-os-quatro-ganchos-nos-quais-bergoglio-pendura-o-seu-pensamento>>. Acesso em 10 jun 2016.

MALAVAR, William Humberto Riaño. *Fundamentos eclesiológicos de la evangelización de la cultura a la luz de Evangelii Nuntiandi y de algunos documentos de las Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano*. 2014. 150 f. Tese (Doutorado) – Pontificia Università Gregoriana, Roma, 2014.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARTINEZ, Salvatore (ed.). *Papa Francesco e lo Spirito Santo. Novità, Armonia, Missione, perchè sia sempre Pentecoste*. Roma: Edizioni Rinnovamento nello Spirito Santo, 2014.

MARTINS, José Saraiva. Nuovo concetto di evangelizzazione secondo il Sinodo e la ‘Evangelii Nuntiandi’. In: AA.VV. *L'annuncio del Vangelo oggi: commento all'Esortazione Apostolica di Paolo VI Evangelii nuntiandi*. Roma: Pontificia Università Urbaniana, 1977, p. 59-88.

MARZAROLI, Davide. *Amate la Chiesa: il pensiero ecclesiológico di Paolo VI*. Assisi: Porziuncola, 1998.

MIRANDA, Mario de França. *A alegria do Evangelho e sua incidência em nossa Igreja*. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 47, p. 401-416, mai./ago. 2014.

_____. *A Alegria do Evangelho em ótica inaciana*. Revista de Espiritualidade Inaciana, Itaici, n. 20, p. 19, 2014.

_____. *A Igreja numa sociedade fragmentada. Escritos eclesiológicos*. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Inculturação da Fé. Uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. *Uma renovação eclesial que brota do Espírito Santo*. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 75, n. 297, p. 88-104, jan./mar. 2015.

MÖHLER, Johann-Adam. *La Symbolique*. Paris: 1937.

MOLTMANN, Jurgen. *A fonte da vida. O Espírito Santo e a teologia da vida*. Trad. Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2002.

MÓNICO, Lisete dos Santos Mendes. *Secularização, (a)teísmo e pluralismo religioso nas sociedades ocidentais contemporâneas*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 13, n. 40, p. 2064-2095, out./dez. 2015.

PAOLO VI. *Encicliche e discorsi, I: Giugno-1963-Dicembre*. Roma: Paoline, 1964.

_____. *L'evangelizzazione: discorsi e interventi*. Roma: Studium, 1995.

PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015

PAULO VI. *Audiência Geral. O Espírito Santo animador e santificador da Igreja*. Disponível em: w2.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1972/documents/hf_p-vi_aud_19721129.html. Acesso em: 15 set 2016.

_____. *Carta Encíclica Ecclesiam Suam sobre os caminhos da Igreja*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html.

_____. Discurso aos Padres Sinodais reunidos na Capela Sistina para a abertura do Sínodo. In: PAOLO VI. *Insegnamenti di Paolo VI, XII*. Roma: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1974, p. 972

_____. Discurso na Abertura do Segundo Período do Concílio. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. 2. ed. Trad. Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 50-54.

_____. *Discurso na Solene Inauguração da 2ª Sessão do Concílio Vaticano II*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii.html. Acesso em: 10 dez 2016.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

PÉREZ, Angel Cordovilla. *La alegría del Evangelio y la reforma de la Iglesia. Líneas fundamentales de la Exhortación apostólica "Evangelii Gaudium"*. Misiones Extranjeras, Madrid, n. 260-261, p. 318-332, mai./ago. 2014.

PÉREZ, Roberto Calvo. *Del Sínodo sobre la Nueva Evangelización a Evangelii Gaudium. Un estilo evangelizador en misión*. Misiones Extranjeras, Madrid, n. 260-261, p. 295-317, mai./ago. 2014.

PHILIPS, Gérard. *A Igreja e seu mistério no II Concílio do Vaticano. História, texto e comentário da Constituição Lumen Gentium*. Tomo I. São Paulo: Herder, 1968.

PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Ecclesologia*. Trad. João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998

PIQUÈ, Elisabetta. *Papa Francisco. Vida e Revolução*. Trad. Carlos Turdera. São Paulo: LeYa, 2014.

PONTÍFICIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

RAHNER, Karl. Il nuovo volto della Chiesa. In: RAHNER, Karl. *Nuovi saggi. III*. Roma: Paoline, 1969.

RECH, Helena Teresinha. *As duas faces de uma única paixão*. São Paulo: Paulinas, 1998.

RETAMALES, Santiago Silva. La proclamación del Kerygma según el Nuevo Testamento. In: AGUIRRE, Rafael; OPORTO, Santiago Guijarro; RETAMALES, Santiago Silva. *Kerigma, Discipulado y Misión. Perspectivas Actuales*. Bogotá: CELAM; Paulinas; San Pablo, 2006, p. 9-61.

ROUTHIER, Gilles. *Les accents ecclésiologiques du pontificat du pape François. Une mise en oeuvre originale de Lumen gentium*. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, p. 549-563, set./dez. 2016.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Libertatis Nuntius. Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*. Disponível em: <www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html>. Acesso em 22 set 2016.

SALVINI, Gianpaolo. *A Venticinque anni dalla “Evangelii nuntiandi”*. *La Civiltà Cattolica*, Roma, v. 4, n. 3610, p. 350-362, nov. 2000.

SCAMPINI, Jorge. *La “jerarquía de verdades” de Unitatis redintegratio a Evangelii Gaudium*. *Studium. Filosofía y Teología*, San Miguel de Tucumán, v. 17, n. 33, p. 137-180, jan./jun. 2014.

SCANNONE, Juan Carlos. *La teología argentina del pueblo*. *Gregorianum*, Roma, v. 96, n. 1, p. 9-24, jan./mar. 2015.

_____. *La teología del pueblo y desde el pueblo. Aportes de Lucio Gera*. Medellín, Bogotá, v. 41, n. 162, p. 245-261, mai./ago. 2015.

_____. *Papa Francesco e la teologia del popolo*. *Civiltà Cattolica*, Roma, n. 3930, p. 571-590, 2014.

_____. *Vientos nuevos del Sud: La teología argentina del pueblo y el Papa Francisco*. *Pistis e Praxis. Teologia Pastoral*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 585-611, set./dez. 2016.

SILVA, Maria Freire da. *Aspectos do pensamento de Papa Francisco em dinâmica pericorético-trinitária*. *Pistis e Praxis. Teologia Pastoral*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 860-875, set./dez. 2016.

SILVA, Ricarte de Normandia. *Dimensão Escatológica da Evangelização: Um Estudo Teológico-Pastoral da Escatologia da Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi do Papa Paulo VI*. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Curitiba, 2009.

SILVA, Sergio. *La Exhortación Apostólica del papa Francisco como desafío a los teólogos*. Teología y Vida, Santiago, v. 55, n. 3, p. 549-570, jul./set. 2014.

SIMONE, Giannicola. *Lo Spirito Santo radice del rinnovamento della vita cristiana. Il contributo di Paolo VI alla svolta pneumatologica del Concilio Vaticano II*. 2000. 144 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Università Lateranense, Roma, 2000.

SPADARO, Antonio. *Discernimento e misericórdia marcam Pontificado de Francisco*. Disponível em: <http://br.radiovaticana.va/news/2016/12/29/pe_spadaro_papa,_discernimento_e_miseric%C3%B3rdia/1282496>. Acesso em: 15 jan 2017.

_____. *Il Magistero di Papa Francesco*. Disponível em: <<http://congresoteologia2016.com/file/5.%20Antonio%20Spadaro%20-%20Conferencia%20Principal%20Italiano.pdf>>. Acesso em: 25 jan 2017.

_____. Radici, struttura e significato della prima Esortazione Apostolica di Papa Francesco. In: FRANCESCO. *Evangelii Gaudium. Testo integrale e commento de “La Civiltà Cattolica”*. Roma: Ancora, 2014, p. 151-169.

SYNODUS EPISCOPORUM. *De evangelizatione mundi huius temporis. Lineamenta*. Roma: Editrice Civitate Vaticana, 1973.

TETTAMANZI, Dionigi. “Portare il Vangelo agli uomini del nostro tempo”. *Paolo VI dall’Ecclesiam Suam all’Evangelii Nuntiandi*. La Rivista del Clero Italiano, Milano, n. 5, p. 326-335, mai. 2009.

THEOBALD, Christoph. *A exortação apostólica Evangelii Gaudium. Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II*. Cadernos Teologia Pública, São Leopoldo, v. 12, n. 104, p. 3-21, 2015.

_____. *La Réception du Concile Vatican II. I. Accéder à la source*. Paris: Cerf, 2009.

TOSCANI, Xenio (ed.). *Paolo VI. Una biografia*. Roma: Studium, 2015.

VERGOTTINI, Marco (ed.). *Giuseppe Colombo. Paolo VI e il Concilio Vaticano II. Per un incontro fra teologia e pastorale*. Roma: Studium, 2015.

WOLANIN, Adam. Il concetto di “missione” ed “evangelizzazione”. In: _____. *Teologia della missione*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2000, p. 26-49.

XIII ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *Apresentação dos “Lineamenta”*. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20110304_lineamenta-xiii-assembly-conf_po.html>. Acesso em: 19 jan 2017.

_____. *Documento de Trabalho: A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã.* Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html>. Acesso em: 25 jun 2016.

_____. *Instrumentum Laboris.* Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html>. Acesso em: 10 dez 2016.

_____. *Lineamenta.* Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20110202_lineamenta-xiii-assembly_po_old.html>. Acesso em: 20 dez 2016.

YÁÑEZ, Humberto Miguel (org.). *Evangelii Gaudium: il testo ci interroga. Chiavi di lettura, testimonianze e prospettive.* Roma: Gregorian & Biblical Press, 2014.